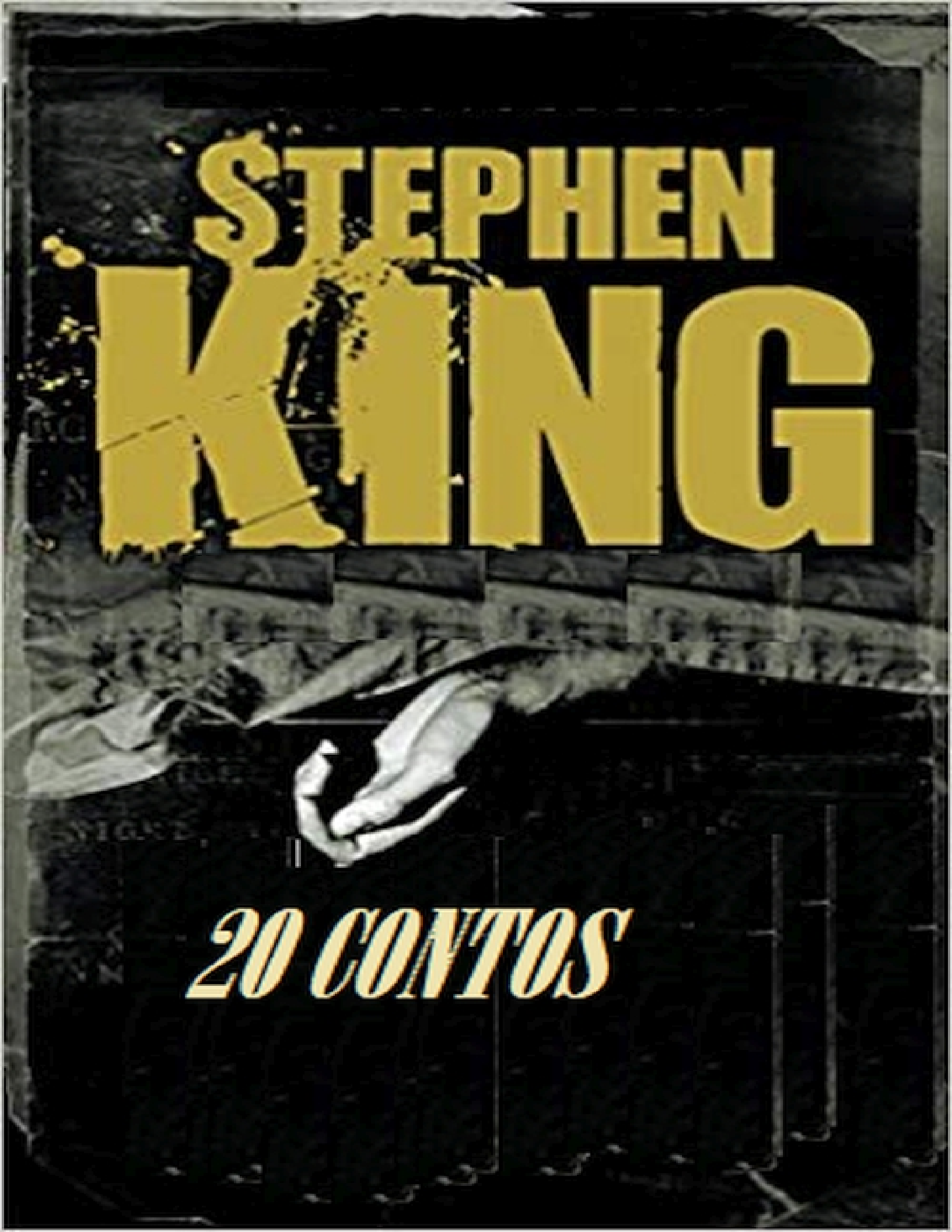
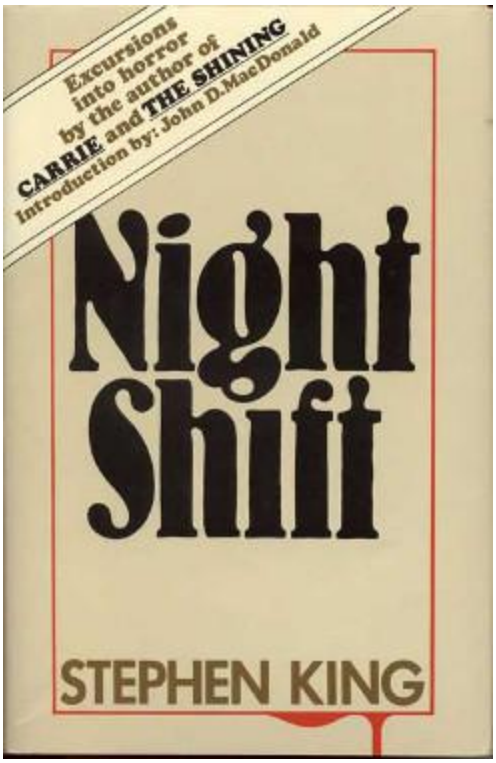

STEPHEN
KING
20 CONTOS



Night Shift (1978)
Publisher Doubleday

Stories:

A máquina de passar roupa - The Mangler [movie adaptation]
A mulher no quarto - The Woman in the Room
A saideira - One for the Road
As crianças do milharal - Children of the Corn [movie adaptation]
Caminhões - Trucks [movie adaptation "Trucks", "Maximum Overdrive"]
Campo de batalha - Battleground
Espuma noturna - Night Surf
Eu sou o umbral da porta - I Am the Doorway
Ex-fumantes ltda - Quitters, Inc. [movie adaptation "Cat's Eye"]
Jerusalem's Lot - Jerusalem's Lot
Matéria cinzenta - Gray Matter
O fantasma - The Boogeyman
O homem que adorava flores - The Man Who Loved Flowers
O homen do cortador de gramas - The Lawnmower Man

O ressalto - The Ledge [movie adaptation "Cat's Eye"]
O último degrau da escada - The Last Rung on the Ladder
Primavera vermemelha - Strawberry Spring
Sei o que você precisa - I Know What You Need
Turno do cemitério - Graveyard Shift [movie adaptation]
Às vezes eles voltam - Sometimes They Come Back [movie adaptation]

A MÁQUINA DE PASSAR ROUPA

O Guarda Hunton chegou à lavanderia quando a ambulância já partia — devagar, sem sereias ou luzes piscando. Mau presságio. Lá dentro, o escritório estava abarrotado de pessoas inquietas e caladas, algumas das quais choravam. A lavanderia propriamente dita estava vazia; as grandes lavadoras automáticas na extremidade oposta nem mesmo tinham sido fechadas. Aquilo fez Hunton ficar muito atento. A multidão devia estar no local do acidente, não no escritório. Era o que costumava acontecer: o animal humano possuía uma compulsividade inata para ver os restos mortais. Então, fora coisa muitíssimo séria. Hunton sentiu um aperto no estômago, como sempre acontecia quando o acidente era muito grave. Quatorze anos de remover restos humanos de rodovias, ruas, sarjetas em frente a arranha-céus altíssimos não haviam conseguido eliminar aquela leve contração na barriga, como se alguma coisa maléfica se tivesse coagulado ali.

Um homem de camisa branca avistou Hunton e se encaminhou para ele com relutância.

Era um touro de um homem, com a cabeça atirada para frente entre os ombros, nariz e bochechas riscadas por vasos sangüíneos dilatados pela pressão alta por demasiada intimidade com a garrafa. Tentou articular palavras, mas, após a segunda tentativa, Hunton interrompeu-o vigorosamente:

— É o proprietário? É o Sr. Gartley?

— Não... não. Sou Stanner. O capataz. Oh, Deus, este...

Hunton tirou do bolso a caderneta de anotações.

— Por favor, mostre-me a cena do acidente, Sr. Stanner. E conte-me o que aconteceu.

Stanner pareceu empalidecer ainda mais; as manchas no nariz e bochechas destacavam se como marcas de nascença.

— E... é preciso?

Hunton ergueu as sobrancelhas.

— Temo que sim. O chamado que recebi disse que era grave.

— Grave...

Stanner deu a impressão de lutar contra a própria garganta; por um instante, seu pomo-de-adão subiu e desceu como um macaco num poste.

— A Sra. Frawley morreu. Jesus Cristo! Como eu gostaria que Bill Gartley estivesse aqui.

— O que aconteceu?

Stanner disse:

— Acho melhor o senhor vir até aqui.

Conduziu Hunton ao longo de uma fila de passadeiras manuais, uma máquina de dobrar camisas e parou junto a uma máquina de marcar roupas. Passou a mão trêmula pela testa.

— Terá que ir sozinho, seu guarda. Não posso olhar outra vez. Fico... Não posso. Sinto muito.

Hunton rodeou a máquina de marcar com um leve sentimento de desprezo pelo homem.

Trabalham sem maiores precauções, cortam caminho, fazem passar vapor fervente por canos soldados à moda doméstica, manipulam produtos químicos perigosos sem a proteção adequada e, afinal, alguém se machuca. Ou morre. Então, não suportam olhar.

Não podem...

Hunton viu.

A máquina ainda funcionava. Ninguém a desligara. A máquina que ele posteriormente passou a conhecer intimamente: a Passadeira e Dobradeira de Alta Velocidade Hadley-Watson Modelo-6. Um nome comprido e desajeitado. O pessoal que trabalhava ali, no calor e umidade, tinha um nome mais apropriado para ela: a estraçalhadora.

Hunton lançou à máquina um olhar prolongado e frio. Então, pela primeira vez em seus quatorze anos de guardião da lei, virou-se, levou convulsivamente a mão à boca e vomitou.

— Você não comeu muito — disse Jackson.

As mulheres estavam lá dentro, lavando a louça e conversando sobre crianças enquanto

John Hunton e Mark Jackson sentavam-se nas cadeiras de jardim perto da aromática churrasqueira. Hunton sorriu levemente ao escutar o eufemismo. Ele não comera nada.

— Houve um ruim hoje — disse ele. — O pior.

— Acidente de automóvel?

— Não. Industrial.

— Sujo?

Hunton não respondeu de imediato, mas fez uma careta involuntária de repulsa. Tirou uma cerveja da geladeira portátil colocada entre as duas cadeiras, abriu-a e tomou a metade.

— Suponho que vocês, professores universitários, nada saibam a respeito de lavanderias industriais, não é mesmo?

Jackson soltou uma risadinha.

— Este aqui conhece. Passei um verão trabalhando numa delas, quando era estudante.

— Então, conhece a máquina que chamam passadeira de alta velocidade?

Jackson meneou a cabeça em afirmativa.

— Claro. Servem para passar roupas lisas úmidas, principalmente lençóis e roupas de cama e mesa. Uma máquina grande e comprida.

— Isso mesmo — disse Hunton. — Uma mulher chamada Adelle Frawley foi apanhada pela máquina na Lavanderia Faixa Azul, no outro lado da cidade. A máquina sugou-a.

Jackson pareceu repentinamente enjoado.

— Mas... isso não pode acontecer, Johnny. Existe uma barra de segurança. Se uma das mulheres que colocam roupas na máquina enfiar inadvertidamente a mão nela, a barra sobe e pára a máquina. Pelo menos, é assim que me recordo.

Hunton meneou a cabeça, concordando.

— É uma lei estadual. Mas aconteceu.

Hunton fechou os olhos e, no escuro, viu novamente a passadeira de alta velocidade adley-Watson, como acontecera naquela tarde. A máquina formava uma grande caixa retangular, com dez metros por dois. Na extremidade de alimentação, uma correia transportadora de lona corria sob a barra de segurança, subindo ligeiramente e depois descendo. A correia

transportava lençóis úmidos e amarrotados, num ciclo contínuo, por cima e por baixo de dezesseis enormes cilindros rotativos que constituíam o corpo principal da máquina. Por cima de oito e por baixo de oito, comprimidos contra eles como fatias finas de presunto entre camadas de pão superaquecido. O calor do vapor nos cilindros podia ser regulado até 300 graus, para secamento máximo. A pressão sobre os lençóis transportados pela correia era de 800 libras por polegada quadrada, a fim de eliminar qualquer ruga.

E, de algum modo, a Sra. Frawley fora apanhada e arrastada para o interior da máquina.

O aço, os cilindros de passar recobertos de asbestos estavam vermelhos como tinta de celeiro e o vapor que se erguia da máquina trazia consigo o enjoativo cheiro de sangue aquecido. Pedaços de sua blusa branca e calças azuis, até mesmo fragmentos rasgados do sutiã e das calcinhas, tinham sido arrancados e ejetados pela extremidade oposta da máquina, a dez metros de distância, os pedaços maiores de tecido dobrados com grotesca e sanguinolenta perfeição pela dobradeira automática. Contudo, nem mesmo isto fora o pior.

— Tentei dobrar tudo — disse ele a Jackson, sentindo gosto de bile na garganta. — Mas uma pessoa não é um lençol, Mark. O que eu vi... o que restava dela...

Como Stanner, o desaventurado capataz, ele não põde terminar.

— Levaram-na numa cesta — disse em voz baixa.

Jackson assoviou.

— Quem vai ser degolado? A lavanderia ou os fiscais estaduais?

— Ainda não sei — replicou Hunton.

A imagem maligna ainda lhe pairava na mente, a imagem da estraçalhadora assoviando, batendo, vibrando, o sangue escorrendo em filetes pelos lados verdes da comprida caixa, o cheiro de queimado da mulher...

— Depende de quem aprovou aquela maldita barra de segurança e em que circunstâncias o fez.

— Se for a gerência, conseguirão escapar desta?

Hunton sorriu sem humor.

— A mulher morreu, Mark. Se Gartley e Stanner estavam fazendo economia na manutenção da passadeira de alta velocidade, irão para a cadeia. Não interessa se conhecem alguém na câmara municipal.

— Acha que eles faziam isso?

Hunton lembrou-se da Lavanderia Faixa Azul, mal iluminada, o chão molhado e escorregadio, algumas das máquinas incrivelmente antigas e barulhentas.

— Creio que é provável — respondeu em voz baixa.

Levantaram-se para entrar juntos na casa.

— Conte-me o resultado, Johnny — disse Jackson. — Estou interessado.

Hunton estava enganado a respeito da estraçalhadora: a máquina se encontrava em perfeito estado.

Seis inspetores estaduais a examinaram, peça por peça, antes do inquérito. O resultado foi absolutamente negativo. O veredicto do inquérito foi morte acidental.

Perplexo, Hunton procurou Roger Martin, um dos inspetores, após a audiência. Martin parecia um copo grande de água, com óculos tão grossos como o fundo de copos de dose pequena. Sob o interrogatório de Hunton, brincou com uma caneta esferográfica.

— Nada? Absolutamente nada de errado com a máquina?

— Nada — respondeu Martin. — Naturalmente, a barra de segurança foi o âmago da questão. Está em perfeita ordem de funcionamento. Você ouviu o depoimento daquela Sra. Gilhan. A Sra. Frawley deve ter avançado demais a mão. Ninguém viu; cada um cuidava de seu trabalho. Ela começou a gritar. A mão já se fora e a máquina estava puxando o braço. Tentaram puxá-la para fora, em lugar de desligarem a máquina — puro pânico. Outra mulher, a Sra. Keene, afirmou haver tentado desligá-la, mas é uma suposição razoável que tenha apertado o botão de partida e não o de parada, em meio à confusão. A essa altura, já era tarde demais.

— Então, a barra de segurança funcionou mal — declarou peremptoriamente Hunton. — A menos que ela tenha passado a mão por cima da barra e não por baixo?

— É impossível. Existe uma placa de aço inoxidável acima da barra de segurança. E a barra propriamente dita não funcionou mal. Está ligada em circuito com a própria máquina. Se a barra de segurança entrar em pane, a máquina pára.

— Então, pelo amor de Deus, como aconteceu?

— Não sabemos. Meus colegas e eu somos de opinião que a única maneira pela qual a passadeira de alta velocidade poderia ter matado a Sra.

Frawley foi que esta caísse na máquina, vindo de cima. E estava com ambos os pés no chão quando o acidente ocorreu. Uma dúzia de testemunhas confirmam isso.

— Você está descrevendo um acidente impossível — disse Hunton.

— Não. Apenas um acidente que nós não compreendemos.

Fez uma pausa, hesitou e depois acrescentou:

— Já que você parece levar o caso tão a sério, vou-lhe contar uma coisa, Hunton. Mas se você comentar com alguém, negarei ter dito qualquer coisa. Mas não gostei daquela máquina. Parecia... quase zombar de nós. Tenho inspecionado mais de uma dúzia de máquinas passadeiras de alta velocidade nos últimos cinco anos, a intervalos regulares.

Algumas delas se encontram em estado tão deplorável que eu não permitiria nem a um cão aproximar-se delas — a lei estadual é lamentavelmente frouxa., Apesar disso, eram apenas máquinas. Mas esta... é uma fantasma. Não sei por que, mas é. Acho que se eu encontrasse uma única coisa, o menor detalhe técnico fora de ordem, mandaria interditá-la.

Loucura, não acha?

— Sinto a mesma coisa — declarou Hunton.

— Deixe-me contar-lhe uma coisa que aconteceu há dois anos, em Milton — disse o inspetor, tirando os óculos e começando a poli-los vagarosamente no colete. — Um sujeito largou uma velha geladeira nos fundos do quintal. A mulher que nos chamou disse que seu cão foi apanhado pela geladeira e morreu sufocado. Pedimos à polícia estadual daquela área que informasse o homem de que a geladeira tinha que ir para o depósito de lixo municipal. Era um sujeito bastante educado, disse que sentia muito a morte do cão. Embarcou a geladeira em sua camioneta na manhã seguinte e a levou para o depósito de lixo. Naquela tarde, uma mulher da vizinhança deu queixa de que seu filho desaparecera.

— Meu Deus — disse Hunton.

— A geladeira estava no depósito e o menino dentro dela, morto. Um menino esperto, segundo a mãe. Esta declarou que o filho jamais brincaria numa geladeira vazia, da mesma forma que nunca aceitaria carona de um estranho. Pois bem, ele brincou dentro da geladeira. Deixamos tudo de lado. Caso encerrado?

— Creio que sim -respondeu Hunton.

— Não. No dia seguinte, o vigia do depósito foi retirar a porta da geladeira. Portaria Municipal n° 58, relativa à manutenção de depósitos

públicos de lixo — disse Martin, olhando inexpressivamente para Hunton. — Encontrou dentro dela seis aves mortas.

Gaivotas, pardais, um tordo. E contou que a poria da geladeira se fechou sobre seu braço quando ele varria as aves mortas. Deu-lhe um susto dos diabos. A estraçalhadora da Lavanderia Faixa Azul me causa essa impressão, Hunton. Não gosto dela.

Fitaram-se calados na sala de audiências deserta, a cerca de seis quarteirões do local onde a Passadeira e Dobradeira de Alta Velocidade Hadley-Watson Modelo-6 funcionava na movimentada lavanderia, fumegando vapor sobre os lençóis.

Em uma semana o caso foi afastado da mente de Hunton por tarefas policiais mais prosaicas. Só voltou quando ele e a esposa foram à casa de Mark Jackson para uma noitada de bisca e cerveja.

Jackson o cumprimentou com:

— Já lhe passou pela cabeça que a máquina da lavanderia de que me falou seja assombrada, Johnny?

Hunton piscou, confuso.

— O quê?

— Aquela passadeira de alta velocidade da Lavanderia Faixa Azul. Creio que não foi você quem atendeu ao chamado desta vez.

— Que chamado? — quis saber Hunton, interessado.

Jackson passou-lhe o jornal vespertino e apontou para uma notícia no final da segunda página. O jornal dizia que se rompera um tubo de vapor da grande máquina passadeira de alta velocidade na Lavanderia Faixa Azul, queimando três das seis mulheres que trabalhavam na extremidade de alimentação da máquina. O acidente ocorrera às 3:45 da tarde e fora atribuído a uma elevação de pressão na caldeira da lavanderia. Uma das mulheres, a Sra. Anette Gillian, estava internada no Hospital Municipal com queimaduras de segundo grau.

— Estranha coincidência — comentou ele, mas a lembrança das palavras do Inspetor Martin na sala de audiências vazia voltou-lhe de imediato à mente: É um fantasma... E a estória sobre o cão, o menino e as aves apanhados pela velha geladeira.

Naquela noite, ele jogou cartas muito mal.

A Sra. Gillian estava recostada na cabeceira da cama, lendo Screen Secrets, quando Hunton entrou na enfermaria de quatro camas. Uma

enorme bandagem cobria-lhe um braço e o lado do pescoço. A outra ocupante da enfermaria, uma jovem pálida, estava adormecida.

A Sra. Gillian piscou ao ver o uniforme azul e, em seguida, sorriu com certa hesitação.

— Se for com a Sra. Cherinikov, o senhor terá que voltar mais tarde. Acabaram de dar-lhe a medicação.

— Não, é com a senhora mesmo, Sra. Gillian.

O sorriso diminuiu.

— Estou aqui não oficialmente — o que significa que me sinto curioso quanto ao acidente na lavanderia. Sou John Hunton.

Ele estendeu a mão.

Foi a atitude adequada. O sorriso da Sra. Gillian tornou-se brilhante e ela apertou desajeitadamente a mão de Hunton com sua mão ilesa.

— Estou às suas ordens, Sr. Hunton. Meu Deus, pensei que o meu Andy estivesse metido em encrencas na escola novamente.

— O que aconteceu?

— Estávamos colocando lençóis na máquina quando ela simplesmente explodiu... ou algo semelhante. Eu pensava em ir para casa passear com os cães, quando houve um grande estouro, como uma bomba. Vapor por toda parte e aquele barulho de assovio... Horrível — respondeu ela, o sorriso trémulo prestes a apagar-se. — Era como se a máquina respirasse. Como um dragão, na verdade. E Alberta... isto é, Alberta Keene... gritou que alguma coisa estava explodindo; todo mundo corria e gritava; Ginny Jason começou a gritar que estava queimada. Comecei a correr e caí. Até então, eu não sabia que fora a mais atingida. Graças a Deus não foi pior. Aquele vapor passa nos tubos a 3OO graus.

— O jornal disse que um tubo de vapor se rompeu. O que significa isso?

— O tubo do teto desce até uma espécie de tubo flexível que alimenta a máquina.

George... isto é, o Sr. Stanner... disse que deve ter havido excesso de pressão na caldeira, ou algo assim. O tubo flexível estourou.

Hunton não conseguiu pensar em outras perguntas a fazer. Estava prestes a sair quando ela disse, pensativa:

— Não costumávamos ter problemas com aquela máquina. Só recentemente. O rompimento do tubo flexível. Aquele horrível, horrível acidente com a Sra. Frawley, que Deus a tenha. E algumas coisinhas, como o dia em que o vestido de Essie se prendeu numa das correntes de

transmissão. Poderia ter sido perigoso, se ela não rasgasse a saia imediatamente. E parafusos e porcas que se soltam. Oh, Herb Diment — é o mecânico da lavanderia — tem passado maus bocados com a máquina. Os lençóis ficam presos na dobradeira. George afirma que isso acontece porque estão usando branqueador demais nas máquinas de lavar, mas não costumava acontecer. Agora as garotas detestam trabalhar na máquina. Essie diz até mesmo que ainda tem pedaços de Adelle Frawley lá dentro e isso é sacrilégio, ou algo assim. Como se existisse uma maldição. Tem sido assim desde que Sherry cortou a mão num dos grampos.

— Sherry? — repetiu Hunton.

— Sherry Ouelette. Uma belezinha, mal saída do ginásio. Boa trabalhadora. Mas desajeitada, às vezes. O senhor sabe como são as jovens.

— Ela cortou a mão em alguma coisa?

— Nada de estranho nisso. Existem grampos que apertam a correia de alimentação, compreende? Sherry estava ajustando os grampos para podermos passar uma carga mais pesada de roupas e, provavelmente, sonhando com algum rapaz. Cortou o dedo e sangrou por todos os lados.

A Sra. Gillian pareceu intrigada.

— Só depois disso os parafusos começaram a soltar-se. Adelle foi... o senhor sabe... uma semana depois. Como se a máquina tivesse experimentado o gosto do sangue e tivesse gostado dele. As mulheres às vezes têm idéias engraçadas, não acha, Sr. Hinton?

— Hunton — corrigiu ele distraidamente, olhando por cima da cabeça dela para o espaço.

Ironicamente, Hunton conhecera Jackson numa lavanderia automática com lanchonete anexa, situada no quarteirão que separava suas casas, e ainda era lá que o guarda e o professor de inglês tinham suas conversas mais interessantes.

Agora, sentavam-se lado a lado em cadeiras de plásticos, suas roupas girando por detrás das portinholas de vidro das máquinas de lavar que funcionavam com moedas. A brochura contendo a coleção das obras de Milton, pertencente a Jackson, ficara largada de lado enquanto ele escutava Hunton relatar a estória da Sra. Gillian.

Quando Hunton terminou, Jackson disse:

— Eu lhe perguntei, certa vez, se você julgava que a estraçalhadora poderia ser assombrada. Naquela ocasião, foi brincadeira. Agora, torno a

perguntar.

— Não — respondeu Hunton. — Não seja estúpido.

Jackson observou pensativamente as roupas que giravam nas máquinas.

— Assombrada é um termo inadequado. Digamos possessa. Existem quase tantos encantamentos para chamar os demônios quanto para expulsá-los. O Galho Dourado, de Frazier, está cheio deles. Os folclores asteca e druídico contêm outros. E existem ainda mais antigos, que remontam ao Egito. Quase todos eles podem ser reduzidos a denominadores espantosamente comuns. O mais comum, naturalmente, é o sangue de uma virgem.

Olhou para Hunton, acrescentando:

— A Sra. Gillian disse que tudo começou depois que a tal Sherry Ouelette cortou-se acidentalmente.

— Ora, deixe disso — replicou Hunton.

— Você tem que admitir que ela parece ser o tipo exato — insistiu Jackson.

— Irei diretamente à casa dela — disse Hunton com um leve sorriso Posso até imaginar:

"Srta. Ouelette, sou o Guarda John Hunton. Estou investigando uma passadeira de alta velocidade possuída pelo demônio e gostaria de saber se a senhorita é virgem." Acha que terei oportunidade para despedir-me de Sandra e das crianças antes que me levem para o manicômio?

— Estou disposto a apostar que você acabará dizendo algo bem semelhante — disse Jackson, sem sorrir. — Estou falando sério, Johnny. Aquela máquina me deixa morto de medo e eu nem sequer a vi.

— Apenas para podermos argumentar — disse Hunton —, quais são alguns dos outros supostos denominadores comuns?

Jackson sacudiu os ombros.

— É difícil dizer sem estudar o assunto. A maioria das fórmulas de magia anglosaxônicas especificam terra de cemitério ou um olho de sapo. Os encantamentos e feitiços europeus mencionam freqüentemente a mão da glória, que pode ser interpretada como a mão de um defunto ou uma das drogas alucinógenas usada em conexão com o Sabá dos Bruxos geralmente a beladona ou um derivado da psilocibina. Devem existir outros.

— E você acha que tudo isso entrou na passadeira da Lavanderia Faixa Azul? Por Deus, Mark, sou capaz de apostar que não existe beladona num

raio de oitocentos quilômetros daqui. Ou julga que alguém decepou a mão de seu falecido Tio Fred e a largou na dobradeira?

— Se sete macacos datilografassem durante setecentos anos...

— Um deles escreveria as obras de Shakespeare — concluiu Hunton em tom azedo. — Vá para o inferno. É sua vez de ir à farmácia conseguir troco para colocarmos moedas nas máquinas de secar.

Foi muito esquisito como George Stanner perdeu o braço na estraçalhadora.

Às sete horas da manhã de segunda-feira a lavanderia estava deserta a não ser por Stanner e Herb Diment, o mecânico de manutenção. Estavam cumprindo a tarefa semestral de lubrificar os rolamentos da estraçalhadora afites que o expediente normal da lavanderia começasse às sete e meia. Diment se encontrava na extremidade oposta, lubrificando os quatro rolamentos secundários e refletindo sobre o quanto aquela máquina fazia-o sentir-se mal naquelas últimas semanas, quando a estraçalhadora começou repentinamente a funcionar ruidosamente:

Diment estivera erguendo quatro das correias de lona da saída da máquina, a fim de poder alcançar o motor sob elas, quando, de repente, as correias começaram a passar em suas mãos, rasgando a pele e carne das palmas e arrastando-o consigo.

Livrou-se com um arranco convulsivo segundos antes que as correias arrastassem suas mãos para o interior da dobradeira.

— Que diabo, George! — berrou ele. — Desligue essa maldita máquina!

George Stanner começou a berrar.

Um som agudo, lamentoso, enlouquecido de sangue, que encheu a lavanderia, ecoando nas caixas de aço das máquinas de lavar, nas bocas escancaradas das máquinas de passar a vapor, nos olhos vazios das grandes máquinas de secar. Stanner inspirou uma grande quantidade de ar e tornou a gritar:

— Oh, meu Jesus Cristo, fui apanhado! FUI APANHADO!

Os rolos começaram a emitir vapor fervente. A dobradeira rangia e vibrava. Rolamentos e motores pareciam gritar com uma oculta vida própria.

Diment correu para a outra extremidade da máquina.

O primeiro rolo já assumia uma sinistra coloração vermelha. Diment emitiu um gemido gorgolejante. A estraçalhadora uivava, silvava e

vibrava.

Um observador surdo julgaria., a princípio, que Stanner estava apenas debruçado sobre a máquina num ângulo esquisito. Depois, até mesmo um surdo veria o ricto pálido no rosto de olhos esbugalhados, a boca contorcida abrindo-se em um grito contínuo. O braço desaparecia sob a barra de segurança e por baixo do primeiro cilindro; o tecido da camisa fora arrancado na costura do ombro e o antebraço inchava grotescamente à medida que o sangue era impelido de volta.

— Desligue! — berrou Stanner.

Seu cotovelo se partiu com um estalo.

Diment apertou o botão de desligar.

A estraçalhadora continuou a zumbir, grunhir, girar.

Incrédulo, Diment tornou a apertar repetidamente o botão. E, novamente — nada.

A pele do braço de Stanner estava brilhante e esticada. Logo se romperia sob a pressão exercida pelo cilindro; ainda assim, ele continuava consciente, gritando. Diment viu a imagem de uma caricatura de pesadelo: um homem esmagado por um rolo compressor, deixando apenas uma sombra.

— Os fusíveis...! — guinchou Stanner.

Sua cabeça estava sendo puxada para baixo, à medida que ele era arrastado para a frente.

Diment girou nos calcanhares e correu à sala da caldeira, os gritos de Stanner a persegui-lo como fantasmas lunáticos.

Na parede esquerda existiam três pesadas caixas cinzentas contendo todos os fusíveis do sistema elétrico da lavanderia. Diment abriu-as e, como um louco, começou a arrancar os compridos fusíveis cilíndricos, atirando-os por cima dos ombros. As luzes se apagaram; depois o compressor de ar; então, a própria caldeira, com uma forte lamúria que morreu aos poucos.

E a estraçalhadora continuava funcionando. Os gritos de Stanner reduziram-se a gemidos borbulhantes.

Por acaso, o olhar de Diment pousou no machado de incêndio em sua caixa com porta de vidro. Agarrou-o com um gemido engasgado e correu de volta à máquina. O braço de Stanner já se fora quase até o ombro. Dentro de alguns segundos seu pescoço retesado se quebraria de encontro à barra de segurança.

— Não posso — balbuciou Diment, empunhando o machado. — Meu Deus, George, eu não posso...

Agora, a máquina era um abatedouro. A dobradeira cuspia pedaços de manga de camisa, tiras de carne, um dedo. Stanner soltou um forte grito de desespero e Diment ergueu o machado, golpeando no interior obscuro e sombrio da lavanderia. Duas vezes. Outra mais.

Stanner tombou ao chão, inconsciente e azulado, o sangue jorrando do coto de braço abaixo do ombro. A estraçalhadora tragou o que ainda restava do braço... e parou.

Chorando, Diment tirou o cinto das calças e começou a fazer um torniquete.

Hunton falava ao telefone com Roger Martin, o inspetor. Jackson o observava, rolando pacientemente uma bola para Patty Hunton, de três anos de idade, brincar.

— Ele retirou todos os fusíveis? — perguntou Hunton. — E o botão de parada simplesmente não funcionou, hem? ... A máquina foi interditada? ... Muito bem. Ótimo. Hem? ... Não, não é oficial.

Hunton franziu a testa e lançou um olhar de esguelha a Jackson.

— Ainda se recorda daquela geladeira velha, Roger? ... Sim. Para mim também. Até logo.

Desligou e olhou para Jackson.

— Vamos falar com a garota, Mark.

Ela morava em seu próprio apartamento (a maneira hesitante, porém possessiva, pela qual convidou-os a entrar depois que Hunton lhe exibiu o distintivo da polícia levou-o a suspeitar que ela não o possuía há muito tempo) e sentou-se nervosamente em frente a eles na minúscula sala cuidadosamente decorada.

— Sou o Guarda Hunton e esse é meu parceiro, Sr. Jackson. É a respeito do acidente na lavanderia.

Sentia-se imensamente pouco à vontade com aquela moça morena, tímida e bonita.

— Terrível — murmurou Sherry Ouelette. — Foi o único lugar onde trabalhei. O Sr. Gartley é meu tio. Gostei porque ele me permitiu morar aqui e ter meus próprios amigos. Mas agora... é tão assombroso...

— A Junta Estadual de Segurança Industrial interditou a máquina até o final de uma investigação minuciosa — disse Hunton. — A senhorita já sabia?

— Claro — suspirou ela, inquieta. — Não sei o que vou fazer...

— Srta. Ouelette — interrompeu Jackson —, sofreu um acidente naquela máquina, não é mesmo? Cortou a mão num grampo, creio?

— Sim, cortei o dedo.

De repente, seu rosto se anuviou.

— Aquilo foi a primeira coisa — disse ela, fitando-os com ar triste. Às vezes, sinto que as garotas já não gostam tanto de mim comz) antes... como se eu fosse a culpada.

— Preciso fazer-lhe uma pergunta grosseira — disse vagarosamente Jackson. — Uma pergunta que não lhe agradará. Parece absurdamente pessoal e sem qualquer relação com o assunto, mas só lhe posso dizer que não é assim. Suas respostas nem mesmo serão anotadas numa ficha ou registro.

Ela pareceu assustada:

— Eu... fiz alguma coisa errada?

Jackson sorriu e meneou negativamente a cabeça; ela se derreteu. Graças a Deus pela presença de Mark, pensou Hunton.

— Todavia, acrescentarei o seguinte: a resposta poderá ajudá-la a manter este belo apartamento, a voltar ao emprego, a tornar as coisas na lavanderia como eram antes.

— Eu responderia qualquer pergunta para conseguir isso — declarou a moça.

— Sherry, você é virgem?

Ela ficou totalmente perplexa, chocada, como se um sacerdote lhe desse a comunhão e, em seguida, a esbofeteasse. Então, ergueu a cabeça, fez um gesto indicando o pequeno apartamento bem arrumado, como se perguntasse a eles como podiam acreditar que fosse um local de encontros amorosos.

— Estou-me guardando para meu marido — replicou simplesmente.

Hunton e Jackson entreolharam-se calmamente e, naquela fração de segundo, Hunton compreendeu que tudo era verdade: um demônio se apoderara do aço inanimado das engrenagens da estraçalhadora, transformando-a em algo com vida própria.

— Muito obrigado — disse Jackson em voz baixa.

— E agora? — indagou Hunton, desanimado, no caminho de volta. Procuramos um padre para exorcizar a máquina?

Jackson grunhiu.

— Você teria que ir muito longe até encontrar algum padre que não lhe desse as Escrituras para ler enquanto ele telefonasse para o manicômio. O problema é seu, Johnny.

— Podemos fazer isso?

— Talvez. O problema é o seguinte: sabemos que existe algo na máquina. Não sabemos o quê.

Hunton sentiu um calafrio, como se tocado por um dedo descarnado. Jackson prosseguiu:

— Existem muitos demônios. O que estamos enfrentando pertence ao círculo de Bubastis ou Pan? Baal? Ou ao demônio cristão que, chamamos de Satã? Não sabemos. Se o demônio resultasse de um feitiço proposital, teríamos melhores possibilidades. Todavia, parece tratar-se de um caso de possessão aleatória.

Jackson passou os dedos pelos cabelos e acrescentou:

— O sangue de uma virgem, sim. Mas isso não estreita nosso campo. Precisamos ter certeza, muita certeza.

— Por quê? — perguntou bruscamente Hunton. — Por que simplesmente não reunimos uma série de fórmulas de exorcismo e as experimentamos?

O rosto de Jackson assumiu uma expressão fria.

— Não se trata de polícia e bandidos, Johnny. Pelo amor de Deus, nem pense nisso. O ritual de exorcismo é horrivelmente perigoso. De certo modo, é como fissão nuclear controlada. Podemos cometer um erro e nos destruirmos. O demônio está preso naquela máquina. Contudo, se lhe dermos uma oportunidade...

— Ele poderia sair?

— Ele adoraria sair — replicou sombriamente Jackson. — E gosta de matar.

Quando Jackson chegou na tarde seguinte, Hunton mandara a mulher e a filha ao cinema. Tinham a sala à sua disposição e Hunton se sentia aliviado por isso. Ainda mal podia acreditar no que se envolvera.

— Cancelei minhas aulas — informou Jackson. — E passei o dia com alguns dos livros mais horríveis que se possa imaginar. Esta tarde, alimentei o computador com mais de trinta receitas para invocar demônios. Consegui vários elementos comuns.

Surpreendentemente poucos.

Mostrou a lista a Hunton: sangue de virgem, terra de cemitério, mão de glória, sangue de morcego, musgo noturno, casco de cavalo, olho de sapo.

Havia outros, todos assinalados como secundários.

— Casco de cavalo — disse Hunton, pensativo. — Engraçado...

— É muito comum. Na verdade...

Hunton interrompeu:

— Poderiam essas coisas — qualquer uma delas — ser interpretadas flexivelmente?

— Se liquens colhidos à noite pudessem substituir musgo noturno, por exemplo?

— Sim.

— É muito provável — replicou Jackson. — As fórmulas mágicas são freqüentemente ambíguas e elásticas. A magia negra sempre deixou bastante espaço para a criatividade.

— Substitua casco de cavalo por gelatina, por exemplo — disse Hunton. — Muito popular nos almoços de marmita. Notei um pequeno recipiente de gelatina sob a plataforma da máquina no dia em que a Sra. Frawley morreu. Gelatina é feita com cascos de cavalo.

Jackson assentiu.

— Mais alguma coisa?

— Sangue de morcego... bem, é um lugar amplo, com muitos cantos e nichos não iluminados. A presença de morcegos parece provável, embora eu duvide que a administração admitisse que eles existam lá. É concebível que um dos morcegos ficasse acidentalmente preso na máquina.

Jackson inclinou a cabeça para trás e esfregou os olhos injetados de sangue.

— Ajusta-se... tudo se ajusta.

— É mesmo?

— Sim. E creio que podemos eliminar com segurança a mão de glória. Certamente ninguém largou uma mão na máquina antes da morte da Sra. Frawley e a beladona decididamente não é uma planta nativa desta região.

— Terra de cemitério?

— O que acha?

— Teria que ser urna coincidência dos diabos — replicou Hunton. O cemitério mais próximo é Pleasant Hill, que fica a oito quilômetros da Lavanderia Faixa Azul.

— Muito bem — disse Jackson. — Consegui que o operador do computador — que pensou que eu me preparava para a Noite das Bruxas fizesse um breakdown positivo de todos os elementos primários e secundários constantes da lista. Todas as combinações possíveis. Eliminei cerca de duas dúzias que não faziam o menor sentido. Os outros se agrupam em categorias razoavelmente bem definidas. Os elementos que isolamos pertencem a uma delas.

— Qual é?

Jackson sorriu.

— Uma bem fácil. Os centros de mitos na América do Sul com ramificações no Caribe.

Relacionados com o vodu. A literatura que consultei considera as divindades estritamente de somenos importância quando comparadas à turma da pesada, como Saddath ou Aquele-Cujo-Nome-Não-Se-Pronuncia. A coisa naquela máquina vai fugir como o valentão do bairro.

— Como faremos?

— Água benta e um fragmento da Sagrada Eucaristia devem ser suficientes. E também podemos ler parte do Levítico para a máquina. Pura magia branca cristã.

— Tem certeza de que não é pior?

— Não vejo como poderia ser — disse Jackson, pensativo. — Não me importo de lhe confessar que aquela mão de glória me preocupava. É magia muito negra. Forte pra valer.

— Água benta não a deteria?

— Um demônio invocado com conjunção com a mão de glória poderia devorar uma pilha inteira de bíblias como café da manhã. Estaríamos seriamente encrencados se nos metêssemos com algo assim. Seria melhor desmontar a maldita máquina.

— Bem, se tem tanta certeza...

— Não, tenho apenas uma certeza razoável — disse Jackson. — Tudo se ajusta perfeitamente.

— Quando?

— Quanto mais cedo melhor — replicou Jackson. lá? Quebramos uma vidraça?

— Como entramos

Hunton sorriu, enfiou a mão no bolso e balançou uma chave diante do nariz de Jackson.

— Quem lhe arranjou isso? Gartley?

Não — respondeu Hunton. — Um inspetor estadual chamado Martin.

— Ele sabe que vamos? — Creio que desconfia. Contou-me uma estória curiosa há duas semanas.

— A respeito da estraçalhadora?

— Não — disse Hunton. — A respeito de uma geladeira. Vamos.

Adelle Frawley estava morta; recosturada por um paciente embalsamador, jazia em seu caixão. Não obstante, parte de seu espírito talvez permanecesse na máquina e, se assim era, gritava. Eia saberia, poderia tê-los prevenido. Tinha tendência a indigestão e, por causa de um mal tão comum, ingeria pastilhas estomacais chamadas E-Z Gel, que podiam ser adquiridas em qualquer farmácia por noventa e nove centavos. No lado externo da caixa está impressa uma advertência: portadores de glaucoma não devem ingerir E-Z Gel porque o ingrediente ativo agrava essa condição. Infelizmente, Adelle Frawley não sofria de glaucoma. Poderia ter-se lembrado do dia, pouco antes de Sherry Ouelette cortar a mão, em que ela deixara cair uma caixa cheia de pastilhas de E-Z Gel na máquina, por acidente. Todavia, ela estava. morta, sem se dar conta de que o ingrediente ativo que lhe aliviava a azia era um derivado químico da beladona, conhecida curiosamente em alguns países da Europa pelo nome "mão de glória".

Houve um repentino e desagradável som de arroto no silêncio espectral da Lavanderia Faixa Azul — um morcego voou cegamente para sua toca na camada de isolamento acima das secadoras, onde fizera seu ninho, fechando as asas sobre a cara cega.

O barulho quase se assemelhava a uma risadinha.

A estraçalhadora começou a funcionar com um rangido repentino correias passando velozmente na escuridão, engrenagens rolavam ruidosamente, os pesados cilindros pulverizadores rodavam continuamente.

Está pronta para eles.

Passava um pouco de meia-noite quando Hunton parou o carro no estacionamento e a lua se ocultou por detrás de um grupo de nuvens que se movimentava no céu. Num só movimento, Hunton pisou no freio e apagou os faróis; a testa de Jackson quase se chocou contra o painel acolchoado.

Desligou a ignição e o contínuo barulho de engrenagem e jatos de vapor ficou mais audível.

— É a estraçalhadora — disse ele. — É a estraçalhadora. Funcionando sozinha. Em plena noite.

Ficaram sentados no carro por um momento, calados, sentindo o medo subir-lhes pelas pernas.

Afinal, Hunton disse:

— Muito bem, vamos lá.

Saltaram e caminharam até o prédio, ouvindo o barulho da estraçalhadora tornar-se mais alto. Quando Hunton enfiou a chave na fechadura da porta de serviço, refletiu que a máquina soava como se estivesse viva como se respirasse em enormes inalações quentes e falasse consigo mesma em sardônicos sussurros sibilantes.

— De repente, sinto-me satisfeito por estar com um tira — declarou Jackson.

Passou o saco pardo que carregava de um braço para outro. O saco continha um vidrinho de geléia cheio de água benta, envolto em papel impermeável, e uma Bíblia Sagrada.

Entraram e Hunton acionou os interruptores de luz situados junto à porta. As lâmpadas fluorescentes piscaram e produziram luz fria. No mesmo instante, a estraçalhadora parou.

Uma membrana de vapor cobria os cilindros. A máquina esperava por eles em seu novo e ameaçador silêncio.

— Deus, como é feia! — murmurou Jackson.

— Vamos — disse Hunton. — Antes de perdermos a coragem.

Andaram até a máquina. A barra de segurança estava na posição baixa, acima da correia que alimentava a máquina.

Hunton estendeu a mão.

— Aqui já basta, Mark. Passe-me as coisas e diga-me o que fazer.

— Mas...

— Não discuta.

Jackson passou-lhe o saco e Huntou o colocou na mesa dos lençóis, em frente à máquina. Entregou a Bíblia a Jackson.

— Vou ler — disse Jackson. — Quando eu apontar para você, use os dedos para espargir água benta na máquina, dizendo: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, vai-te daqui, impuro." Entendeu?

— Sim.

— Na segunda vez que eu apontar para você, quebre a hóstia e repita a invocação.

— Como saberemos se está dando certo?

— Você saberá. A coisa é capaz de quebrar todas as vidraças do prédio, ao' sair. Se não der resultado na primeira vez, continuaremos a repetir até que dê.

— Estou verde de medo — disse Hunton.

— Para dizer a verdade, eu também estou.

— Se nos enganamos a respeito da mão de glória...

— Não nos enganamos — replicou Jackson. — Lá vamos nós.

Começou a ler. Sua voz encheu a lavanderia deserta com ecos espectrais:

— "Não vos volvais para os ídolos, nem façais para vós deuses fundidos. Eu sou o Senhor vosso Deus.. "

As palavras caíam como pedras num silêncio que de repente se enchia de um frio insidioso, tumular. A estraçalhadora permanecia silenciosa e imóvel sob as lâmpadas fluorescentes. Para Hunton, ela ainda parecia sorrir malevolamente.

— "... e a terra vos vomitará de seu seio por tê-la contaminado, como vomitou outros povos antes de vós..."

Jackson ergueu os olhos, com o rosto tenso, e apontou.

Hunton respingou água benta na correia transportadora.

Houve um súbito grito rangente de metal torturado. A fumaça subia das correias nos pontos onde a água benta pingara, assumindo formas contorcidas e tingidas de vermelho. A estraçalhadora começou a funcionar repentinamente.

— Nós o apanhamos! — gritou Jackson acima do crescente barulho. — Está fugindo!

Recomeçou a ler, erguendo a voz para vencer o ruído da maquinaria. Apontou outra vez para Hunton e este jogou alguns fragmentos de hóstia. Quando ele o fez, foi bruscamente dominado por um terror de gelar os ossos até a medula, a repentina e vívida sensação de que não dera certo, de que a máquina não se amedrontara com o blefe — e era mais forte que eles.

A voz de Jackson continuava a elevar-se, aproximando-se do clímax.

Centelhas começaram a saltar através do arco entre o motor principal e o secundário; o cheiro de ozônio enchia o ambiente, como o cheiro de cobra do sangue quente. Agora, o motor principal passou a emitir fumaça; a estraçalhadora funcionava numa velocidade louca, inacreditável: bastaria

tocar a ponta de um dedo na correia central para que o corpo inteiro fosse tragado pela máquina e reduzido a trapos sangrentos no espaço de cinco segundos. O chão de concreto vibrava e tremia sob os pés deles.

Um rolamento principal estourou com uma esfusiante explosão de luz roxa, enchendo o ar gelado com o cheiro de tempestades elétricas; ainda assim, a estraçalhadora funcionava cada vez mais depressa, correias, cilindros e engrenagens girando numa velocidade que os fazia parecer se mesclarem, mudarem, derreterem, transmudarem...

Hunton, que ficara imóvel, quase hipnotizado, deu um súbito passo à retaguarda.

— Afaste-se! — berrou acima da barulheira infernal.

— Estamos quase o pegando! — gritou Jackson em resposta. — Por que...

De repente, um barulho indescritível de algo que se rasgava. Uma fissura no chão de concreto correu em direção a eles e passou, alargando-se. Pedaços de cimento velho voaram como numa explosão de estrelas.

Jackson olhou para a estraçalhadora e gritou.

A máquina tentava erguer-se do concreto, como um dinossauro tentando escapar de uma poça de piche. E já não era mais uma máquina passadeira e dobradeira. Continuava a mudar, a derreter-se. O cabo de 550 volts caiu, cuspindo centelhas azuis, e foi tragado pelos cilindros. Por um instante, duas bolas de fogo olharam para eles como olhos em chamas, dominados por uma fome fria e enorme.

Outra fenda se abriu no chão. A estraçalhadora inclinou-se para eles, quase totalmente livre do concreto que a ancorava. Zombava deles com um sorriso diabólico; a barra de segurança se ergueu e o que Hunton viu foi uma boca escancarada e faminta, cheia de vapor.

Voltaram-se para fugir e outra fenda se abriu a seus pés. Por trás deles, um rugido monstruoso quando a coisa se libertou. Hunton saltou sobre a fenda, mas Jackson escorregou e caiu.

Hunton virou-se para ajuda-lo, mas uma imensa sombra amorfa caiu sobre ele, bloqueando a luz das lâmpadas fluorescentes.

A máquina ergueu-se acima de Jackson, que estava caído de costas com os olhos esbugalhados e o rosto contraído num ricto de pavor — o sacrifício perfeito. Hunton teve apenas a impressão confusa de algo negro e móvel que assumia proporções gigantescas diante dos dois. Algo com

brilhantes olhos elétricos do tamanho de bolas de futebol, uma boca escancarada com uma língua de lona que não parava de correr.

Fugiu. O grito de morte de Jackson o acompanhou.

Quando Roger Martin finalmente se levantou da cama para atender a campainha da porta, estava apenas um terço acordado; mas quando Hunton cambaleou para o interior da sala, ele foi despertado pelo choque que o trouxe de volta à realidade do mundo como uma bofetada de mão rude.

Os olhos de Hunton pareciam querer saltar loucamente das órbitas e suas mãos eram garras que arranhavam o peito do roupão de Martin. Um filete de sangue escorria de um pequeno corte no rosto, que estava manchado de cinza por cimento pulverizado.

Seus cabelos se haviam tornado totalmente brancos.

— Ajude-me... pelo amor de Deus, ajude-me. Mark está morto. Jackson está morto.

— Acalme-se — disse Martin. — Venha sentar-se.

Hunton o acompanhou, produzindo um grosso som lamurioso na garganta, como um cão.

Martin serviu-lhe uma dose dupla de aguardente e Hunton segurou o copo com ambas as mãos, engolindo a forte bebida de um só gole. O copo rolou pelo tapete e as mãos de Hunton, como fantasmas errantes, procuraram novamente as lapelas do roupão de Martin.

— A estraçalhadora matou Mark Jackson. Ela... ela... oh, Deus... ela é capaz de escapar!

Não podemos permitir que escape! Não podemos... nós... oh!...

Começou a berrar, um som louco e agudo que se elevava e baixava em ciclos irregulares.

Martin tentou dar-lhe outro drinque, mas Hunton derrubou o copo com um tapa.

— Precisamos queima-la — disse ele. — Queima-la antes que escape. Oh, e se ela escapar? Oh, Deus, e se ela...

Seus olhos faiscaram, vidraram-se, rolaram para cima deixando o branco à mostra e ele tombou no tapete totalmente desmaiado.

A Sra. Martin estava à porta, segurando a gola do roupão na garganta.

— Quem é ele, Rog? É maluco? Pensei que...

Ela estremeceu.

— Não creio que ele seja louco — disse Martin.

A mulher ficou subitamente assustada pela doentia sombra de medo no rosto do marido.

— Meu Deus, espero que ele tenha chegado aqui a tempo...

Martin pegou o telefone e ficou imóvel.

A leste da casa, na direção de onde viera Hunton, havia um leve barulho que crescia aos poucos. Um constante rangido metálico que se tornava mais alto. A janela da sala estava meio aberta e Martin captou na brisa um cheiro estranho. O odor de ozônio... ou de sangue.

Ficou parado, com o telefone inútil na mão, enquanto o barulho aumentava, rangendo e fumegando — algo nas ruas que eta quente e emitia vapor. O fedor de sangue encheu a sala.

Martin largou o telefone.

A coisa já estava lá fora.

* * *

A MULHER NO QUARTO

A questão é: Será ele capaz de fazer aquilo?

Ele não sabe. Ele sabe que ela as mastiga de vez em quando, fazendo caretas por causa do horrível gosto de laranja, emitindo um som de palitos de picolé sendo partidos. Mas estas são pílulas diferentes... cápsulas de gelatina. O rótulo da caixa diz: COMPLEXO DARVON. Ele as encontrou no armário remédios dela e rolou-as na mão, pensando. Era um remédio que o médico receitara antes de ela voltar a ser internada no hospital. Algo para passar a noite. O armário está cheio de remédios, cuidadosamente arrumados em fileiras como frascos de drogas de curandeiro. Sinais do mundo ocidental.

SUPOSITÓRIOS FLEET. Ele jamais utilizou um supositório na vida e a idéia de enfiar no reto algo gorduroso que se derrete com o calor do corpo causa-lhe repulsa. Não existe dignidade em enfiar coisas na bunda. LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS. FÓRMULA ANACIN PARA ARTRITE.

PEPSO-BISMOL. E assim por diante. É possível reconstituir o progresso da moléstia dela por meio dos remédios.

Mas estas pílulas são diferentes. Parecem com o Complexo Darvon normal apenas por serem cápsulas gelatinosas. Mas são maiores, o que seu falecido pai costumava chamar de pílulas "pica de cavalo". O rótulo diz: Aspirina 350g — Darvon 100g. Seria ela capaz de mastigá-las, mesmo se ele lhe desse em mãos? Seria? A casa ainda continua a funcionar. A geladeira liga e desliga automaticamente, a caldeira também dá partida e, depois, pára, a intervalos regulares o cuco rabujento sai do relógio para anunciar as horas e meias-horas. Ele presume que depois que ela morrer caberá a Kevin e ele desmontar a casa. Ela se foi, mesmo. A casa inteira o diz. Ela. está no Hospital Central de Maine, em Lewiston. Quarto 312. Foi internada quando a dor se tornou tão forte que ela nem mais conseguia ir à cozinha fazer café. Às vezes, quando ele a visitava, ela chorava sem perceber.

O elevador sobe barulhentamente e ele se vê examinando o certificado azul da companhia de manutenção de elevadores. O certificado deixa bem claro que, com barulho ou sem ele, o elevador é seguro. Ela já está no hospital há três semanas e hoje fizeram-lhe uma operação chamada "cortotomia". Ele não sabe como se escreve, mas é assim que se pronuncia. O médico disse a ela que "cortotomia" consiste em enfiar uma agulha no pescoço e fazer que penetre até o cérebro. O médico explicou que é algo semelhante a enfiar um alfinete comprido numa laranja e espetar um caroço. Quando a agulha atingir o centro da dor, enviarão um sinal de rádio ao longo da agulha e, quando o sinal atingir a ponta, o centro da dor será eliminado. Como desligar um aparelho de TV. Então, o câncer na barriga deixará de incomodá-la tanto.

A idéia de tal operação deixa-o ainda mais inquieto que a idéia de supositórios derretendo-se calidamente em seu reto. Lembra-lhe um livro de Michael Crichton, chamado The Terminal Man, que trata da colocação de fios no cérebro das pessoas.

Segundo Crichton, pode ser uma cena muito desagradável. É melhor acreditar.

A porta do elevador se abre no terceiro andar e ele sai. Esta é a ala antiga do hospital e tem o cheiro adocicado da serragem que costumam espalhar sobre o vômito nas feiras do interior. Ele deixou as pílulas no porta-luvas do carro. E não bebeu nada antes desta visita.

As paredes são pintadas em dois tons: marrom em baixo, branco em cima. Ele reflete que a única combinação de duas cores no mundo que poderia ser mais deprimente que marrom e branco é cor-de-rosa ,e preto. Corredores de hospital pintados assim... A idéia o faz sorrir e sentir náuseas ao mesmo tempo.

Dois corredores se cruzam em T em frente ao elevador e existe um bebedouro no qual ele sempre pára a fim de adiar um pouco as coisas. Peças de equipamento hospitalar aqui e acolá, como estranhos brinquedos num playground. Uma maca com lados cromados e rodas de borracha, o tipo de coisa em que o doente é levado à sala de cirurgia quando estão prontos para efetuar a "cortotomia". Também existe um grande objeto circular cuja função ele desconhece. Uma bandeja rolante com uma haste vertical na qual estão pendurados dois vidros, como uma pintura de seios feita por Salvador Dali. Num dos corredores fica a sala das enfermeiras e risos lubrificados a café chegam até ele.

Ele bebe água e depois se encaminha para o quarto dela. Tem medo do que possa encontrar e reza para que ela esteja dormindo. Se estiver, ele não a despertará.

Acima da porta de cada quarto existe uma pequena luz quadrada. Quando um paciente toca a campainha, a luz se acende, com um brilho vermelho. Em ambos os sentidos do corredor, pacientes andam devagar, usando roupões baratos de hospital sobre pijamas também fornecidos pelo hospital. Os roupões têm finas listras azuis e brancas, bem como golas redondas. Os pijamas de hospital, uma espécie de roupa de baixo, são chamados "johnnies". Os "johnnies" ficam bem nas mulheres, mas parecem esquisitos nos homens porque parecem combinações ou camisolas que chegam à altura dos joelhos. Os homens sempre parecem usar chinelos marrons de couro de imitação. As mulheres preferem chinelas tricotadas, com uma borla de lã. A mãe dele possui um par e as chama de "mulas".

Os pacientes lembram-lhe um. filme de terror chamado "A Noite dos Mortos-Vivos".

Todos andam devagar, como se alguém lhes destampasse os órgãos como vidros de maionese e os líquidos ficassem balançando lá dentro, prestes a se entornarem. Alguns usam bengalas. Seu andar vagaroso ao passearem pelos corredores é assustador, mas também possui dignidade. É o andar de pessoas que se dirigem lentamente para lugar nenhum, o andar

de universitários de becas e barretes acadêmicos dirigindo-se ao auditório para uma reunião.

Música ectoplásmica soa por toda parte, emitida por rádios transistorizados. Vozes tagarelam. Ele pode ouvir Black Oak Arkansas cantando "Jim Dandy" (uma voz de falsete grita alegremente "Vai, Jim Dandy ! Vai Jim Dandy!" para os lentos caminhantes no corredor). Pode ouvir o mediador de um programa de debates discutindo Nixon num tom que foi mergulhado em ácido, como uma pena fumegante de caneta. Pode ouvir uma polca cantada em francês — Lewiston ainda é uma cidade na qual se fala francês e as pessoas gostam quase tanto de dançar quanto de se apunhalarem nos bares da parte mais baixa de Lisbon Street.

Ele pára diante da porta do quarto da mãe e durante algum tempo, esteve bastante desorientado a ponto de vir embriagado. Envergonhava-se de estar bêbado diante da mãe, embora ela estivesse por demais dopada e cheia de Elavil para perceber. Elavil é um tranqüilizante que ministram aos pacientes de câncer a fim de não se aborrecerem tanto por estarem morrendo.

A rotina que ele seguia era comprar uma dúzia de cervejas Black Label no Mercado de Sonny, à tarde. Sentava com as crianças para assistir aos programas que elas gostavam de ver à tarde na televisão. Três cervejas durante "Rua Sésamo", duas durante "Mister Rogers", uma durante "Companhia Elétrica". Depois, uma com o jantar.

Levava as outras cinco cervejas no carro. Era um trajeto de trinta e cinco quilômetros entre Raymond e Lewiston, pelas Rodovias 302 e 202, de modo que era possível estar bastante de porre quando chegava ao hospital, restando ainda uma ou duas cervejas.

Trazia coisas para a mãe e as deixava no carro, a fim de ter uma desculpa para voltar e apanhá-las — e também beber mais meia cerveja, continuando alto.

Dava-lhe também uma desculpa para urinar ao ar livre e, de algum modo, isto era o melhor de toda aquela miserável estória. Sempre estacionava o carro no parqueamento lateral, que era de terra batida, esburacada e congelada em novembro, de modo que o ar frio da noite assegurava total contração da bexiga. Urinar num dos banheiros do hospital assemelhava-se demais a uma apoteose de toda aquela experiência hospitalar: o botão da campainha para chamar a enfermeira ao lado da caixa de descarga do vaso sanitário, a alavanca cromada

aparafusada num ângulo de 45 graus, o vidro de desinfetante cor-de-rosa acima da pia. Coisa ruim. É melhor acreditar.

A vontade de beber no caminho de volta para casa era nenhuma. Portanto, o que sobrasse da cerveja era guardado na geladeira, em casa, e quando completava meia dúzia... ele jamais teria vindo se soubesse que seria tão ruim. A primeira idéia que lhe passa pela cabeça é Ela não é uma laranja e a segunda é Ela está realmente morrendo depressa, agora, como ela tivesse hora marcada para pegar um trem para o nada. Ela luta na cama, sem se mexer, exceto pelos olhos, mas lutando no interior do corpo, pois algo se mexe lá dentro. Tem o pescoço alaranjado por alguma coisa semelhante a mercúrio cromo e um curativo abaixo da orelha esquerda, onde algum médico cantarolante enfiou a agulha de rádio e explodiu 60% de seu controle motor juntamente com o centro de dor. Seu olhar o acompanha como os olhos de um Jesus Cristo estereotipado.

— Acho melhor você não me ver esta noite, Johnny. Não estou muito bem. Talvez esteja melhor amanhã.

— O que sente?

— Coceira. O corpo inteiro me coça. Minhas pernas estão fechadas?

Ele não consegue verificar se as pernas dela estão fechadas. São apenas um V elevado sob o amarrotado lençol do hospital. Faz muito calor no quarto. No momento, não há paciente na outra cama. Ele pensa: Companheiros de quarto chegam e saem, mas minha mãe fica para sempre. Cristo!

— Estão, sim, Mamãe.

— Puxe-as para baixo, está bem, Johnny? Depois, é melhor você ir embora. Nunca antes estive numa situação como esta. Não consigo mexer nada. Meu nariz coça. Não é de causar pena, sentir coceira no nariz e não poder coçá-lo?

Ele coça o nariz dela e depois segura-lhe as pernas através do lençol e puxa-as para baixo. Pode segurar ambas as pernas com apenas uma das mãos, sem maiores dificuldades, embora não tenha mãos particularmente grandes. Ela geme. As lágrimas lhe escorrem dos olhos para as orelhas.

— Mamãe?

— Pode puxar minhas pernas para baixo?

— Acabo de fazer isso.

— Oh. Está bem, então. Creio que estou chorando. Não queria chorar na sua frente. Gostaria de me livrar disto. Daria tudo para ficar livre disto.

— Quer um cigarro?

— Pode me dar um gole d'água primeiro, Johnny? Estou seca corno madeira velha.

— Claro.

Ele pega o copo com o canudinho flexível e sai do quarto, indo até o bebedouro. Um homem gordo com uma atadura elástica na perna caminha lentamente pelo corredor.

Não está usando um dos roupões listrados e segura o "johnny", fechando-o atrás de si.

Ele enche o copo no bebedouro e volta ao Quarto 312. Ela parou de chorar. Seus lábios se fecham sobre o canudinho de um modo que lembra a ele um camelo que viu num filme de viagens. O rosto está magro, descarnado.

A lembrança mais vívida que ele tem dela na vida que levou como seu filho é de uma época em que tinha doze anos. Ele, seu irmão Kevin e aquela mulher tinham-se mudado para o Maine a fim de que ela pudesse cuidar dos pais. A mãe era velha e inválida.

Pressão alta tornara a avó dele senil e, para somar insulto ao mal físico, deixara-a cega.

Feliz 68° aniversário. Boa piada. E ela ficava deitada na cama o dia inteiro, cega e senil, usando enormes fraldas e calças de borracha, incapaz de se lembrar do que fora servido no café da manhã, mas capaz de recitar os nomes de todos os Presidentes dos Estados Unidos, até Ike Eisenhower. E assim, três gerações da família tinham vivido juntas naquela casa onde ele tão recentemente encontrara as pílulas (embora ambos os avós já tivessem morrido há muito tempo) e, aos doze anos, ele reclamava de algo durante o café da manhã. Não se recorda de que, mas reclamava de alguma coisa. Sua mãe estivera lavando as fraldas mijadas da avó e passando-as pelos rolos secadores da antiga máquina de lavar roupa. Voltando-se para ele, batera-lhe com uma das fraldas e a primeira pancada da fralda molhada e pesada virara o prato de mingau que ele estava tomando, atirando-o através da mesa. A segunda pancada o atingira nas costas, sem machucar, mas fazendo-o calar-se de susto e parar de reclamar. E aquela velha encarquilhada que agora jazia sobre a cama naquele quarto de hospital tornara a bater-lhe repetidamente com a fralda molhada, dizendo: Cale essa boca tagarela, a única coisa que você tem de grande é a língua e trate de mantê-la quieta até que o resto de você fique do mesmo tamanho

— e cada palavra grifada era acompanhada de uma pancada com a fralda da avó. Quaisquer outras reclamações que ele tivesse a fazer simplesmente se evaporaram. Não havia no mundo oportunidade para conversa fiada. Naquele dia e para sempre, ele descobriu que não existe no mundo algo tão perfeito para fixar a impressão de um menino de doze anos quanto ao seu lugar no esquema, de acordo com a devida perspectiva, que levar nas costas uma pancada com uma fralda molhada da avó. Depois disso, ele levara quatro anos para reaprender a arte de bancar o espertinho.

Ela se engasga um pouco com a água e o assusta, apesar de estar pensando em dar as pílulas a ela. Torna a perguntar se ela quer um cigarro.

— Se não for incômodo para você — responde ela. — Depois, é melhor você ir. Talvez eu esteja melhor amanhã.

Ele tira um Kool de um dos maços espalhados sobre a mesinha de cabeceira e o acende.

Segurando-o entre o polegar e o indicador da mão direita, leva-o aos lábios dela, que tira uma tragada, fazendo um bico com os lábios para sugar o filtro. A tragada é fraca; a fumaça lhe escapa pelos lábios.

— Tive que viver sessenta anos para que meu filho segurasse um cigarro para mim.

— Não me incomodo.

Ela tira outra tragada e prende o filtro com os lábios durante tanto tempo que ele ergue o olhar para fitar os olhos dela e percebe que estão fechados.

— Mamãe?

Ela entreabre vagamente os olhos.

— Johnny?

— Exato.

— Há quanto tempo está aqui?

— Não muito. Acho melhor eu ir embora e deixar você dormir.

— Hmrnmm.

Ele apaga o cigarro no cinzeiro e sai furtivamente do quarto, pensando: Quero falar com aquele médico. Diabo, quero falar com o médico que fez aquilo.

Ao entrar no elevador, reflete que a palavra "doutor" se transforma em sinônimo de "homem" depois que um certo grau de proficiência na profissão é atingido, como se fosse previsto e esperado que os médicos

devam ser cruéis para, assim, chegarem a um grau especial de humanidade. Mas.

— Não creio que ela dure muito mais — diz ele ao irmão mais tarde, naquela mesma noite.

O irmão mora em Andover, cento e dez quilômetros a oeste. Só vai ao hospital uma ou duas vezes por semana.

— Mas a dor melhorou? — indaga Kev.

— Ela diz que sente coceiras.

Tem as pílulas no bolso do paletó. Sua esposa já foi dormir. Tira as pílulas do bolso, roubadas da casa vazia da mãe, onde outrora todos eles moraram com os avós. Enquanto fala, gira a caixa entre os dedos, como um pé de coelho.

— Bem, então ela está melhor.

Para Kev tudo está melhor, sempre, como se a vida caminhasse para um clímax sublime. É uma opinião da qual o irmão mais moço não compartilha.

— Ela está paralisada.

— Interessa, a esta altura?

— Claro que interessa! — explode ele, pensando nas pernas dela sob o lençol branco amarrotado.

— Ela está morrendo, John.

— Ainda não morreu.

Na realidade, é isso que o horroriza. Daqui em diante, a conversa prosseguirá em círculos, com os lucros indo para a companhia telefônica. Mas este é o ponto crucial: ela está morrendo, mas ainda não morreu. Simplesmente jaz naquele leito de hospital com uma etiqueta presa ao pulso, escutando rádios fantasmas passearem pelo corredor. E ela terá que lutar contra o tempo, diz o médico. É um sujeito grandalhão, com uma barba ruiva alourada. Tem mais de um metro e noventa de altura, ombros heróicos. O médico o conduziu delicadamente para o corredor quando ela começou a cochilar.

E prossegue:

— Entenda: numa operação como a "cortotomia", algum dano motor e quase inevitável. Agora, sua mãe já tem algum movimento na mão esquerda. Podemos esperar, razoavelmente, que ela recupere a mão direita dentro de duas a quatro semanas.

— Ela voltará a andar?

O médico fita judiciosamente o teto de cortiça furada do corredor. Sua barba nasce desde o colarinho da camisa quadriculada e, por algum motivo ridículo, Johnny se lembra de Algerson Swinbume; ora, não podia dizer. O homem à sua frente é o oposto de Swinbume, sob todos os aspectos.

— Eu diria que não. Ela perdeu muito terreno.

— Vai ficar inválida pelo resto da vida?

— Sim, creio que é uma suposição razoável.

Ele começa a sentir alguma admiração por aquele homem, que esperava que fosse seguramente detestável. É uma sensação seguida de desgosto: precisa sentir admiração pela mera verdade?

— Por quanto tempo ela pode viver assim?

— É difícil dizer. (Estava ficando melhor, pensou ele.) Agora, o tumor está bloqueando um dos rins. O outro funciona normalmente. Quando o tumor bloquear o segundo, ela dormirá.

— Coma urêmico?

— Sim — diz o médico, mas com um pouco mais de cautela.

"Uremia" é um termo técnico-patológico, geralmente de uso exclusivo dos médicos e legistas. Mas Johnny o conhece porque sua avó morreu da mesma causa, embora não tivesse câncer. Seus rins deixaram de funcionar e ela morreu flutuando em urina interna até a caixa torácica. Morreu na cama, em casa, à hora do jantar. Johnny foi o primeiro a suspeitar de que ela estivesse realmente morta e não dormindo da maneira comatosa, de boca aberta, que é costume dos velhos. Sua velha boca desdentada estava repuxada para dentro, lembrando um tomate cujo miolo foi extraído e depois ficou esquecido na prateleira da cozinha durante vários dias. Duas lágrimas tinham escorrido dos olhos. Ele colocou um espelhinho redondo de maquilagem junto dos lábios durante um minuto e, quando o espelho não se embaçou e escondeu a imagem daquela boca de tomate murcho, chamou a mãe. Tudo aquilo pareceu certo como isto agora parecia errado.

— Ela ainda se queixa de dor. E de coceiras.

O médico bate solenemente com o dedo na cabeça, como Victor de Groot nas velhas caricaturas de psiquiatras.

— Ela imagina a dor. Nem por isso é menos real. Real para ela. Eis porque o tempo é tão importante. Sua mãe não pode mais contar o tempo em termos de segundos, minutos e horas. Deve reestruturar essas unidades em dias, semanas, meses.

Ele compreende o que o homem corpulento está dizendo e sente-se impotente. É como o leve tinir de uma campainha. Ele não pode conversar mais com o médico. É um técnico.

Fala com palavras suaves a respeito do tempo, como se pudesse agarrar o conceito de tempo com a mesma facilidade que um caniço de pesca. E talvez possa.

— O senhor pode fazer mais alguma coisa por ela?

— Muito pouco.

Mas ele se porta com serenidade, como se aquilo estivesse certo. Afinal, não está alimentando "falsas esperanças".

— Pode ser pior que um coma?

— Claro que pode. Não podemos prever essas coisas com um alto grau de precisão. É como se existisse um tubarão solto no interior do corpo do doente. Ela pode inchar.

— Inchar?

— Seu abdome pode aumentar, diminuir e depois tornar a aumentar. Mas por que falar nisso agora? Creio que, com certa segurança, podemos dizer que que eles fariam o serviço. Mas se não fizerem? Ou suponhamos que me apanhem? Não quero ser processado sob acusação de praticar eutanásia. Mesmo que seja absolvido.

Não tenho causas a defender.

Ele pensa nas manchetes dos jornais berrando MATRICÍDIO e faz uma careta.

Sentado no carro, no estacionamento, revira interminavelmente a caixa de pílulas com os dedos. COMPLEXO DARVON. A questão continua a ser: Será ele capaz? Deve fazê-lo? Ela disse: Eu gostaria de me livrar disto. Daria tudo para ficar livre disto. Kevin anda falando em arrumar um quarto em sua casa, para que ela não morra no hospital. O hospital quer que ela vá embora. Deram-lhe uma nova pílula e ela entrou em delírio.

Isso ocorreu quatro dias depois da "cortotomia". Eles gostariam que ela fosse para outro lugar, porque até hoje ninguém aperfeiçoou uma "cancerotomia" infalível. E, a esta altura, se tirassem todo o câncer, nada restaria a ela exceto as pernas e a cabeça.

Ele imagina como o tempo deve ser para ela: como algo que escapou ao controle, como uma caixa de costura cheia de novelos espalhados pelo chão para um gato brincar. Os dias no Quarto 312. As noites no Quarto 312. Eles amarram um barbante no interruptor da campainha e no dedo

indicador da mão esquerda, porque ela já não pode movimentar suficientemente a mão quando acha que vai precisar da "comadre".

De qualquer maneira, não faz muita diferença, porque ela não pode sentir a pressão lá embaixo; no interior de sua barriga bem poderia existir um monte de serragem. Ela evacua na cama e urina na cama — e só percebe que o fez quando sente o cheiro. Dos setenta e cinco quilos que pesava, diminuiu para quarenta e dois e os músculos do corpo estão tão flácidos que ela é apenas um saco vazio ligado ao cérebro, como um boneco de criança. Haveria alguma diferença na casa de Kevin? Seria capaz de cometer homicídio? Ele sabe que é homicídio. O pior tipo de homicídio — o matricídio —, como se ele fosse um feto consciente num dos primeiros livros de terror de ficção científica escritos por Ray Bradbury, decidido a virar a mesa e abortar o animal que o gerou.

De qualquer modo, talvez a culpa seja dele. Foi o Único filho nutrido dentro dela, um bebê temporão, quase na época da menopausa. Seu irmão Kevin foi adotado quando um médico sorridente disse a ela que jamais poderia conceber um filho. E, naturalmente, o câncer que agora lhe destruía as entranhas começara no útero, como um segundo filho, sombrio irmão gêmeo dele. A vida dele e a morte dela tinham começado no mesmo lugar. Deveria ele não fazer o que já estava fazendo agora de forma tão lenta e desajeitada?

Vem dando a ela aspirina, às escondidas, para a dor que ela imagina sentir. Ela guarda os comprimidos numa caixinha de balas, na gaveta da mesa de cabeceira do hospital, juntamente com os cartões desejando pronto restabelecimento e os óculos que já não têm serventia. Tiraram-lhe as dentaduras por medo que ela as enfiasse pela garganta abaixo e morresse asfixiada, de modo que agora ela simplesmente chupa os comprimidos de aspirina até ficar com a língua ligeiramente esbranquiçada.

Claro que ele poderia dar-lhe as pílulas; três ou quatro seriam suficientes. Cem gramas de aspirina e trinta gramas de Darvon administrados numa mulher cujo peso diminuiu trinta e três por cento em cinco meses.

Ninguém sabe que ele tem as cápsulas, nem Kev, nem a esposa. Ele pensa que talvez tenham colocado um paciente na outra cama do Quarto 312, de modo que não haverá motivo para preocupações. Pode escapar em segurança. Pensou que talvez isso fosse realmente melhor. Se houver outra

mulher no quarto, suas opções estarão eliminadas e ele poderá considerar o fato como um sinal de anuência da Providência. Ele acha que...

— Você está com melhor aspecto esta noite.

— Estou mesmo?

— Claro. Como se sente?

— Oh, não muito bem. Não muito bem, esta noite.

— Vamos ver você mexer a mão direita.

Ela ergue a mão do lençol. Ela flutua um momento, de dedos abertos, diante de seus olhos e toma a cair. Ele sorri e ela retribui o sorriso. Ele pergunta:

— Viu o doutor hoje?

— Sim, ele esteve aqui. É bondade dele vir todos os dias. Quer me dar um pouco d'água, Johnny?

Ele lhe dá água por meio do canudinho flexível.

— É bondade sua vir aqui com tanta freqüência, Johnny. Você é um bom filho.

Ela está chorando outra vez. A outra cama está vazia, parecendo acusá-lo. De vez em quando, um dos roupões listrados de azul e branco passa diante da porta, caminhando pelo corredor. A porta do quarto está entreaberta. Ele tira delicadamente o copo da mão dela, pensando como um idiota: Este copo está meio cheio ou meio vazio?

— Como vai sua mão esquerda?

— Oh, está ótima.

— Vamos ver.

Ela levanta a mão. Sempre foi canhota e talvez seja por isso que aquela mão se recuperou tão bem dos devastadores efeitos da "cortotomia". Ela fecha o punho.

Flexiona os dedos. Estala levemente os nós dos dedos. Então, a mão torna a cair sobre o lençol. Ela reclama:

— Mas não tenho sensação nenhuma na mão.

— Deixe-me ver uma coisa.

Vai ao guarda-roupa, abre-o e enfia a mão por detrás do casaco que ela usava ao chegar ao hospital, a fim de pegar a bolsa. Ela mantém a bolsa no armário porque é paranóica com relação a ladrões; ouviu dizer que alguns dos atendentes são verdadeiros artistas no furto, capazes de levar tudo que conseguem ter ao alcance das mãos. Ela soube através de uma das companheiras de quarto, que já recebeu alta há muito tempo, que uma

mulher internada na ala nova foi roubada em quinhentos dólares que escondia num sapato. Ultimamente, a mãe dele tem sido paranóica a respeito de muitas coisas e, certa vez, lhe disse que um homem se esconde sob sua cama na calada da noite. A culpa cabe em parte à combinação de drogas que estão experimentando nela. Drogas que fazem a benzedrina que ele tomava ocasionalmente na universidade parecer uma substância inócua. Pode-se escolher à vontade nos armários trancados que ficam nas extremidades dos corredores, perto das salas das enfermeiras: excitantes, sedativos, analgésicos e soporíferos. E a morte, talvez — a morte misericordiosa como um doce cobertor negro.

As maravilhas da ciência moderna.

Ele leva a bolsa de volta à cama. Abre-a.

— Pode pegar alguma das coisas que estão aqui?

— Oh, Johnny, não sei...

Ele diz em tom persuasivo:

— Experimente. Por mim.

A mão esquerda dela se ergue do lençol como um helicóptero aleijado. Voa. Mergulha.

Sai da bolsa com uma folha amarrotada de papel absorvente. Ele aplaude:

— Ótimo! Muito bem!

Mas ela vira o rosto para o outro lado.

— O ano passado, eu era capaz de puxar dois carrinhos carregados de pratos de comida com estas mãos.

Se tem que existir uma ocasião, é agora. Faz muito calor no quarto, mas o suor na testa dele é frio. Ele pensa: Se ela não pedir aspirina, eu não o farei. Não esta noite.

E sabe que se não for esta noite, nunca mais. Muito bem.

— Pode me dar duas das minhas pílulas, Johnny?

É como ela sempre pede. Ela está proibida de tomar qualquer remédio além da medicação prescrita pelo médico, porque perdeu tanto peso que desenvolveu o que seus amigos universitários que usavam tóxicos costumavam chamar de "uma pesada": a imunidade do corpo fica a uma margem ínfima da dose letal. Mais uma pílula e a pessoa morre. Dizem que foi isso que ocorreu com Marilyn Monroe.

— Trouxe algumas pílulas de casa.

— É mesmo.

— São ótimas para dor.

Estende a caixa para ela, que só consegue ler de muito perto. Ela franze a testa para as letras grandes no rótulo.

— Já tomei antes esse tal Darvon. Não adiantou.

— Este é mais forte.

Ela ergue os olhos da caixa e o encara. Pergunta distraidamente:

— É mesmo?

Ele só consegue sorrir como um tolo. É incapaz de falar. E como a primeira vez em que esteve com uma mulher: aconteceu no banco traseiro do carro de um amigo e quando ele voltou para casa a mãe perguntou se ele se divertira — e ele só conseguiu exibir aquele sorriso tolo.

— Posso mastigá-las?

— Não sei. Pode experimentar uma.

— Está bem. Não permita que percebam.

Ele abre a caixa e retira a tampa de plástico do vidro. Puxa o algodão do gargalo. Será ela capaz de fazer tudo isso com aquela mão esquerda aleijada? Eles acreditariam? Ele não sabe. Eles talvez também não saibam. Talvez nem mesmo se importem.

Ele sacode o vidro, deixando cair meia dúzia de pílulas na palma da mão. Percebe que ela o está observando. Meia dúzia é demais; até ela deve saber. Se ela disser algo a respeito, ele guardará todas as pílulas de volta no vidro e lhe oferecerá uma contra dor de artrite.

Uma enfermeira passa silenciosamente pelo corredor e a mão dele treme, chacalhando as pílulas cinzentas, mas a enfermeira não olha para dentro do quarto a fim de verificar como está passando a "garota da cortotomia".

A mãe dele não diz nada, limitando-se a olhar para as pílulas como se fossem perfeitamente normais (se é que isto existe). Mas, por outro lado, ela jamais gostou de celebrações; seria incapaz de quebrar uma garrafa de champanha em seu próprio barco para batizá-lo.

— Lá vamos nós — diz ele em voz perfeitamente natural.

E coloca a primeira pílula na boca da mãe.

Ela mastiga pensativamente a pílula com as gengivas até dissolver a cápsula de gelatina.

Então, faz uma careta.

— Tem gosto ruim. Então, eu não...

— Não. Não é tão ruim.

Ele lhe dá outra. E mais outra. El á as mastiga com aquela mesma expressão pensativa.

Ele lhe dá a quarta. Ela sorri e ele percebe, horrorizado, que a língua dela ficou amarela.

Talvez se ele lhe der uma pancada na barriga ela vomite tudo. Mas não pode. Seria incapaz de bater na mãe.

— Quer ver se minhas pernas estão juntas?

— Primeiro mastigue estas.

Dá-lhe a quinta pílula. E a sexta. Então verifica se as pernas dela estão juntas. Estão. Ela diz:

— Acho que vou dormir um pouco, agora.

— Muito bem. Vou beber água.

— Você sempre foi um bom filho, Johnny.

Ele coloca o vidro na caixa e enfia a caixa na bolsa, deixando a tampa de plástico em cima do lençol. Deixa a bolsa aberta ao lado da mãe e pensa: Ela pediu a bolsa. Eu a trouxe e abri para ela, logo antes de ir embora Ela disse que podia tirar da bolsa o que desejava. Disse que chamaria a enfermeira para tornar a guardar a bolsa no armário.

Ele sai e bebe água. Há um espelho acima do bebedouro e ele põe a língua para fora, examinando-a.

Quando volta ao quarto, ela está dormindo com as mãos juntas. As veias das mãos são grossas e saltadas. Ele a beija na testa e os olhos dela se mexem sob as pálpebras, mas não se abrem.

Sim.

Ele não sente diferença alguma, nem para melhor nem para pior.

Encaminha-se para a porta do quarto e se lembra de mais uma coisa. Volta para perto da mãe, retira a caixa da bolsa, tira o vidro da caixa e o limpa cuidadosamente na camisa.

Então, aperta as pontas dos dedos da inerte mão esquerda da mãe de encontro ao vidro.

Então, coloca-o de volta no lugar e sai rapidamente do quarto, sem olhar para trás.

Volta para casa e espera o telefone tocar, desejando ter dado outro beijo nela. Enquanto espera, assiste à televisão e bebe muita água.

* * *

A SAIDEIRA

Passavam quinze minutos das dez horas e Herb Tooklander estava pensando em fechar a casa quando o homem de sobretudo elegante e rosto branco de olhos esbugalhados entrou de repente no Tookey's Bar, que fica na parte norte de Falmouth. Era dez de janeiro, exatamente a época em que o pessoal está aprendendo a viver confortavelmente com todas as promessas de Ano-Novo que quebraram e lá fora soprava uma violenta tempestade do nordeste. Havia caído quinze centímetros de neve antes do anoitecer e a nevasca continuava feia e forte desde então. Por duas vezes Tookey vira Billy Larribee passar na elevada cabine do trator de limpar neve da prefeitura e, na segunda vez, correra até lá para levar-lhe uma cerveja — um ato de caridade, como diria minha mãe, e meu Deus sabe que ela gastou um bocado de dinheiro com cerveja de Tookey no seu tempo. Billy informou que estavam conseguindo manter o trânsito livre na estrada principal, mas as secundárias estavam bloqueadas e deveriam continuar assim até a manhã seguinte. A rádio de Portland previa mais trinta centímetros de neve e um vento de sessenta e cinco quilômetros por hora para empilhá-la.

Apenas Tookey e eu estávamos no bar, escutando o vento uivar nos beirais e observando-o fazer o fogo dançar na lareira.

— Tome uma saideira, Booth — diz Tookey. — Vou fechar.

Serviu uma para mim e outra para ele. Foi então que a porta se abriu e o tal desconhecido cambaleou para dentro do bar com neve até nos ombros e no cabelo, como se tivesse rolado em açúcar de confeiteiro. O vento soprava atrás dele uma cortina de neve fina como poeira.

— Feche a porta! — berrou Tookey para ele. — Será que nasceu num celeiro?

Nunca vi um homem parecer tão apavorado. Era como um cavalo que tivesse passado a tarde inteira comendo urtigas. Seus olhos rolaram na direção de Tookey e ele disse:

— Minha mulher... minha filha...

Então, caiu ao chão, completamente sem sentidos.

— Nossa Mãe! — exclamou Tookey. — Quer fechar a porta, Booth, por favor?

Obedeci e foi uma dificuldade empurrar a porta contra o vento. Tookey estava apoiado num joelho, erguendo a cabeça do sujeito e dando-lhe palmadinhas nas bochechas.

Aproximei-me e constatei de imediato que era um caso grave. A cara do sujeito estava muito vermelha, mas tinha manchas cinzentas aqui e acolá; quando a gente passou os invernos no Maine desde que Woodrow Wilson era Presidente, como é o meu caso, sabe que aquelas manchas cinzentas são queimaduras produzidas pelo enregelamento.

— Desmaiou — disse Tookey. — Apanhe conhaque atrás do bar, está bem?

Fui buscar o conhaque e voltei. Tookey abrira o sobretudo do homem. Este recobrara ligeiramente os sentidos: tinha os olhos meio abertos e murmurava algo baixo demais para que conseguíssemos entender.

— Encha a tampa da garrafa — disse Tookey.

— Só isso? — perguntei.

— Esse troço é dinamite — replicou Tookey. — Não faz sentido sobrecarregarmos o carburador do cara.

Enchi a tampa com conhaque e olhei para Tookey. Ele meneou a cabeça, confirmando:

— Direto na goela.

Derramei a bebida na boca do sujeito. Foi algo digno de ser visto. Ele estremeceu da cabeça aos pés e começou a tossir. O rosto ficou ainda mais vermelho. As pálpebras, que estavam a meio-pau, abriram-se como persianas de janela. Fiquei um tanto alarmado, mas Tookey limitou-se a sentá-lo como um enorme bebê e dar-lhe palmadas nas costas.

O homem começou a ter vômitos secos e Tookey deu-lhe uma palmada mais forte.

— Agüente firme — disse ele ao desconhecido. — O conhaque está caro.

O sujeito tossiu um pouco mais, mas a tosse diminuiu aos poucos. Examinei-o bem pela primeira vez. Homem da cidade, no duro, e de algum lugar ao sul de Boston, pelo meu palpite. Usava luvas de pelica, caras mas finas. Era provável que existissem outras daquelas manchas cinzentas em

suas mãos e ele teria sorte se não perdesse um ou dois dedos. Usava um sobretudo realmente elegante; um casaco de trezentos dólares, no mínimo.

Suas botas eram pequenas e finas, mal-chegando aos tornozelos, e comecei a imaginar em que estado se achariam seus pés.

— Melhor — disse ele.

— Muito bem — replicou Tookey. — Pode vir até o fogo?

— Minha mulher e minha filha — disse o homem. — Estão lá fora... na tempestade.

— Pela maneira como você entrou aqui, não pensei que estivessem em casa assistindo à televisão — comentou Tookey. — Pode nos contar tão bem perto do fogo quanto sentado aí no chão. Ajude aqui, Booth.

O cara ficou em pé mas soltou um pequeno gemido e seus lábios se contorceram de dor.

Tornei a pensar nos pés dele e tentei imaginar por que motivo Deus tinha que fazer idiotas da cidade de Nova York tentarem dirigir automóvel no sul do Maine durante o auge de uma tempestade do nordeste. E perguntei com meus botões se a mulher e a filha estariam melhor agasalhadas que ele.

Levamos o homem para perto da lareira e o sentamos numa cadeira de balanço que fora o lugar favorito da Sra. Tookey até morrer, em '74. A Sra. Tookey era responsável pela maior parte da fama do bar, que fora objeto de reportagens na Down East e no Sunday Telegram, tendo sido citado até mesmo no suplemento dominical do Globe de Boston.

Na verdade, era mais uma taverna que um bar, com seu amplo assoalho de tábuas corridas, presas com cavilhas em vez de pregos, o bar feito com madeira de bordo, o velho teto de vigas aparentes como as de um celeiro e a enorme lareira de pedra. Depois da publicação do artigo na Down East, a Sra. Tookey começou a meter certas idéias na cabeça, querendo mudar o nome do local para Estalagem do Tookey ou Pousada do Tookey, e confesso que seria um toque mais colonial, mas prefiro simplesmente o velho nome de Bar do Tookey — Tookey's Bar. Uma coisa é ser pedante no verão, quando o estado fica cheio de turistas; mas é completamente diferente no inverno, quando a gente tem que negociar com os vizinhos. E houvera muitas noites de inverno, como esta, que Tookey e eu tínhamos passados juntos, sozinhos, bebendo uísque escocês e água ou apenas algumas cervejas. A minha Victoria faleceu em 73 e o bar do Tookey era um bom lugar para se ir, onde existiam vozes suficientes para abafar o

tique-taque do relógio da morte que se aproximava da hora marcada mesmo que fôssemos apenas Tookey e eu, já bastava. E eu não me sentiria da mesma maneira se o local se chamasse Pousada do Tookey. Pode parecer loucura, mas é verdade.

Colocamos o tal sujeito diante da lareira e ele começou a tremer ainda mais que antes.

Abraçou os joelhos e seus dentes chocalhavam. Algumas gotas de muco transparente lhe pingavam do nariz. Creio que ele estava começando a compreender que mais quinze minutos lá fora seriam o bastante para matá-lo. Não é a neve, é o fator de frio resultante do vento. Rouba todo o calor da gente.

— Onde saiu da estrada? — perguntou Tookey.

— D-d-dez qu-qu-quilômetros ao s-s-sul d-d-daqui — respondeu o desconhecido.

Tookey e eu nos entreolhamos e, de repente, fiquei frio. Dos pés à cabeça.

— Tem certeza — quis saber Tookey. — Andou dez quilômetros pela neve?

O cara assentiu com a cabeça.

— Verifiquei o odômetro quando atravessamos a cidade. Eu estava seguindo instruções... indo visitar minha cunhada... em Cumberland... nunca estive por aqui antes... somos de Nova Jersey...

Nova Jersey. Se existe alguém mais puramente idiota que um novaiorquino, é um sujeito de Nova Jersey.

— Dez quilômetros — insistiu Tookey. — Tem certeza?

— Sim, bastante certeza. Encontrei a rampa de saída, mas estava bloqueada pela neve... estava...

Tookey o agarrou pelas lapelas. Ao brilho trêmulo do fogo, seu rosto parecia pálido e tenso, dez anos mais velhos que os seus sessenta anos.

— Dobrou à direita?

— Sim, dobrei à direita. Minha mulher...

— Viu uma placa?

— Placa? — repetiu o cara, olhando inexpressivamente para Tookey e limpando a ponta do nariz. — Claro que vi. Estava nas minhas instruções: tome a Avenida Jointner através de Jerusalem's Lot até a rampa de acesso 295.

Olhou de mim para Tookey e vice-versa. Lá fora, o vento assoviava e uivava e gemia nos beirais.

— Não era isso, moço?

— Lot — disse Tookey tão baixo que mal o escutei. — Oh, meu Deus...

— O que está errado? — quis saber o forasteiro, erguendo a voz. Não acertei? Quero dizer, a estrada estava coberta de neve, mas pensei .. se existe uma cidade por aqui, os tratores estarão trabalhando e... então, eu...

Simplesmente deixou a frase morrer.

— Booth — disse-me Tookey em voz baixa. Vá telefonar. Chame o xerife.

— Claro, isso mesmo — disse aquele idiota de Nova Jersey. — O que há de errado com vocês, afinal? Parece que viram um fantasma.

Tookey replicou:

— Não existem fastasmas em Lot, moço. Disse a elas para permanecerem no carro?

— Claro — respondeu o sujeito, mostrando-se ofendido. — Não sou maluco. Bem, ninguém poderia provar, pelo menos para mim.

— Como se chama? — indaguei. — Tenho que dizer ao xerife.

— Lumley. Gerard Lumley.

Ele continuou a conversar com Lumley e eu atravessei o salão até o telefone. Levei o fone ao ouvido e não escutei nada. Um silêncio mortal. Bati no gancho duas vezes.

Ainda assim, nada.

Voltei para perto da lareira. Tookey servira outra dose de conhaque para Gerard Lumley e esta desceu pela garganta dele muito melhor.

— Ele não estava? — indagou Tookey.

— O telefone está mudo.

— Diabo! — exclamou Tookey.

Trocamos um olhar. Lá fora, o vento soprava neve contra as vidraças.

Lumley olhou de Tookey para mim e vice-versa.

— Bem, nenhum de vocês dois tem carro? — perguntou ele, com a voz novamente cheia de ansiedade. — Elas precisam deixar o motor ligado para que a calefação funcione. Eu tinha apenas um quarto de tanque de gasolina e levei duas horas e meia para... Ouçam: querem fazer o favor de responder?

Levantou-se e agarrou o peito da camisa de Tookey.

— Moço — disse Tookey —, creio que suas mãos perderam o juízo.

Lumley olhou para a mão, encarou Tookey e largou a camisa.

— Maine — sibilou ele entredentes, fazendo a palavra soar como um insulto à mãe de alguém. — Muito bem — acrescentou —, onde fica o posto de gasolina mais próximo?

Devem ter um reboque...

— O posto de gasolina mais próximo fica em Falmouth Center, a cinco quilômetros daqui, seguindo pela estrada.

— Obrigado — disse o forasteiro, levemente sarcástico, encaminhando-se para a porta e abotoando o sobretudo.

— Mas não estará aberto — aduzi.

Ele se voltou vagarosamente e nos encarou.

— De que está falando, velho?

— Está querendo lhe dizer que o posto de gasolina em Falmouth Center pertence a Billy Larribee e Billy saiu para dirigir o trator de limpar a neve, seu maldito idiota — explicou Tookey, paciente. — Agora, por que não volta para cá antes de estourar uma veia do pescoço?

Ele voltou, parecendo aturdido e amedrontado.

— Está me dizendo que não podem... que não existe...?

— Não estou lhe dizendo nada — replicou Tookey. — Você é quem está falando o tempo todo. Se parar de falar por um minuto, poderemos pensar no problema.

— O que há nessa cidade, Jerusalem's Lot? — quis saber Lumley. Por que a estrada estava interrompida? Por que não havia luzes?

Eu disse:

— Jerusalem's Lot foi incendiada há dois anos.

— E nunca a reconstruíram? — perguntou ele. — Por que a estrada estava interrompida? Por que não havia luzes?

— Parece que não — disse eu, olhando em seguida para Tookey. Que vamos fazer a respeito disso?

— Não podemos deixar as mulheres lá — declarou ele.

Aproximei-me de Tookey. Lumley se afastara para olhar pela janela a noite tempestuosa.

— E se as apanharam? — perguntei.

— Pode ser — disse Tookey. — Mas não temos certeza. Minha Bíblia está na prateleira.

Você tem aí sua medalha do Papa?

Tirei o crucifixo da camisa e mostrei a ele. Nasci e fui criado protestante, mas a maioria dos moradores das redondezas de Jerusalem's Lot usa algum objeto católico — um crucifixo, uma medalha de São Cristóvão, um rosário ou algo semelhante. Porque há dois anos, durante um sombrio mês de outubro, Jerusalem's Lot enveredou pelo mau caminho. As vezes, tarde da noite, quando havia apenas alguns fregueses assíduos reunidos em torno da lareira de Tookey, a conversa girava sobre o assunto. E a maior parte do que se diz a respeito é verdade. As pessoas de Jerusalem's Lot começaram a desaparecer. Primeiro, apenas algumas; depois, outras mais; depois, um grupo inteiro.

As escolas fecharam. A cidade ficou deserta durante quase um ano. Oh, algumas poucas pessoas se mudaram para lá, a maior parte delas idiotas de outros estados, como aquele belo espécime que agora tínhamos nas mãos — atraídas pelo baixo preço das propriedades, suponho. Mas não duraram muito. Muitas delas se mudaram um ou dois meses depois de terem chegado. As outras... bem, elas desapareceram. Então, a cidade se incendiou, queimando-se até os alicerces. Foi no final de um longo outono de seca.

Dizem que o fogo começou perto da Marsten House, na colina que dominava a Avenida Jointner, mas ninguém sabe o que provocou o incêndio. Até hoje ninguém sabe. Depois disso, as coisas melhoraram por algum tempo. Depois, recomeçaram.

Apenas uma vez escutei mencionarem a palavra "vampiros". Um maluco motorista de caminhão de transporte de madeira, chamado Richie Messina, de Freeport, estava no Tookey naquela noite, já tendo tomado umas e outras.

— Jesus Cristo! — gritou o brutamontes, que tinha pelo menos dois metros e setenta de altura em suas calças de lã, camisa quadriculada e botas de couro. — Por que vocês têm tanto medo de falar. Vampiros! É isso que todos estão pensando, não é mesmo? Jesus Cristo num carrinho puxado a cavalo! Sabem o que existe lá em Salem's Lot? Querem que eu lhes diga? Querem?

— Diga logo, Richie — disse Tookey.

Fez-se um profundo silêncio no bar. Podia-se ouvir o fogo crepitar na lareira e, lá fora, a leve chuva de novembro batendo nas vidraças.

— A palavra é sua — acrescentou Tookey.

— O que existe lá é o básico bando de cães selvagens — declarou Richie Messina. É isso aí. Isso e um bando de velhas que gostam de uma boa estória de fantasmas. Ora, por oitenta dólares eu sou capaz de ir lá e passara noite naquela casa mal-assombrada, ou no que resta dela e que tanto preocupa vocês. Bem que tal? Alguém quer apostar?

Mas ninguém queria. Richie era um fanfarrão e ficava violento quando bebia demais.

Ninguém derramaria lágrimas em seu velório, mas nenhum de nós desejava que ele fosse a Salem's Lot depois do escurecer.

— Vocês todos que se fodam! — vociferou Richie. — Tenho uma espingarda quatorze no meu Chevrolet e ela é capaz de deter qualquer coisa em Falmouth, Cumberland ou Jerusalem's Lot! E é para lá que eu vou agora.

Saiu do bar como um furacão, antes que alguém pudesse dizer uma palavra. Ninguém falou durante algum tempo. Então, Lamont Henry disse em voz muito baixa:

— Santo Deus! Esta é a última vez que alguém terá visto Richie Messina.

E Lamont, metodista convicto desde o colo da mãe, fez o Sinal da Cruz.

— Ele curará o pileque e mudará de idéia — disse Tookey, embora parecesse inquieto. — Voltará na hora de fecharmos, dizendo que tudo não passou de brincadeira.

Mas Lamont estava certo, daquela vez, pois ninguém tornou a ver Richie. Sua mulher disse à polícia que ele fora para a Flórida, a fim de fugir dos credores, mas podíamos ler a verdade em seus olhos — apavorados e doentes de medo. Pouco depois disso, mudou-se para Long Island. Talvez temesse que Richie voltasse para buscá-la numa noite escura.

E não sou eu quem dirá que isso era impossível.

Agora, Tookey olhava para mim e eu olhava para ele enquanto tornava a guardar o crucifixo na camisa. Nunca me senti tão velho ou tão assustado em minha vida.

Tookey tornou a dizer:

— Não podemos deixar as mulheres lá, Booth.

— Sim, eu sei.

Encaramo-nos por mais alguns instantes. Depois, ele estendeu a mão e me apertou o ombro.

— Você é um bom sujeito, Booth.

Aquilo foi o bastante para animar-me um pouco. Parece que quando a gente ultrapassa os setenta as pessoas esquecem de que somos um homem, ou de que algum dia o fomos.

Tookey foi até Lumley e disse:

— Tenho um Scout com tração nas quatro rodas. Vou buscá-lo.

— Pelo amor de Deus, homem, por que não me disse antes?

Lumley voltou-se bruscamente da janela e olhou raivosamente para Tookey.

— Por que teve que passar quinze minutos fazendo rodeios?

Tookey respondeu muito mansamente:

— Moço, cale a boca. E se tiver vontade de abri-la, lembre-se de quem entrou naquela estrada interrompida durante uma tempestade de neve.

O forasteiro começou a dizer alguma coisa, mas tornou a fechar a boca. Seu rosto ficara muito vermelho. Tookey saiu para tirar o Scout da garagem. Tateei embaixo do balcão à procura de seu frasco cromado e o enchi de conhaque. Talvez precisássemos daquilo antes que a noite terminasse.

Nevasca do Maine... já estiveram numa?

A neve vem voando, tão densa e fina que parece areia e tem o mesmo som ao bater na lataria dos veículos. Não usamos faróis altos porque refletem o brilho da neve e fica impossível enxergar a mais que três metros de distância. Com os faróis baixos, pode-se enxergar talvez quatro metros e meio. Mas sou capaz de viver com a neve. O que não me agrada é o vento, que sopra a neve em mil e uma estranhas formas voadoras e tem o som de todo o ódio, sofrimento e medo neste mundo. Existe morte na garganta de uma tempestade de neve, morte branca — e, talvez, algo além da morte. Não é um som agradável de ouvir quando se está bem acomodado na cama, sob as cobertas, com os trincos passados nos postigos e as portas trancadas. Mas é muito pior quando se está dirigindo um veículo. E nós estávamos indo diretamente para Salem's Lot.

— Será que não podemos ir um pouco mais depressa? — quis saber Lumley.

Repliquei:

— Para quem chegou meio-enregelado, você está com uma pressa danada de sair outra vez.

Ele me lançou um olhar ressentido e confuso, calando a boca. Seguíamos pela estrada a uma velocidade constante de quarenta quilômetros por hora. Era difícil acreditar que Billy Larribee acabara de passar o trator naquele trecho, havia mais ou menos uma hora; mais cinco centímetros de neve tinham-se acumulado na estrada e o vento começava a soprá-los para formar montículos. As rajadas nais fortes de vento sacudiam o Scout. Os faróis iluminavam um impenetrável turbilhão branco à nossa frente. Não encontramos um único carro.

Cerca de dez minutos mais tarde, Lumley soltou uma exclamação de espanto:

— Ei! O que é aquilo?

Apontava para meu lado do carro. Eu estivera olhando para a frente. Virei a cabeça, mas tarde demais. Tive a impressão de ainda ver de relance um vulto baixo se afastando do carro e sumindo na neve, mas poderia ser apenas imaginação.

— O que foi? Um veado? — perguntei.

— Creio que sim — disse Lumley com voz trêmula. — Mas os olhos... pareciam vermelhos.

Virou-se para mim:

— Como são os olhos de um veado à noite?

O tom de sua voz era quase suplicante.

— Podem parecer qualquer coisa — respondi, refletindo que talvez fosse verdade, mas eu vira muitos veados à noite, de dentro de muitos carros, e nunca deparei com um par de olhos que tivessem reflexos vermelhos.

Tookey permaneceu calado.

Cerca de quinze minutos depois chegamos a um local onde o monte de neve no lado direito da estrada não era tão alto, porque os tratores de limpar neve costumam erguer um pouco as lâminas quando passam por um cruzamento.

— Parece que foi aqui que fizemos a curva — disse Lumley, parecendo não ter muita certeza. — Não estou vendo a placa...

— É aqui mesmo — afirmou Tookey,. com uma voz muito diferente do normal. — Dá para ver apenas o topo do poste.

— Oh, claro — disse Lumley, parecendo aliviado. — Escuta, Sr. Tooklander, lamento ter sido tão brusco lá atrás. Estava com frio,

preocupado e acusando-me de ser duzentos tipos de idiota. E desejo agradecer a ambos...

— Não nos agradeça até termos as mulheres dentro do carro atalhou Tookey.

Engrenou a tração nas quatro rodas e abriu caminho à força pelo monte de neve acumulada, chegando à Avenida Jointner, que atravessa Jerusalem's Lot e segue até a Rodovia 295. A neve jorrava contra os guarda-lamas. A traseira mostrou tendência para derrapar um pouco, mas Tookey estava habituado a dirigir na neve desde o tempo do onça. Controlou a derrapagem, falando com o carro, e prosseguimos. Os faróis iluminavam as marcas deixadas a intervalos por outro veículo, que logo desapareciam.

O cano de Lumley. Este se debruçava para diante, procurando avistá-lo. De repente, Tookey disse:

— Sr. Lumley.

— O que é? — indagou ele, olhando para Tookey.

— O pessoal destas bandas é um tanto supersticioso a respeito de Jerusalem's Lot — disse Tookey, soando bastante calmo — embora eu pudesse ver-lhe os vincos de tensão ao redor da boca e o modo pelo qual seus olhos se dirigiam incessantemente de um lado para outro. — Se sua família estiver dentro do carro, ora, será ótimo. Nós as transferiremos para este carro e voltaremos à minha casa; amanhã de manhã, quando a tempestade cessar, Billy terá o máximo prazer em rebocar seu automóvel para fora do monte de neve. Contudo, se não estiverem no carro...

— Não estiverem no carro? — interrompeu asperamente Lumley. Por que não estariam?

— Se não estiverem no carro — prosseguiu Tookey, sem responder as perguntas —, vamos dar a volta e retornar a Falmouth Center para chamar o xerife. De qualquer maneira, não faz sentido perambularmos por aí à noite, em meio à tempestade, não é mesmo?

— Elas estarão no carro. Em que outro lugar poderiam estar?

Eu acrescentei:

— Mais uma coisa, Sr. Lumley: se avistarmos alguém, não falaremos com eles. Nem mesmo se falarem conosco. Está entendendo?

Com voz muito sumida, Lumley indagou:

— Quais são as tais superstições?

Antes que eu pudesse responder — só Deus sabe o que eu teria dito —, Tookey atalhou:

— Chegamos.

Aproximavamo-nos da traseira de uma grande Mercedes. O capô inteiro estava mergulhado num monte de neve e outro monte amassara todo o lado esquerdo do carro.

Mas as lanternas traseiras estavam acesas e podíamos ver a fumaça saindo do cano de descarga.

— A gasolina não acabou, pelo menos — comentou Lumley.

Tookey parou o Scout e puxou o freio de mão.

— Lembra-se do que Booth lhe disse, Lumley.

— Claro, claro.

Mas ele só conseguia pensar na mulher e na filha. E não vejo por que censurá-lo.

— Pronto, Booth? — perguntou-me Tookey.

Seus olhos, sombrios e cinzentos à luz do painel, cruzaram com os meus.

— Creio que sim — respondi.

Saímos e o vento nos atacou, jogando-nos neve no rosto. Lumley foi à frente, curvado contra o vento, o elegante sobretudo enfunado às suas costas como uma vela. Lançava duas sombras: um dos faróis de Tookey e outra das lanternas traseiras de seu próprio carro. Fui atrás dele e Tookey um passo atrás de mim.

Quando cheguei ao porta-malas da Mercedes, Tookey me deteve.

— Deixe-o ir sozinho — disse ele.

— Janey! Francie! — gritou Lumley. — Tudo bem?

Abriu a porta do lado do motorista e debruçou-se para o interior do carro.

— Tudo... Ficou petrificado. O vento lhe arrancou a pesada porta das mãos e escancaroua.

— Meu Deus, Booth — disse Tookey, contra o barulho do vento. Acho que aconteceu outra vez.

Lumley virou-se para nós. Tinha o rosto apavorado e perplexo, os olhos esbugalhados.

De repente, atirou-se contra nós através da neve, tropeçando e quase caindo. Empurrou-me para o lado como se eu não existisse e agarrou Tookey.

— Como você sabia? — rugiu ele. — Onde estão elas? Que diabo se passa aqui?

Tookey livrou-se dele, afastando-o para um lado, e avançou até o automóvel. Ele e eu olhamos juntos para o interior da Mercedes. Quente como uma torrada saída da chapa, mas não continuaria assim por muito tempo. A pequena luz amarela que indicava o final da gasolina estava acesa. O grande automóvel estava vazio. No tapete do chão junto ao banco da direita estava uma boneca de criança. E um casaco de esqui de criança dobrado sobre o encosto do banco.

Tookey levou as mãos ao rosto... e desapareceu de repente. Lumley o agarrara, empurrando-o de encontro ao monte de neve. O forasteiro estava pálido e desvairado. A boca se mexia como se mastigasse algo amargo que ainda estava preso aos dentes e ele não conseguia cuspir. Enfiou o braço no carro e pegou o casaco de esqui de criança.

— O casaco de Francie? — disse quase num sussurro. Então, soltou um berro: — O casaco de Francie!

Olhou para mim, atônito e incrédulo, dizendo:

— Ela não pode sair do carro sem o casaco, Sr. Booth. Ora... ora ... morrerá congelada.

— Sr.— Lumley...

Ele passou por mim, ainda segurando o casaco, e gritou:

— Francie! Janey! Onde estão vocês? Onde estão?

Estendi a mão para Tookey e ajudei-o a levantar-se.

— Você está...?

— Não importa — atalhou ele. — Precisamos pegá-lo, Booth.

Fomos atrás de Lumley o mais depressa possível, o que não era muito rápido com a neve nos chegando à altura dos quadris em alguns lugares. Mas ele parou e nós o alcançamos.

— Sr. Lumley... — disse Tookey, pousando-lhe uma mão no ombro.

— Por aqui — interrompeu Lumley. — Foi por aqui que elas vieram. Vejam!

Olhamos para baixo. Estávamos numa espécie de depressão do terreno e o vento passava acima de nossas cabeças. E podíamos ver dois conjuntos de pegadas, um adulto e outro de criança, que começavam a ser cobertos pela neve. Se chegássemos cinco minutos mais tarde, teriam desaparecido.

Lumley começou a andar na direção das pegadas e Tookey o deteve.

— Não! Não, Lumley!

Ele voltou o rosto desvairado para Tookey e cerrou o punho. Ergueu o braço... mas algo na expressão de Tookey fê-lo hesitar. Olhou de Tookey para mim e vice-versa.

— Ela morrerá congelada — repetiu, como se fossemos duas crianças. — Será que não entendem? Ela deixou o casaco no carro e tem apenas sete anos de idade...

— Elas podem estar em qualquer lugar — disse Tookey. — É impossível seguir essas pegadas. Já terão desaparecido na próxima elevação do terreno.

— O que sugere? — quis saber Lumley, em voz aguda e histérica. Se voltarmos para chamar a polícia, ela morrerá de frio! Francie e a minha mulher!

— Talvez já estejam mortas — disse Tookey, encarando Lumley. Congeladas ou algo pior.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Lumley. — Fale logo, diabo! Conte-me!

— Sr. Lumley — começou Tookey —, existe alguma coisa em Jerusalem's Lot...

Mas, afinal, fui eu quem terminei a frase, dizendo a palavra que esperava jamais pronunciar:

— Vampiros, Sr. Lumley. Jerusalem's Lot está cheia de vampiros. Presumo que seja difícil para o senhor engolir...

Ele me fitava como se eu tivesse ficado verde.

— Malucos — murmurou. — Vocês são dois malucos.

Então, deu-nos as costas, colocou as mãos em concha na boca e gritou:

— FRANCIE! JANEY!

Começou a avançar outra vez. A neve lhe chegava à bainha do elegante sobretudo.

Olhei para Tookey:

— Que fazemos agora?

— Vamos atrás dele — respondeu Tookey, os cabelos emplastrados de neve e parecendo realmente um tanto maluco. — Não posso abandoná-lo aqui, Booth. Você pode?

— Não — repliquei. — Creio que não.

Começamos a caminhar pela neve da melhor maneira possível, no encalço de Lumley.

Ele deixava um rastro largo, avançando pela neve como um touro enfurecido. Tinha sua juventude para gastar e se distanciava cada vez mais de nós. Minha artrite começou a incomodar-me horrivelmente e comecei a olhar para as pernas, dizendo comigo mesmo: Um pouco mais, só um pouco mais, continue avançando, diabo, continue avançando...

Esbarrei em Tookey, que estava postado de pemas abertas num monte de neve. Tinha a cabeça baixa e ambas as mãos apertadas contra o peito.

— Tookey — perguntei —, você está bem?

— Muito bem — disse ele, baixando as mãos. — Vamos atrás dele, Booth. Quando cansar, ele verá a luz da razão.

Chegamos ao topo de uma elevação e lá estava Lumley, no fundo da depressão seguinte, procurando desesperadamente mais pegadas. Pobre homem, não tinha a menor possibilidade de encontrá-las. O vento soprava exatamente onde se encontrava e qualquer pegada desapareceria três minutos depois de ser deixada na neve. Muito mais em duas horas... Lumley levantou a cabeça e gritou para a noite:

— FRANCIE! JANEY! PELO AMOR DE DEUS!

Pude sentir o terror e o desespero em sua voz e tive pena dele. A única resposta que obteve foi o rugido do vento, parecendo a passagem de um trem de carga. Quase parecia zombar de Lumley, dizendo: Eu as levei, Sr. Nova Jersey, com seu carro bonito e seu sobretudo elegante. Eu as levei e apaguei as pegadas; amanhã de manhã, elas estarão tão lindas e congeladas quanto dois morangos num freezer..

— Lumley! — berrou Tookey acima do vento. — Ouça: esqueça-se de vampiros, fantasmas e tudo o mais, mas lembre-se de uma coisa! Você está piorando as coisas para elas!

Precisamos buscar...

Então, houve uma resposta, uma voz vinda do escuro como o repicar de um sino de prata. Meu coração ficou gelado como gelo numa cisterna.

— Jerry... É você, Jerry?

Lumley girou nos calcanhares ao escutar a voz. Então ela veio, flutuando das sombras de um pequeno bosque como um fantasma. Era mesmo uma mulher da metrópole e, naquele momento, parecia ser a mulher mais linda que eu já vira. Senti vontade de me aproximar para dizer-lhe o quanto me alegrava saber que, afinal, ela estava bem. Usava uma pesada roupa de lã verde, um poncho, creio que assim chamam. Flutuava ao redor dela. Os cabelos escuros esvoaçavam ao vento selvagem

como a água de um riacho em dezembro, antes de ser congelado pelo inverno.

Talvez eu tenha avançado um passo em direção a ela, pois senti a mão de Tookey em meu ombro, calejada e quente. E, não obstante — como devo dizer? — eu ansiava por ela, tão morena e linda, com aquele poncho verde flutuando ao redor do pescoço e dos ombros, tão exótica e estranha a ponto de me fazer pensar em alguma bela mulher de um dos poemas de Walter de la Mare.

— Janey! — gritou Lumley. — Janey!

E começou a avançar pela neve em direção a ela, com os braços estendidos.

— Não! — berrou Tookey. — Não, Lumley!

Ele nem olhou... mas ela, sim. Olhou para nós e sorriu. E quando ela sorriu, senti meus anseios, meu desejo, transformarem-se num pavor tão frio quanto a sepultura, tão branco e silencioso quanto ossos envoltos numa mortalha. Mesmo da elevação do terreno, conseguíamos distinguir o sinistro brilho vermelho naqueles olhos. Eram menos humanos que os olhos de um lobo. E quando ela sorriu, percebemos como seus dentes se tinham tornado compridos. Ela deixara de ser humana. Era uma criatura morta que, de algum modo, voltara à vida naquela negra tempestade uivante.

Tookey fez o Sinal da Cruz para ela, que se encolheu momentaneamente... e depois tornou a sorrir para nós. Estávamos longe demais e, talvez, apavorados demais.

— Pare! — sussurrei. — Não podemos impedir?

— Tarde demais, Booth! — replicou Tookey, sombrio.

Lumley chegara até ela. Ele próprio parecia um fantasma, coberto de neve como estava.

Estendeu as mãos para ela... e então começou a gritar. Eu escutarei aquele som em meus pesadelos: um homem adulto gritando como uma criança assustada por um sonho mau.

Tentou afastar-se dela, recuar, mas os braços dela, compridos, nus, brancos como a neve, moveram-se como serpentes e o enlaçaram. Pude vê-la tombar a cabeça de lado e, em seguida, levá-la à frente...

— Booth! — exclamou Tookey com voz rouca. — Temos que sair daqui!

Portanto, fugimos. Suponho que haja quem diga que fugimos como ratos assustados, mas é porque não estiveram lá naquela noite. Voltamos sobre nossos próprios rastros, caindo, levantando, escorregando, deslizando. Eu olhava repetidamente por cima do ombro, a fim de verificar se a mulher vinha atrás de nós, com aquele sorriso medonho e observando-nos com aqueles olhos vermelhos.

Voltamos ao Scout e Tookey se dobrou em dois, segurando o peito.

— Tookey! — exclamei, deveras amedrontado. — O que...

— Coração — disse ele. — Está ruim há mais de cinco anos. Coloque-me no outro assento, Booth. Vamos cair fora daqui!

Enfiei um braço por baixo de seu casaco e, não sei como, consegui colocá-lo no carro e sentá-lo no banco do passageiro. Ele recostou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos. Tinha a pele amarela, com aparência de cera.

Dei a volta pela frente do capô, correndo, e quase esbarrei na garotinha. Ela estava parada junto à porta do motorista, com os cabelos presos à moda Maria Chiquinha, usando apenas um leve vestido amarelo.

— Moço — disse ela, numa voz alta e nítida, tão doce quanto a névoa matinal. — Quer me ajudar a encontrar minha mãe? Ela foi embora e estou com tanto frio...

— Queridinha — respondi —, queridinha, acho melhor subir no carro. Sua mãe...

Interrompi-me e, se alguma vez estive prestes a desmaiar, foi naquele momento. A garotinha estava parada ali, mas seus pés estavam em cima da neve e não havia pegadas em qualquer direção.

Então, ela olhou para mim — Francie, a filha de Lumley. Tinha apenas sete anos de idade e continuaria a tê-los por uma infinidade de noites. Seu rostinho tinha uma horrível brancura cadavérica, os olhos um vermelho prateado que dava vontade da gente se atirar neles. E logo abaixo do maxilar eu pude ver dois furinhos como picadas de alfinete, as bordas horrivelmente laceradas.

Ela estendeu os braços para mim e sorriu.

— Pegue-me no colo, moço — pediu suavemente. Quero dar-lhe um beijo. Então, o senhor pode me levar à minha mamãe.

Eu não queria, mas nada pude fazer. Estava curvado para a frente, os braços estendidos.

Pude ver sua boca se abrindo e as pequenas presas salientes por detrás de seus lábios rosados. Algo lhe escorreu pelo queixo, prateado e brilhante. Com um pavor surdo, distante, dei-me conta de que ela estava babando.

Suas mãos pequenas me seguraram pelo pescoço e eu pensei: Bem, talvez não seja tão ruim, depois de algum tempo...

Então, algo negro voou de dentro do Scout e atingiu-a no peito. Ocorreu uma explosão de fumaça com cheiro esquisito, um relâmpago que sumiu instantaneamente. Ela recuou, sibilando. O rosto retorcia-se numa máscara vulpina de raiva, ódio e dor. Ela se virou de lado... e desapareceu. Num momento ela estava ali, no momento seguinte, havia apenas um redemoinho de neve que se parecia um pouco com um vulto humano.

Então, o vento soprou-o para longe.

— Booth! — sussurrou Tookey. — Depressa, agora!

E eu me apressei. Mas não tanto que não tivesse tempo para apanhar o que ele jogara na garotinha vinda do inferno. Era a Bíblia de sua mãe.

Isso ocorreu há algum tempo. Agora, estou mais velho — e já não era um frangote naquela ocasião. Herb Tooklander faleceu há dois anos. Morreu tranqüilamente, durante a noite. O bar ainda existe, um casal de Waterville o comprou, gente boa, mantendo-o quase o mesmo. Mas não vou muito lá. De algum modo, parece-me diferente sem a presença de Tookey.

As coisas em Jerusalem's Lot continuam praticamente como sempre foram. No dia seguinte, o xerife encontrou o carro daquele sujeito, o tal Lumley, sem gasolina e com a bateria arriada. Nem Tookey nem eu dissemos uma palavra a respeito. De que adiantaria? E, de vez em quando, algum viajante de carona ou alguém que veio acampar na região desaparece lá por perto, em Schoolyard Hill ou nas proximidades do cemitério. Encontram a mochila ou o livro de bolso do sujeito, ensopados pela neve ou pela chuva, ou por algo semelhante. Mas nunca encontram a pessoa.

Ainda tenho pesadelos com aquela noite tempestuosa em que fomos até lá. Não tanto com a mulher quanto com a garotinha e o modo como esta sorriu e estendeu os braços para que pudesse pegá-la no colo, para que ela pudesse dar-me um beijo. Mas estou velho e em breve chegará o tempo em que os pesadelos terminam.

Talvez vocês tenham ocasião de viajar pelo sul do Maine qualquer dia desses. Um panorama bonito. Talvez até mesmo parem no bar do Tookey para um drinque. É um bom lugar. Os novos donos o mantiveram o mesmo. Portanto, tomem seu drinque e meu conselho é que continuem logo rumo ao norte. Seja lá por que motivo for, não tomem a estrada que vai para Jerusalem's Lot.

Em especial, não depois do anoitecer.

Por lá ainda existe uma garotinha. E creio que ela ainda está à espera do beijo de boanoite.

* * *

AS CRIANÇAS DO MILHARAL

Burt ligou o rádio alto demais e não diminuiu o volume porque estavam à beira de outra discussão e ela não queria que isto acontecesse.

Vicky disse alguma coisa.

— O quê? — berrou ele.

— Abaixe isso! Quer estourar-me os tímpanos?

Ele mordeu com força a resposta que lhe viera à boca e diminuiu o volume do rádio.

Vicky abanava-se com o lenço, embora o Thunderbird tivesse ar condicionado.

— Onde estamos, afinal?

— Em Nebraska.

Ela lhe lançou um olhar frio e neutro.

— Sim, Burt. Sei que estamos em Nebraska. Mas onde, diabo, estamos?

— Você tem o mapa rodoviário. Procure. Ou não sabe ler?

— Que espirituoso! Foi por isso que saímos da rodovia. Para podermos ver quinhentos quilômetros de milharais. E gozarmos do espírito e sabedoria de Burt Robeson.

Ele segurava o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam branca. Fazia-o porque pensava que, caso relaxasse um pouco os dedos,

uma daquelas mãos simplesmente voaria do volante e acertaria a ex-Rainha do Baile do Ginásio bem no mastigador de alfafa. Estamos salvando nosso casamento, refletiu. Sim. Da mesma forma que salvamos as aldeias na guerra do Vietnã.

— Vicky — disse ele com cautela. — Dirigi dois mil e quatrocentos quilômetros nas rodovias principais desde que saímos de Boston. Dirigi o tempo todo, porque você se recusou a revezar-se comigo. Então...

— Não me recusei! — protestou Vicky com veemência. — Só porque tenho enxaqueca quando dirijo muito tempo seguido...

— Então, quando perguntei se você faria o papel de navegadora para mim em algumas das estradas secundárias, você respondeu: Claro, Burt. Foram exatamente suas palavras:

Claro, Burt. Então...

— Às vezes eu fico imaginando como acabei casada com você.

— Dizendo duas pequenas palavras.

Ela o fitou por um momento, com os lábios brancos de tão apertados. Em seguida, pegou o atlas rodoviário, virando as páginas com violência.

Fora um erro sair da rodovia principal, pensou Burt sombriamente. Uma pena, também, porque até então vinham muito bem, tratando-se mutuamente quase como seres humanos. Às vezes parecia que aquela viagem à Costa Oeste, cuja finalidade ostensiva era visitar o irmão e a cunhada de Vicky, mas realmente uma última e desesperada tentativa de remendar seu casamento, ia dar certo.

Contudo, desde que haviam deixado a rodovia principal as coisas vinham piorando outra vez. Até que ponto? Bem, na verdade, até um ponto terrível.

— Saímos da rodovia em Hamburg, certo?

— Certo.

— Não há mais nada até Gatlin — disse ela. — Trinta e dois quilômetros. Aqui indica um trecho largo na estrada. Supõe que poderíamos parar ali para comer alguma coisa? Ou seu todo-poderoso cronograma de viagem nos obriga a prosseguirmos até as duas da tarde, como ontem?

Ele tirou os olhos da estrada para encará-la.

— Já estou farto, Vicky. No que me diz respeito, podemos dar a volta aqui mesmo e partir para casa, para falarmos com aquele advogado que você queria consultar. Porque nada está dando certo e..

Ela tornara a olhar para a estrada, o rosto fechado numa expressão de pedra, que de repente se transformou em surpresa e temor.

— Burt, olhe o que está..

Ele retomou a atenção à estrada bem a tempo de ver algo desaparecer sob o Thunderbird. Um instante depois, enquanto ainda estava mudando o pé do acelerador para o freio, sentiu um solavanco horripilante sob as rodas dianteiras e, logo em seguida, sob as traseiras. Foram atirados para a frente quando o carro ficou ao longo da linha central da estrada, desacelerando de oitenta para zero ao longo de negras marcas de pneus.

— Um cão — disse ele. — Diga-me que foi um cão, Vicky.

O rosto dela estava pálido como requeijão caseiro.

— Um menino. Um garotinho. Ele saiu correndo do milharal e... parabéns, tigre.

Abriu a porta do carro com súbita afobação, debruçou-se para fora e vomitou.

Burt ficou sentado, ereto, ao volante do Thunderbird, as mãos na mesma posição que antes e apenas um pouco relaxadas. Por longo tempo, não se deu conta de coisa alguma exceto do forte e desagradável cheiro de fertilizante.

Então, percebeu que Vicky saíra do carro e, olhando pelo retrovisor lateral, viu-a tropeçando desajeitada na direção de algo que parecia uma pilha de trapos.

Normalmente, era uma mulher graciosa, mas agora sua graciosidade se fora, roubada.

Homicídio culposo. É isso que dirão. Desviei o olhar da estrada

Desligou o motor do carro e saltou. O vento roçava suavemente no milharal em desenvolvimento, da altura de um homem, produzindo um som esquisito semelhante a uma espécie de respiração. Agora, Vicky estava em pé junto à pilha de trapos e Burt ouviu-a soluçar.

Estava a meio caminho entre o carro e Vicky quando algo lhe atraiu o olhar à esquerda da estrada, uma berrante mancha vermelha entre todo aquele verde, brilhando como tinta de celeiro.

Parou, olhando diretamente para o milharal. Viu-se pensando (qualquer coisa para desviar a mente daqueles trapos que não eram trapos) que a estação devia ser fantasticamente propícia ao cultivo do milho. O milharal estava crescido e cerrado, quase a ponto de produzir. Seria possível enveredar por aquelas fileiras regulares e cheias de sombra e ter que

passar o dia inteiro procurando o caminho de volta. Ali, porém, a regularidade das fileiras fora quebrada; vários talos de milho estavam quebrados e caídos para os lados. E o que seria aquilo, mais além, na sombra?

— Burt! — berrou Vicky. — Você não vem ver? Para poder contar a seus parceiros de pôquer o que matou em Nebraska! Você não...

Mas o resto da frase perdeu-se entre novos soluços. A sombra de Vicky cercava-lhe os pés. Era quase meio-dia.

A sombra se fechou sobre Burt quando ele entrou no milharal. A brilhante mancha de tinta vermelha era sangue. Um zumbido grave e sonolento partia das moscas que pousavam, tiravam uma prova do sangue e tornavam a voar... talvez para contar às companheiras. Havia mais sangue nas folhas do interior do milharal. Claro que o sangue do menino atropelado não poderia ter respingado tão longe? Então, Burt parou ao lado do objeto que vira da estrada. Apanhou-o.

Naquele ponto, a regularidade das fileiras de milho estava perturbada. Vários talos inclinavam-se em ângulos diversos e dois deles tinham sido quebrados. Havia sulcos na terra. E sangue. O milharal sussurrava com o vento. Burt estremeceu e voltou à estrada.

Vicky estava histérica, gritando-lhe palavras ininteligíveis, rindo e chorando ao mesmo tempo. Quem poderia imaginar que tudo fosse terminar de forma tão melodramática?

Olhou para a mulher e percebeu que ele não estava passando por uma crise de identidade, ou uma difícil transição na vida, ou qualquer daquelas coisas que estavam tão em moda. Ele a detestava. Deu-lhe um forte tapa no rosto.

Ela emudeceu repentinamente e levou a mão à marca vermelha que os dedos dele lhe tinham deixado no rosto.

— Você irá para a cadeia, Burt — declarou solenemente.

— Creio que não — replicou ele, depositando aos pés dela a maleta que encontrara no milharal.

— O que...?

— Não sei. Acho que pertencia a ele.

Burt apontou para o corpo que jazia estendido de bruços na estrada. Não mais de treze anos de idade, pela aparência.

A maleta era velha. O couro marrom surrado e arranhado pelo uso. Depois pedaços de corda de pendurar roupas tinham sido passados em

volta e atados em laços grandes, que mais pareciam uma palhaçada. Vicky abaixou-se para desatar um deles. Viu sangue na corda e recuou.

Burt ajoelhou-se e virou delicadamente o corpo.

— Não quero ver — disse Vicky.

Entretanto, seus olhos não conseguiram deixar de fitar o cadáver. E quando o rosto cego, de olhos esbugalhados, deu a impressão de olhar para ela, Vicky gritou. O rosto do menino estava sujo, contraído numa careta de pavor. Sua garganta fora cortada.

Burt levantou-se e tomou Vicky nos braços quando ela começou a cair.

— Não desmaie — disse ele baixinho. — Está ouvindo, Vicky? Não desmaie.

Continuou a repetir a frase até que Vicky começou a recobrar-se e se agarrou a ele.

Pareciam estar dançando no meio da estrada fustigada pelo sol do meio-dia, com o cadáver do menino a seus pés.

— Vicky?

— Que é?

O som da voz foi abafado de encontro à camisa de Burt.

— Volte ao carro e guarde as chaves no bolso. Retire o cobertor do assento traseiro e pegue meu rifle. Traga-os para cá.

— O rifle?

— Alguém degolou o menino. Talvez o assassino esteja nos observando.

Vicky ergueu vivamente a cabeça e seus olhos arregalados fitaram o milharal que se estendia até onde a vista alcançava, ondulando de acordo com as suaves depressões e elevações do terreno.

— Imagino que ele tenha fugido. Mas por que nos arriscarmos? Vá. Faça o que eu disse.

Ela andou empertigadamente até o automóvel, acompanhada pela própria sombra, uma mascote escura que se mantinha próxima àquela hora do dia. Quando ela se inclinou para o banco traseiro, Burt agachou-se ao lado do menino. Branco, masculino, sem marcas distintas. Atropelado, sim; mas o Thunderbird não lhe cortara a garganta. Um corte irregular, ineficiente — nenhum sargento do exército ensinara ao assassino os melhores métodos para matar em combate corpo-a-corpo — mas o efeito final fora mortal. O menino correra ou fora empurrado através dos últimos dez metros de milharal, ou morto ou mortalmente ferido. E Burt Robeson

o atropelara. Se o menino ainda estivesse vivo quando o carro lhe passou por cima, sua vida fora abreviada de, no máximo, trinta segundos.

Vicky cutucou-lhe o ombro e ele se sobressaltou.

Ela trazia o cobertor marrom do exército sobre o braço esquerdo e a espingarda de caça de repetição na mão direita, mantendo O olhar desviado do cadáver. A arma ainda estava na capa de lona. Burt pegou o cobertor e o estendeu na estrada. Rolou o cadáver para cima dele. Vicky emitiu um leve gemido desesperado.

— Você está bem? — Burt ergueu os olhos para ela. — Vicky?

— Estou bem — respondeu ela em voz estrangulada.

Burt virou as bordas do cobertor para cima do cadáver e o ergueu nos braços, detestando o peso morto. O corpo do menino tentou fazer um U entre seus braços e escorregar para o chão. Burt agarrou-o com mais força e o carregou para o carro.

— Abra a mala — grunhiu ele.

A mala do carro estava cheia de bagagens, maletas e souvenirs. Vicky passou a maior parte para o banco traseiro e Burt deixou o cadáver do menino escorregar para o espaço aberto. Fechou a tampa da mala e deixou escapar um suspiro de alívio.

Vicky estava em pé junto à porta do motorista, ainda segurando a espingarda guardada na capa de lona.

— Coloque isso aí atrás e entre no carro.

Burt consultou o relógio e verificou que apenas quinze minutos se tinham passado.

Pareceram-lhe horas.

— E a maleta? — indagou Vicky.

Burt voltou trotando pela estrada até o lugar onde a maleta estava sobre a linha branca central da pista, como o ponto focal de uma pintura impressionista. Pegou-a pela alça gasta e fez uma pausa. Tinha a forte sensação de estar sendo observado. Era uma sensação sobre a qual lera nos livros, principalmente de ficção barata, e de cuja existência sempre duvidara. Agora, não duvidava mais. Era como se existissem pessoas no milharal, talvez muitas delas, calculando friamente se a mulher conseguiria retirar a arma da capa e dispará-la antes que pudessem agarrá-lo, arrastá-los para o interior sombrio do milharal, cortar-lhe o pescoço...

Com o coração aos saltos, correu de volta ao carro, arrancou as chaves da fechadura da mala e embarcou.

Vicky chorava outra vez. Burt deu partida no carro e antes que se passasse um minuto já não conseguia ver pelo retrovisor o lugar onde tudo acontecera.

— Qual você disse que era a próxima cidade? — perguntou.

— Oh — disse ela, debruçando-se outra vez sobre o atlas rodoviário. Gatlin. Devemos chegar lá em dez minutos.

— Parece ter tamanho suficiente para possuir uma delegacia de polícia?

— Não. É apenas um pontinho no mapa.

— Talvez exista pelo menos um policial responsável pela localidade.

Viajaram em silêncio por algum tempo. Passaram por um silo à esquerda da estrada.

Excetuando isso, só milharais. Nenhum carro passou por eles em sentido contrário. Nem mesmo um caminhão de fazendeiro.

— Passamos por algum veículo desde que saímos da rodovia principal, Vicky?

Ela pensou um pouco.

— Por um carro e um trator. Naquele cruzamento.

— Não, desde que entramos nesta estrada. Rodovia 17.

— Não, creio que não passamos.

Antes, isto poderia ser o prefácio de algum comentário mordaz. Agora, ela se limitava a olhar pela sua metade do pára-brisa, vendo a faixa de asfalto que parecia rolar velozmente para baixo do carro e a interminável risca tracejada marcando o centro.

— Vicky? Pode abrir a maleta?

— Acha que pode fazer diferença?

— Não sei. Talvez faça.

Enquanto ela desatava os nós (o rosto tenso de uma maneira peculiar — inexpressivo mas com os lábios apertados — que fazia Burt lembrar sua mãe quando limpava as tripas da galinha dos domingos), Burt tornou a ligar o rádio.

A estação de música pop que estavam escutando antes era quase totalmente inaudível por causa da estática e Burt girou vagarosamente o botão de sintonia. fazendo o ponteiro vermelho deslocar-se pelo mostrador. Noticiários agrícolas. Tammy Winette. Tudo muito distante, numa balbúrdia distorcida. Então, perto da extremidade do mostrador, uma única palavra foi berrada pelo alto-falante, tão alta e nítida que os lábios

que a pronunciaram bem poderiam estar junto à grade do rádio no painel do carro:

— EXPIAÇÃO! — berrou a voz

Burt soltou um grunhido de surpresa Vicky sobressaltou-se.

— SÓ PELO SANGUE DO CORDEIRO SEREMOS SALVOS! — rugiu a voz.

Burt apressou-se em diminuir o volume. A estação era bastante próxima, sem dúvida.

Tão próxima que... sim, lá estava ela, erguendo-se acima do milharal, quase no horizonte, um tripé de aço parecendo um pedaço de teia de aranha de encontro ao azul do céu: a torre transmissora.

— Meus irmãos e minhas irmãs, expiação é a palavra — disse a voz, assumindo um tom mais coloquial.

Ao fundo, longe do microfone, outras vozes murmuraram: Amém!

— Existem aqueles que pensam que está muito bem saírem pelo mundo, como se pudessem trabalhar e andar pelo mundo sem serem maculados por ele. Ora, é isso que a palavra de Deus nos ensina?

Longe do microfone, mas bem alto:

— Não!

— SAGRADO JESUS! — berrou o evangelista. Em seguida as palavras vieram numa cadência forte e bem marcada, quase tão arrebatadora quanto o ritmo violento de um rock-and-roll: — Quando aprenderão eles que esse caminho é a morte? Quando compreenderão que os salários do mundo são pagos no outro lado? Hem? Hem? O Senhor disse que existem muitas moradas em Sua casa. Mas não há lugar para o fornicador. Não há lugar para o cobiçoso. Não há lugar para o que profana o milho. Não há lugar para o homossexual. Não há lugar...

Vicky desligou o rádio.

— Essa bobagem me enoja.

— O que disse ele? — quis saber Burt. — Que disse ele a respeito do milho?

— Não escutei — respondeu Vicky, tentando desatar a segunda corda.

— Ele disse alguma coisa a respeito do milho. Sei que disse.

— Consegui! — exclamou Vicky.

A maleta abriu-se em seu colo. Estavam passando por uma placa que anunciava: GATLIN 8 KM. DIRIJA DEVAGAR. PROTEJA NOSSAS

CRIANÇAS. O anúncio fora colocado pelos Elks locais. Tinha buracos de balas calibre 22.

— Meias — disse Vicky. — Dois pares de calças... uma camisa... um cinto... uma gravata com um...

Ela ergueu a mão, mostrando a Burt o pregador de gravata folheado a ouro que começava a descascar-se.

— De quem será isto?

Burt lançou um rápido olhar ao objeto.

— De Hopalong Cassidy, creio.

— Oh.

Vicky recolocou o pregador de gravata na maleta. Começou a chorar outra vez.

Depois de algum tempo, Burt indagou:

— Algo naquele sermão pelo rádio não lhe pareceu esquisito?

— Não. Quando era criança, ouvi o bastante dessas baboseiras para me fartar pelo resto da vida.

— Não lhe soou como um jovem? Aquele pregador?

Vicky emitiu um riso sem humor.

— Talvez um adolescente; e dai'? É exatamente isso que é monstruoso nesses fanáticos religiosos. Gostam de prender os jovens quando a mente ainda está em formação, ainda é moldável. Sabem como aplicar todos os freios e contrapesos emocionais. Você devia ter comparecido a algumas das reuniões religiosas às quais meus pais me arrastavam... algumas nas quais eu fui "salva".

— Vejamos... Havia Baby Hortense, a Maravilha Cantante. Tinha oito anos de idade.

Aparecia para cantar "Amparados nos Braços Eternos", enquanto o pai passava a sacola de esmolas, dizendo a todos: "Sejam generosos, agora. Não decepcionemos essa filhinha de Deus". Havia também Norman Staunton, que pregava o fogo e as lavas do inferno na sua roupinha de Lord Fauntleroy, de calças curtas. Tinha apenas sete anos.

Meneou afirmativamente a cabeça ante o olhar incrédulo de Burt.

— E não eram só eles dois. Havia muitos deles no circuito. Eram boa receita — disse Vicky, cuspindo a palavra. — Ruby Stampnell, uma curandeira de dez anos de idade. As Irmãs Grace, que costumavam aparecer com pequenos halos de zinco na cabeça e... oh!

Uma pausa. Então:

— O que é isto?

Burt virou-se para olhar. Vicky fitava, extasiada, um objeto que retirara da maleta e tinha nas mãos. Estas, passando distraidamente pelo fundo da maleta enquanto Vicky falava, tinham encontrado aquilo. Burt parou o carro para ver melhor. Sem dizer uma palavra, Vicky passou-lhe o objeto.

Era um crucifixo feito com tranças de palha de milho, antes verde mas agora seca.

Atado a ele por uma cordinha de fibras de pendão de milho havia um sabugo anão. A maioria dos grãos foram cuidadosamente removidos, provavelmente com um canivete, um a um. Os grãos que restavam formavam uma tosca figura cruciforme em baixo relevo amarelado. Olhos de grãos de milho, com cortes verticais que sugeriam pupilas.

Braços de grãos de milho, estendidos para os lados; as pemas juntas, terminando numa tosca representação de pés descalços. Em cima, quatro letras também formadas de grãos amarelos contra o sabugo branco: INRI.

— Uma fantástica peça de artesanato — comentou Burt.

— É horroroso — declarou Vicky numa voz tensa, sem entonação. Jogue-o fora.

— A polícia talvez deseje vê-lo, Vicky.

— Porquê?

— Bem, não sei por que. Talvez...

— Jogue-o fora. Quer fazer isso por mim, por favor? Não, quero essa coisa dentro do carro.

— Vou colocá-lo aí atrás. Tão logo falarmos com a polícia, livrarnos-emos dele, de um modo ou de outro. Prometo. Está bem?

— Ou, faça o que quiser com essa droga! — berrou Vicky. — É o que vai fazer, de qualquer maneira!

Perturbado, Burt jogou o objeto para a parte traseira do carro, onde ele caiu sobre uma pilha de roupas. O olhos de grãos de milho fitavam arrebatadamente a luz do teto do Thunderbird. Burt deu a partida, com o cascalho jorrando sob os pneus.

— Daremos à polícia o cadáver e tudo que estava dentro da maleta prometeu ele. — Depois, esqueceremos tudo.

Vicky não respondeu. Fitava as mãos.

Um quilômetro e meio adiante, os infindáveis milharais afastavam-se da estrada, deixando à mostra casas de fazenda e celeiros. Viram galinhas sujas ciscando num quintal. Nos telhados dos celeiros havia anúncios

desbotados de Coca-Cola e fumo de mascar. Passaram por um grande cartaz que dizia: SÓ JESUS SALVA. Passaram por um café com uma bomba de gasolina da Conoco, mas Burt decidiu ir ao centro da cidade, se esta existisse. Caso contrário, poderiam retomar até o café. Só depois de passarem pelo local ocorreu-lhe que o estacionamento estava vazio, a não ser por uma velha pickup empoeirada que parecia estar com os pneus vazios.

De repente, Vicky começou a rir, produzindo um som agudo que pareceu a Burt muito próximo da histeria.

— O que é tão engraçado?

— As placas — respondeu ela, engasgando-se e soluçando. — Não as leu? Quando chamaram esta região de Cinturão da Bíblia certamente não estavam brincando. Oh, meu Deus, lá vem outro grupo.

E tornou a rir histericamente, tapando a boca com as mãos.

Cada placa tinha apenas uma palavra. Estavam apoiadas em paus caiados que tinham sido cravados no acostamento arenoso — há muito tempo, a julgar pela aparência.

Vinham a intervalos de três metros e Burt leu: UMA... NUVEM... DE... DIA... UMA... COLUNA.... DE... FOGO... A... NOITE.

— Só esqueceram uma coisa — comentou Vicky, ainda rindo incontrolavelmente.

— O quê? — quis saber Burt, franzindo a testa.

— Creme de barbear.

Ela comprimiu o punho cerrado contra a boca aberta para conter o riso, mas as risadinhas meio-histéricas escapavam-lhe pelos cantos dos lábios como bolhas efervescentes de cerveja.

— Vicky, você está bem?

— Estarei. Tão logo nos encontrarmos a mil e quinhentos quilômetros daqui, na ensolarada e pecaminosa Califómia, com as Montanhas Rochosas entre nós e Nebraska.

Outro grupo de placas se aproximou e eles leram em silêncio: tomai... ISTO... E... COMEI... DISSE... O... SENHOR... DEUS.

Ora, refletiu Burt, por que motivo associo imediatamente o pronome indefinido ao milho? Não é essa a frase que dizem quando comungam? Fazia tanto tempo que ele não entrava numa igreja, que nem se lembrava. Não ficaria surpreso se usassem milho para fazer hóstias, naquela região. Abriu a boca para dizer isto a Vicky, mas mudou de idéia.

Chegaram ao topo de uma pequena lombada e viram Gatlin logo a frente. Três quarteirões apenas, parecendo o cenário cinematográfico de um filme sobre a Depressão.

— Tem que haver um policial — disse Burt, tentanto adivinhar por que motivo a visão daquela aldeia caipira cochilando ao sol lhe provocava um nó de temor na garganta.

Passaram por uma placa indicativa de que a velocidade máxima era, agora, quarenta e cinco quilômetros por hora, e por um cartaz pipocado de ferrugem que dizia: VOCÊ ESTA ENTRANDO EM GATLIN, A MELHOR CIDADE PEQUENA DE NEBRASKA — OU DE QUALQUER OUTRO LUGAR! 5.431 HABITANTES.

Olmos empoeirados erguiam-se em ambos os lados da estrada, a maioria deles quase mortos. Passaram pela Serraria Gatlin e por um posto de gasolina 76, onde as placas com os preços balançavam-se levemente à brisa quente do meio-dia: COMUM $ 35.9 — AZUL $ 38.9. Outra dizia: BOMBA DE ÓLEO DIESEL NOS FUNDOS.

Atravessaram a Rua dos Olmos e depois a Rua das Bétulas, chegando à praça da cidade.

As casas que ladeavam as ruas eram de madeira, com varandas fechadas por telas de arame. Angulosas e funcionais. Os gramados amarelados e sem viço. Lá na frente, um cão vira-lata veio vagarosamente ao centro da Rua dos Bordos e olhou para eles por um momento. Depois, deitou-se na rua com o focinho entre as patas.

— Pare — disse Vicky. — Pare bem aqui.

Obediente, Burt encostou o carro ao meio-fio.

— Dê a volta. Vamos levar o cadáver a Grand Island. Não fica muito longe, não é? Vamos fazer isso.

— O que há de errado, Vicky?

— Que quer dizer com "o que há de errado?" — perguntou ela, erguendo a voz num tom agudo. — Esta cidade está vazia Burt. Não há ninguém aqui, com exceção de nós. Será que não consegue sentir isso?

Ele sentira alguma coisa; ainda sentia. Mas...

— É apenas impressão — replicou. — Mas, certamente, é apenas um povoado.

Provavelmente estão todos na praça, num concurso de bolos ou num jogo de bingo.

— Não há ninguém aqui — declarou Vicky com uma ênfase tensa e esquisita. — Você não viu aquele posto da 76, lá atrás?

— Claro, perto da serraria. E daí?

A mente de Burt estava distraída, escutando o canto de uma cigarra num das olmos próximos. Ele podia sentir o cheiro de milho, de rosas empoeiradas e de fertilizantes — naturalmente. Pela primeira vez, estavam fora da rodovia principal e numa cidade. Uma cidade num estado que ele não conhecia (embora tivesse sobrevoado num Boeing 727 da United Airlines), e, de algum modo, tudo parecia estar mal e, ao mesmo tempo, bem.

Em algum lugar mais adiante haveria uma lanchonete, um cinema chamado Bijou e uma escola batizada em homenagem a John Fitzgerald Kennedy.

— Burt, os preços anunciados era de 35.9 por galão para a gasolina comum e 38.9 para a especial. Ora, desde quando alguém neste país não paga tais preços?

— Há pelo menos quatro anos — admitiu ele. — Mas, Vicky...

— Estamos em plena cidade, Burt, mas não há um só carro! Nenhum carro!

— Grand Island fica a cento e dez quilômetros daqui. Ficaria esquisito levarmos o cadáver para lá.

— Não importa.

— Ouça, vamos apenas até o fórum da cidade e...

— Não!

Ali estava, com os diabos. Ali estava o motivo pelo qual o casamento estava naufragando. Numa palavra: Não. Não farei isso. Não, senhor. Além disso, prenderei a respiração até ficar azul se você não fizer o que eu quero.

— Vicky — disse ele.

— Quero ir embora daqui, Burt.

— Vicky, escute-me.

— Dê a volta. Vamos embora.

— Vicky, quer parar um minuto?

— Pararei quando estivermos seguindo em sentido contrário. Agora, vamos.

— Temos uma criança morta no porta-malas do carro! — rugiu Burt.

E sentiu nítido prazer ao vero modo pelo qual ela se encolheu, o modo pelo qual o rosto dela deu a impressão de desmanchar-se. Em voz ligeiramente mais baixa, ele prosseguiu:

— O menino foi degolado, empurrado para a estrada e eu o atropelei. Agora, vou até o fórum, ou qualquer coisa semelhante que eles tenham aqui, comunicar o que aconteceu.

Se você quer voltar a pé para a rodovia principal, vá em frente. Eu a pegarei no caminho. Mas não me diga para dar a volta e viajar cento e dez quilômetros até Grand Island como se nada houvesse no porta-malas a não ser um saco de lixo. O menino é filho de alguém e vou comunicar a ocorrência antes que o assassino consiga ir muito longe.

— Filho da puta — disse ela, chorando. — O que estou fazendo em sua companhia?

— Não sei — replicou Burt. — Não sei de mais nada. Mas a situação pode ser remediada, Vicky.

Deu partida no carro. O cão ergueu a cabeça ao ligeiro cantar de pneus e depois tornou a pousá-la entre as patas.

Percorreram o quarteirão que restava até a praça. Na esquina das ruas Principal e

Agradável, a Rua Principal dividia-se em duas. Existia realmente uma praça da cidade, um parque gramado com um coreto no centro. Na outra extremidade, onde a Rua Principal se transformava novamente numa só, existiam dois prédios com aparência oficial. Burt conseguiu ler o que estava escrito num deles: CENTRO MUNICIPAL DE GATLIN.

— É ali — disse ele.

Vicky permaneceu calada.

Na metade da praça, Burt tornou a parar o carro. Estavam em frente a um restaurante, o Gatlin Bar and Grill.

— Aonde você vai? — quis saber Vicky, alarmada, quando ele abriu a porta do automóvel.

— Descobrir onde estão todos. O letreiro na vitrina diz "aberto'".

— Não vai me deixar aqui sozinha.

— Então venha. Quem a está impedindo?

Ela destrancou a porta direita e saltou, enquanto ele contornava a frente do Thunderbird.

Vendo o quanto ela estava pálida, sentiu uma ponta de piedade dela. Uma piedade sem esperanças.

— Está escutando? — perguntou Vicky quando ele se aproximou dela.

— Escutando o quê?

— O nada. Nenhum carro. Nenhuma pessoa. Nenhum trator. Nada.

Então, vindo de um quarteirão de distância, ouviram o riso agudo e alegre de crianças.

— Estou escutando crianças — disse Burt. — Você não está?

Ela o encarou, perturbada.

Burt abriu a porta do restaurante e entrou para o calor seco, antisséptico. O chão estava coberto de poeira. O brilho dos cromados embaçado. As pás de madeira dos ventiladores presos ao teto paradas. Mesas vazias. Tamboretes do bar vazios. Mas o espelho da parede por detrás do balcão do bar fora quebrado e havia algo mais... num instante, Burt percebeu: todas as torneiras de chope tinham sido quebradas e arrancadas.

A voz alegre de Vicky tinha um falsete nervoso:

— Claro. Pergunte a qualquer um. Com licença, senhor, mas poderia informar...

— Oh, cale a boca.

Mas a voz de Burt era inexpressiva, desprovida de força.

Achavam-se numa faixa de sol que entrava pela grande vitrina da frente do restaurante e, mais uma vez, Burt teve aquela sensação de ser observado; pensou no cadáver do menino no porta-malas do carro e no riso de crianças. Aparentemente sem motivo, uma frase lhe veio à mente — uma frase de som estranho, que se repetia insistentemente em seu cérebro: Comprar no escuro, sem ver. Comprar no escuro, sem ver. Comprar no escuro, sem ver.

Seu olhar passou pelos velhos cartazes de papelão amarelado presos com percevejos à parede por detrás do balcão: CHEESEBURGER $.35 A MELHOR SODA DO MUNDO $ .1O — TORTA DE MORANGO COM RUIBARBO $ .25 — HOJE — PRESUNTO ESPECIAL & MOLHO DA CASA C/PURÉ DE BATATAS $ .85.

Há quanto tempo ele vira preços como aqueles?

Vicky tinha a resposta:

— Veja isto — disse ela em voz muito aguda, apontando para o calendário na parede. — Eles estão nessa sopa de ervilhas há doze anos, creio.

Soltou um riso estridente.

Burt foi até lá. A ilustração na folhinha mostrava dois meninos nadando num remanso, enquanto um cãozinho engraçadinho roubava-lhes as roupas. Abaixo da ilustração, a legenda: CUMPRIMENTOS DA SERRARIA GATLIN — Você Quebra, Nós Consertamos O mês era agosto de 1964.

— Não compreendo — balbuciou Burt. — Mas tenho certeza de que...

— Você tem certeza! — gritou histericamente Vicky. — Você tem certeza! Esse é o seu problema Burt: você passou a vida inteira tendo certeza!

Ele voltou à porta e Vicky o seguiu.

— Aonde vai?

— Ao Centro Municipal.

— Burt, por que você tem que ser tão teimoso? Sabe que alguma coisa aqui está errada.

Será que não é capaz de admitir isso?

— Não estou sendo teimoso. Quero apenas livrar-me do que está no porta-malas do carro.

Saíram para a calçada e Burt sentiu novamente o choque do silêncio que reinava na cidade e o cheiro de fertilizante. A gente nunca sentia aquele cheiro, nem pensava nele, quando passava manteiga e sal numa espiga de milho e a comia. Cumprimentos do sol, da chuva e todos os tipos de fosfatos, além de uma boa dose de bosta de vaca. Mas, de alguma forma, aquele cheiro era diferente do que ele sentira ao ser criado no interior do Estado de Nova York. Podiam dizer o que bem entendessem a respeito dos fertilizantes orgânicos, mas havia quase um perfume no ar quando se espalhava estrume nos campos.

Não de perfume francês, é claro, mas quando a brisa do entardecer de primavera o trazia dos campos recém-arados, era um cheiro que suscitava associações agradáveis.

Significava que o inverno se fora definitivamente. Significava que as portas das escolas se fechariam dentro de seis semanas para que todos aproveitassem as férias de verão. Na mente de Burt, era um cheiro irremediavelmente ligado a outros odores que eram perfumes: capim novo, trevos, terra fresca, malva, corniso.

Aqui, porém, deviam fazer algo diferente, refletiu ele. O cheiro era parecido, mas não o mesmo. Havia um traço doce, enjoativo. Quase um

cheiro de morte. Como padioleiro do exército no Vietnã, ele se familiarizara bastante com o cheiro da morte.

Vicky estava sentada no carro, calada, segurando o crucifixo de milho no colo e fitando o com um ar embevecido que não agradava Burt.

— Largue isso — disse ele.

— Não — replicou ela sem erguer o olhar. — Você faz seus brinquedos, eu faço os meus.

Burt engatou a marcha no carro e dirigiu até a esquina. Um sinal de tráfego apagado pendia do fio no cruzamento, balançando-se à leve brisa. A esquerda, estava uma bem cuidada igreja branca. Gramado aparado. Flores bem tratadas orlavam o caminho de pedras que levava à porta. Burt parou o carro.

— Que está fazendo?

— Vou entrar e dar uma espiada — respondeu Burt. — É o único lugar na cidade que não parece estar coberto por uma camada de poeira de dez anos. Veja o quadro de sermões.

Vicky olhou. As letras brancas sob o vidro do quadro anunciavam: O PODER E A GRAÇA DAQUELE QUE ANDA POR DETRÁS DAS FILEIRAS. A data era 24 de julho de 1976 — o domingo anterior.

— Aquele que Anda Por Detrás das Fileiras — disse Burt, desligando o motor. — Um dos nove mil nomes de Deus que só são usados em Nebraska, presumo. Vem comigo?

Ela não sorriu:

— Não vou com você.

— Muito bem. Como queira.

— Não entro numa igreja desde que saí de casa e não quero entrar nessa igreja, como também não quero estar nesta cidade, Burt. Estou louca de medo. Será que não podemos apenas ir embora daqui?

— Será só um minuto.

— Tenho minhas chaves, Burt. Se você não voltar dentro de cinco minutos, ligarei o carro e irei embora, deixando você aqui.

— Ora, espere aí, mocinha.

— É isso que vou fazer, a menos que você queira me agredir, como um bandido barato, para me tomar as chaves. Suponho que seja capaz de fazer isso.

— Mas não acredita que farei.

— Não.

A bolsa estava entre os dois, em cima do banco. Burt pegou-a num gesto repentino.

Vicky gritou e tentou agarrar a correia da alça. Burt puxou a bolsa para fora do alcance dela. Não se dando o trabalho de procurar as chaves, simplesmente virou a bolsa de boca para baixo, entornando tudo que havia dentro. O chaveiro brilhou entre cosméticos, lenços de papel e velhas listas de compras. Vicky mergulhou na direção dele, mas Burt foi mais rápido, outra vez, e guardou as chaves no bolso.

— Não precisava fazer isso — disse ela, chorando. — Me dá o chaveiro.

— Não — replicou ele, lançando-lhe um sorriso duro e inexpressivo.

— Nada disso.

— Por favor, Burt! Estou com medo!

Vicky estendeu a mão, suplicante agora.

— Você esperaria dois minutos e acharia que era hora de partir.

— Eu não faria...

— Então, iria embora rindo e dizendo consigo mesma: "Isto ensinará Burt a não me contrariar quando quero alguma coisa". Não tem sido esse o seu lema durante toda a nossa vida de casados? "Isto ensinará Burt a não me contrariar"?

Ele saltou do carro.

— Por favor, Burt! — berrou ela, escorregando-se no assento. — Escute... eu sei... sairemos da cidade e ligaremos de uma cabine telefônica, está bem? Tenho bastante troco. Eu só... nós podemos... não me deixe sozinha, Burt! Não me deixe aqui sozinha!

Burt bateu a porta do carro enquanto ela gritava. Recostou-se na parte lateral do Thunderbird por um instante, os polegares comprimidos contra os olhos fechados.

Vicky esmurrava o vidro da janela do motorista, gritando por ele. Iria causar uma bela impressão quando ele realmente encontrasse alguma autoridade para entregar o cadáver do menino. Oh, sim.

Virou-se e caminhou pelas pedras até a porta da igreja. Dois ou três minutos, apenas uma olhadela, e voltaria para o carro. Provavelmente, a porta estaria trancada.

Contudo, a porta se abriu silenciosamente nos gonzos bem lubrificados (reverentemente lubrificados, refletiu Burt — e, sem motivo aparente, aquilo lhe pareceu engraçado) e ele entrou num vestíbulo tão fresco que

chegava a causar arrepios de frio. Seus olhos demoraram um instante para se acostumarem à penumbra.

A primeira coisa que Burt notou foi uma pilha de letras de madeira no canto mais afastado, empoeiradas e misturadas a esmo. Pareciam tão velhas esquecidas quanto o calendário na parede do restaurante, ao contrário do resto do vestíbulo, que estava limpo e arrumado. As letras tinham cerca de sessenta centímetros de altura e, obviamente, faziam parte de um conjunto. Burt espalhou-as no tapete — eram dezoito — e arrumou-as em anagramas. HURT BITE CRAG CHAP CS. Nada disso. CRAP TARGET CHIBS HUC. Também não. Exceto pelo CH em CHIBS. Ele arrumou rapidamente a palavra CHURCH — igreja — e ficou com RAP TAGET CIBS. Tolice. Estava ali, agachado e brincando como um idiota, enquanto Vicky enlouquecia no carro. Começou a levantar-se e, então, percebeu. Formou. a palavra BAPTISTA — batista —, ficando com RAG EC.

Trocando duas letras, obteve GRACE — graça. GRACE BAPTIST CHURCH — Igreja Batista da Graça. As letras deviam constituir anteriormente um letreiro lá fora. Tinham-nas tirado da fachada e jogado indiferentemente naquele canto. Como a igreja fora pintada depois disso, era impossível perceber lá fora o lugar que as letras ocupavam antes.

Por quê?

Porque não era mais a Igreja Batista da Graça — eis aí o motivo. Então, que espécie de igreja era agora? Por alguma razão, aquela indagação provocou em Burt um arrepio de medo e ele se levantou depressa, tirando a poeira dos dedos. Tinham retirado aquele conjunto de letras — e daí? Talvez tivessem mudado o nome para Igreja do Que Está Acontecendo Agora, de Flip Watson.

Mas, então, o que acontecera?

Burt afastou o pensamento com um sacolejão e passou pela dupla porta interna. Agora, encontrava-se no fundo da igreja propriamente dita. Ao olhar para a nave, sentiu o medo se fechar sobre o coração e apertar com força. Prendeu a respiração, emitindo um som alto no carregado silêncio que ali reinava.

O espaço atrás do púlpito era dominado por um gigantesco retrato do Cristo e Burt pensou: "Se nada nesta cidade levou Vicky à loucura total, isto levaria".

O Cristo era sorridente, vulpino. Tinha olhos grandes e fixos; Burt lembrou-se nervosamente de Lon Chaney em O Fantasma da ópera. Em cada uma das pupilas, alguém (um pecador, presumivelmente) se afogava num lago de fogo. Entretanto, a coisa mais esquisita era o fato de que o Cristo tinha cabelos verdes... cabelos que, examinados com mais atenção, revelavam-se como um emaranhado de milho do início do verão. O quadro fora toscamente pintado, mas era eficaz. Parecia um mural de estória em quadrinhos desenhado por uma criança talentosa: um Cristo do Velho Testamento, ou um Cristo pagão, capaz de imolar seu rebanho em sacrifício, em vez de conduzi-lo.

Em frente à fileira esquerda de bancos estava um órgão de pedais e Burt, a princípio, não conseguiu perceber o que havia de errado nele. Caminhou ao longo da fileira de bancos e viu, com crescente pavor, que as teclas tinham sido arrancadas, os registros quebrados... e os tubos tapados com sabugos de milho secos. Acima do órgão, uma placa cuidadosamente desenhada dizia: NÃO FAZEI MÚSICA SENÃO COM A BOCA HUMANA, DISSE O SENHOR DEUS.

Vicky tinha razão: havia algo terrivelmente errado ali. Burt debateu consigo mesmo a idéia de voltar para Vicky sem continuar a exploração do local e sair da cidade o mais rápido possível, esquecendo o Centro Municipal. Mas aquilo o irritava. Para dizer a verdade, pensou ele, você quer dar uma lição a Vicky antes de voltar e admitir que ela tinha razão desde o início.

Voltaria dentro de um ou dois minutos.

Encaminhou-se para o púlpito, pensando que gente devia atravessar Gatlin o tempo todo, que deviam existir pessoas nas cidades próximas que tivessem parentes e amigos ali. A patrulha da polícia estadual de Nebraska devia passar por ali de vez em quando. E a companhia de eletricidade? O sinal de tráfego estava apagado. Certamente a companhia saberia se o sinal estava apagado há doze anos. Conclusão: o que parecia ter acontecido em Gatlin era impossível.

Ainda assim, Burt estava arrepiado.

Subiu os quatro degraus atapetados que levavam ao púlpito e olhou para os bancos vazios que pareciam brilhar na penumbra. Teve a impressão de sentir o peso daqueles olhos medonhos e decididamente pagãos às suas costas.

Sobre a estante do púlpito estava uma grande Bíblia, aberta no 38? capítulo de Job. Burt baixou os olhos e leu: "Então, respondendo o Senhor a Job, do meio de um redemoinho, disse: Quem é este, que mistura conselhos com palavras ignorantes?... Onde estavas tu quando eu lançava os alicerces da Terra? Dize-mo, se é que tens inteligência".

O Senhor. Aquele que Anda Por Detrás das Fileiras. E, por favor, passe o milho.

Burt folheou as páginas da Bíblia, que produziram um som seco e sussurrante no silêncio — o som que os espíritos produziriam, se realmente existissem. E, num lugar como aquele, a gente quase conseguia acreditar na sua existência. Pedaços da Bíblia tinham sido arrancados. A maior parte deles, do Novo Testamento, reparou Burt.

Alguém resolvera assumir a tarefa de corrigir o Bom Rei James com uma tesoura.

O Velho Testamento, porém, continuava intacto.

Burt estava prestes a descer do púlpito quando viu outro livro na prateleira inferior e o apanhou, julgando que talvez fosse o registro de casamentos, batizados e óbitos da igreja.

Fez uma careta ao ver as palavras estampadas na capa, gravadas em dourado por mãos inexperientes: ASSIM? QUE OS INÍQUOS SEJAM CEIFADOS PARA QUE O SOLO VOLTE A SER FÉRTIL, DISSE O SENHOR DEUS DOS EXÉRCITOS.

Abriu o livro na primeira página larga, pautada. Viu imediatamente que a caligrafia era de uma criança. Em alguns lugares fora cuidadosamente utilizada uma borracha de apagar tinta e, embora não existissem erros de ortografia, a letra era grande e infantil, mais desenhada do que propriamente escrita. A primeira coluna dizia:

Amos Deigan (Richard), n. 4 set 1945 4 set 1964

Isaac Renfrew (William), n. 19 set 1945 19 set 1964

Zepeniah Kirk (George), n. 14 out 1945 14 out 1964

Mary Wells (Roberta), n. 12 nov 1945 12 nov 1964

Yemen Hollis (Edward), n. 5 jan 1946 5 jan 1965

Franzindo a testa, Burt continuou virando as páginas. A três quartos do fim, as colunas duplas terminavam bruscamente:

Rachel Stigman (Donna), n. 21 jun 1957 21 jun 1976

Moses Richardson (Henry), n. 29 jul 1957

Malachi Boardman (Craig), n. 15 ago 1957

O último registro no livro era de Ruth Clawson (Sandra), n. 30 abril 1961.

Burt olhou para a prateleira onde pegara o livro e apanhou mais dois. O primeiro trazia a mesma frase QUE OS INÍQUOS SEJAM CEIFADOS... e continuava o mesmo registro. No início de setembro de 1964, ele encontrou Job Gilman (Clayton), n. 6 set 1964 e o registro seguinte era de Eva Tobin, n. 16 jun 1965. Sem segundo nome entre parênteses.

O terceiro livro estava em branco.

De pé no púlpito, Burt refletiu a respeito.

Algo ocorrera em 1964. Algo relacionado com religião, milho... e crianças.

Amado Deus, nós imploramos tua bênção sobre a colheita. Em nome de Jesus, amém.

E a faca foi erguida para sacrificar o cordeiro — mas teria sido um cordeiro? Talvez eles fossem arrebatados por uma mania religiosa. Sós, totalmente isolados do resto do mundo por centenas de quilômetros quadrados de milharais farfalhantes. Sozinhos sob setenta milhões de hectares de céu azul. Isolados sob o olhar vigilante de Deus, agora um estranho Deus verde, um Deus de milho, envelhecido, alienado, faminto. Aquele que Anda por Detrás das Fileiras.

Burt sentiu um arrepio espalhar-se pelo corpo.

Vicky, deixe-me contar uma estória. É a respeito de Amos Deigan, que nasceu Richard Deigan, a 4 de setembro de 1945. Adotou o nome Amos em 1964, um belo nome do Velho Testamento, Amos, um dos profetas menores. Bem, Vicky, o que aconteceu — não ria — é que Dick Deigan e seus amigos — Billy Renfrew, George Kirk, Roberta Wells e Eddie Hollis, entre outros — tornaram-se religiosos e mataram os pais. Todos eles. Não é uma graça? Mataram-nos a tiro em suas camas, apunhalaram-nos na banheira, envenenaram-lhes a comida, enforcaram-nos ou estriparam-nos, pelo que sei. Por quê? Por causa do milho. Talvez o milho estivesse morrendo. Talvez eles tivessem a idéia de que o milho estava morrendo por causa do excesso de pecados. Não havia sacrifícios suficientes. E eles fariam sacrifícios nos milharais, nas fileiras.

E de algum modo, Vicky, não tenho muita certeza de como, de algum modo eles decidiram que dezenove anos seria a idade máxima que viveriam. Richard "Amos" Deigan, o herói de nossa pequena estória, completou dezenove anos no dia 4 de setembro de 1964 — a data

registrada no livro. Acho que, talvez, eles o mataram. Foi sacrificado no milharal. Não é uma estória tola?

Contudo, vejamos Rachel Stigman, que foi Donna Stigman até 1964. Ela completou dezenove anos no dia 21 de junho, há cerca de um mês. Moses Richardson nasceu em 29 de julho — daqui a três dias ele fará dezenove anos. Você faz alguma idéia do que acontecerá ao Moses no dia 29 deste mês?

Eu imagino.

Burt passou a língua nos lábios, que estavam secos.

Mais uma coisa, Vicky. Veja isto aqui. Temos Job Gilman (Clayton), nascido a 6 de setembro de 1964. Não ocorreram outros nascimentos até 16 de junho de 1965. Uma lacuna de dez meses. Sabe o que penso? Mataram todos os pais, inclusive as mulheres grávidas, é o que eu penso. E uma delas engravidou em outubro de 1964, dando à luz a Eva. Uma garota-mãe aos dezesseis ou dezessete anos. Eva. A primeira mulher.

Burt folheou febrilmente o livro e encontrou o registro de Eva Tobin. Logo abaixo:

"Adam Greenlaw, n. 11 jul. 1965".

Deviam ter agora onze anos, pensou Burt, sentindo a carne arrepiar-se. Talvez estivessem lá fora. Em algum lugar.

Mas como poderia uma coisa assim ficar em segredo? Como poderia continuar?

Como, a menos que fosse aprovada pelo Deus em questão?

— Oh, Jesus — disse Burt no silêncio da igreja.

E foi então que a buzina do Thunderbird começou a soar na tarde, um prolongado toque contínuo.

Burt saltou do púlpito e correu pela alameda central da nave. Escancarou a porta do vestíbulo, saindo para o sol quente e ofuscante. Vicky estava empertigada ao volante, ambas as mãos apertando ao aro da buzina, a cabeça girando desvairadamente de um lado para outro. As crianças chegavam de todos os lados. Algumas riam alegremente.

Empunhavam facas, machadinhas, martelos, canos, pedras. Uma menina, talvez com oito anos de idade, belos cabelos louros compridos, brandia um cabo de macaco de automóvel. Armas rurais. Nenhum deles trazia arma de fogo. Burt sentiu um louco impulso de perguntar: Quais de vocês são Adão e Eva? Quem são as mães? Quem são as filhas? Pais? Filhos? Dizei-mo, se tendes inteligência...

Vinham das ruas transversais, do gramado da praça, através do portão da cerca que delimitava ó playground da escola, um quarteirão a oeste. Algumas delas olhavam com indiferença para Burt, petrificado nos degraus da igreja, e outras se cutucavam, apontavam e sorriam... o doce sorriso das crianças.

As meninas usavam vestidos longos de lã marrom e desbotados chapéus do século passado. Os meninos, como pastores quakers, estavam todos de preto e usavam chapéus de copas arredondadas e abas chatas. Vinham numa torrente em direção ao automóvel, atravessando a praça da cidade, andando pelos gramados; uns poucos atravessaram, o jardim do que fora a Igreja Batista da Graça até 1964. Um ou dois quase ao alcance da mão de Burt.

— O rifle! — berrou Burt. — Vicky, pegue a arma!

Mas ela estava petrificada pelo pânico; dos degraus da igreja, Burt podia perceber.

Duvidava até mesmo que ela conseguisse escutá-lo por detrás dos vidros fechados do automóvel.

As crianças convergiram sobre o Thunderbird. Os machados, machadinhas e pedaços de cano começaram a subir e descer. Meu Deus, estarei mesmo vendo isso? pensou Burt, imóvel. Uma flecha cromada caiu da lateral do carro. O ornamento do capô voou longe.

Facas furaram os pneus e o carro arriou sobre o solo. A buzina continuava a tocar. O pára-brisa e os outros vidros ficaram opacos e se quebraram sob o assalto... então, o vidro laminado voou em pedaços e Burt conseguiu ver outra vez o interior do automóvel. Vicky estava encolhida; agora, apenas uma das mãos apertava o aro da buzina, enquanto a outra se erguia para proteger o rosto. Mãos jovens e ansiosas tatearam a porta, procurando a trava. Vicky bateu loucamente nelas. O toque da buzina tornou-se intermitente e, depois, cessou por completo.

A porta esquerda, amassada e arranhada, foi aberta. Tentavam arrancar Vicky do carro, mas ela se agarrava ao volante. Então, um deles se inclinou para dentro do carro, com uma faca na mão, e...

Burt rompeu a paralisia e se atirou pelos degraus, quase caindo. Correu pelas pedras em direção ao carro. Um deles, um rapaz com cerca de dezesseis anos, cabelos ruivos compridos escorrendo por baixo do chapéu, voltou-se para ele com um gesto quase despreocupado e algo brilhou no ar. O braço de Burt foi puxado para trás e, por instante, ele teve a impressão

absurda de haver levado um murro à distância. Então, sentiu a dor, tão repentina e aguda que o mundo pareceu ficar cinzento.

Como uma espécie de espanto estúpido, examinou o braço. Um canivete barato, desses de um dólar e meio, estava ali cravado como um estranho tumor. A manga da cara camisa esporte começava a tornar-se vermelha. Burt fitou-a por um tempo que lhe pareceu uma eternidade, tentando entender como lhe nascera um canivete no braço... seria possível?

Quando ergueu o olhar, o rapaz de cabelos ruivos estava quase sobre ele. Sorria, confiante.

— Filho da puta! — disse Burt com voz engasgada pelo choque.

— Entregue a alma a Deus porque logo estarás diante do Seu trono — disse o rapaz ruivo, tentando cravar as unhas no olhos de Burt.

Burt recuou, arrancou o canivete do braço e o enfiou na garganta do rapaz ruivo. O jorro de sangue foi imediato, enorme. Burt ficou respingado. O rapaz ruivo começou a gorgolejar, andando num amplo círculo. Burt o fitou, boquiaberto. Nada daquilo estava acontecendo. Era um pesadelo. O rapaz ruivo gorgolejava e andava. Agora, o som produzido por ele era o único naquele início de tarde quente. Os outros olhavam, aturdidos.

Aquilo não fazia parte do script, pensou Burt, aparvalhado. Vicky e eu, nós éramos o script. E o menino no milharal, que tentava fugir. Mas não era um deles. Fitou-os desvairadamente, sentindo vontade de gritar: Gostaram?

O rapaz ruivo emitiu um último som abafado e caiu de joelhos.

Olhou um momento para Burt. Então, suas mãos largaram o cabo do canivete e ele tombou de bruços.

Um leve som suspirante partiu das crianças reunidas em torno do Thunderbird.

Olhavam para Burt e este os encarava, fascinado... e foi então que percebeu que Vicky desaparecera.

— Onde está ela? — perguntou Burt. — Para onde vocês a levaram?

Um dos rapazes ergueu uma faca de caça manchada de sangue e fez o gesto de degolar o próprio pescoço. Sorriu. Foi a única resposta.

De algum lugar no fundo do grupo, a voz de um rapaz mais velho disse mansamente:

— Agarrem-no.

Os rapazes começaram a avançar sobre Burt. Este recuou. Eles avançaram mais depressa. Burt recuou mais depressa. A espingarda, a maldita espingarda! Fora de alcance. O sol projetava assombras escuras dos jovens no gramado verde da igreja... então, Burt viu-se na calçada. Virou-se e correu.

— Matem-no! — berrou alguém.

E partiram atrás dele.

Burt correu, mas não às cegas. Contornou o Centro Municipal — não adiantaria esconder-se ali; eles o encurralariam como a um rato — e continuou correndo pela Rua Principal, que se abria na praça e tornava a ser a estrada dois quarteirões adiante. Se ao menos ele tivesse dado ouvido a Vicky, estariam ambos agora naquela estrada.

Seus mocassins faziam barulho na calçada. Em frente, avistou mais alguns prédios comerciais, inclusive a Sorveteria Gatlin e — sem a menor dúvida — o Cinema Bijou. O letreiro empoeirado na marquise anunciava: EM XIBIÇÃ CLEOPA RA UM ELI A TH TAYLOR — PROIBIDO ATÉ EZ ANOS —. Além da rua transversal seguinte, havia um posto de gasolina que marcava a orla da cidade. Para lá do posto, os milharais fechando-se sobre as margens da estrada, uma imensa onda verde de milho.

Burt continuou correndo. Já estava sem fôlego e o ferimento do canivete no braço começava a doer. E deixava atrás de si um rastro de sangue. Enquanto corria, tirou o lenço do bolso traseiro e o enfiou por baixo da camisa.

Corria. Os mocassins martelavam o cimento rachado da calçada, a respiração produzia um ruído áspero na garganta cada vez mais seca e quente. O braço começou a latejar com força. Uma parte mordaz de sua mente lhe perguntava se ele seria capaz de correr todo o caminho até a cidade mais próxima, se ainda agüentaria correr trinta e cinco quilômetros no asfalto da estrada de pista dupla.

Corria. Podia ouvi-los no seu encalço, quinze anos mais jovens e mais velozes, ganhando terreno. Os pés deles faziam barulho no calçamento. Soltavam berros e gritavam uns para os outros. Divertiam-se mais do que em um incêndio, refletiu Burt desarticuladamente. Falarão no assunto durante anos.

Burt corria.

Passou correndo pelo posto de gasolina que assinalava a orla da cidade. A respiração arquejava e rugia no peito. A calçada acabou sob seus pés. E agora, restava apenas uma coisa a fazer, uma única oportunidade para ganhar deles e escapar com vida. As casas tinham ficado para trás, a cidade terminara. O milho surgira como uma suave onda verde que chegava às beiras da estrada. As folhas verdes, semelhantes a adagas, farfalhavam mansamente. Lá dentro seria profundo, profundo e fresco, à sombra dos pés de milho enfileirados, da altura de um homem.

Burt passou correndo por uma placa que dizia: VOCE AGORA ESTÁ SAINDO DE GATLIN, A MELHOR CIDADE PEQUENA DE NEBRASKA — OU DE QUALQUER OUTRO LUGAR: VOLTE SEMPRE!

Podem ter certeza de que voltarei, pensou Burt distraidamente.

Passou correndo pela placa como um corredor velocista aproximando-se da fita de chegada. Então, penetrou no milharal e este se fechou às suas costas como as ondas de um mar verde, tragando-o. Ocultando-o. Sentiu-se invadido por um repentino e totalmente inesperado alívio e, ao mesmo tempo, recuperou o fôlego. Seus pulmões, que pareciam à beira da exaustão, deram a impressão de se dilatarem, fornecendo-lhe mais oxigênio.

Ele correu diretamente pela primeira fileira em que entrara, com a cabeça encolhida, os ombros largos roçando nas folhas e fazendo-as tremerem. Vinte metros mais adiante, virou à direita, novamente em sentido paralelo à estrada, e continuou a correr, mantendo-se abaixado a fim de que eles não pudessem ver seus cabelos escuros entre os pendões amarelos do milharal. Dobrou de volta na direção da estrada por alguns instantes, atravessando novas fileiras e depois virou as costas para a estrada, pulando aleatoriamente de fileira para fileira, sempre embrenhando-se cada vez mais no milharal.

Afinal, caiu de joelhos e encostou a testa no solo. Só conseguia ouvir a própria respiração arquejante e o pensamento que se repetia em sua cabeça era: Graças a Deus deixei defumar, graças a Deus deixei defumar, graças a Deus...

Podia escutá-los, gritando uns para os outros, em alguns casos esbarrando-se ("Ei, esta fileira é minha!"), e aqueles sons lhe deram coragem. Achavam-se bem à sua esquerda e pareciam muito mal organizados.

Burt retirou o lenço, dobrou-o e tornou a colocá-lo após examinar o ferimento. O sangue parecia ter parado de escorrer, a despeito do esforço que ele despendera.

Descansou por mais alguns instantes e, de repente, percebeu que se sentia bem, fisicamente melhor do que se sentia há anos... a não ser pelo latejar do braço. Sentia-se bem excitado e subitamente capaz de enfrentar um problema definido (apesar de insano), depois de passar dois anos lutando contra os pequenos fantasmas incubados que vinham sugando seu casamento até deixá-lo totalmente seco.

Não era direito sentir-se assim, disse ele com seus botões. Sua vida corria perigo mortal e sua esposa fora seqüestrada. Poderia estar morta, agora. Tentou relembrar o rosto de Vicky e dissipar em parte aquela estranha sensação de bem-estar, mas a fisionomia dela se recusava a aparecer. O que surgiu foi o rapaz ruivo com o canivete cravado na garganta.

Deu-se conta do aroma do milho nas narinas, cercando-o por todos os lados. O vento no topo dos pés de milho produzia um som semelhante ao de vozes. Calmante. O que quer que tivesse sido perpetrado em nome do milho, este agora era seu protetor.

Mas eles se aproximavam.

Correndo abaixado, Burt seguiu pela fileira em que se encontrava, dobrou à direita, voltou em direção à estrada e, depois, tornou a atravessar outras fileiras em sentido paralelo à estrada. Tentou manter as vozes sempre à sua esquerda, mas à medida que a tarde avançava isto se tornou cada vez mais difícil. As vozes ficaram longínquas e, por vezes, o farfalhar do milharal abafava-as por completo. Burt corria, parava para escutar, tornava a correr. O solo era compacto e seus pés calçados apenas com meias não deixavam rastros.

Quando ele parou, muito mais tarde, o sol pairava sobre os campos à sua direita, vermelho e inflamado. Consultando o relógio, Burt percebeu que já passava um quarto das sete horas. Inclinou a cabeça para o lado, escutando. Com a aproximação do pôr-do-sol, o vento cessara por completo e o milharal estava imóvel, exalando seu aroma de crescimento no ar aquecido. Se eles ainda estivessem no milharal, achavam-se muito distantes ou simplesmente quietos, à escuta. Contud,), Burt não acreditava que um bando de garotos, mesmo loucos, fosse capaz de se manter silencioso durante tanto tempo. Desconfiava de que eles tinham feito a

coisa mais infantil, a despeito das conseqüências que pudessem sofrer: haviam abandonado a caçada humana e voltado para casa.

Burt virou-se para o sol poente, que já se metera por detrás das nuvens acumuladas no horizonte, e começou a andar. Se caminhasse em diagonal através do milharal, sempre mantendo o sol poente à sua frente, devia chegar à Rodovia 17, mais cedo c; mais tarde.

A dor no braço transformara-se num latejar que era quase agradável e a sensação de bem-estar ainda não o abandonara. Decidiu que enquanto estivesse ali permitiria que a sensação de bem-estar continuasse a existir sem remorsos. O remorso retornaria quando ele fosse obrigado a encarar as autoridades e relatar o que ocorrera em Gatlin. Mas isso podia esperar.

Caminhou através do milharal, refletindo que jamais se sentira tão agudamente alerta.

Quinze minutos depois o sol não passava de um semicírculo espiando por cima do horizonte e Burt tomou a parar, seu novo sentido de alerta assumindo um padrão de percepção que não lhe agradava. Era vagamente... bem, era vagamente amedrontador.

Inclinou a cabeça para o lado.

O milharal farfalhava.

Havia algum tempo que Burt percebera outra coisa, mas ele a tinha associado com outro fato. O vento cessara. Como era possível?

Olhou desconfiadamente em volta, quase esperando ver os meninos sorridentes vestidos de quakers esgueirando-se por entre os pés de milho, empunhando suas facas. Nada disso. O som farfalhante continuava. A esquerda.

Burt começou a andar naquela direção, não mais precisando atravessar as fileiras de pés de milho. Aquela fileira o levava na direção que ele desejava, naturalmente. A fileira terminava lá adiante. Terminava? Não; desembocava numa espécie de clareira. O farfalhar vinha dali.

Burt parou, repentinamente amedrontado.

O cheiro do milho era bastante forte para ser sufocante. As fileiras do milharal conservavam o calor do sol e Burt se deu conta de que estava ensopado de suor, coberto de palha e de fios sedosos de pendões de milho. Os insetos deveriam estar atacando em massa... mas não estavam.

Ficou imóvel, fitando o local onde o milharal se abria no que aparentava ser um amplo círculo de terra nua.

Ali não havia micuins, nem mosquitos, nem qualquer outro tipo de inseto — o que ele e Vicky costumavam chamar de "insetos de drive-in" nos tempos de namorados, lembrou-se ele com repentina e inesperada nostalgia. E não avistara um único corvo. Não era esquisito, um milharal sem corvos?

À última luz do dia, observou atentamente a fileira de pés de milho à sua esquerda e reparou que cada folha e talo eram perfeitos, o que simplesmente não era possível.

Nenhum vestígio de ferrugem ou outra praga. Nenhuma folha roída, nenhum ovo de lagarta, nenhum buraco de animal, nenhum...

Esbugalhou os olhos.

Meu Deus, não há mato!

Nem uma só folha. A intervalos de quarenta e cinco centímetros os pés de milho brotavam da terra. Nenhum capim, tiririca, estramônio, ou qualquer outra erva daninha.

Nada.

Burt ergueu a cabeça, os olhos muito abertos. A luz no oeste estava sumindo. As nuvens acumuladas tinham-se afastado. Abaixo delas, a luminosidade dourada assumira tons rosados e amarelo-escuro. Logo escureceria.

Era tempo de ir à clareira no milharal e verificar o que lá existia. Não fora este o planto, desde o início? Durante todo o tempo em que julgara estar voltando à estrada, não vinha sendo conduzido àquele local?

Sentindo o medo na barriga, seguiu ao longo da fileira e parou na orla da clareira. Havia luz suficiente para que ele visse o que lá estava. Não conseguiu gritar. Teve a impressão de que não lhe restava ar nos pulmões. Cambaleou sobre pernas que pareciam feitas de sarrafos rachados. Os olhos saltavam do rosto suado.

— Vicky — sussurrou. — Oh, Vicky, meu Deus...

Ela fora colocada num pau transversal, como um medonho troféu de caça, os braços amarrados pelos pulsos e as pernas pelos tornozelos com arame farpado comum, que poderia ser comprado em qualquer loja de ferragens de Nebraska por setenta centavos o metro. Os olhos tinham sido arrancados e as órbitas estavam cheias com sedosos fiapos de pendões de milho. As mandíbulas escancaradas num grito silencioso, a boca cheia de sabugos de milho.

À esquerda de Vicky estava um esqueleto numa batina apodrecida. A mandíbula descarnada exibia um sorriso macabro. As órbitas vazias pareciam fitar Burt de modo jocoso, como se o antigo pastor da Igreja Batista da Graça de Gatlin estivesse dizendo:

Não é tão ruim ser sacrificado por crianças-demônios pagãs num milharal; não é tão ruim ter os olhos arrancados segundo a Lei Mosaica; não é tão ruim..

À esquerda do esqueleto de batina estava um outro, vestido com um apodrecido uniforme azul. Um boné na caveira escondia os olhos e na pala do boné havia um distintivo coberto de azinhavre que dizia: CHEFE DE POLÍCIA.

Foi então que Burt o ouviu chegando: não as crianças, mas algo muito maior, avançando através do milharal em direção à clareira. Não, não eram as crianças. As crianças não se aventurariam no milharal à noite. Aquele era um lugar sagrado, o lugar de Aquele que Anda Por Detrás das Fileiras.

Num movimento trêmulo, Burt virou-se para fugir. A fileira pela qual ele entrara na clareira desaparecera. Fechada. Todas as fileiras estavam fechadas. Burt podia ouvi-lo chegar, abrindo caminho por entre os pés de milho. Sentiu-se dominado por êxtase de terror supersticioso. Ele estava chegando. Os pés de milho no lado oposto da clareira tinham escurecido subitamente, como se cobertos por uma sombra gigantesca.

Chegando.

Aquele que Anda Por Detrás das Fileiras.

Começou a entrar na clareira. Burt viu algo imenso, que se erguia até o céu... algo verde, com olhos terríveis do tamanho de bolas de futebol.

Algo que cheirava como palha de milho seca guardada durante anos num celeiro.

Burt começou a gritar. Mas não gritou por muito tempo.

Algum tempo depois, uma enorme lua cheia alaranjada subiu no horizonte.

As crianças do milho reuniram-se no centro da clareira durante o dia, olhando para os dois esqueletos crucificados e os dois cadáveres... Os cadáveres ainda não eram esqueletos, mas seriam. No devido tempo. E ali, no coração de Nebraska, no centro do milharal, não havia outra coisa senão tempo.

— Ouçam: tive um sonho durante a noite e o Senhor me mostrou tudo isto.

Todos olharam com espanto e temor para Isaac, até mesmo Malachi. Isaac tinha apenas nove anos, mas fora o Vidente desde que o milharal levara David, um ano atrás. David completou dezenove anos e entrou no milharal no dia de seu aniversário, na hora em que o crepúsculo vinha descendo sobre o milho do verão.

Agora, o rostinho muito sério sob o chapéu de copa arredondada, Isaac prosseguiu:

— E no meu sonho o Senhor era uma sombra que andava por detrás das fileiras e falou comigo em palavras que usava com nossos irmãos mais velhos, há muitos anos. Está muito aborrecido com este sacrifício.

Os jovens emitiram um som suspirando, soluçante e olharam para a muralha verde que os rodeava.

— E o Senhor falou: E não vos dei um lugar de matar, para que lá imolasses o sacrifício?

E não vos mostrei meus favores? Mas este homem blasfemou contra mim e eu mesmo completei o sacrifício. Como o Homem Azul e falso ministro que conseguiu fugir há muitos anos.

— O Homem Azul... O falso ministro...

Os jovens sussurravam, entreolhando-se nervosamente.

— Portanto, agora fica a Idade do Favor baixada de dezenove plantios e colheitas para dezoito — prosseguiu Isaac, implacável. — Não obstante, sede férteis e vos multiplicai como o milho se multiplica, para que meu favor vos seja mostrado e esteja convosco.

Isaac calou-se.

Todos os olhares se voltaram para Malachi e Joseph, os dois únicos componentes do grupo que tinham dezoito anos. Havia outros na cidade, talvez vinte no total.

Aguardaram para ouvir o que diria a Malachi, Malachi que liderara a caçada contra Japhet, que para sempre seria conhecido por Ahaz, amaldiçoado por Deus. Malachi cortara o pescoço de Ahaz e o jogara para fora do milharal de modo que o corpo pútrido não poluísse ou empesteasse o milho.

— Obedeço a palavra de Deus — declarou Malachi.

O milharal pareceu suspirar em sinal de aprovação.

E naquela noite, todos os que tinham acima da Idade do Favor penetraram silenciosamente no milharal e foram à clareira, para ganharem a continuidade do favor de Aquele que Anda Por Detrás das Fileiras.

— Adeus, Malachi — gritou Ruth, acenando desconsoladamente.

Tinha o ventre crescido com o filho de Malachi e as lágrimas lhe escorriam silenciosamente pelo rosto.

Malachi não se voltou. Mantinha as costas eretas. O milharal o tragou.

Ruth deu meia-volta, ainda chorando. Criara um ódio secreto pelo milharal e às vezes sonhava como entrar nele segurando uma tocha acesa em cada mão quando chegasse o seco mês de setembro e os talos estivessem mortos, explosivamente combustíveis. Mas também o temia. Lá fora, à noite, algo vagava e via tudo... até mesmo os segredos guardados pelos corações humanos.

O crepúsculo se transformou em noite. Ao redor de Gatlin, o milharal farfalhava e sussurrava bem baixinho. Estava muito satisfeito.

* * *

ÀS VEZES ELES VOLTAM

A mulher de Kim Norman estivera esperando por ele desde as duas horas e, quando viu o carro parar em frente ao prédio de apartamentos, saiu para recebê-lo. Fora à loja comprar uma refeição comemorativa — dois bifes, uma garrafa de Lancer's, um pé de alface e molho Mil Ilhas. Agora, vendo-o desembarcar do carro, ela se deu conta de que desejava com algum desespero (e não era a primeira vez naquele dia) que houvesse algo a comemorar.

Ela veio pela calçada, com a pasta nova em uma das mãos e quatro livros didáticos na outra. Ela pôde ver o título do livro de cima: Introdução à Gramática. Colocando as mãos nos ombros do marido, perguntou:

— Então, como foi?

E ele sorriu.

Naquela noite, porém, ele voltou a ter o velho sonho pela primeira vez há muito tempo e acordou suando, com um grito na ponta da língua.

A entrevista fora conduzida pelo diretor do Ginásio Haroldo Davis e pelo chefe do

Departamento de Inglês. O assunto de seu colapso viera à baila. Ele já esperava.

O diretor, um homem calvo e cadavérico chamado Fenton, recostara-se na poltrona e fitara o teto. Simmons, o chefe do Departamento de Inglês, acendeu o cachimbo.

— Estive sob uma grande pressão, na época — declarou Jim Norman.

Seus dedos queriam girar no colo, mas ele não permitiu.

— Creio que compreendemos isso — disse Fenton, sorrindo. — E embora eu não deseje parecer intrometido, estou certo de que todos nós concordamos em que ensinar é uma ocupação que ocasiona pressão, especialmente a nível ginasial. Ocupamos o palco durante cinco dos sete períodos diários de aulas e representamos para a platéia mais exigente do mundo. É por isso — concluiu com algum orgulho — que os professores têm um índice de úlceras maior do que qualquer outro grupo profissional, com exceção dos controladores de tráfego aéreo.

Jim interpôs:

— As pressões envolvidas em meu colapso foram... extremas.

Fenton e Simmons menearam a cabeça num encorajamento neutro e Simons acionou o isqueiro para reavivar o cachimbo. De repente, o gabinete passou a parecer muito acanhado, abafado. Jim teve a estranha sensação de que alguém acendera uma lâmpada de calor atrás de sua cabeça. Os dedos giravam no colo e ele os obrigou a parar.

— Eu estava no último ano da universidade e estagiava como professor. Minha mãe morrera no verão anterior — de câncer — e em sua última conversa comigo pedira-me para continuar e terminar o curso. Meu irmão, mais velho que eu, morrera quando éramos ainda muito jovens. Pretendia ser professor, de modo que minha mãe...

Percebeu pelo olhar deles que estava divagando e pensou: Oh, meu Deus, estou estragando tudo!

— Fiz o que ela me pediu — declarou, deixando para trás o complicado relacionamento com a mãe e o irmão Wayne — o pobre Wayne, assassinado — e consigo mesmo. — Durante o segundo mês de meu estágio, minha noiva foi envolvida num atropelamento.

Ela foi a vítima. Um garoto num calhambeque envenenado... nunca o apanharam.

Simmons produziu um leve som de encorajamento.

— Fui em frente. Não parecia existir outro caminho. Ela sofreu muito — uma fratura grave na perna e quatro costelas quebradas — mas sem perigo de vida. Não acredito que eu mesmo percebesse realmente a pressão a que fui submetido.

Cuidado, agora. É aqui que começa o declive.

— Fui professor estagiário no Ginásio de Ofícios Vocacionais de Center Street — disse Jim.

— O jardim encantado da cidade — comentou Fenton. — Punhais, botas de motoqueiros, revólveres de fabricação caseira nos armários, organizações de extorsão do dinheiro da merenda e um em cada três alunos vendendo tóxicos para os outros dois. Conheço bem o Ginásio de Ofícios.

— Havia um garoto chamado Mack Zimmerman — disse Jim. — Um rapaz sensível. Tocava violão. Matriculei-o num curso de música e ele tinha talento. Certa manhã, quando cheguei ao ginásio, dois rapazes o seguravam enquanto um terceiro quebrava o violão elétrico Yamaha de encontro ao radiador. Zimmerman gritava. Berrei para que parassem com aquilo e me entregassem a guitarra. Avancei para eles e alguém me agrediu — relatou Jim, sacudindo os ombros. — Foi isso. Tive um colapso nervoso. Nada de gritar ou me encolher num canto. Simplesmente não consegui voltar lá. Quando me aproximava do Ginásio de Ofícios, sentia um aperto no peito. Não podia respirar direito, suava frio...

— Isso também acontece comigo — informou Fenton com ar amistoso.

— Comecei a fazer análise. Psicoterapia de grupo. Não tinha dinheiro para pagar um psiquiatra. Fez-me bem. Sally e eu nos casamos. Ela manca ligeiramente e tem uma cicatriz, mas, excetuando isto, parece novinha em folha.

Jim encarou-os abertamente, acrescentando:

— Creio que se pode dizer o mesmo de mim.

Fenton replicou:

— Creio que chegou a completar seu estágio como professor no Ginásio Cortez, certo?

— Que também não é um mar de rosas — comentou Simmons.

— Eu queria uma escola dura — explicou Jim. — Consegui que um colega trocasse comigo sua vaga no Ginásio Cortez.

— Teve grau máximo de seu supervisor e do professor encarregado de dar o parecer — disse Fenton.

— Sim.

— E uma média anual de 3,88. Muito próxima da nota máxima.

— Eu gostava da universidade.

Fenton e Simmons trocaram um olhar e se ergueram. Jim os imitou.

— Estaremos em contato, Sr. Norman — disse Fenton. — Temos outros candidatos a entrevistar...

— Sim, naturalmente.

— ... todavia, falando por mim, estou impressionado com seu currículo universitário e com sua franqueza pessoal.

— É muita bondade de sua parte.

— Simmons, talvez o Sr. Norman queira tomar um café antes de ir-se.

Trocaram um aperto de mãos.

No corredor, Simmons declarou:

— Creio que o lugar é seu, se assim desejar. Isto é confidencial, naturalmente.

Jim concordou com a cabeça. Também mantivera segredo sobre muitas coisas.

O Ginásio Davis era uma intimidativa construção de pedra que abrigava instalações notavelmente modernas — só a ala de ciências recebera uma verba de 1,5 milhão de dólares no orçamento do ano anterior. As salas de aula, que ainda continham os fantasmas dos operários brancos protestantes que as haviam construído e dos alunos que primeiro as tinham ocupado logo após a guerra, eram equipadas com carteiras modernas e quadros-negros que não produziam reflexos. Os alunos eram limpos, bem vestidos, ativos, ricos. Sessenta por cento dos alunos do último ano possuíam automóveis. Em resumo, uma boa escola. Uma ótima escola na qual ensinar durante os Doentes Anos 70.

Em comparação, o Ginásio de Ofícios Vocacionais de Center Street parecia o mais negro coração da África selvagem.

Contudo, depois que os alunos se retiravam, algo velho e sorumbático parecia invadir os corredores e sussurrar nas salas vazias. Uma fera negra e nefasta, que nunca chegava a mostrar-se abertamente. Às vezes, enquanto caminhava pelo corredor da Ala 4 em direção ao estacionamento, levando na mão sua pasta nova, Jim Norman tinha a impressão de poder ouvi-la respirar.

Voltou a ter o sonho quase no final de outubro e, dessa vez, gritou. Arrastou-se com unhas e dentes de volta à realidade e encontrou Sally sentada ao seu lado na cama, segurando-lhe o ombro. O coração batia com força.

— Meu Deus — disse ele, passando a mão no rosto.

— Você está bem?

— Claro. Eu gritei, não foi?

— Rapaz, se gritou. Pesadelo?

— Sim.

— Algo com relação àqueles rapazes que quebraram a guitarra do garoto?

Nada de grave.

— Não — disse ele. — Algo muito mais antigo que isso. Às vezes, volta.

— Tem certeza? — Tenho. — Quer um copo de leite? Os olhos de Sally estavam sombrios de preocupação. Jim beijou-lhe o ombro. — Não. Vá dormir. Ela apagou a luz e ele ficou ali deitado, fitando o escuro.

Tinha um bom horário, considerando-se que era o mais novo professor da escola. Os períodos um e dois eram composição para o segundo ano: uma turma enjoada e outra um tanto divertida. O quarto período era a sua melhor turma: Literatura Americana com alunos do último ano que se destinavam à universidade e gostavam de gozar os velhos mestres durante uma aula diária. O quinto período era o "período de consultas", no qual ele devia atender alunos com problemas pessoais ou acadêmicos. Havia muito poucos que parecessem ter tais problemas (ou que desejassem discuti-los com ele) e Jim passava a maior parte desse tempo lendo um bom romance. O sexto período era um curso de gramática, seco e insosso como pó de giz.

O sétimo período era a única cruz que ele carregava. A matéria se chamava Vivendo com Literatura e era ministrada numa pequena sala de aula do terceiro andar. A sala era quente no início do outono e fria com a aproximação do inverno. A matéria, em si, era opcional para os alunos que, segundo os catálogos escolares diziam melindrosamente, "aprendem devagar".

Havia vinte e sete alunos que "aprendiam devagar" na turma de Jim, a maioria deles engazopadores. O mínimo de que se poderia acusá-los era desinteresse e alguns deles mostravam nítido caráter malévolo. Certo dia, Jim entrou na sala e encontrou uma caricatura obscena e cruelmente

acurada de si mesmo no quadro-negro, com a legenda "Sr. Norman" desnecessariamente escrita logo abaixo. Apagou-a sem comentários e iniciou a aula a despeito das risadinhas zombeteiras.

Elaborou interessantes planos para as aulas, incluindo material audiovisual, e encomendou textos de grande interesse e bem compreensíveis tudo em vão. A disposição da turma oscilava entre hilaridade desordeira e amuado silêncio. No início de novembro, estourou uma briga entre dois rapazes durante um debate sobre Of Mice and Men. Jim apartou a briga e enviou os dois brigões ao gabinete do diretor. Quando abriu o livro na página em que interrompera a aula, viu as palavras "Foda-se" escritas em letra de forma.

Levou o problema a Simmons, que sacudiu os ombros e acendeu o cachimbo.

— Na verdade, não vejo solução, Jim. O último período sempre é problemático. E para alguns deles, uma nota baixa em sua matéria significa proibição de futebol ou basquetebol. E tem outros cursos mais puxados de inglês, de modo que estão num beco sem saída.

— E eu também — disse Jim, desanimado.

Simmons meneou a cabeça, concordando.

— Mostre-lhes que está falando sério e eles recuarão, ao menos para não serem privados da prática de esportes.

Mas o sétimo período permaneceu um espinho na carne de Jim.

Um dos maiores problemas da turma era um rapagão imenso e vagaroso, parecido com um alce, que se chamava Chip Osway. No início de dezembro, durante o breve hiato entre os campeonatos de futebol e basquetebol (Osway praticava ambos os esportes), Sim pegou-o com uma folha de cola e o expulsou da sala.

— Se me der pau eu te pego, filho da puta! — vociferou Osway no corredor mal-iluminado do terceiro andar. — Está ouvindo?

— Vá embora — replicou Jim. — Não gaste seu fôlego em vão.

— Nós te pegaremos, verme!

Jim voltou à sala. Os alunos o fitavam inexpressivamente, não traindo qualquer emoção.

Jim foi invadido por uma sensação de irrealidade, como a que o dominara antes... antes...

— Nós te pegaremos, verme!

Tirou da gaveta da mesa o livro de notas, abriu-a na página intitulada "Vivendo com Literatura" e escreveu cuidadosamente a nota zero na linha correspondente ao nome de Chip Osway.

Naquela noite, tornou a ter o sonho.

O sonho sempre era cruelmente vagaroso. Havia tempo para ver e sentir tudo. E o horror suplementar de reviver acontecimentos que levavam a uma conclusão conhecida, tão impotente e indefeso quanto um homem amarrado a um carro que despenca de um penhasco.

No sonho ele tinha nove anos e seu irmão Wayne doze. Desciam a Broad Street em Stratford, Connecticut, em direção à Biblioteca de Stratford. Os livros de Jim já estavam com dois dias de atraso em relação ao prazo de devolução e ele surripiara quatro centavos da jarra sobre o armário, a fim de pagar a multa. Estavam nas férias de verão.

Podia-se sentir o cheiro da grama recém-aparada. Podia-se ouvir o som do jogo de beisebol que vinha da janela de um apartamento do segundo andar, os Yankees vencendo os Red Sox por seis a zero no penúltimo período, Ted Wilhams rebatendo. E podia-se ver a sombra da Burrets Building Company alongando-se lentamente através da rua à medida que a tarde avançava vagarosamente para o crepúsculo.

Além do Tedd's Market e da Burrets havia passarela sobre a linha férrea e, do outro lado, um grupo de vadios locais agrupava-se num posto de gasolina fechado — cinco ou seis rapazes com blusões de couro e calça Jeans de boca estreita. Jim detestava passar por eles. Gritavam "Ei, quatro-olhos!" e "Ei, calcanhar de merda!" e "Ei, me dá um dinheiro aí!". Certa vez, tinham perseguido os dois irmãos pela metade do quarteirão. Todavia, Wayne recusava-se a contornar pelo caminho mais longo. Seria covardia.

No sonho, a passarela se aproximava cada vez mais e Jim começava a sentir o aperto do medo na garganta, debatendo-se lá dentro como um

grande pássaro preto. Via tudo: o letreiro fluorescente da Burrets que acabava de começar a piscar; a ferrugem que descascava a tinta verde da passarela; o brilho de cacos de vidro na escória de hulha do leito da ferrovia; um aro de bicicleta quebrado na sarjeta.

Ele tentava dizer a Wayne que já passara por aquilo antes, uma centena de vezes. Os vadios locais, desta feita, não estavam agrupados no velho posto de gasolina; ocultavam-se nas sombras sob a passarela. Mas as palavras não lhe saíam da boca.

Sentia-se impotente, indefeso.

Então, estavam sob a estrutura da passarela e algumas sombras afastaram-se dos muros.

Um rapaz alto, com cabelos louros cortados à escovinha e nariz quebrado empurrou Wayne de encontro aos blocos de cimento sujos de fuligem e disse: Me dá um dinheiro ai.

— Deixe-me em paz.

Jim tentou fugir, mas um sujeito gordo com cabelos pretos engordurados o agarrou e o jogou de encontro à parede, ao lado do irmão. A pálpebra esquerda do gordo tremia com um tique nervoso e ele perguntou:

— Vamos, garoto, quanto tem aí?

— Q-quatro centavos

— Mentiroso de merda!

Wayne tentou escapar e um rapaz com esquisito cabelo alaranjado ajudou o louro a segurá-lo. O sujeito com a pálpebra trêmula desferiu um soco na boca de Jim. Este sentiu um peso na virilha e uma mancha escura lhe surgiu nas calças de brim.

— Veja, Vinnie, ele se mijou!

Wayne debateu-se freneticamente e quase conseguiu livrar-se — quase. Outro cara, usando calças chinesas pretas e camiseta olímpica branca, empurrou-o para trás. Tinha uma pequena marca de nascença, cor de morango, no queixo. A passarela começou a vibrar. As vigas metálicas emitem uma espécie de zumbido. Um trem se aproximava.

Alguém arrancou os livros da mão de Jim com um tapa e o rapaz com a marca no queixo chutou-os para a sarjeta. De repente, Wayne desferiu um pontapé com a perna direita e acertou a virilha do rapaz com a pálpebra trêmula. Este gritou.

— Vinnie, ele está fugindo!

O rapaz com a pálpebra trêmula gritava algo a respeito de seus ovos, mas até mesmo seus uivos de dor se perderam no crescente e estremecedor rugido do trem que se aproximava. Então, o trem estava passando e seu barulho parecia encher o mundo inteiro.

A luz refletiu-se nos punhais. O rapaz com os cabelos louros à escovinha empunhava um deles e Marca-de-Nascença o outro. Jim não podia escutar as palavras de Wayne, mas leu o movimento dos lábios:

— Fuja, Jimmy, fuja!

Jim caiu de joelhos e as mãos que o seguravam sumiram. Ele passou por entre um par de pernas, como um sapo. Uma mão lhe bateu nas costas, tentando agarrá-lo sem conseguir. Então, Jim correu pelo caminho de onde viera, com toda a horrível e pegajosa lentidão dos sonhos. Olhou por cima do ombro e viu...

Acordou no escuro. Sally dormia placidamente a seu lado. Mordeu os lábios para reprimir o grito e, depois de engoli-lo, tornou a cair no travesseiro.

Quando ele olhara para trás, para a escuridão sob a passarela, vira o rapaz louro e o que tinha a marca de nascença no queixo enfiarem os punhais em seu irmão — o louro logo abaixo do esterno e Marca-de-Nascença diretamente no baixo ventre.

Ficou deitado no escuro, respirando com dificuldade, esperando que aquele fantasma de nove anos de idade se fosse, aguardando que o sono dos justos apagasse tudo aquilo.

Muito tempo depois, foi o que aconteceu.

As férias de Natal e o intervalo do semestre coincidiam no distrito escolar do município, de modo que a suspensão das aulas durava quase um mês inteiro. O sonho voltou duas vezes, logo no início das férias, e depois não reapareceu. Jim e Sally foram visitar a irmã dela, em Vermont, e esquiaram bastante. Sentiam-se felizes.

O problema de Jim com a turma do sétimo período parecia irrelevante e um pouco tolo no ar livre e cristalino das montanhas. Ele voltou à escola com um bronzeado de inverno, sentindo-se refrescado e controlado.

Simmons interceptou-o a caminho do segundo período de aula e lhe entregou uma pasta.

— Aluno novo, sétimo período. O nome é Robert Lawson. Veio transferido.

— Ora, Sinunons, já tenho vinte e sete alunos naquele período. Estou sobrecar-regado.

— Continua com vinte e sete alunos. Bill Steams morreu na Terça-feira após o Natal. Foi atropelado por um automóvel. O motorista fugiu.

— Billy?

O retrato se formou na mente de Jim em preto e branco, como uma foto no anuário escolar. Wilham Stearns, Key Club 1, Futebol 1, Pen & Lance 2. Fora um dos poucos bons alunos da turma do sétimo período, obtendo consistentemente notas elevadas. Não se apresentava freqüentemente como voluntário para responder as perguntas, mas costumava apresentar as respostas corretas (temperadas com um humor seco e agradável) quando chamado. Morto? Quinze anos de idade. Jim sentiu sua própria mortalidade percorrer-lhe a medula dos ossos como uma corrente de ar frio passando por baixo de uma porta.

— Que coisa horrível, meu Deus! Já sabem o que aconteceu?

— A polícia está investigando. Ele foi ao centro da cidade trocar um presente de Natal.

Começou a atravessar a Rampart Street e foi atropelado por um velho Ford sedan.

Ninguém anotou a placa, mas as palavras "Olhos de Cobra" estavam pintadas na porta do carro... como os rapazes costumam fazer.

— Meu Deus! — repetiu Jim.

— A campainha está tocando — interrompeu Simmons.

Jim apressou o passo, parando para desfazer um agrupamento de alunos em torno de um bebedouro. Com uma sensação de vazio, dirigiu-se à aula.

Durante o período livre, abriu a pasta de Robert Lawson. A primeira página era um formulário verde do Ginásio Milford, do qual Jim nunca ouvira falar. A segunda era um perfil da personalidade do aluno. QI ajustado de 78. Algumas habilidades manuais, não muitas. Respostas anti-sociais ao teste de personalidade Bamett-Hudson. Notas baixas quanto à atitude. Jim refletiu azedamente que o novo aluno se adaptava como uma luva à turma do sétimo período.

A página seguinte era o histórico disciplinar, o formulário amarelo. A folha do Ginásio Milford era branca com uma tarja negra e depressivamente cheia de anotações. Lawson estivera envolvido numa centena de tipos de encrencas.

Jim virou a outra página, lançou um olhar à foto escolar de Robert Lawson e tomou a olhar, com mais atenção. O terror esgueirou-se repentinamente para o interior de seu estômago, enrolando-se ali, quente e sibilante.

Lawson fitava a câmera com antagonismo, como se posasse para uma foto de ficha criminal e não para um retrato escolar. Tinha uma pequena marca de nascença no queixo. Cor de morango, sem dúvida.

Quando chegou a hora do sétimo período, Jim colocara em jogo todas as racionalizações civilizadas. Disse consigo mesmo que deveriam existir milhares de rapazes com marcas de nascença vermelhas no queixo. Procurou convencer-se de que o malandro que apunhalara seu irmão, naqueles dezesseis longos anos mortos atrás, teria agora pelo menos trinta e dois anos de idade.

Contudo, ao subir para o terceiro andar, continuava apreensivo. E sentia outro temor: Foi assim que você começou a sentir-se quando teve o colapso. Tinha na boca o gosto metálico do medo.

O costumeiro grupo de alunos pilheriava junto à porta da Sala 32 e alguns deles entraram ao avistarem Jim que se aproximava. Outros continuaram onde estavam, falando em voz baixa e sorrindo. Jim viu o novo aluno ao lado de Chip Osway. Robert Lawson usava blue jeans e pesadas botas amarelas de tratorista — o auge da moda naquele ano.

— Entre, Chip.

— É uma ordem?

Osway sorriu vagamente, fitando um ponto acima da cabeça de fim.

— Claro.

— Você me deu zero naquela prova?

— Claro.

— Sim, é isso que..

O resto da frase se perdeu num murmúrio quase inaudível.

Jim virou-se para Robert Lawson.

— Você é novo — declarou. — Eu só queria que soubesse como são as coisas por aqui.

— Claro, Sr. Norman.

A sobrancelha direita de Lawson era dividida por uma pequena cicatriz — uma cicatriz que Jim conhecia. Não era possível haver engano. Era loucura, era impossível, mas era também um fato concreto. Dezesseis anos atrás, aquele rapaz enfiara um punhal no irmão de Jim.

Atordoado, como se a grande distância, Jim ouviu sua própria voz começar a explicar as regras e regulamentos do curso. Robert Lawson enganchou os polegares no cinto militar de lona, escutou, sorriu e começou a menear a cabeça como se fossem velhos amigos.

— Jim ?

— Hmmm?

— Há algo errado?

— Não.

— Aqueles rapazes do sétimo período ainda lhe causam problemas?

Nenhuma resposta.

— Jim?

— Não.

— Por que não dorme mais cedo hoje?

Mas ele não dormiu mais cedo.

Naquela noite, o sonho foi terrível. Quando o rapaz com a marca de nascença cor de morango apunhalou Wayne, gritou para Jim:

— Você será o seguinte, garoto. Bem no saco.

Jim acordou gritando.

Naquela semana, Jim estava ensinando Lord of the Flies e falando sobre o simbolismo, quando Lawson ergueu a mão.

— Robert? — indagou Jim com tranqüilidade.

— Por que está sempre olhando para mim?

Jim pestanejou e sentiu a boca seca.

— Estou ficando verde? Ou o fecho de minha calça está aberto?

Uma risadinha nervosa da turma.

Jim replicou com calma:

— Eu não estava olhando para o senhor, Sr. Lawson. Será capaz de nos dizer por que Ralph e Jack discordaram quanto...

— Você estava olhando para mim.

— Quer conversar com o Sr. Fenton sobre o assunto?

Lawson pareceu refletir.

— Não.

— Ótimo. Agora, será capaz de nos dizer por que Ralph e Jack...

— Não li o livro. Achei-o idiota.

Jim exibiu um sorriso tenso.

— É mesmo? É bom lembrar-se de que enquanto o senhor julgava o livro, este também julgava o senhor. Agora, alguém é capaz de me dizer

por que Ralph e Jack discordaram quanto à existência do animal?

Kathy Slavin levantou timidamente a mão e Lawson mirou-a cinicamente dos pés à cabeça, dizendo algo a Chip Osway. O movimento de seus lábios parecia indicar as palavras "bonitas tetas". Chip meneou afirmativamene a cabeça.

— Kathy?

— Não foi porque Jack queria caçar o animal?

— Muito bem.

Jim virou-se e começou a escrever no quadro-negro. No instante em que deu as costas à sala, uma laranja se espatifou no quadro-negro, ao lado de sua cabeça.

Jim recuou bruscamente e girou nos calcanhares. Alguns dos alunos riram, mas Osway e Lawson limitaram-se a fitá-lo com ar inocente.

Jim se abaixou e pegou a laranja.

— Alguém — disse ele, olhando para o fundo da sala — devia ter isto aqui enfiado pela goela.

Kathy Slavin prendeu a respiração, engasgando-se.

Jim jogou a laranja na cesta de lixo e voltou ao quadro-negro.

Jim abriu o jornal matutino, bebericando seu café, e viu a manchete no meio da página.

— Meu Deus! — exclamou, interrompendo o calmo fluxo de tagarelice matinal da esposa.

De repente, sentiu a barriga cheia de farpas...

"Adolescente Cai Para A Morte: Katherisne Slavin, de dezessete anos, aluna da penúltima série do Ginásio Harold Davis, caiu ou foi empurrada do telhado do prédio de apartamentos onde residia, no centro da cidade, no início da noite de ontem. A jovem, que possuía um pombal no telhado, subira com um saco de comida para os pombos, segundo declarou sua mãe."

"A polícia informou que uma mulher não identificada, residente num prédio novo das vizinhanças, vira três rapazes correndo no telhado às 6:45, poucos minutos antes que o corpo da jovem (continua na página 3)."

— Era sua aluna, Jim?

Mas Jim só conseguiu fitá-la, sem encontrar palavras.

Duas semanas mais tarde, logo após a campainha do almoço, Simmons, com uma pasta na mão, encontrou-se com Jim no corredor. Jim sentiu um vazio nas tripas.

— Aluno novo — declarou peremptoriamente — Sétimo período.

Simmons levantou as sobrancelhas:

— Como adivinhou?

Jim sacudiu os ombros e estendeu a mão para pegar a pasta.

— Preciso ir — disse Simmons. — Reunião dos chefes de departamento para avaliação dos cursos. Você parece um pouco abatido. Sente-se bem?

Exatamente: um pouco abatido — como Billy Stearns

— Claro — respondeu Jim.

— É isso aí — disse Simmons, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

Depois que Simmons se afastou, Jim abriu a pasta na página da fotografia, franzindo

antecipadamente a testa, como um homem prestes a ser agredido.

Contudo, o rosto não era imediatamente familiar. Simplesmente o rosto de um rapaz.

Talvez Jim já o tivesse visto antes, talvez não. O aluno, David Garcia, era um rapaz corpulento de cabelos negros e lábios um tanto negróides, olhos escuros e sonolentos. O formulário amarelo informara que também era oriundo do Ginásio Mfford e passara dois anos no Reformatório Juvenil Granville, por furto de automóveis.

Jim fechou a pasta com mãos ligeiramente trêmulas.

— SaIly?

Ela ergueu os olhos da tábua de passar roupa. Jim estivera assistindo ao jogo de basquetebol na TV, sem realmente ver as imagens.

— Nada — disse ele. — Esqueci o que ia dizer.

— Devia ser mentira, então.

Ele sorriu mecanicamente e tomou a olhar para a televisão. Estivera-lhe na ponta da língua revelar tudo. Mas como poderia fazê-lo? Era pior que loucura. Por onde começar? Pelo sonho? Pelo colapso? Pelo aparecimento de Robert Lawson?

Não. Por Wayne — meu irmão.

Contudo, ele nunca fizera nada nesse sentido, nem mesmo durante a análise. Seus pensamentos se voltaram para David Garcia e o pavor que sentira quando ambos se encararam no corredor. Naturalmente que o rapaz apenas lhe parecera vagamente familiar na fotografia. Fotografias não se mexem... nem têm pálpebras trêmulas.

Garcia estava em companhia de Lawson e Chip Osway. Ao erguer os olhos e avistar fim Norman, ele sorriu e sua pálpebra começou a tremer.

As vozes soaram na mente de Jim com uma nitidez sobrenatural:

Vamos, garoto, quanto tem aí?

Q-quatro centavos

Mentiroso de merda.. Veja, Vinnie, ele se mijou!

— Você disse alguma coisa, Jim?

— Não.

Mas ele não tinha certeza se dissera ou não. Estava ficando muito assustado.

Uma dia no início de fevereiro, após as aulas, alguém bateu à porta da sala de professores e, quando Jim abriu, deparou com Chip Osway. Parecia amedrontado. Jim estava sozinho; era quatro e dez e o último dos professores já fora para casa havia uma hora. Jim ficara para corrigir exercícios dos alunos do sétimo período.

— Chip? — disse ele, com calma

Chip esfregou os pés no chão.

— Posso lhe falar um minuto, Sr. Norman?

— Claro. Mas se for a respeito daquela prova, está perdendo seu tempo...

— Não é sobre isso. Hum... posso fumar aqui?

— A vontade.

Acendeu um cigarro com mãos levemente trêmulas. Passou pelo menos um minuto sem falar. Dava a impressão de não conseguir fazê-lo. Os lábios se movimentavam, as mãos se esfregavam, as pálpebras se estreitavam, como se um ego interior lutasse por exprimir-se.

De repente, explodiu:

— Se eles fizerem, quero que o senhor saiba que não estou envolvido! Não gosto daqueles caras! Eles me causam arrepios!

— Que caras, Chip?

— Lawson e aquele nojento Garcia.

— Planejam pegar-me?

O velho pavor do sonho o invadira e ele já conhecia a resposta.

— No começo, eu gostava deles — disse Chip. — Saímos juntos e bebemos algumas cervejas. Comecei a reclamar do senhor e daquela prova, dizendo que ainda pegaria o senhor. Mas era apenas conversa fiada! Juro!

— O que aconteceu?

— Eles me levaram a sério logo do princípio. Perguntaram a que horas o senhor saía da escola, a marca, ano e cor do seu carro, todo esse negócio. Perguntei o que o senhor tinha contra eles e Garcia respondeu que eles conhecem o senhor há muito tempo... Ei, o senhor está passando mal?

— É o cigarro — disse Jim em voz pastosa. — Nunca me acostumei à fumaça.

Chip apagou o cigarro com o pé.

— Perguntei quando eles conheceram o senhor e Bob Lawson disse que foi na época que eu ainda mijava nas fraldas. Mas eles têm dezessete anos, a mesma idade que eu.

— E depois?

— Bem, Garcia se debruçou na mesa e disse que eu não queria tanto pegar o senhor, pois nem sabia a que horas o senhor saía da escola. O que eu pretendia fazer, afinal? Por isso, declarei que ia esvaziar os quatro pneus do seu carro.

Chip Osway fitou Jim com olhar suplicante.

— Nem mesmo isso eu ia fazer. Só disse porque...

— Ficou assustado? — sugeriu Jim em voz baixa.

— Sim. E ainda estou.

— O que pensaram eles da sua idéia?

Chip estremeceu.

— Bob Lawson perguntou se era aquilo que eu ia fazer e me chamou de vagabundo barato. Tentei bancar o durão e perguntei o que ele ia fazer: matar o senhor? E Garcia... as pálpebras dele começaram a subir e descer... tirou uma coisa do bolso e produziu um estalo: um punhal de mola. Foi então que caí fora.

— Quando foi isso, Chip?

— Ontem. Agora, tenho medo de sentar perto daqueles caras, Sr. Norman.

— Está bem — disse Jim. — Está bem.

Olhou para as provas que estivera corrigindo, sem vê-las.

— O que o senhor vai fazer?

— Não sei — respondeu Jim. — Realmente não sei.

Na manhã de segunda-feira ele ainda não sabia. Seu primeiro pensamento foi contar tudo a Sally, começando pela morte do irmão, havia dezesseis anos. Mas era impossível.

Ela se mostraria compadecida, mas assustada e incrédula.

Simmons? Impossível. Simmons pensaria que ele estava maluco. E talvez estivesse. Um homem numa sessão de análise em grupo a que ele comparecera disse que ter um colapso era como quebrar um vaso e reconstituí-lo com cola. Nunca mais a pessoa teria confiança para manuseá-lo com alguma segurança. Não se poderia colocar nele uma flor, porque as flores precisam de água e esta poderia dissolver a cola.

Estou louco, então?

Se estivesse, Chip Osway também estava. A idéia lhe veio à mente quando ele entrava no carro e um choque de excitação lhe percorreu o corpo inteiro.

Naturalmente! Lawson e Garcia o tinham ameaçado na presença de Chip Osway. O fato poderia não constituir prova válida perante um tribunal, mas significaria a suspensão dos dois malandros caso Jim convencesse Chip a repetir a estória no gabinete de Fenton.

E ele tinha quase certeza de que induziria Chip a fazê-lo. Chip tinha seus próprios motivos para querer ver aquela dupla bem longe de si.

Jim estava chegando ao estacionamento quando se lembrou do que acontecera a Billy Stearns e Kathy Slavin.

Durante o período livre, foi à secretaria da escola e debruçou-se sobre a mesa da encarregada dos registros. Esta elaborava a lista de faltas.

— Chip Osway veio hoje? — indagou ele com naturalidade.

— Chip...? — repetiu ela, encarando-o com ar duvidoso.

— Charles Osway — corrigiu-se Jim. — Chip é apelido.

A moça examinou uma pilha de pequenas folhas de papel, deteve-se numa delas e retirou-a do monte.

— Ele faltou hoje, Sr. Norman.

— Pode informar-me o número do telefone dele?

Ela enfiou o lápis no cabelo e respondeu:

— Pois não.

Procurou o telefone no arquivo da letra "O" e passou-o para Jim. Este fez a ligação de um dos telefones da secretaria.

O telefone chamou uma dúzia de vezes e ele já ia desligar quando uma voz áspera e sonolenta atendeu:

— Alô?

— Sr. Osway?

— Barry Osway morreu há seis anos. Sou Gary DenlQnger.

— É o padrasto de Chíp Osway?

— O que fez ele?

— Perdão?

— Ele fugiu de casa. Quero saber o que fez.

— Pelo que sei, nada. Eu queria apenas conversar com ele. Tem idéia de onde ele possa estar?

— Não. Trabalho à noite. Não conheço nenhum dos amigos dele.

— Nenhuma idéia a respeito... — Não. Ele levou urna maleta e cinqüenta pratas que economizou roubando carros, vendendo tóxicos, ou lá o que seja que os rapazes fazem atualmente para conseguir dinheiro. Pelo que sei, pode ter ido para São Francisco virar hippie.

— Se tiver notícia dele, pode telefonar para a escola. Sou Jim Norman, professor de Inglês.

— Claro.

Jim desligou o telefone. A funcionária dos registros lançou-lhe um sorriso sem maior significado. Jim não retribuiu.

Dois dias depois, as palavras "abandonou a escola" apareceram em seguida ao nome de Chip Osway na lista matinal de faltas. Jim começou a esperar que Simmons lhe trouxesse uma nova pasta. Isso ocorreu uma semana mais tarde.

Fitou, atordoado, a fotografia do aluno. Não havia dúvida quanto àquele. O corte à escovinha fora substituído por cabelos compridos, mas ainda louros. E o rosto era o mesmo: Vincent Corey — Vinnie, para os amigos. Na foto, ele olhava para a câmera com um sorriso insolente.

Quando Am se aproximou da turma do sétimo período, o coração batia-lhe com força no peito. Lawson, Garcia e Vinnie Corey estavam junto ao quadro de avisos ao lado da porta; os três se empertigaram quando Jim chegou.

Vinnie exibia o sorriso insolente, mas seus olhos eram tão frios e inexpressivos como cubos de gelo.

— Você deve ser o Sr. Norman. Como vai, Norm?

Lawson e Garcia soltaram risinhos zombeteiros.

— Sou o Sr. Norman — replicou Jim ignorando a mão que Vinnie lhe estendia. — Não se esqueça disso, ouviu?

— Claro, não me esquecerei. Como vai seu irmão?

Jim petrificou-se. Sentiu a bexiga relaxar-se e, como se à distância, percorrendo um longo corredor no interior de seu crânio, escutou uma voz fantasmagórica: Veja, Vinnie, ele se mijou!

— O que sabe a respeito de meu irmão? — perguntou ele com voz pastosa.

— Nada — respondeu Vinnie. — Não muito.

E os três sorriram para ele, sorrisos vagos e perigosos. — A campainha tocou e eles entraram na sala de aulas.

Cabine telefônica da lanchonete, dez horas daquela mesma noite.

— Telefonista, quero falar com a delegacia de polícia em Stratford, Connecticut... Não, não sei o número.

Estalidos na linha. Conferências.

O policial fora o Sr. Nell. Naquela época, ele tinha cabelos brancos, talvez cinqüenta e poucos anos de idade. Era difícil calcular, quando a gente ainda era criança. O pai deles morrera e, de algum modo, o Sr. Nell sabia disso.

Podem chamar-me Sr. Nell, meninos

Todos os dias, Jim e o irmão se encontravam à hora do almoço e iam à Lanchonete Stratford para comerem seus almoços de marmita. Mamãe dava a cada um deles o dinheiro correspondente a um copo de leite — isso foi antes do início dos programas de merenda escolar. E às vezes o Sr. Nell entrava na lanchonete, o cinturão de couro rangendo sob o peso da barriga e do revólver calibre 38, e comprava para cada um deles uma fatia de torta à Ia moda

Onde estava quando apunhalaram o meu irmão, Sr. Nell?

A ligação foi completada. O telefone tocou apenas uma vez.

— Polícia de Stratford.

— Alô. Meu nome é James Norman, Sr. Guarda. Estou ligando interurbano — e disse o nome da cidade. — Desejo saber se o senhor pode dar alguma informação a respeito de um homem que pertenceu à polícia de Stratford por volta de 1957.

— Um momento, por favor, Sr. Norman.

Uma pausa. Então, outra voz:

— Sou o Sargento Morton Livingston, Sr. Norman. A quem o senhor está tentando localizar?

— Bem, nós, os garotos, costumávamos chamá-lo Sr. Nell. Será isso...

— Oh, sim! Don Nell está aposentado. Tem setenta e três ou setenta e quatro anos.

— Ele ainda reside em Stratford?

— Sim, lá na Bernum Avenue. O senhor gostaria de ter o endereço?

— E o telefone, se possível.

— Está bem. O senhor conheceu Don?

— Ele costumava pagar tortas à la mode para meu irmão e eu, na Lanchonete Stratford.

— Meu Deus, ela fechou há dez anos. Espere um minuto.

Quando voltou ao telefone, o sargento leu o endereço e o telefone de Don Nell. Jim anotou-os, agradeceu e desligou.

Tornou a discar para a telefonista de interurbano, forneceu o número e aguardou.

Quando o telefone começou a tocar, ele se sentiu invadir por uma repentina tensão quente. Debruçou-se para o aparelho, dando instintivamente as costas ao balcão da lanchonete, embora não houvesse ninguém ali exceto uma garota gorda lendo uma revista.

Atenderam ao telefone e uma sonora voz masculina, que nada tinha de idosa, disse:

— Alô?

Aquela simples palavra desencadeou uma empoeirada reação em cadeia de lembranças e emoções, tão espantosa como a reação pavloviana que pode ser provocada por escutar um disco antigo pelo rádio.

— Sr. Nell? Donald Nell?

— Sim.

— Meu nome é James Norman, Sr. Nef. Lembra-se de mim, por acaso?

— Sim — respondeu imediatamente a voz. — Torta à la mode. Seu irmão foi morto... apunhalado. Uma pena. Era um lindo menino.

Jim deixou-se cair de encontro a uma das paredes de vidro da cabine telefônica. O súbito desaparecimento da tensão deixou fraco como um brinquedo estofado. Viu-se prestes a contar tudo e reprimiu desesperadamente o impulso.

— Sr. Nell, aqueles rapazes jamais foram apanhados.

— Exato — disse Nell. — Tínhamos suspeitos. Ao que me recordo, fizemos um desfile dos suspeitos na delegacia de Bridgeport.

— Os tais suspeitos foram identificados para mim pelos nomes?

— Não. O procedimento da delegacia foi designar os participantes do desfile por números. Agora, qual é seu interesse pelo caso, Sr. Norman?

— Permita-me dizer-lhe alguns nomes — replicou Jim. — Quero saber se o senhor se lembra de algum deles em ligação com o caso.

— Filho, eu não..,

— Talvez — interrompeu Jim, começando a sentir-se um tanto desesperado. — Robert Lawson, David Garcia, Vincent Corey. Algum desses...

— Corey — disse peremptoriamente o Sr. Nell. — Vinnie, a víbora. Sim, nós o detivemos por causa daquele crime. Sua mãe lhe forneceu um álibi. Não me lembro de Robert Lawson; é um nome como outro qualquer, para mim. Mas Garcia... toca uma campainha. Não sei exatamente por que motivo. Diabo! Estou velho.

Parecia desgostoso consigo mesmo.

— Sr. Nell, existe alguma maneira pela qual o senhor possa checar aqueles rapazes?

— Bem, naturalmente eles já não são mais rapazes.

É mesmo?

— Ouça, Jimmy. Algum deles apareceu e começou a incomodá-lo? — Não sei. Algumas coisas estranhas têm acontecido. Coisas relacionadas com o assassinato de meu irmão.

— Que coisas?

— Não lhe posso contar, Sr. Nell. Julgaria que estou louco.

A resposta foi rápida, firme, interessada:

— Está?

Jim fez uma pausa.

— Não — respondeu afinal.

— Muito bem, posso checar os nomes através dos registros policiais de Stratford. Como posso entrar em contato com o senhor?

Jim deu-lhe o número do telefone.

— É mais provável que me encontre em casa nas noites de terça-feira. Ficava em casa quase todas as noites, mas às terças-feiras Sally ia às aulas de cerâmica.

— O que faz você atualmente, Jimmy?

— Sou professor de ginásio.

— Ótimo. Eu talvez leve alguns dias para checar, você sabe. Estou aposentado.

— Pelo telefone, parece o mesmo de sempre.

— Ah, mas se você pudesse ver-me! — disse Nell com uma risadinha. — Ainda gosta de uma boa fatia de torta à la mode, Jimmy?

— Claro — respondeu Jim.

Era mentira. Ele detestava torta à la mode.

— Fico satisfeito em saber. Bem, se é só isso, eu...

— Oh, só mais uma coisa: existe um Ginásio Milford em Stratford? — Não que eu saiba.

— Foi o que...

— A única coisa por aqui com o nome de Milford é o Cemitério Milford, lá na Ash

Heights Road. E nunca ninguém tirou diploma lá.

Soltou um riso seco que aos ouvidos de Jim, soou como o chocalhar de ossos numa cova.

— Muito obrigado — Jim ouviu a própria voz dizer. — Até logo.

O Sr. Nell desligou. A telefonista pediu que Jim depositasse mais sessenta centavos no telefone e ele obedeceu mecanicamente. Virou-se e esbugalhou os olhos para a cara amassada que se comprimia contra o vidro da cabine, ladeada por duas mãos espalmadas que estavam brancas por causa da pressão contra o vidro, como acontecia com o nariz.

Era Vinnie, sorrindo malevolamente para ele.

Jim gritou.

Aula novamente.

A turma do sétimo período estava fazendo uma composição e quase todos os alunos debruçavam-se, suados, sobre os papéis, lutando para colocar os pensamentos na página, como se o esforço equivalesse a rachar lenha. Todos, menos três. Robert Lawson, ocupando a carteira de Billy Stearns, David Garcia no lugar de Kathy Slavin e Vinnie Corey no de Chip Osway. Sentados diante das páginas em branco, fitavam o professor.

Logo antes do toque da campainha, Jim disse em voz baixa:

— Quero conversar um minuto com o senhor, depois da aula, Sr. Corey.

— Claro, Norm.

Lawson e Garcia soltaram risinhos nervosos, mas o resto da classe não. Quando a campainha tocou, os alunos entregaram suas composições e praticamente correram para o corredor. Lawson e Garcia ficaram na sala e Jim sentiu um aperto na barriga.

Será agora?

Então, Lawson meneou a cabeça para Vinnie:

— Até logo.

— Sim.

Saíram. Lawson fechou a porta e, do outro lado do vidro fosco, David Garcia gritou bruscamente com voz rouca:

— Norm come merda!

Vinnie olhou para a porta e voltou a encarar Jim. Sorriu.

— Eu já começava a imaginar quando você abordaria o assunto disse ele.

— É mesmo? — replicou Jim.

— Assustei você no telefone, na outra noite, não foi, paizinho?

— Não se usa mais esse tipo de gíria, Vinnie. Está por fora. Assim como bacana já deixou de ser bacana. Está tão morto quando Buddy Holly.

— Falo do jeito que quero — declarou Vinnie.

— Onde está o outro? O cara com o esquisito cabelo cor de laranja? — Deixe disso, homem.

Contudo, sob a estudada despreocupação, Jim percebeu um estado de alerta.

— Ele está vivo, não é? Por isso não se encontra aqui. Está vivo, com mais ou menos trinta e dois anos de idade, como você estaria se...

— O Desbotado sempre foi um chato. Não é ninguém.

Vinnie empertigou-se na carteira e espalmou a mão sobre o tampo gasto pelo uso. Seus olhos faiscavam.

— Homem, lembro-me de você naquele desfile de suspeitos na delegacia. Parecia pronto para mijar nas calcinhas de brim. Vi você olhando para mim e Dave. Joguei um feitiço em você.

— Presumo que sim — disse Jim. — Deu-me dezesseis anos de pesadelos. Não foi suficiente? Por que agora? Por que eu?

Vinnie pareceu perplexo e, depois, tornou a sorrir.

— Porque você é negócio inacabado, homem. Precisamos limpar você.

— Onde estiveram antes? — indagou Jim.

Os lábios de Vinnie se apertaram:

— Não estamos falando nisso. Morou?

— Cavaram um buraco para você morar, não foi Vinnie? Um buraco com sete palmos de profundidade. Lá no Cemitério Milford. Sete palmos de...

— Cale a boca!

Levantou-se, derrubando a carteira.

— Não vai ser fácil, Vinnie — declarou Sim. — Não facilitarei as coisas para vocês.

— Vamos matar você, paizinho. Você vai saber de tudo a respeito daquele buraco.

— Saia daqui.

— Talvez aquela sua mulherzinha, também.

— Seu maldito moleque, se tocar nela...

Jim avançou cegamente, sentindo-se violentado e aterrorizado pela menção de Sally.

Vinnie sorriu e se encaminhou para a porta.

— Fique frio. Trate de ficar frio como um idiota.

Deu uma risadinha.

— Se tocarem minha mulher, eu o mato!

O sorriso de Vinnie se ampliou.

— Matar-me? Ora, homem, pensei que já soubesse: eu já estou morto.

Saiu da sala. Seus passos ecoaram pelo corredor durante longo tempo.

— O que está lendo, querido?

Jim exibiu a lombada do livro, para que ela pudesse ler o título:

Demônios Que Se Erguem.

— Puxa!

Ela tornou a mirar-se no espelho, ajeitando o cabelo.

— Vai voltar de táxi? — indagou Jim.

— São apenas quatro quarteirões. Além disso, andar faz bem à minha silhueta.

— Alguém agarrou uma de minhas alunas na Summer Street mentiu ele. — Ela acha que a intenção era estupro.

— É mesmo? Quem?

— Dianne Snow — respondeu Jim, inventando um nome a esmo. Uma garota equilibrada.

Tome um táxi, está bem?

— Está bem — disse ela.

Parou junto à cadeira do marido, ajoelhou-se, colocou as mãos no rosto dele e o fitou nos olhos.

— O que há, fim?

— Nada.

— Sim, há alguma coisa.

— Nada que eu não consiga resolver.

— É algo... a respeito de seu irmão?

Um hálito de pavor bafejou Jim, como se uma porta interna se abrisse.

— Por que diz isso?

— Na noite passada, você repetiu o nome dele durante o sono.

Wayne, Wayne, fuja, Wayne.

— Não é nada.

Mas era. E ambos sabiam. fim observou-a sair.

O Sr. Nell telefonou às oito e quinze.

— Não precisa preocupar-se com aqueles caras — declarou. — Estão todos mortos.

— É mesmo?

Marcava a página de Demônios Que Se Erguem com o dedo indicador enquanto falava ao telefone.

— Acidente de automóvel. Seis meses após a morte de seu irmão. Um policial o perseguia. Na realidade, o guarda era Frank Simon. Atualmente trabalha na Sikorsky.

Provavelmente, ganhando muito mais.

— E eles bateram com o carro?

— O carro saiu da estrada a mais de cento e sessenta quilômetros por hora e se chocou com uma torre de alta-tensão. Quando, afinal, conseguiram desligar a corrente elétrica e os tiraram do carro com uma raspadeira, os três pareciam carne bem passada.

Jim fechou os olhos.

— O senhor leu o relatório?

— Pessoalmente.

— Algo a respeito do carro?

— Um calhambeque envenenado.

— Alguma descrição?

— Ford sedan preto 1954, com "Olhos de Cobra" escrito na lateral. Bem adequado. Eles se arrebentaram de verdade.

— Tinham um amigo, Sr. Nell. Não sei o nome, mas o apelido era Desbotado.

— Deve ser Charlie Sponder — disse o Sr. Nell sem hesitação. — Certa vez, descorou os cabelos com Clorox. Lembro-me disso. Ficou cheio de mechas brancas e tentou pintálas de preto. O resultado foram mechas alaranjadas.

— Sabe o que ele faz atualmente?

— Engajou-se no exército e fez careira. Alistou-se por volta de 1958 ou `59, depois de engravidar uma garota local.

— Eu poderia entrar em contato com ele?

— A mãe dele reside em Stratford. Ela deve saber.

— O senhor poderia fornecer-me o endereço dela?
— Não, Jimmy. A menos que você me explique o que está acontecendo.
— Não posso, Sr. Nell. Pensaria que estou maluco.
— Experimente.
— Não posso.
— Muito bem, filho.
— O senhor...
O Sr. Nell cortou a ligação.
— Filho da puta — disse Jim, recolocando o fone no gancho.
O fone tocou a campainha em sua mão e ele o largou como se queimasse. Olhou para o aparelho, respirando pesadamente. A campainha soou três, quatro vezes. Jim pegou o fone. Escutou. Fechou os olhos.
Um policial fê-lo parar a caminho do hospital. Depois, seguiu na frente, abrindo caminho com a sirene. Na sala de emergência havia um jovem médico de bigode hirsuto. Fitou Jim com olhos sombrios, desprovidos de emoção.
— Com licença. Sou James Norman e...
— Sinto muito, Sr. Norman. Ela morreu às nove e quarenta.
Jim ia desmaiar. O mundo ficou muito distante, rodando, e um forte zumbido ecoou em seus ouvidos. Seus olhos vagaram sem destino, vendo as paredes de azulejos verdes, uma maca de rodas brilhando sob as lâmpadas fluorescentes do teto, uma enfermeira com o gorro torcido para o lado. Hora de se refrescar, querida. Um servente estava recostado à parede junto à porta da Sala de Emergência n° 1. Usava um uniforme branco, sujo, respingado de sangue. Limpava as unhas com um canivete. Ergueu a cabeça e encarou Jim. O servente era David Garcia.
Jim desmaiou.
O enterro. Como um balé em três atos. A casa. A capela mortuária. O cemitério. Rostos surgindo do nada, aproximando-se a rodopiar, afastando-se para a escuridão ainda fazendo piruetas. A mãe de Sally, os olhos derramando lágrimas por detrás do véu negro. O pai dela, parecendo chocado e envelhecido. Simmons. Outros. Apresentavam-se e apertavam a mão do viúvo. Ele meneava a cabeça, não lhes reconhecendo as fisionomias. Algumas das mulheres trouxeram comida; uma trouxe uma torta de maçãs e alguém cortou uma fatia. Quando Jim foi à cozinha, viu a torta em cima do balcão, cortada e escorrendo molho na travessa como se

fosse sangue cor de âmbar. Ele pensou: Devia ter uma grossa camada de sorvete de baunilha por cima.

Sentia as mãos e pernas tremerem, desejando atravessar a cozinha até o balcão e jogar a torta na parede.

Então, as pessoas começaram a sair e ele se vigiava, como a gente se observa num filme caseiro, apertando mãos e dizendo:

— Muito obrigado... Sim, eu o farei... Obrigado... Tenho certeza de que ela... Muito obrigado...

Depois que eles se foram, a casa voltou a ser sua. Ele foi até o aparador da lareira.

Estava coberto de lembranças do casamento. Um cão estofado com olhos de cristal que ela ganhara numa barraca de jogos em Coney Island durante a lua-de-mel. Duas pastas de couro: o diploma de Jim na Universidade de Boston e o diploma de Sally na Universidade de Massachusetts. Um par de gigantescos dados de espuma de borracha que ela lhe dera como pilhéria depois que ele perdera sessenta dólares no jogo de pôquer de Pinky Silverstein, cerca de um ano antes. Uma fina xícara de porcelana que ela comprara num antiquário de Cleveland no ano passado. No centro do aparador, o retrato de casamento. Jim virou-o para a parede e depois sentou-se em sua poltrona, olhando para o aparelho de TV desligado. Uma idéia começou a tomar forma em seu cérebro.

Uma hora mais tarde, o telefone tocou, despertando-o de um leve cochilo. Jim tateou à procura do fone.

— Você é o seguinte, Norm.

— Vinnie?

— Homem, ela foi como um daqueles patos de barro numa galeria de tiro ao alvo. Pum!

Estilhaços por todo lado.

— Estarei na escola esta noite, Vinnie. Sala 33. Deixarei as luzes apagadas. Será como a passarela naquele dia. Acho mesmo que posso providenciar um trem.

— Quer acabar tudo logo de uma vez, não é?

— Exato — disse Jim. — Esteja lá.

— Talvez.

— Você estará — replicou Jim.

E desligou.

Já estava quase escuro quando ele chegou à escola. Estacionou na vaga de costume, abriu a porta dos fundos com a chave-mestra e foi primeiramente ao Departamento de Inglês, no segundo andar. Entrou no escritório, abriu o armário de discos e começou a examinar um por um. Parou no meio da pilha e retirou um disco chamado Efeitos de Som em Hi-Fi. Virou-o. A terceira faixa do lado A era "Trem de Carga: 3:04". Colocou o disco em cima do toca-discos estereofônico do Departamento de Inglês e retirou do bolso do sobretudo seu exemplar de Demônios Que Se Erguem. Procurou um trecho marcado, leu algo, meneou afirmativamente a cabeça. Apagou as luzes.

Sala 33.

Jim instalou o sistema estereofônico, colocando as caixas de som o mais afastadas possível uma da outra. Depois, tocou a faixa do trem de carga. O som veio aumentando do nada até encher totalmente a sala com o forte barulho da locomotiva diesel e das rodas de aço sobre os trilhos.

Com os olhos fechados, ele quase conseguia acreditar que se encontrava sob a passarela de Broad Street, caído de joelhos, enquanto o pequeno drama de violência caminhava para a sua inevitável conclusão...

Abriu os olhos, acionou o botão de rejeição e tornou a colocar o disco. Sentou-se à sua mesa de trabalho, abrindo o livro Demônios Que Se Erguem no capítulo intitulado

"Espíritos Malignos e Como Invocá-los". Movia os lábios enquanto lia, interrompendo a leitura a intervalos para retirar objetos dos bolsos e colocá-los sobre a mesa.

Primeiro, um velho e amarrotado instantâneo dele e do irmão no jardim à frente do prédio de apartamentos da Broad Street onde residiam. Ambos usavam cortes à escovinha idênticos e sorriam timidamente para a câmera Kodak. Segundo, um vidrinho de sangue. Ele pegara um gato de rua e lhe rasgara o pescoço com o canivete. Terceiro, o próprio canivete. Finalmente, a banda inteira arrancada do forro de um velho boné de beisebol. O boné de Wayne. Jim o guardara na secreta esperança de que algum dia Sally e ele tivessem um filho para usá-lo.

Levantou-se, foi à janela e olhou para fora. O estacionamento estava vazio.

Começou a empurrar as carteiras de escola em direção às paredes, deixando um espaço circular no centro da sala. Quando terminou, pegou

giz na gaveta da mesa e, acompanhando o diagrama do livro com exatidão e utilizando-se de um metro, riscou um pentagrama no chão.

Agora, respirava com mais força. Apagou as luzes, segurou os objetos com uma das mãos e começou a recitar:

— Pai Sombrio, escuta-me pelo bem da minha alma. Sou eu quem te promete sacrifícios.

Sou eu quem te roga uma dádiva sombria para sacrificar. Sou eu quem procura a vingança da mão esquerda. Trago sangue na promessa de sacrifício.

Tirou a tampa do vidrinho que antes contivera manteiga de amendoim e espalhou sangue no interior do pentagrama.

Algo aconteceu na escura sala de aulas. Era impossível dizer exatamente o que ocorrera, mas o ar se tornou mais pesado. Havia nele uma densidade que parecia encher a garganta e o estômago com aço cinzento. O profundo silêncio aumentou, crescendo com algo invisível.

Jim cumpriu os antigos rituais conforme as instruções.

Então, passou a existir no ar uma sensação que lembrou a Jim a ocasião em que ele levara uma turma para visitar uma enorme central elétrica — a sensação de que o próprio ar estava carregado de potencial elétrico e chegava a vibrar. Naquele momento, uma voz curiosamente grave e desagradável lhe falou:

— O que desejas?

Jim não sabia dizer se realmente a escutava ou era apenas impressão. Disse duas frases.

— É uma dádiva pequena. O que ofereces?

Jim pronunciou duas palavras.

— Ambos — disse a voz. — Direito e esquerdo. Concordas?

— Sim.

— Então, dá-me o que me pertence.

Jim abriu o canivete, virou-se para a mesa, espalmou a mão direita e decepou o polegar direito com quatro golpes violentos. O sangue se espalhou sobre o mata-borrão em desenhos escuros. Não doeu nada. Jim empurrou o dedo para um lado e passou o canivete para a mão direita. Cortar o polegar esquerdo foi mais difícil. Sem o polegar direito, a mão era desajeitada e estranha, deixando o canivete escorregar. Afinal, com um grunhido impaciente, ele atirou o canivete para longe, quebrou o osso com

a mão e arrancou o resto do dedo. Pegou ambos os dedos amputados e os jogou no pentagrama.

Houve um forte relâmpago, como o brilho de um antiquado flash fotográfico. Nenhuma fumaça, percebeu ele. Nenhum cheiro de pólvora queimada.

— Que objetos trouxeste?

— Uma fotografia. Uma tira de nano que foi embebida em suor.

— O suor é precioso — comentou a voz com um tom de fria cobiça que fez Jim estremecer. — Entregue-os a mim.

Jim jogou os objetos no pentagrama. O relâmpago brilhou.

— Está bem.

— Se eles vierem — disse Jim.

Não houve resposta. A voz sumiu — se realmente existira. Jim debruçou-se para olhar o pentagrama. A fotografia ainda estava lá, mas enegrecida e chamuscada. A tira do boné desaparecera.

Da rua veio um barulho, a princípio fraco, depois aumentando. Um calhambeque equipado com silenciosos cromados dobrou a esquina de Davis Street e se aproximou da escola. Jim sentou-se, os ouvidos atentos, a fim de verificar se o carro passaria direto ou entraria no estacionamento.

Entrou.

Passos na escada, ecoando.

A risadinha aguda de Robert Lawson e alguém advertindo:

— Shhhh!

Então, nova risadinha de Lawson. Os passos se aproximaram, perdendo o eco, e a porta de vidro no topo da escada se abriu com estrondo.

— Olá, Normie! — chamou David Garcia em tom de falsete.

— Você está aí, Normie? — sussurrou Lawson. Depois, soltou mais uma risadinha: — Vas you dere, Cholly?

Vinnie não falou, mas, à medida que eles avançavam pelo corredor, Jim podia ver suas sombras. Vinnie era o mais alto. Trazia numa das mãos um objeto comprido. Jim escutou um estalido e o objeto se tornou ainda mais comprido.

Pararam à porta, Vinnie no meio. Todos empunhavam punhais.

— Aqui vamos nós, homem — disse Vinnie baixinho. — Aqui vamos nós, seu bunda mole.

Jim ligou o toca-discos.

— Jesus! — exclamou Garcia, sobressaltado. — O que é isso?

O trem de carga se aproximava. Era quase possível sentir as paredes vibrando.

O som já não parecia sair das caixas acústicas, mas vir pelo corredor, partindo de trilhos que se estendiam longe no tempo e no espaço.

— Isso não me agrada, homem — disse Lawson.

— Tarde demais — replicou Vinnie, avançando e gesticulando com o punhal. — Me dá seu dinheiro, paizinho... vamos...

Garcia recuou.

— Que diabo...

Mas Vinnie não hesitou. Fez sinal para que os outros se espalhassem e a expressão de seus olhos poderia ser de alívio.

— Vamos, garoto, quanto tem aí? — perguntou repentinamente Garcia.

— Quatro centavos — respondeu Jim.

Era verdade. Pegara-os na jarra de moedas em seu quarto. A data mais recente nas moedas era 1956.

— Mentiroso de merda.

... deixem-no em paz...

Lawson olhou para trás e esbugalhou os olhos. As paredes se haviam tornado nebulosas, insubstanciais. O trem de carga apitou. A luz no estacionamento se avermelhara, como o letreiro da Burrets, piscando de encontro ao céu do crepúsculo.

Alguma coisa saía do pentagrama, algo como o rosto de um menino com cerca de doze anos de idade. Um menino com cabelo à escovinha.

Garcia avançou num salto e esmurrou a boca de Jim. Este sentiu em seu hálito a mistura de alho e pimentões. Tudo muito lento, sem dor.

Jim sentiu um peso de chumbo na virilha e sua bexiga se soltou. Ele olhou para baixo e viu a mancha escura aparecer e se espalhar pelas calças.

— Veja, Vinnie, ele se mijou! — exclamou Lawson.

O tom era adequado, mas a expressão no rosto era de pavor — a expressão de um fantoche que ganhou vida e percebe que está preso aos cordéis do manipulador.

— Deixem-no em paz — disse a coisa parecida com Wayne.

Mas não era a voz de Wayne — era a voz fria e cobiçosa da coisa no pentagrama.

— Fuja, Ammy! Fuja! Fuja! Fuja!

Jim se deixou cair de joelhos e avistou Vmnie, o rosto distendido numa caricatura de ódio, enfiar o punhal na coisa parecida com Wayne, logo

abaixo do esterno... e depois gritar, rosto derretendo-se, chamuscado, enegrecido, horrível

Então, Vinnie desapareceu.

Garcia e Lawson golpearam logo em seguida, contorceram-se, queimaram-se e sumiram.

Jim estava caído ao chão, arquejante. O som do trem de carga foi diminuindo.

O irmão olhava para ele.

— Wayne? — sussurrou Jim.

E o rosto mudou. Pareceu derreter-se, fundir-se. Os olhos se tomaram amarelos e uma horrível coisa maligna fitou Jim com um sorriso maldoso.

— Eu voltarei, Jim — murmurou a voz fria.

E a coisa sumiu.

Jim se ergueu vagarosamente e desligou o toca-discos com a mão mutilada. Levou os dedos aos lábios. Sangrava do murro de Garcia. Foi à parede e acendeu as luzes. A sala estava vazia. Olhou para o estacionamento, que também estava vazio exceto por uma calota, que refletia a luz numa pantomima idiota. O ar da sala dê aulas tinha um cheiro velho, azedo — a atmosfera dos túmulos. Jim apagou o pentagrama no chão e começou a arrumar as carteiras para o substituto dar aula no dia seguinte. Seus dedos doíam muito — que dedos? Ele devia procurar um médico. Fechou a porta e desceu lentamente, mantendo as mãos coladas ao peito. No meio do caminho, alguma coisa — uma sombra, ou uma intuição — fizeram-no girar nos calcanhares.

Algo invisível deu a impressão de recuar num salto.

Jim lembrou-se da advertência em Demônios Que Se Erguem — o perigo envolvido naquilo tudo. Talvez fosse possível invocá-los, talvez fosse possível fazê-los trabalhar.

Até mesmo era possível livrar-se deles.

Mas às vezes eles voltam.

Jim continuou a descer a escada, imaginando se o pesadelo estaria realmente terminado.

* * *

CAMINHÕES

O nome do sujeito era Snodgrass e percebi que se aprontava para fazer alguma maluquice. Arregalara os olhos, mostrando o branco, como um cão prestes a brigar. Os dois garotos que entraram derrapando no estacionamento com um velho Fury tentavam falar com ele, que mantinha a cabeça inclinada para um lado como se estivesse ouvindo outras vozes. Tinha uma barriguinha de chope que aparecia sob o terno de boa qualidade que já estava começando a ficar brilhante nos fundilhos das calças. Era um vendedor e mantinha a maleta de amostras perto de si, como um cão de estimação adormecido.

— Tente o rádio outra vez — disse o motorista de caminhão sentado ao balcão.

O cozinheiro de minutas sacudiu os ombros e ligou o rádio. Tentou sintonizá-lo em toda a faixa de ondas, mas só conseguiu captar estática.

— Passou muito depressa — protestou o motorista de caminhão. Pode ter saltado alguma estação.

— Diabo — resmungou o cozinheiro.

Era um negro idoso com um sorriso de dentes de ouro e não encarava o motorista.

Olhava para o estacionamento através do janelão que ia de ponta a ponta da lanchonete.

Lá fora estavam sete ou oito caminhões pesados, os motores ligados em baixa rotação, num rugido preguiçoso como de enormes gatos ronronando. Dois Macks, um Hemingway e quatro ou cinco Reos. Carretas de transporte interestadual, com inúmeras placas de licença e antenas flexíveis de radio-transmissores curvadas para trás das cabines.

O Fury dos garotos estava de rodas para cima no final de compridas e curvas marcas de derrapagem no cascalho do estacionamento. Fora reduzido a um monte de sucata. Na estrada do desvio para a parada de caminhões estava um Cadillac todo amassado, o proprietário olhando pelo pára-brisas estilhaçado como um peixe estripado. Óculos com aros de tartaruga pendiam-lhe de uma das orelhas.

A meio caminho entre o Cadillac e o estacionamento jazia o corpo de uma jovem, que saltara do carro ao ver que este ia bater. Conseguiu saltar

em pé, mas não teve a mínima chance de escapar. Era a pior de todos, embora estivesse caída de bruços. Uma nuvem de moscas zumbia sobre ela.

No outro lado da estrada, uma velha camioneta Ford fora jogada através do guardrail. O acidente ocorrera havia uma hora. Ninguém passara por ali desde então. Da janela era impossível ver a auto-estrada e o telefone não funcionava.

— Girou depressa demais — protestou novamente o motorista de caminhão. — Você devia...

Foi então que Snodgrass explodiu. Derrubou a mesa ao levantar-se, quebrando xícaras e provocando uma chuva de açúcar. Seus olhos estavam mais desvairados que nunca, o queixo caído. Repetia sem parar:

— Temos que cair fora daqui temos-que-cair-fora-daqui temosquecairforadaqui...

O rapaz gritou e sua namorada berrou.

Eu ocupava o tamborete mais próximo à porta e o agarrei pela camisa, mas ele se soltou com um arranco. Estava totalmente alucinado. Seria capaz de atravessar a porta de uma caixa-forte de banco.

Bateu a porta e começou a correr pelo cascalho, em direção à vala de drenagem no lado esquerdo. Dois dos caminhões partiram no seu encalço, os canos de descarga verticais lançando a escura fumaça de óleo diesel para o céu, as enormes rodas traseiras levantando uma saraivada de cascalho.

Snodgrass não poderia estar a mais que cinco ou seis passos da orla do estacionamento plano quando se voltou a fim de olhar para trás, o pavor estampado no rosto. Seus pés se embaraçavam e ele tropeçou, quase caindo. Recuperou o equilíbrio, mas já era tarde demais.

Um dos caminhões abriu passagem e o outro atacou, a enorme grade do radiador brilhando selvagemente ao sol. Snodgrass gritou, um som alto e agudo, quase abafado pelo forte ronco do pesado Reo.

O caminhão não o derrubou ou arrastou. Na verdade, isto seria melhor. Ao contrário, lançou-o para cima e para o lado, como uma bola de futebol chutada por um jogador.

Por um instante, Snodgrass ficou silhuetado contra o céu quente da tarde, como um espantalho mutilado. Depois, sumiu na vala de drenagem.

Os freios do enorme caminhão assoviaram como o sopro de um dragão, as rodas dianteiras se travaram, cavando sulcos no cascalho do

estacionamento, e o monstro parou antes que a carreta se desgovernasse. Filho de uma puta.

A garota no reservado gritou. Virei a cabeça e constatei que o motorista de caminhão apertara o copo com tanta força a ponto de quebrá-lo. Não creio que ele já tivesse percebido. Leite e gotas de sangue pingavam no balcão.

O cozinheiro negro parecia petrificado junto ao rádio, um pano de pratos na mão, total perplexidade no rosto. Seus dentes de ouro brilhavam. Por um instante não houve qualquer ruído exceto o zumbido do relógio elétrico de parede e o ronco do motor do Reo que voltava para junto dos colegas. Então, a garota começou a chorar e tudo ficou bem — ou, ao menos, melhor.

Meu carro estava ao lado da lanchonete, também reduzido a sucata. Era um Camaro 1971 e eu ainda estava pagando as prestações. Mas creio que isso já não fazia diferença.

Não havia ninguém nos caminhões.

O sol brilhava e se refletia nas cabinas vazias. Os volantes giravam sozinhos. Não se podia pensar muito a respeito. Quem pensasse muito naquilo, enlouqueceria. Como Snodgrass.

Duas horas se passaram. O sol começou a descer no horizonte. Lá fora, os caminhões patrulhavam em círculos lentos, ou descrevendo oitos. As luzes de estacionamen-to e as lanternas se haviam acendido.

Percorri duas vezes o comprimento do balcão, a fim de desenferrujar as pernas, e depois fui sentar-me num reservado junto à grande janela da frente. Era uma parada de caminhões típica, próxima à rodovia principal, instalações completas de serviços nos fundos, com bombas de gasolina e óleo diesel. Os motoristas de caminhão vinham ali para comerem tortas e tomarem café.

— Moço?

A voz era hesitante.

Virei-me. Eram os dois garotos do Fury. O rapaz aparentava dezenove anos. Tinha cabelos compridos e uma barba rala, que só agora começava a engrossar. Sua namorada parecia ainda mais moça.

— Sim?

— O que lhe aconteceu?

Sacudi os ombros.

— Eu vinha para Pelson pela rodovia interestadual — respondi. — Um caminhão vinha atrás de mim — pude vê-lo de longe pelo retrovisor — com o pé na tábua. Era possível escutá-lo a um quilômetro e meio de distância na rodovia. Ultrapassou um Volkswagen e o jogou para fora da estrada com uma rabada da carreta, da mesma maneira que a gente joga uma bola de papel para fora da mesa com um peteleco. Pensei que o caminhão também fosse sair da estrada. Nenhum motorista conseguiria controlar uma carreta rabeando daquela maneira. Mas não saiu. O Volkswagen capotou seis ou sete vezes e explodiu. E o caminhão apanhou o próximo carro da mesma forma. Aproximava-se de mim e tratei de pegar depressa a rampa de saída.

Ri sem entusiasmo, concluindo:

— Vim dar bem numa parada de caminhão, dentre todos os lugares possíveis. Pulei da frigideira e caí no fogo.

A garota engoliu em seco.

— Vimos um ônibus Greyhound na pista da contramão. Passava... por cima dos carros.

Explodiu e incendiou-se, mas, antes disso, foi... uma carnificina.

Um ônibus Greyhound. Era novidade — e ruim.

Lá fora, todos os faróis se acenderam de repente ao mesmo tempo, banhando o estacionamento numa luz fantasmagórica, sem profundidade. Grunhindo, os caminhões continuavam a patrulhar de um lado para outro. Os faróis pareciam dar-lhes olhos e, na crescente penumbra do crepúsculo, as escuras carrocerias das enormes carretas pareciam os ombros quadrados e encolhidos de gigantes pré-históricos.

O cozinheiro indagou:

— É seguro acender as luzes?

— Acenda e logo saberemos — repliqueis.

Ele acionou os interruptores e uma série de globos sujos de moscas se acendeu ao longo do teto. Ao mesmo tempo, um letreiro fluorescente situado lá fora piscou e começou a anunciarem luzes coloridas: "Parada de Canvnhões & Lanchonete Conant's — Boa Comida." Nada aconteceu. Os caminhões prosseguiram o patrulhamento.

— Não consigo entender — disse o motorista de caminhão, que descera do tamborete junto ao balcão e andava de um lado para outro, a mão enrolada num grande lenço vermelho.

— Nunca tive problemas com meu carro. Sempre se portou bem. Parei aqui um pouco depois de uma hora, para comer um prato de espaguete e acontece isso — gesticulou com o braço e a ponta do lenço drapejou como uma bandeira. — Meu caminhão agora está lá fora, aquele com a luz traseira esquerda meio apagada. Rodo com ele há seis anos, mas se eu puser os pés fora daquela porta...

— Isso é só o começo — disse o cozinheiro, os olhos semicerrados e um tanto vidrados. A coisa deve estar feia, se o rádio parou de funcionar. É apenas o começo.

A garota estava branca como leite.

— Isso não interessa — disse eu ao cozinheiro. — Pelo menos por enquanto.

— O que causaria isso? — indagou o motorista de caminhão, preocupado. — Tempestades elétricas na atmosfera? Testes nucleares? O quê?

— Talvez estejam zangados — respondi.

Por volta das sete horas, aproximei-me do cozinheiro.

— Em que condições estamos aqui? Quero dizer, se precisarmos permanecer por algum tempo.

Ele franziu a testa.

— Não muito mal. Ontem foi dia de entregas. Recebemos trezentos bifes para hambúrgueres, frutas e legumes em conserva, cereais, ovos... só temos o leite que está na geladeira, mas a água é do poço. Se for preciso, nós cinco poderemos ficar aqui mais ou menos um mês.

O motorista de caminhão se aproximou e piscou para nós.

— Meus cigarros acabaram. Ora, aquela máquina de cigarros...

— A máquina não é minha — disse o cozinheiro. — Não, senhor.

O motorista trazia consigo uma barra de aço que pegara no depósito dos fundos.

Começou a trabalhar na máquina de cigarros.

O rapaz encaminhou-se à iluminada vitrola automática e enfiou uma moeda na fenda.

John Fogarty começou a cantar sobre ter nascido no bayou.

Sentei-me e olhei pela janela. Avistei imediatamente algo que não me agradou. Uma leve pick-up Chevrolet juntara-se à patrulha, como um pônei em meio a grandes cavalos de tração. Observei-a até que ela passou

imparcialmente sobre o cadáver da moça do Cadillac. Então, desviei o olhar.

— Eu os fabriquei! — gritou a garota com súbito desespero. — Eles tão podem!

O namorado mandou-a calar a boca. O motorista conseguiu arrombar a máquina de cigarros e pegou seis ou oito maços de Viceroy. Distribuiu-os por diversos bolsos e depois abriu um maço. Pela expressão de seu rosto, fiquei em dúvida se ele pretendia fumar os cigarros ou comê-los.

Outro disco começou a tocar na vitrola automática. Às oito e meia, a energia elétrica acabou.

Quando as luzes se apagaram, a garota gritou — um grito que cessou bruscamente quando o namorado lhe tapou a boca com a mão. O som da vitrola morreu num lamento grave e arrastado.

— Que diabo! — disse o motorista de caminhão.

— Cozinheiro! — chamei. — Tem velas?

— Acho que sim. Espere... sim, aqui estão algumas.

Levantei-me e fui pegar as velas. Depois de acendê-las, começamos a distribuí-las pelo salão.

— Tomem cuidado — adverti. — Se incendiarmos este lugar, será o diabo.

O cozinheiro soltou uma risadinha soturna:

— Você deve saber.

Quando acabamos de colocar as velas, o garoto e a namorada estavam encolhidos, muito juntos, e o motorista se postara à porta dos fundos, observando mais seis caminhões pesados que ziguezagueavam por entre as ilhas de concreto onde se situavam as bombas de gasolina e óleo diesel.

— Isto altera a situação, não é mesmo? — perguntei.

— Exatamente, se a energia acabou de vez.

— Até que ponto?

— A carne estragará dentro de três dias. Os ovos também. As latas e os cereais não serão problema. Mas isto não é o pior. Sem a bomba, não teremos água.

— Por quanto tempo?

— Sem a bomba? Temos água para uma semana.

— Encha todo o vasilhame que encontrar, até esvaziar a caixa. Onde ficam os sanitários?

Há água potável nas caixas.

— O banheiro dos empregados é aí nos fundos. Mas será preciso sair para chegar aos banheiros dos fregueses.

— Lá no prédio do posto de serviço?

Eu não estava preparado para aquilo. Ainda não.

— Não. Basta sair pela porta lateral e andar ao longo da parede.

— Arranje-me dois baldes.

Ele me trouxe dois baldes galvanizados. O rapaz se aproximou.

— Que estão fazendo?

— Precisamos de água. Toda a que conseguirmos.

— Então, arranje-me um balde.

Entreguei-lhe um dos meus.

— Jerry! — gritou a pequena. — Você...

Ele olhou para ela, que calou a boca mas pegou um guardanapo de papel e começou a rasgá-lo nas pontas. O motorista de caminhão fumava um cigarro e sorria para o chão.

Não disse nada.

Fomos à porta lateral pela qual eu entrara naquela tarde e paramos por um instante, observando as sombras que se movimentavam com o deslocamento dos caminhões.

— Agora? — perguntou o rapaz.

Seu braço roçou no meu e os músculos saltavam e vibravam como arames retesados. Se alguém lhe esbarrasse, ele subiria direto para o céu.

— Relaxe — disse-lhe eu.

Ele sorriu de leve. Um sorriso amarelo, mas melhor que nada.

— Tudo bem.

Esgueiramo-nos para fora.

O ar da noite refrescara. Grilos cantavam no capim e sapos coaxavam na vala de drenagem. Lá fora, o ronco dos caminhões era mais alto e ameaçador, o ronco de feras.

De dentro, parecia um filme. Aqui fora, era real; a gente podia ser morto.

Deslizamos ao longo da parede lateral de azulejos. Um pequeno beiral proporcionava-nos alguma sombra. Meu Camaro estava imprensado contra a cerca em frente a nós, a luz fraca do letreiro à beira da estrada refletindo-se no metal e nas poças de gasolina e óleo.

— Vá ao banheiro das mulheres — sussurrei. — Encha o balde com a água da caixa da privada e espere.

O ronco dos motores diesel não se alterara. Era engraçado: tínhamos a impressão de que os caminhões se aproximavam, mas eram apenas os ecos provocados pelas paredes. A distância até os banheiros era apenas seis metros, mas parecia muito maior.

Ele abriu a porta do banheiro das senhoras e entrou. Passei pela porta e logo entrei no banheiro dos homens. Senti os músculos se relaxarem e soltei o ar dos pulmões num assovio. Avistei-me de relance no espelho, um rosto pálido e tenso, com olhos escuros.

Tirei a tampa de louça da caixa da privada e enchi o balde. Derramei um pouco de água de volta à caixa, para evitar que se entornasse com o movimento do balde e fui até a porta.

— Ei!

— Sim? — sussurrou ele.

— Está pronto?

— Estou.

Tomamos a sair. Demos talvez seis passos antes que os faróis nos incidissem no rosto.

O caminhão se aproximara sorrateiramente, os grandes pneus quase não rodando sobre o cascalho. Estava à espera e agora saltava contra nós, as lâmpadas elétricas dos faróis brilhando em círculos selvagens, a enorme grade cromada do radiador parecendo rosnar.

O rapaz ficou petrificado, o pavor estampado no rosto, os olhos inexpressivos, as pupilas contraídas ao tamanho de cabeças de alfinete. Dei-lhe um forte empurrão, derramando metade da água do seu balde.

— Corra!

O trovão daquele motor diesel se transformou num grito agudo. Estendi o braço por cima do ombro do rapaz, a fim de abrir a porta, mas antes que eu pudesse alcançá-la ela foi aberta por dentro. O garoto mergulhou por ela e eu o segui de perto. Olhei para trás a fim de ver o caminhão — um enorme Peterbilt — beijar de raspão a parede externa azulejada, arrancando trechos irregulares do azulejo. Escutei um barulho de atordoar os ouvidos, como dedos gigantescos arranhando um quadro-negro. Então, o pára-lamas dianteiro e o canto da grade do radiador bateram na porta ainda aberta, lançando uma chuva de estilhaços de vidro blindado e quebrando as dobradiças de aço inoxidável como se rasgassem papel higiênico. A porta voou pela noite como algo num quadro de Dali e o caminhão acelerou o motor em direção ao estacionamento da frente, o

escapamento pipocando como uma rajada de metralhadora. Produzia um som raivoso de desapontamento.

O garoto colocou o balde no chão e se deixou cair nos braços da namorada, trêmulo.

Meu coração batia com força no peito e minhas pernas pareciam feitas de água. E, por falar em água, tínhamos conseguido voltar com o total de um balde e um quarto. Mal parecia valer o risco.

— Quero bloquear aquela porta — disse eu ao cozinheiro. — Como o faremos?

— Bem...

O motorista do caminhão interpôs:

— Por quê? Um daqueles caminhões enormes não conseguiria enfiar uma roda por ali.

— Não são os enormes caminhões que me preocupam.

O motorista começou a procurar um cigarro nos bolsos.

— Temos algumas folhas de zinco no depósito de suprimentos — disse o cozinheiro. — O patrão ia fazer um barracão para guardar o gás de butano.

— Vamos tapar a porta com elas e escorá-las com os cavaletes dos reservados.

— Isso ajudará — concordou o motorista.

O trabalho durou cerca de uma hora e, no final, todos nós participamos dele, inclusive a garota. O resultado foi razoavelmente sólido. Naturalmente, razoavelmente sólido não seria o bastante se algo batesse ali a toda a velocidade. Creio que todos nós tínhamos consciência disto.

Ainda restavam três reservados alinhados ao longo da grande janela da frente e sentei-me num deles. O relógio na parede atrás do balcão parara às 8:32, mas calculei que devia ser dez horas. Lá fora, o caminhão rondava, roncando. Alguns partiram com destino ignorado, para cumprirem outras missões; outros haviam chegado. Agora, havia três pick-ups circulando com ar importante entre seus irmãos maiores.

Comecei a cochilar e, em vez de contar carneiros, contei caminhões. Quantos havia no Estado? Quantos no país? Carretas, pick-ups, pranchões, basculantes, caminhões comuns, caminhões militares, caminhões às dezenas de milhares. E ônibus. A visão de pesadelo de um ônibus urbano, duas rodas na sarjeta e duas na calçada, rugindo e ceifando os pedestres apavorados como se fossem pinos de boliche.

Livrei-me da idéia, estremecendo, e caí num sono leve e intranqüilo.

Devia ser alta madrugada quando Snodgrass começou a gritar. A fina lua nova se erguera no céu e brilhava geladamente através de uma alta camada de nuvens. Um novo som se juntara ao barulho lá fora, fazendo contraponto ao rugido grave e preguiçoso dos grandes caminhões. Olhei para lá e avistei uma enfardadeira de feno circulando perto do letreiro apagado. O luar se refletia nos cones afiados do rolo giratório.

O grito veio outra vez, inequivocamente da vala de drenagem:

— Socorro... socorro!

— Que foi isso?

Era a garota quem perguntava. Nas sombras, seus olhos estavam esbugalhados e ela parecia terrivelmente assustada.

— Nada — respondi.

— Socorro... socorro!

— Ele está vivo — sussurrou a pequena. — Oh, Deus, está vivo.

Eu não precisava vê-lo. Podia imaginá-lo perfeitamente bem. Snodgrass caído meio para dentro e meio para fora da vala de drenagem, a espinha e as pernas quebradas, o terno cuidadosamente passado sujo de lama, o rosto pálido e arquejante voltado para a lua indiferente...

— Não escutei nada — declarei. — Você escutou?

Ela me encarou:

— Como pode ser capaz disto? Como?

— Ora, se você o acordasse, ele talvez escutasse alguma coisa repliquei, esticando o polegar na direção do rapaz. — Talvez ele fosse até lá. Você gostaria?

Suas feições começaram a tremer e contrair-se, como se costuradas por uma agulha invisível.

— Nada — disse ela. — Não há nada lá fora.

Voltou para perto do namorado e apoiou a cabeça no peito dele. Mesmo adormecido, ele a abraçou.

Ninguém mais acordou. Snodgrass gritou, chorou e berrou durante muito tempo.

Depois, parou.

Raiar do dia.

Outro caminhão chegou, uma enorme jamanta para transporte de automóveis. Logo um trator tipo bulldozer se juntou a ele. Aquilo me assustou.

O motorista de caminhão se aproximou e me beliscou o braço.

— Venha até os fundos — sussurrou, excitado. Os outros ainda dormiam. — Venha ver uma coisa.

Acompanhei-o ao depósito de suprimentos. Lá fora, cerca de dez caminhões patrulhavam a parte dos fundos. A princípio, não percebi qualquer novidade.

— Está vendo? — perguntou ele, apontando. — Bem ali.

Então, eu vi. Uma das pick-ups estava parada. Imóvel como uma pedra; desprovida de toda e qualquer ameaça.

— Sem combustível?

— Exato, companheiro. E eles não podem reabastecer-se sozinhos. Ganhamos a parada.

Tudo que temos a fazer é esperar.

Sorriu e pegou um cigarro.

Era cerca de nove horas e eu comia um pedaço do pastelão da véspera à guisa de café da manhã quando a buzina de ar comprimido começou — toques prolongados e agudos, que sacudiam o cérebro da gente. Fomos às janelas e olhamos para fora. Os caminhões estavam imóveis, os motores em marcha-lenta. Uma enorme carreta Reo com cabine vermelha viera quase até a estreita faixa de grama que separava a lanchonete do estacionamento. Àquela distância, a grade quadrada do radiador era imensa e assassina.

Os pneus eram da altura do peito de um homem.

A buzina tornou a soar; toques agudos e famintos, que viajavam em linha reta e ecoavam de volta. Havia um padrão definido. Curtos e longos, em alguma espécie de ritmo.

— Isso é código Morse! — exclamou de repente o rapaz, que se chamava Jerry.

O motorista de caminhão se voltou para ele:

— Como sabe?

O rapaz corou um pouco:

— Aprendi na tropa de escoteiros.

— Você? — perguntou o motorista. — Você? Puxa!

E sacudiu a cabeça.

— Não interessa — interpus. — Lembra-se o suficiente para...

— Claro. Deixem-me escutar. Têm um lápis?

O cozinheiro entregou-lhe um lápis e ele começou a escrever letras num guardanapo de papel. Depois de algum tempo, parou de escrever.

— Está apenas repetindo incessantemente a palavra "Atenção." Esperem.

Esperamos. A buzina continuava a emitir toques longos e curtos no ar silencioso da manhã. Então, o padrão se alterou e o rapaz recomeçou a escrever. Debruçados por cima de seus ombros, vimosa mensagem tomar forma: "Alguém deve bombear combustível.

Esse alguém não será molestado. Todo o combustível deve ser bombeado. Isso será feito agora. Alguém tem que bombear combustível agora."

Os toques de buzina continuaram, mas o rapaz parou de escrever.

— Está apenas repetindo "Atenção", outra vez — informou ele.

O caminhão repetiu inúmeras vezes a mensagem. Não gostei do aspecto das palavras, escritas no guardanapo com letras de forma. Pareciam máquinas, impiedosas, implacáveis. Não haveria meio-termo com aquelas palavras. A gente obedecia, ou não.

— Bem — disse o rapaz —, o que faremos?

— Nada — replicou o motorista de caminhão.

Tinha o rosto excitado, mudando constantemente de expressão.

— Só precisamos esperar — prosseguiu. — Todos eles devem ter pouco combustível. Um dos pequenos já parou, lá nos fundos. Só precisamos...

A buzina cessou. O caminhão deu marcha à ré, juntando-se aos colegas. Aguardavam em semicírculo, com os faróis apontados para nós.

— Há um bufdozer lá fora — anunciei.

Jerry olhou para mim:

— Acha que demolirão o prédio?

— Sim.

Ele olhou para o cozinheiro.

— Não podem fazer isso, podem?

O cozinheiro sacudiu os ombros.

— Devemos votar — disse o motorista. — Nada de chantagem, com os diabos! Só precisamos esperar.

Era a terceira vez que repetia aquela frase, como um encantamento:

— Muito bem — repliquei. — Vote.

— Espere — disse imediatamente o motorista.

— Acho que devemos reabastecê-los — declarei. — Podemos esperar por uma oportunidade melhor de fugirmos. Cozinheiro?

— Ficamos aqui dentro — respondeu ele. — Querem ser escravos deles? É isso que acabará acontecendo. Querem passar o resto da vida trocando filtros de óleo cada vez que... uma daquelas coisas tocar a buzina? Eu não.

Olhou sombriamente pela janela, concluindo:

— Eles que fiquem sem combustível.

Olhei para o rapaz e a moça.

— Acho que ele tem razão — disse Jerry. — É a única maneira de detê-los. Se alguém fosse socorrer-nos, já teria chegado. Deus sabe o que está acontecendo em outros lugares.

E a garota, com Snodgrass no olhar, confirmou com a cabeça e aconchegou-se ao rapaz.

— É isso aí, então — disse eu.

Fui à máquina de cigarros e peguei um maço sem olhar a marca. Havia um ano que eu deixara de fumar, mas aquela me parecia uma boa ocasião para recomeçar. A fumaça me ardeu nos pulmões.

Vinte minutos se passaram. Os caminhões aguardavam lá fora. Nos fundos, começavam a fazer filas nas bombas de combustível.

— Acho que foi tudo um blefe — disse o motorista de caminhão. Apenas...

Então, soou um ronco mais alto, áspero e sincopado, o rugido de um motor se acelerando, diminuindo e tornando a acelerar-se. O bufdozer.

Brilhava ao sol como uma jaqueta amarela, um Caterpillar com barulhentas esteiras de aço. Vomitava fumaça negra pelo cano de descarga vertical ao girar para ficar de frente para nós.

— Vai atacar — disse o motorista, com uma expressão de total surpresa estampada no rosto. — Vai atacar!

— Recuem — disse eu. — Para trás do balcão.

O trator ainda acelerava o motor. As alavancas de controle movimentavam-se sozinhas.

De repente, a lâmina se ergueu, uma pesada curva de aço com torrões de terra ressecados. O calor fazia tremer o ar acima do cano de descarga em chaminé. Com um tremendo rugido de poder, o bulldozer avançou diretamente para nós.

— O balcão! — gritei, dando um empurrão no motorista de caminhão.

Todos se moveram a um só tempo.

Havia uma estreita calçada de concreto entre a grama e o cascalho do estacionamento. O trator avançou por cima dela, erguendo momentaneamente a lâmina, e depois esbarrou de frente na parede. A vidraça explodiu para dentro com um barulho estrondoso de tosse e a esquadria de madeira rompeu-se em lascas. Um dos globos do teto caiu, espalhando mais vidro partido. A louça caía das prateleiras. A garota gritava mas o som quase se perdia sob o rugido constante e poderoso do Caterpillar.

O trator deu marcha à ré, passando ruidosamente pela castigada faixa de grama, e tornou a ataca, deslocando e espatifando os reservados que restavam. A vitrine de salgadi-nhos caiu do balcão, lançando pedaços de pastelão a rodopiarem pelo chão.

O cozinheiro estava agachado com os olhos fechados e o rapaz abraçava a garota. O motorista tinha os olhos esbugalhados de pavor.

— Precisamos detê-los — balbuciou ele. — Diga-lhes que obedeceremos, que faremos tudo...

— Um pouco tarde demais, não acha?

O Caterpillar tornou a recuar, preparando-se para nova carga. Novos arranhões em suas lâminas brilhavam ao sol. Tomou a avançar com um tremendo rugido e, desta feita, derrubou a coluna situada à esquerda do que antes era a janela. Aquela parte do telhado ruiu estrondosamente, levantando uma nuvem de pó de reboco.

O trator recuou, libertando-se dos escombros. Atrás dele, vi o grupo de caminhões que aguardavam o resultado.

Agarrei o cozinheiro.

— Onde estão os barris de óleo?

Os fogões da cozinha funcionavam a gás de butano contido em botijões, mas eu vira os duetos de uma fornalha de aquecimento ambiente.

— Nos fundos do depósito — disse ele.

Segurei o braço do rapaz.

— Venha comigo.

Levantamo-nos e corremos para o depósito. O trator tornou a atacar e o prédio estremeceu. Mais duas ou três investidas e o Caterpillar conseguiria chegar ao balcão para tomar uma xícara de café.

Havia dois grandes tambores de óleo com saídas para a fornalha e torneiras de controle.

Perto da porta dos fundos estava uma caixa com vidros de suco de tomate vazios.

— Pegue aqueles vidros, Jerry.

Enquanto ele obedecia, tirei a camisa e rasguei-a em tiras. O trator continuava a atacar, cada investida acompanhada pelo barulho de mais destruição.

Usei as torneiras para encher quatro vidros e Jerry enfiou nos gargalos tiras da camisa.

— Joga futebol? — perguntei.

— Joguei no ginásio.

— Muito bem. Faça de conta que está avançando para a linha de gol.

Voltamos à lanchonete. Toda a parede da frente estava aberta ao ar livre. Cacos de vidro faiscavam como diamantes. Uma pesada viga caíra diagonalmente através da abertura.

O trator recuava para retirá-la e refleti que desta vez ele viria sem parar, arrancando os tamboretes e demolindo o próprio balcão.

Ajoelhamo-nos, estendendo as garrafas.

— Acenda — disse eu ao motorista.

Ele tirou os fósforos do bolso, mas suas mãos tremiam tanto que os deixaram cair ao chão. O cozinheiro os apanhou, riscou um e as tiras de camisa se incendiaram.

— Depressa — disse eu.

Corremos, o rapaz um pouco à frente. Cacos de vidro estalavam sob nossos sapatos. Um cheiro quente de óleo pairava no ar. Tudo parecia muito nítido e audível.

O trator avançou.

O rapaz esgueirou-se sob a viga e ficou silhuetado em frente da pesada lâmina de aço temperado. Fui para a direita. O primeiro lançamento de Jerry foi curto. O segundo atingiu a lâmina e as chamas se espalharam inofensivamente.

Ele tentou dar meia-volta mas o bulldozer o alcançou, como um rolo compressor com quatro toneladas de aço. O rapaz levantou os braços e desapareceu, esmagado.

Fiz um giro e atirei um dos vidros na cabine aberta e o outro no motor. Ambos explodiram ao mesmo tempo, numa enorme cortina de chamas.

Por um instante, o barulho do motor do bulldozer ergueu-se num grito quase humano de dor e raiva. O trator descreveu uma curva louca,

destruindo o canto esquerdo da lanchonete, e se dirigiu, como um bêbado, para a vala de drenagem.

As lagartas de aço estavam sujas de sangue e onde o rapaz estivera existia algo semelhante a uma toalha amarrotada e embolada.

O trator quase chegou à vaia, com as labaredas saindo por baixo do capô do motor e do interior da cabine. Então, explodiu num gêiser de fogo.

Recuei e quase tombei sobre uma pilha de escombros. Senti um cheiro quente que não era só de óleo. Cabelos incendiados. Eu estava em chamas.

Agarrei uma toalha de mesa, comprimi-a contra a cabeça, corri para trás do balcão e mergulhei a cabeça na pia com força suficiente para rachar o fundo. A pequena gritava incessantemente o nome de Jerry, numa litania aguda e insana.

Virei-me e vi a imensa jamanta avançando lentamente contra a indefesa frente da lanchonete.

O motorista de caminhão gritou e correu para a porta lateral.

— Não! — berrou o cozinheiro. — Não faça isso...

Mas o motorista passou pela porta e correu na direção da vala de drenagem, em direção ao campo aberto existente além desta.

O caminhão devia estar de sentinela fora do campo de visão daquela porta lateral — um pequeno furgão com o letreiro "Lavanderia Wong" pintado na parte do lado. Atropelou o motorista antes que nos déssemos conta disso. Então, foi-se e só o motorista ficou, contorcido no cascalho. Seus sapatos tinham sido atirados à distância.

A jamanta avançou vagarosamente através da faixa de concreto e da grama, passando sobre os restos mortais do rapaz e parando com o enorme focinho enfiado na lanchonete.

A buzina de ar emitiu um súbito e ensurdecedor toque agudo, seguido por outro e mais outro.

— Pare! — choramingou a garota. — Pare... oh, por favor, pare!

Mas as buzinadas prosseguiram durante muito tempo. Levei apenas um minuto para identificar o ritmo. Era o mesmo de antes: a jamanta queria combustível para si e seus colegas.

— Eu irei — disse eu ao cozinheiro. — As bombas estão destrancadas? O cozinheiro meneou afirmativamente a cabeça. Parecia ter envelhecido cinqüenta anos.

— Não! — gritou a pequena, atirando-se sobre mim. — Você tem que detê-los! Quebre-os, incendeie-os...

Sua voz tremeu e morreu na garganta, produzindo um engasgado soluço de dor e tristeza.

O cozinheiro segurou-a. Contornei a extremidade do balcão, abrindo caminho por entre as ruínas, e saí pela porta dos fundos do depósito de suprimentos. Meu coração batia com muita força quando saí para o sol quente. Queria outro cigarro, mas não se fuma perto de bombas de combustível.

Os caminhões continuavam alinhados em fila. O furgão da lavanderia postara-se em frente a mim, no outro lado do cascalho, observando-me como um cão de fila agachado, rosnando e grunhindo. O menor gesto em falso e ele me esmagaria. O sol se refletia no pára-brisa vazio. Era como olhar para o rosto de um imbecil.

Puxei a alavanca da bomba para a posição "Ligada" e peguei a mangueira; desatarraxei a tampa do primeiro tanque e comecei a bombear combustível.

Levei meia hora para esvaziar o primeiro tanque subterrâneo e depois fui para a segunda ilha de bombas. Alternava-me entre gasolina e óleo diesel. Os caminhões enfileiravam-se interminavelmente. Agora, eu começava a compreender. Começava a ver. No país inteiro as pessoas faziam a mesma coisa que eu ou jaziam mortas como o motorista de caminhão, com os sapatos atirados longe e grandes marcas de pneus na barriga esmagada.

Então, o segundo tanque secou e passei para o terceiro. O sol castigava-me como uma marreta e minha cabeça principiava a doer por causa dos vapores do combustível. Tinha calos na pele macia entre o polegar e o indicador. Calos de sangue. Mas os caminhões nada sabiam a respeito. Saberiam a respeito de tubulações com vazamentos, juntas queimadas, eixos grimpados, mas não a respeito de calos de sangue, insolação ou necessidade de gritar. Só precisavam saber uma coisa a respeito de seus antigos donos: eles sangravam. Nós sangrávamos.

O último tanque se esvaziou e larguei a mangueira no chão. Ainda havia mais caminhões, formando uma fila que dobrava a esquina do prédio. Virei a cabeça para aliviar uma cãibra no pescoço e esbugalhei os olhos. A fila saía pela frente do estacionamento e continuava pela estrada até perder de vista, dupla, tripla. Era como um pesadelo da Los Angeles Freeway na hora do rush. O horizonte parecia tremer e dançar com os gases de escapamento; o ar fedia com a poluição.

— Não — disse eu. — Acabou o combustível. Até a última gota, pessoal.

Um motor roncou mais forte, pesado, uma vibração que abalava os dentes da gente. Um enorme caminhão prateado se aproximava, um caminhão-tanque. Trazia escrito na lateral: "Use Phillips 66 — O Combustível dos Jatos!"

Uma pesada mangueira caiu da traseira.

Fui até lá, peguei-a, abri a tampa do primeiro tanque subterrâneo e atarraxei a boca da mangueira. O caminhão começou a bombear combustível para o depósito. O fedor de petróleo infiltrou-se em mim — o mesmo cheiro que os dinossauros deviam sentir quando se atolavam em poças de alcatrão. Enchi os outros dois tanques subterrâneos e voltei ao trabalho.

Minha consciência começou a falhar até que perdia noção do tempo e do número de caminhões. Eu desenroscava a tampa, enfiava a mangueira no buraco, bombeava até que o líquido quente e pesado começasse a transbordar e recolocava a tampa. Os calos de sangue estouraram e o pus me escorria até os pulsos. A cabeça latejava como um dente podre e o estômago se revoltava, indefeso contra os vapores fétidos dos hidrocarbonetos.

Eu ia desmaiar. Ia desmaiar e isto seria o meu fim. Continuaria a bombear até cair.

Então, senti as mãos escuras do cozinheiro.

— Vá para dentro — disse ele. — Descanse. Cuidarei disto até o anoitecer. Procure dormir.

Entreguei-lhe a bomba.

Mas não consigo dormir.

A garota está adormecida, estendida no balcão com uma toalha por travesseiro, e seu rosto não se relaxa nem durante o sono. É o rosto sem tempo, sem idade, da bruxa guerreira. Vou acordá-la daqui a pouco. Já está anoitecendo e faz cinco horas que o cozinheiro está lá fora.

E os caminhões ainda continuam a chegar. Olho pela janela quebrada e vejo que seus faróis se estendem por dois quilômetros e meio, ou mais, cintilando como safiras amarelas na crescente penumbra. Devem estar enfileirados até a rodovia, talvez além dela.

A garota terá que fazer o seu turno, também. Mostrar-lhe-ei como. Ela vai dizer que não consegue, mas conseguirá. Quer continuar viva.

Querem ser escravos deles? — perguntara o cozinheiro. É isso que acabará acontecendo.

Querem passar o resto da vida trocando filtros de óleo cada vez que uma daquelas coisas tocar a buzina?

Poderíamos fugir, talvez. Agora, seria fácil chegar à vala de drenagem, do jeito como eles estão enfileirados. Correr através dos campos, passando pelos locais pantanosos onde os caminhões atolariam como mastodontes, e ...

... voltar às cavernas!

Desenhar na pedra com carvão. Este é o deus-lua. Isto é uma árvore. Isto é um caminhão Mack matando um caçador.

Nem mesmo isso. Atualmente, grande parte do mundo está pavimentada. E para enfrentar os campos e pântanos existem tanques, half-tracks, viaturas equipadas com lasers, masers, radares guiados pelo calor. Pouco a pouco, eles conseguirão transformar o planeta no mundo que desejam.

Posso imaginar grandes comboios de caminhões basculantes aterrando o grande Pântano Okefenokee com areia, bulldozers rasgando os parques nacionais e as florestas, aplanando a terra, compactando-a numa vasta superfície plana. Então, os caminhões chefes chegando...

Mas são máquinas. Não importa o que lhes tenha acontecido, a consciência de massa que tenham adquirido, não se podem reproduzir. Dentro de cinqüenta ou sessenta anos serão carcaças enferrujadas, desprovidas de toda e qualquer ameaça, sucata imóvel para ser apedrejada e cuspida pelos homens.

E se fecho os olhos agora, posso ver as linhas de montagem em Detroit, Dearborn, Youngstown e Mackinac, caminhões novos sendo montados por operários que não batem cartões de ponto, mas simplesmente caem mortos e são substituídos.

O cozinheiro já está começando a cambalear um pouco. Além disso, é idoso. Preciso acordar a garota.

Dois aviões deixam rastros de vapor prateado acima do horizonte oriental que vai escurecendo.

Eu gostaria de acreditar que existem pessoas a bordo deles.

* * *

CAMPO DE BATALHA

— Sr. Renshaw?

A voz do recepcionista deteve-o a meio caminho do elevador e Renshaw voltou-se, impaciente, passando a maleta de vôo de uma mão para outra. O envelope em seu bolso, cheio de notas de vinte e cinqüenta dólares, estalou audivelmente. O trabalho correra bem e o pagamento fora excelente — mesmo depois da dedução dos 15% de comissão cobrados pela Organização como taxa de agenciamento. Agora, tudo que ele queria era um chuveiro quente, um gim-tônica e dormir.

— O que é?

— Uma encomenda, senhor. Quer assinar o recibo, por favor?

Renshaw assinou e fitou pensativamente o pacote retangular. Seu nome e endereço estavam escritos na etiqueta gomada, numa caligrafia inclinada que lhe parecia familiar.

Balançou o pacote sobre a superfície imitando mármore do balcão e algo produziu um leve ruído metálico lá dentro.

— Quer que eu mande levar lá em cima, Sr. Renshaw?

— Não. Está bem assim.

O pacote tinha cerca de meio metro de comprimento e se ajustava um tanto desajeitadamente sob seu braço. Renshaw deixou-o sobre o espesso tapete que cobria o chão do elevador e girou a sua chave na abertura correspondente ao apartamento de cobertura, que ficava acima dos botões dos andares normais. O elevador subiu, silencioso e macio. Renshaw fechou os olhos e reviu o trabalho na tela escura de sua mente.

Primeiro, como sempre, um telefonema de Cal Bates:

— Está disponível, Johnny?

Ele estava disponível duas vezes por ano, preço mínimo dez mil dólares. Era muito competente, muito confiável, mas o que seus clientes realmente pagavam era pelo infalível talento de predador. John Renshaw era um gavião humano, condicionado tanto pela genética como pelo meio ambiente para desempenhar de modo soberbo duas funções: matar e sobreviver.

Depois do telefonema de Cal Bates, o envelope de papel pardo aparecera na caixa postal de Renshaw. Um nome, um endereço, uma fotografia. Tudo foi guardado na memória; depois, as cinzas do envelope e seu conteúdo foram para a lixeira.

Desta vez, o resto fora o de um pálido homem de negócios de Miamì, chamado Hans Morris, fundador e proprietário da Fábrica de Brinquedos Morris. Alguém desejava tirar Morris do caminho e procurara a Organização. A Organização, na pessoa de Calvin Bates, falara com John Renshaw. Bum! É favor não enviar flores.

As portas do elevador se abriram e ele pegou o pacote do chão, saindo para o hall.

Destrancou o apartamento e entrou. Àquela hora do dia, pouco depois das três da tarde, a espaçosa sala de visitas estava banhada pela luz do sol de abril. Renshaw parou um instante, saboreando-a. Em seguida, colocou o pacote sobre a mesinha ao lado da porta e foi ao terraço.

Abriu a porta corrediça de vidro e saiu para o ar livre. Estava frio e o vento penetrava através de seu sobretudo fino. Não obstante, parou um momento, olhando a cidade da mesma maneira que um general observaria um país capturado. O tráfego percorria as ruas como besouros. Ao longe, quase escondida pela névoa da tarde, a Ponte da Baía faiscava como a miragem de um louco. A leste, quase perdidos por detrás dos arranha-céus do centro da cidade, os cortiços atulhados de gente, com suas florestas de antenas de TV. Era melhor aqui. Melhor que nas sarjetas.

Renshaw voltou à sala, fechou a porta de vidro e foi ao banheiro para um prolongado banho de chuveiro quente.

Quarenta minutos depois, quando se sentou para fitar o pacote com um drinque na mão, as sombras haviam avançado até a metade do tapete cor de vinho e o melhor da tarde já se fora.

Era uma bomba.

Claro que não era, mas a gente procedia como se fosse. Por esse motivo ele se mantivera ereto e bem nutrido, enquanto outros haviam ido para aquela grande aglomeração de desempregados lá no céu.

Se era uma bomba, não tinha relógio. Totalmente silenciosa; impassível e enigmática.

De todo modo, o explosivo plástico era mais usado atualmente. Menos temperamental que as molas de relógio fabricadas pela Westclox e Big Ben.

Renshaw olhou para o carimbo do correio. Miami, 5 de abril. Há cinco dias. Portanto, a bomba não era de tempo. Nesse caso, teria explodido no cofre do hotel.

Miami. Sim. E aquela caligrafia inclinada. Havia uma fotografia emoldurada sobre a mesa do pálido homem de negócios. A foto era de uma velha ainda mais pálida, usando um xale. A dedicatória na parte inferior dizia: "Os melhores votos da garota de idéias brilhantes — Mamãe."

Que tipo de idéia brilhante é esta, Mamãe? Uma armadilha assassina feita em casa?

Renshaw olhou o pacote com total concentração, imóvel, as mãos cruzadas. Indagações estranhas, tais como a maneira pela qual a garota de idéias brilhantes de Morris descobrira seu endereço, não lhe ocorreram. Ficavam para mais tarde, para Cal Baker.

Agora, não importavam.

Com um movimento repentino, quase distraído, tirou da carteira um pequeno calendário de plástico e o inseriu habilmente sob o barbante grosso que dava várias voltas sobre o papel-pardo do embrulho. Enfiou-o por baixo da fita gomada que prendia uma extremidade do papel. A ponta do papel se soltou, relaxando-se de encontro ao barbante.

Renshaw aguardou algum tempo, observando. Depois, debruçou-se para perto do pacote e cheirou. Papelão, papel, barbante. Nada mais. Andou em volta do embrulho, agachouse com facilidade e repetiu o processo. A penumbra invadia o apartamento com dedos cinzentos e sombrios.

Uma das pontas do papel escapou do barbante, deixando à mostra uma caixa de cor verde fosca. Metal. Com dobradiças. Renshaw tirou um canivete do bolso e cortou o barbante. Este caiu e alguns movimentos com a ponta da lâmina abriram o papel, revelando a caixa.

Era verde com letras pretas. Na frente, pintadas em branco, estavam as palavras: BAÚ DO SOLDADO JOE. Logo abaixo: 20 Infantes, 10 Helicópteros, 2 Artilheiros c/ Fuzis Automáticos, 2 Atiradores de Bazuca, 2 Padioleiros, 4 Jipes. Mais abaixo: Decalque de Bandeira. Ainda mais abaixo, no canto: Fábrica de Brinquedos Morris, Miami, Flórida.

Renshaw estendeu a mão para tocar na caixa, mas tornou a encolhê-la. Algo se mexeu dentro do baú.

Renshaw levantou-se sem pressa e recuou através da sala, na direção da cozinha e do corredor. Acendeu as luzes.

O baú militar do tipo usado no Vietnã estava balançando, fazendo chocalhar o papel pardo por baixo dele. De repente, ultrapassou a posição de equilíbrio e caiu no tapete com um baque surdo, ficando em pé sobre uma das extremidades. A tampa com dobradiças se entreabriu, uma fresta de cerca de cinco centímetros.

Pequenos soldados de infantaria, com três centímetros e meio de altura, começaram a rastejar para o tapete. Renshaw os observava sem pestanejar. Sua mente não fazia qualquer esforço para enfrentar o aspecto real ou irreal do que ele via — só se preocupava com as possíveis conseqüências para sua sobrevivência.

Os soldados usavam minúsculos uniformes de combate, capacetes e mochilas. Traziam pequenos fuzis a tiracolo. Dois deles olharam rapidamente através da sala na direção de Renshaw. Seus olhos, não maiores que pontas de lápis, brilhavam.

Cinco, dez, doze, todos os vinte. Um deles comandava os outros por meio de gestos.

Alinharam-se ao longo da fresta que a queda abrira na tampa da caixa metálica e começaram a empurrar. A fresta começou a aumentar.

Renshaw pegou uma das grandes almofadas do sofá e se encaminhou para eles. O oficial em comando virou-se e gesticulou. Os outros giraram e empunharam os fuzis.

Renshaw ouviu leves ruídos, quase como estalidos, e sentiu-se repentinamente picado por abelhas.

Golpeou com a almofada, que atingiu os soldadinhos, jogando-os no tapete. Então, acertou na caixa, escancarando-a. Como insetos, produzindo um zumbido agudo, uma esquadrilha de helicópteros em miniatura, pintados de verde-oliva, levantou vôo da caixa

Leves sons — puft! puft! — chegaram aos ouvidos de Renshaw e este viu clarões de disparos, pequenos como cabeças de alfinete, saindo das portas abertas dos helicópteros.

Pontas de agulha picaram-lhe a barriga, o braço direito, o lado do pescoço. Levantou a mão e pegou um dos helicópteros — uma repentina dor nos dedos; sangue começando a brotar. As pás das hélices tinham-lhe cortado a carne até os ossos, em lanhos diagonais que sangravam. Os demais aparelhos voaram para fora de seu alcance, rodeando-o como libélulas. O helicóptero atingido caiu no tapete e permaneceu imóvel.

Uma súbita dor aguda no pé fez Renshaw gritar. Um dos infantes estava em pé no seu sapato, enfiando-lhe a baioneta no pé. O rostinho minúsculo olhava para cima, sorridente.

Renshaw desferiu-lhe um pontapé e o pequeno corpo voou através da sala, espatifando-se contra a parede. Não deixou sangue, mas uma viscosa mancha vermelha. Ocorreu uma pequena explosão e uma dor cruciante o atingiu na coxa. Um dos atiradores de bazuca saíra do baú. Um tênue filete de fumaça se erguia preguiçosamente da boca da arma. Renshaw baixou os olhos e viu um buraco negro e fumegante nas calças, do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos. A pele por baixo estava chamuscada.

O pequeno filho de uma puta atirou em mim!

Renshaw virou-se e correu para o corredor, entrando em seu quarto. Um dos helicópteros passou-lhe rente à bochecha, as hélices zumbindo. O leve matraquear de um fuzil automático. Depois, afastou-se.

O revólver sob o travesseiro de Renshaw era um 44 Magnum, com potência bastante para abrir um buraco do tamanho de dois punhos cerrados em qualquer coisa que acertasse. Renshaw virou-se, empunhando a arma com ambas as mãos. Compreendeu friamente que estaria atirando contra um alvo móvel não muito maior que uma lâmpada voadora.

Dois dos helicópteros entraram zumbindo no quarto. Sentado na cama, Renshaw disparou uma vez. Um dos helicóteros explodiu, pulverizado. Com este, são dois, pensou Renshaw. Apontou para o segundo... apertou o gatilho...

Emperrou! Diabo, emperrou!

O helicóptero mergulhou em direção a ele num súbito arco mortífero, as hélices zumbindo com uma velocidade incrível. Renshaw viu de relance um dos atiradores de fuzil automático agachado perto da porta do aparelho, disparando a arma em rajadas curtas e letais. Então, atirou-se ao chão e rolou.

Meus olhos! O miserável apontava contra os meus olhos!

Parou de rolar deitado de costas junto à parede oposta, empunhando o revólver à altura do peito. Mas o helicóptero se afastava. Deu a impressão de parar um instante no ar e inclinar-se em reconhecimento ao superior poder de fogo de Renshaw. Depois, desapareceu na direção da sala de visitas.

Renshaw levantou-se, fazendo uma careta quando apoiou o peso do corpo na perna ferida, que sangrava abundantemente. E por que não?

refletiu ele sombriamente. Não é todo mundo que se vê atingido à queima-roupa por uma bazuca e vive para contar a estória.

Então, Mamãe era a garota das idéias brilhantes, hem? Era tudo isso e ainda mais.

Renshaw tirou a fronha de um travesseiro e rasgou-a para improvisar uma atadura.

Depois, pegou o espelho de barbear-se que estava em cima da cômoda e foi à porta do corredor. Ajoelhando-se, empurrou o espelho pelo tapete, formando um ângulo, e espiou.

Com os diabos! Os soldados estavam acampando perto do baú. Os homenzinhos em miniatura corriam de um lado para outro, armando barracas. Jipes com dois centímetros de altura rodavam com ar imponente. Um padioleiro cuidava do soldado que Renshaw atingira com o pontapé. Os oito helicópteros restantes davam cobertura aérea ao acampamento, voando em círculos à altura da mesinha de centro.

De repente, eles perceberam o espelho e três dos infantes se apoiaram sobre um joelho e começaram a atirar. Segundos depois, o espelho se quebrou em quatro pedaços.

Está bem, está bem, então.

Renshaw voltou à cômoda e pegou a pesada caixa de miudezas de mogno que Linda lhe dera no Natal. Sopesou-a, meneou afirmativamente a cabeça, foi até a porta e saiu de repente para o corredor. Contraiu-se e atirou a caixa como um lançador de beisebol. A caixa descreveu uma trajetória certeira e esmagou soldadinhos como uma bola de boliche derrubando os pinos. Um dos jipes capotou duas vezes. Renshaw avançou até a porta da sala, mirou num dos soldados caídos e atirou.

Vários dos outros se tinham recobrado. Alguns estavam ajoelhados e atiravam formalmente. Outros procuraram abrigo. Ainda outros voltaram ao interior do baú.

As picadas de abelha começaram a atingir as pernas e torso de Renshaw, mas nenhuma delas o pegou acima da caixa torácica. Talvez a distância fosse demasiada. Não importava; ele não estava disposto a se deixar rechaçar. Agora, era pra valer.

Errou o tiro seguinte — eles eram tão miudinhos — mas o outro derrubou um soldado, partindo-o em pedaços.

Os helicópteros zumbiam ferozmente em direção a ele. Então, as minúsculas balas começaram a atingi-lo no rosto, acima e abaixo dos

olhos. Acertou o helicóptero da frente, depois o segundo. Pontadas de dor turvaram-lhe os olhos.

Os seis helicópteros remanescentes se afastaram em dois grupos de três. O rosto de Renshaw estava molhado de sangue e ele o enxugou com o antebraço. Estava pronto para recomeçar a atirar, mas fez uma pausa. Os soldados que haviam recuado para o interior do baú estavam puxando algo para fora. Algo que parecia...

Houve um silvo cegante de fogo amarelo e uma súbita explosão de madeira e reboco produziu-se na parede à esquerda de Renshaw... um lançador de foguetes!

Renshaw disparou um tiro apressado contra a arma e errou. Girando nos calcanhares, correu para o banheiro na extremidade oposta do corredor. Bateu a porta e trancou-a. No espelho do banheiro, um índio o encarou com olhos atônitos e amedrontados, um índio enlouquecido pela batalha, com filetes de tinta vermelha escorrendo de buracos menores que grãos de pimenta. Uma tira de pele rasgada pendia de uma bochecha. Havia um fundo vergão em seu pescoço.

Estou perdendo!

Passou a mão trêmula pelos cabelos. A porta da frente estava isolada. O mesmo ocorria com o telefone e com a extensão na cozinha. Eles tinham um maldito lançador de foguetes e um impacto direto lhe arrancaria a cabeça.

Diabo! Aquilo nem mesmo constava da lista pintada na caixa!

Começou a inalar profundamente o ar, mas soltou-o de repente num grunhido quando surgiu na porta um buraco do tamanho de um punho, acompanhado de uma explosão que lançou longe lascas de madeira chamuscada. Pequenas labaredas brilharam brevemente nas bordas irregulares do buraco e Renshaw viu o forte relâmpago quando eles lançaram novo foguete. Outro buraco e mais madeira voou, lançando lascas em brasa no tapete do banheiro. Ele apagou as brasas com os pés e dois helicópteros zumbiram raivosamente através do buraco. Minúsculas balas de fuzil automático costuraram-lhe o peito.

Com um sibilante gemido de fúria, Renshaw bateu em um deles com a mão nua, sofrendo uma série de cortes profundos na palma da mão. Em repentina e desesperada improvisação, atacou o helicóptero com uma pesada toalha de banho. O aparelho caiu no chão, ainda funcionando, e Renshaw o pisoteou até estraçalhá-lo. Sua respiração era arquejante,

ruidosa. O sangue caiu num dos olhos, quente e fazendo arder. Ele o limpou com as costas da mão.

Aí está, com os diabos! Aí está. Isto os fará pensar.

Na verdade, deu a impressão de que eles tinham parado para pensar. Não houve movimento durante quinze minutos. Renshaw sentou-se na beirada da banheira, pensando febrilmente. Tinha que haver uma escapatória daquele beco sem saída. Tinha que haver. Se ao menos existisse um modo de flanqueá-los...

Virou de repente a cabeça e olhou para a pequena janela acima da banheira. Existia um modo. Claro que existia.

Seu olhar desceu até a lata de fluido de isqueiro em cima do armário de remédios.

Estava estendendo a mão para pegá-la quando escutou o barulho.

Virou-se depressa, levantando o Magnum... mas era apenas um pedacinho de papel enfiado por baixo da porta. Renshaw notou sombriamente que a fresta sob a porta era pequena demais para que até mesmo um deles conseguisse passar.

No papel estava escrito, com letra muito miúda: Renda-se

Renshaw sorriu com ar sinistro e guardou o fluido de isqueiro no bolso do peito.

Encontrando um coto de lápis, escreveu a resposta no pedacinho de papel e o empurrou por baixo da porta. A resposta era: VÃO À MERDA

Seguiu-se uma súbita e cegante barragem de foguetes e Renshaw recuou. Os foguetes descreviam trajetórias curvas, entrando pelo buraco na porta, e explodiam contra os azulejos azul-claros acima do cabide de toalhas, transformando a elegante parede num panorama lunar em miniatura. Renshaw cobriu os olhos com a mão para proteger-se dos estilhaços de azulejo e reboco que voavam para todos os lados. Sua camisa apresentava buracos fumegantes e suas costas ficaram pipocadas.

Quando a barragem cessou, Renshaw entrou em ação. Subiu na beirada da banheira e abriu a janela corrediça. Estrelas frias piscavam para ele. Era uma janela estreita, com um estreito ressalto horizontal pelo lado externo do prédio. Mas não havia tempo para pensar nisso.

Renshaw içou-se para a janela. O ar frio castigou-lhe o rosto e o pescoço lacerados como uma mão espalmada. Estava inclinado sobre o ponto de equilíbrio das mãos, olhando diretamente para baixo. Quarenta andares de altura. Dali, a rua parecia mais estreita que os trilhos de uma ferrovia de

brinquedo. As luzes brilhantes e cintilantes da cidade pareciam faiscar loucamente, como pedras preciosas jogadas a esmo.

Com a agilidade de ginasta bem treinado, Renshaw ergueu os joelhos até apoiá-los no peitoril da janela. Sim, se um daqueles pequenos helicópteros entrasse agora pelo buraco na porta, um tiro no traseiro seria o bastante para que ele caísse verticalmente, gritando através do espaço.

Mas nenhum entrou.

Renshaw torceu o corpo, lançou uma perna para fora e esticou a mão para o ressalto superior, segurando-o com firmeza. Um segundo depois, estava em pé no ressalto exterior à altura do peitoril.

Evitando deliberadamente pensar na queda horrível sob seus calcanhares ou no que aconteceria se um dos helicópteros saísse para persegui-lo, Renshaw esgueirou-se em direção à esquina do prédio.

Cinco metros... três... Pronto! Parou, o peito comprimido de encontro à parede, as mãos espalmadas sobre a superfície áspera. Podia sentir a lata de fluido de isqueiro no bolso do peito e o peso do Magnum enfiado na cintura das calças.

Agora, contornar a maldita esquina.

Suavemente, ele deslizou um pé em torno da esquina e passou o peso do corpo para ele.

Agora, o ângulo reto estava comprimido como o gume de uma navalha contra seu tórax e abdome. Na pedra áspera em frente a seus olhos havia uma mancha de excremento de aves. Cristo! — refletiu ele loucamente. — Eu não sabia que voavam tão alto.

Seu pé esquerdo escorregou.

Por um instante incrível, que lhe pareceu eterno, Renshaw vacilou na beirada, o braço direito remando doidamente para recuperar o equilíbrio. Então, agarrou os dois lados do prédio num abraço de amante, o rosto espremido contra a quina dura, a respiração trêmula e ofegante.

Pouco a pouco, fez o outro pé contornar a esquina.

A nove metros de distância, projetava-se o terraço de sua sala de visitas.

Renshaw chegou silenciosamente até lá, respirando de leve. Por duas vezes foi obrigado a parar quando fortes rajadas de vento ameaçaram arrancá-lo do ressalto.

Então, atingiu o terraço, agarrando-se às grades de ferro.

Pulou-as sem fazer ruído. Deixara as cortinas meio abertas por dentro da porta corrediça de vidro e agora espiou cautelosamente para o interior

da sala. Eles estavam exatamente como ele queria — de costas.

Quatro soldados e um helicóptero tinham ficado de guarda ao baú. O resto estaria em frente à porta do banheiro, com o lançador de foguetes.

Muito bem. Invadir como a polícia, exterminar os que estavam perto do baú e fugir pela porta da frente. Então, um táxi até o aeroporto e um vôo direto até Miami, para encontrar a garota de idéias brilhantes de Morris. Refletiu que gostaria de queimar a cara dela com um lança-chamas. Seria justiça poética.

Tirou a camisa e rasgou uma comprida tira da manga. Largou o resto, que lhe caiu aos pés, e mordeu a ponta de plástico da lata de fluido de isqueiro. Enfiou uma ponta do trapo na lata, retirou-o e depois enfiou a outra ponta, empurrando o pano até que restavam apenas quinze centímetros de tecido embebido em fluido fora da lata.

Pegou o isqueiro, respirou fundo e o acendeu. Levou a chama ao trapo e, quando este se inflamou, abriu violentamente a porta de vidro e mergulhou para dentro da sala.

O helicóptero reagiu imediatamente, dando um vôo rasante suicida contra Renshaw enquanto este rastejava pelo tapete, largando respingos de fogo líquido. Renshaw golpeou-o com o braço, não se importando com o choque de dor quando as lâminas lhe rasgaram a carne.

Os pequenos infantes fugiram para o interior do baú.

Depois disso, tudo aconteceu depressa.

Renshaw jogou a lata de fluido de isqueiro. A lata se incendiou, transformando-se numa bola de fogo. Logo em seguida, ele recuou, correndo em direção à porta da frente.

Jamais soube o que o atingiu.

Foi como o baque de um cofre de aço caindo de uma altura respeitável. Só que aquele baque sacudiu todo o arranha-céu de apartamentos, vibrando pela estrutura de aço.

A porta da frente do apartamento de cobertura voou das dobradiças, chocando-se com a parede oposta do hall.

Um casal que caminhava de mãos dadas na calçada olhou para cima a tempo de ver um grande relâmpago branco, como se uma centena de flashes fotográficos fossem disparados simultaneamente.

— Alguém causou um curto-circuito — disse o homem. — Creio que...

— O que é aquilo? — perguntou a garota.

Algo caía preguiçosamente na direção deles; o homem estendeu a mão e pegou no ar.

— Cristo! É a camisa de alguém. Cheia de furinhos. E de sangue, também.

— Isso não me agrada — disse a moça, nervosa. — Chame um táxi, está bem, Ralph? Se aconteceu alguma coisa lá em cima, teremos que falar com a polícia e meus pais não sabem que saí com você.

— Claro.

O homem olhou em volta, avistou um táxi e assoviou para chamá-lo. As luzes de freio se acenderam e o casal correu para o veículo.

Atrás deles, sem ser visto, um pequeno pedaço de papel desceu lentamente do alto do prédio e caiu perto dos restos da camisa de John Renshaw. Trazia escrito numa caligrafia inclinada:

Ei, garotada! Um brinde especial neste baú do Vietnã!

(Promoção por prazo limitado)

Lançador de Foguetes

20 Mísseis terra-ar "Twister"

1 Arma Termonuclear em Escala.

* * *

ESPUMA NOTURNA

Depois que o cara estava morto e o cheiro de sua carne queimada sumiu no ar, todos nós voltamos à praia. Corey levou o rádio, um daqueles bagulhos do tamanho de uma maleta, todo transistorizado, que levava umas quarenta pilhas e também gravava e tocava fitas. Corey tinha muita grana antes de A6, mas essas coisas já não importavam.

Até mesmo o seu enorme rádio/gravador não passava de um bonito pedaço de sucata.

Só restavam no ar duas estações que conseguíamos captar. Uma era a WKDM de Portsmouth — um disc jockey do interior que se tornara maníaco religioso. Tocava um disco de Perry Como, fazia uma prece, chorava, tocava um disco de Johnny Ray, lia os Salmos (completo com a

pronúncia arcaica dos nomes de origem judaica, exatamente como James Dean no filme East of Eden), e depois chorava ainda mais. Coisas do bom tempo, assim. Um dia, ele cantou "Bringing in the Sheaves" numa voz engasgada e envelhecida, que provocou risos histéricos em Needles e em mim

A estação de Massachusetts era melhor, mas só conseguíamos pegá-la à noite. Era um bando de garotos. Creio que se apoderaram das instalações transmissoras da WRKO ou da WBZ depois que todos se foram ou morreram. Só irradiavam prefixos com trocadilhos, como WDOPE ou KUNT ou WA6 ou coisa parecida. Realmente engraçado, sabe — a gente morria de rir. Era essa a estação que escutávamos no caminho de volta à praia. Eu ia de mãos dadas com Susie, Kelly e Joan estavam à nossa frente e Needles já ultrapassara o topo da Ponta e sumira de vista. Corey vinha à retaguarda, balançando o rádio ao ritmo dos Rolling Stones, oue cantavam "Angie".

— Você me ama? — perguntou Susie. — Isso é tudo que quero saber: você me ama?

Susie precisava de constante reafirmação. Eu era seu ursinho de brinquedo.

— Não — respondi.

Ela estava engordando e, se vivesse o suficiente — o que não era provável —, ia ficar realmente flácida. Já estava com os lábios carnudos demais.

— Você é podre — disse ela, levando uma mão ao rosto. O verniz de suas unhas brilhou palidamente à meia-luz que surgira no horizonte cerca de uma hora antes.

— Vai chorar outra vez?

— Cale a boca!

Parecia mesmo que ela ia chorar novamente.

Chegamos em cima da ponta e eu parei. Sempre tenho que parar ali. Antes de A6, a praia era pública. Turistas, farofeiros, garotinhos de nariz escorrendo e balofas avós com braços avermelhados pelo sol. Papel de balas e pauzinhos de pirulitos na areia, todas as pessoas bonitas bolinando-se em suas toalhas de praia, mescladas com o cheiro de gás de escapamento que vinha do estacionamento, das algas marinhas e do óleo de bronzear.

Agora, porém, toda a sujeira e porcaria se fora. O oceano devorara tudo com a mesma naturalidade com que a gente come um punhado de bolachas. Não havia pessoas para voltar e sujar tudo outra vez. Só nós e não éramos em número suficiente para fazer tanta sujeira. Além disso, creio que amávamos aquela praia — não havíamos acabado de oferecer-lhe uma espécie de sacrifício? Mesmo Susie, a putinha Susie, com sua bunda gorda e suas jeans de boca larga.

A areia era branca e formava dunas, marcada apenas pela linha da maré alta — algas marinhas e pedaços de madeira carcomida pelo mar. O luar delineava sombras negras em forma de lua crescente e dobras por toda parte. A abandonada torre do salva-vidas erguia-se, branca e esquelética, a cerca de cinqüenta metros dos vestiários, apontando para o céu como um dedo descarnado.

E a espuma, a espuma noturna, lançando grandes nuvens de borrifos, quebrando-se contra as pedras em intermináveis ataques, até onde nossa vista podia alcançar. Talvez aquela água estivesse a meio caminho da Inglaterra na noite anterior.

— "Angie" com os Stones — anunciou a voz no rádio de Corey. Tenho certeza de que vocês curtiram essa, uma explosão do passado que é um gás dourado, diretamente do cemitério de discos, uma faixa legal. Sou Bob. Era noite de Fred, mas Fred está gripado. Está todo inchado.

Susie soltou uma risadinha, então, com as primeiras lágrimas ainda nas pestanas.

Comecei a caminhar depressa para a praia, a fim de mantê-la calada.

— Esperem! — berrou Corey. — Bemie? Ei, Bemie, espere aí!

O cara no rádio estava lendo uma poesia pornográfica e uma garota, ao fundo, perguntava onde ele tinha deixado a cerveja. Ele respondeu alguma coisa, mas, a essa altura, já estávamos na praia. Olhei para trás a fim de verificar o progresso de Corey.

Ele descia sentado, escorregando sobre o traseiro como sempre, parecendo tão ridículo que até senti um pouco de pena dele.

— Quer correr comigo? — perguntei a Susie.

— Por quê?

Dei-lhe uma palmada na bunda e ela soltou um gritinho.

— Só porque é gostoso correr.

Corremos. Ela ficou para trás, resfolegando como uma égua e pedindo-me que diminuísse o passo, mas tirei-a da cabeça. O vento corria em

minhas orelhas e soprava-me os cabelos da testa. Pude sentir o sal no ar, forte e pungente. As ondas se quebravam com estrondo, parecendo espuma de vidro negro. Descalcei as sandálias de borracha e corri descalço pela areia, não me importando com as ocasionais pontadas das conchas agudas. O sangue rugia em minhas veias.

Então, lá estava o abrigo, com Needles lá dentro e Kelly e Joan de pé ao lado, de mãos dadas, olhando para o mar. Rolei para a frente, sentindo a areia descer pelas costas da camisa, e esbarrei nas pemas de Kelly. Ele caiu em cima de mim, esfregando-me o rosto na areia enquanto Joan ria.

Levantamo-nos e sorrimos um para o outro. Susie desistira de correr e caminhava devagar em nossa direção. Corey já estava quase junto dela.

— Bela fogueira — comentou Kelly.

— Acha que ele veio mesmo desde Nova York, como disse? indagou Joan.

— Não sei.

De qualquer forma, não fazia diferença. Ele estava ao volante de um enorme Lincoln quando o encontramos, semi-inconsciente e delirante. A cabeça inchara até o tamanho de uma bola de futebol e o pescoço parecia uma lingüiça. Tinha Captain Trips e não iria muito longe. Portanto, nós o levamos até a Ponta que domina a praia e o queimamos.

Ele disse que se chamava Alvin Sackheim. Não parava de chamar pela avó. Pensou que Susie era a sua avó. Ela achou graça, só Deus sabe por quê. Susie acha graça nas coisas mais estranhas.

Queimar o homem foi idéia de Corey, embora tivesse começado como uma brincadeira.

Ele lera todos aqueles livros a respeito de bruxaria e magia negra na universidade e se manteve sorrindo maldosamente para nós no escuro, junto ao Lincoln de Alvin

Sackheim, dizendo-nos que se oferecêssemos um sacrifício aos deuses das sombras talvez os espíritos continuassem a proteger-nos contra A6.

Claro que nenhum de nós acreditou naquela conversa fiada, mas começamos a falar cada vez mais sério. Era uma coisa nova a fazer e, finalmente, fomos em frente e fizemos. Amarramos o cara ao aparelho de observação no topo da Ponta — a gente coloca uma moeda no aparelho e, num dia claro, consegue enxergar toda a distância até o Farol Portland. Amarramos o cara com nossos cintos e depois fomos procurar mato seco e madeira trazida pela maré, como crianças entretidas num novo tipo de

brincadeira de esconder. E durante todo o tempo, Alvin Sackheim se limitou a ficar escorado ali, balbuciando para a avó. Os olhos de Susie ficaram muito brilhantes e ela começou a respirar depressa. Estava realmente excitada. Descemos para a ravina no outro lado da ponta de pedra e Susie se encostou em mim, beijando-me. Usava batom demais e foi como beijar um prato engordurado.

Empurrei-a para longe de mim e foi aí que ela começou a se mostrar emburrada.

Tomamos a subir, todos nós, e empilhamos os gravetos e galhos secos até a cintura de Alvin Sackheim. Needles acendeu a pira e ela ardeu depressa. No final, logo antes de seus cabelos pegarem fogo, o cara começou a gritar. O cheiro era parecido como porco agridoce à moda chinesa.

— Tem um cigarro, Bemie? — perguntou Needles.

— Tem cerca de cinqüenta pacotes de cigarros atrás de você.

Ele sorriu, dando um tapa num mosquito que lhe picava o braço.

— Não quero me mexer.

Dei-lhe um cigarro e sentei-me. Susie e eu encontramos Needles em Portland. Ele estava sentado no meio-fio em frente ao Teatro Estadual, tocando músicas de Leadbelly numa grande e antiga guitarra Gibson que roubara em algum lugar. O som ecoava pela Congress Street como se ele estivesse tocando numa sala de concertos.

Susie parou diante de nós, ainda sem fôlego.

— Você é podre, Bernie.

— Ora, vamos, Sue. Vire o disco. Esse lado já encheu o saco.

— Bastardo. Estúpido. Insensível filho da puta. Nojento!

— Vá embora ou te fecho um olho com um murro, Susie — repliquei. — Quer ver?

Ela começou a chorar outra vez. Era mesmo boa nisso. Corey se aproximou e tentou abraçá-la. Ela lhe deu uma cotovelada na virilha e ele cuspiu na cara dela.

— Eu mato você!

Susie avançou para ele, gritando e chorando, movimentando as mãos como hélices.

Corey recuou, quase caiu e, depois, virou as costas e fugiu. Susie o perseguiu, gritando obscenidades histéricas. Needles jogou a cabeça para

trás e riu. O som do rádio de Corey chegava até nós levemente, quase abafado pelo barulho da rebentação.

Kelly e Joan tinham-se afastado. Pude vê-los à beira do mar, caminhando enlaçados pela cintura. Pareciam um cartaz na vitrine de uma agência de viagens: Voe para a linda St. Lorca. Tudo bem. Tinham um relacionamento legal.

— Bernie?

— O que é?

Fiquei sentado, fumando e pensando em Needles levantando a tampa de seu isqueiro Zippo, rolando a roda para fazer centelhas com aço e pedra, como um homem das cavernas.

— Peguei — disse Needles.

— É mesmo? — respondi. — Tem certeza.

— Claro que tenho. Sinto dores na cabeça e no estômago. Mijar dói.

— Talvez seja apenas a gripe Hong Kong. Susie teve Hong Kong. Pediu uma Bíblia.

Ri. Isso acontecera quando ainda estávamos na universidade, cerca de uma semana antes de fecharem definitivamente, um mês antes de começarem a transportar cadáveres em caminhões basculantes e enterrá-los em covas comuns com tratores.

— Veja.

Ele acendeu um fósforo e iluminou o ângulo inferior do maxilar. Pude ver as primeiras manchas triangulares, a primeira inchação. Era mesmo A6.

— Está certo.

— Não me sinto tão mal — disse ele. — Isto é, mentalmente. Mas você não. Pensa muito no assunto. Posso perceber.

— Nada disso — repliquei. Mentira.

— Claro que pensa. Como aquele cara esta noite. Você também está pensando nisso.

Raciocinando melhor, acho que lhe fizemos um favor. Não acredito que ele percebesse o que estava acontecendo.

— Ele percebeu.

Neddles sacudiu os ombros e rolou para o lado.

— Não faz diferença.

Fumamos e observamos a espuma vir e voltar sobre a areia. Needles pegara a Captain Trips. Isso tornava tudo real outra vez. Já estávamos no

final de agosto e dentro de duas semanas o primeiro frio do outono começaria a chegar. Hora de mudarmos para outro lugar. Inverno. Mortos na época do Natal, talvez, todos nós. Na sala de visitas de alguém, com o rádio/gravador de Corey sobre uma estante cheia de livros Condensados do Reader's Digest e o fraco sol de inverno lançando sobre o tapete desenhos sem significação através das vidraças.

A visão foi bastante clara para me provocar um estremecimento. Ninguém devia pensar em inverno no mês de agosto. É como alguém andar em cima de nossa sepultura.

Needles riu.

— Está vendo? Você pensa no assunto.

O que podia eu responder? Levantei-me:

— Vou procurar Susie.

— Talvez sejamos as últimas pessoas no mundo, Bernie. Já pensou nisso?

Ao pálido luar, ele já parecia meio morto, com profundas olheiras e os dedos pálidos e imóveis como lápis.

Desci até o mar e olhei para o horizonte. Nada havia para ver senão os inquietos e movimentados topos das ondas, encimados por delicados penachos de respingos de espuma. O trovão da rebentação era tremendo ali à beira da água, maior que o mundo.

Era como estar no interior de uma tempestade elétrica. Fechei os olhos e balancei-me nos pés descalços. A areia era fria, úmida e compacta. E se fôssemos as últimas pessoas no mundo — e daí? Aquilo continuaria enquanto existisse uma lua para provocar as marés.

Susie e Corey estavam na praia. Susie cavalgava-o como se ele fosse um potro selvagem, batendo-lhe a cabeça na espumante torrente de água. Corey espadanava, batendo os braços. Estavam ambos encharcados. Aproximei-me e derrubei Susie com o pé. Corey ficou de quatro, bufando e resfolegando.

— Eu odeio você! — gritou ela.

Sua boca era um escuro crescente que parecia sorrir. Parecia a entrada de um parque de diversões. Quando eu era criança, minha mãe costumava levar-nos ao Parque Estadual Harrison e lá existia uma casa de loucuras, cuja fachada era uma enorme cara de palhaço. A gente entrava pela boca sorridente.

— Vamos, Susie. Levante-se, Lulu.

Estendi a mão. Susie a agarrou com certa hesitação e se pôs de pé. Tinha a blusa e a pele sujas de areia úmida.

— Não precisava empurrar, Bemie. Você nunca...

Ela não era como uma vitrola de bar; não era Preciso inserir uma ficha e ela nunca se desligava.

Subimos pela praia em direção à concessão principal. O homem que gerenciara o local tinha um pequeno apartamento no sobrado. Havia uma cama. Susie não merecia realmente uma cama, mas Needles tinha razão a respeito de uma coisa: não fazia diferença. Ninguém mais prestava atenção à contagem do jogo.

A escada ficava ao lado do prédio, mas parei por um instante para olhar pela vitrine quebrada as mercadorias empoeiradas que ninguém se dera o trabalho de saquear: pilhas de suéteres (estampadas no peito com as palavras "Anson Beach" e um desenho de céu e mar), pulseiras brilhantes que deixariam a pele do pulso verde de azinhavre com apenas um dia de uso, cintilantes brincos ordinários, bolas de praia, cartões postais obscenos, madonas de cerâmica mal pintada, vômito plástico (Tão reais! Experimente em sua esposa!), fogos de festa da Independência para um Quatro de Julho que jamais chegara, toalhas de praia com uma voluptuosa garota de biquíni cercada pelos nomes de uma centena de balneários famosos, flâmulas (Lembranças de Anson Beach and Park), balões de gás, roupa de banho. Na frente, um bar com um grande !etreiro que dizia:

EXPERIMENTE NOSSA TORTA ESPECIAL DE MARISCOS.

Eu costumava vir freqüentemente a Anson Beach quando ainda estava no ginásio. Isso foi sete anos antes da A6 e eu namorava uma garota chamada Maureen. Uma pequena alta, que tinha um maiô quadriculado cor-de-rosa. Eu costumava dizer que parecia tecido de toalha de mesa. Tínhamos passado pela calçada de madeira em frente àquela concessão. Nunca experimentamos a torta especial de mariscos.

— O que está olhando?

— Nada. Venha comigo.

Tive pesadelos horríveis com Alvin Sackheim, que me provocaram suor. Ele estava colocado ao volante de seu brilhante Lincoln amarelo, falando na avó. Não passava de uma caveira inchada e negra, com um esqueleto chamuscado. Cheirava a carne queimada. Falava interminavelmente e, depois de algum tempo, não consegui entender uma só palavra. Acordei respirando com dificuldade.

Susie estava deitada de través em minhas coxas, pálida e inchada. Meu relógio marcava três e cinqüenta, mas estava parado. Lá fora ainda estava escuro. A rebentação continuava a produzir estrondo. Parecia mais forte. Maré alta. Devia ser 4:15. Logo amanheceria. Levantei-me da cama e fui à porta aberta. A brisa do mar era agradável em meu corpo quente. A despeito de tudo, eu não queria morrer.

Fui ao canto e peguei uma cerveja. Havia três ou quatro caixas de latas de cerveja empilhadas contra a parede. Estava morna, pois não havia eletricidade. Contudo, não me importo com cerveja morna, ao contrário da maioria das pessoas. Apenas faz um pouco mais de espuma. Cerveja é cerveja. Voltei ao patamar, sentei-me e puxei o anel para abrir a lata.

Então, ali estávamos, com toda a raça humana exterminada, não por bombas atômicas, ou guerra biológica, ou poluição, ou qualquer coisa tão grandiosa Apenas pela gripe. Eu gostaria de fincar uma enorme placa... onde? Na planície salgada de Bonneville, talvez.

O Quadrado de Bronze. Cinco quilômetros de lado. E, com grandes letras em relevo, ele diria aos eventuais visitantes vindos do espaço: APENAS A GRIPE.

Joguei a lata de cerveja por cima do corrimão. Ela caiu com um ruído metálico oco na calçada de cimento que rodeava o prédio. O abrigo era um triângulo escuro na areia.

Tentei adivinhar se Needles estava acordado. Tentei adivinhar se eu estava.

— Bernie?

Ela estava de pé à porta, usando uma de minhas camisas. Detesto isso. Ela sua como uma porca.

— Você já não gosta muito de mim, não é mesmo, Bernie?

Não respondi. Havia ocasiões em que eu ainda era capaz de sentir pena de tudo. Ela não me merecia mais do que eu a merecia.

— Posso me sentar com você?

— Duvido que haja largura bastante para nós dois.

Ela emitiu um soluço engasgado e começou a voltar para o interior do apartamento.

— Needles pegou A6 — declarei.

Ela parou e olhou para mim, as feições imóveis.

— Não brinque, Bernie.

Acendi um cigarro.

— É impossível, ele já teve...

— Sim, ele teve A2. Gripe Hong Kong. Exatamente como você, eu, Corey, Kelly e Joan.

— Mas isso significaria que ele não está...

— Imunizado.

— Sim. Então, nós também podemos pegar.

— Talvez ele tenha mentido quando disse que já teve A2, para que o aceitássemos naquela ocasião — comentei.

O alívio se espraiou em seu rosto.

— Claro, é isso aí. Se fosse eu, também mentiria. Ninguém gosta de ficar só, não é mesmo?

Ela hesitou:

— Vai voltar para a cama?

— Agora, não.

Ela entrou. Eu não precisava dizer a ela que a A2 não era garantia contra A6. Ela já sabia. Apenas bloqueara a idéia. Fiquei sentado, observando a espuma. Estava forte para valer. Anos atrás, Anson Beach fora o único local decente para se fazer surf em todo o Estado. A Ponta era uma corcova negra e saliente, silhuetada contra o céu. Tive a impressão de conseguir enxergar a torre do posto de observação, mas, provavelmente, não passava de imaginação. Às vezes Kelly levava Joan para o topo da Ponta. Não creio que estivessem ali esta noite.

Coloquei o rosto nas mãos e apertei-o, sentindo a pele, sua granulação e textura. Tudo se estreitava tão depressa e era tão ruim — não tinha qualquer dignidade.

As ondas chegando, chegando, chegando. Infinitas. Limpas e profundas. Tínhamos vindo aqui no verão, Maureen e eu, no verão antes de entrarmos para a universidade, antes que a realidade e a A6 viessem do Sudeste Asiático e cobrissem o mundo como uma mortalha; julho comemos pizza e escutamos o rádio de Maureen, eu lhe passara óleo nas costas e ela nas minhas, o ar estava quente, a areia brilhante, o mar como um vidro em chamas.

* * *

EU SOU O UMBRAL DA PORTA

Richard e eu estávamos sentados em minha varanda, olhando por cima das dunas para o golfo. A fumaça de seu charuto espalhava-se preguiçosamente no ar, mantendo os mosquitos a uma distância segura. A água era um frio azul-turquesa, o céu um azul mais profundo, mais real. Uma combinação agradável.

— Você é o umbral da porta — repetiu Richard, pensativo. —— Tem certeza de que matou o menino? De que não foi um sonho?

— Não foi sonho. E também não o matei — já lhe disse isto. Eles mataram. Eu sou o umbral da porta.

Richard suspirou:

— Você o enterrou?

— Sim.

— Lembra-se do local?

— Sim.

Enfiei os dedos no bolso do peito e peguei um cigarro. Minhas mãos eram desajeitadas em seu invólucro de bandagens. Coçavam abominavelmente.

— Se quiser ver, tem que pegar o buggy. Não pode rolar isto indiquei-lhe minha cadeira de rodas — na areia.

O buggy de Richard era um Volkswagen `59 com pneus enormes. Ele o usava para apanhar madeira trazida pela maré. Desde que se aposentara de seu negócio imobiliário em Maryland, morava em Key Caroline e fazia esculturas em troncos trazidos pelo mar, que vendia a preços vergonhosos aos turistas de inverno.

Tirou uma baforada do charuto e olhou para o golfo.

— Ainda não. Quer me contar mais uma vez?

Suspirei e tentei acender o cigarro. Ele me tirou os fósforos da mão e acendeu para mim.

Puxei duas tragadas, inalando profundamente a fumaça. A coceira em meus dedos era de enlouquecer.

— Muito bem -declarei. — A noite passada, às sete horas, eu estava aqui, olhando para o golfo e fumando, exatamente como agora, e...

— Recue um pouco mais no tempo — pediu ele.

— Recuar mais?

— Conte-me a respeito do vôo.

Sacudi a cabeça.

— Richard, já repetimos isso muitas vezes. Não há nada...

O rosto vincado e enrugado era tão enigmático quanto uma de suas esculturas.

— Talvez você se recorde — disse ele. — Agora, talvez se lembre.

— Você acha?

— É possível. E quando terminar, podemos procurar a sepultura.

— A sepultura — repeti.

A palavra tinha um som oco, horrível, mais sombrio que qualquer coisa, ainda mais sombrio que todo aquele oceano através do qual Cory e eu velejáramos cinco anos antes. Escuro, escuro, escuro.

Por baixo das bandagens, meus olhos fitaram cegamente a escuridão que os curativos impunham. Coçavam.

Cory e eu fomos colocados em órbita pelo Saturno 16, que todos os comentaristas chamavam de Foguete Empire State Building. Era um enorme animal, realmente. Fazia o velho Saturno 1-B parecer um brinquedo e era lançado de um bunker de concreto com sessenta metros de profundidade — tinha que ser, para evitar que arrasasse totalmente Cabo Kennedy.

Fizemos órbitas em torno da Terra, verificando todos os nossos sistemas, e depois acionamos os propulsores. A caminho de Vênus. Deixamos um Senado em polvorosa, discutindo um projeto de orçamento para posteriores explorações do espaço e um bando de pessoas da NASA rezando para que encontrássemos alguma coisa — qualquer coisa.

— Não interessa o quê — gostava de dizer Don Lovinger, o menino prodígio particular do Projeto Zeus, quando tomávamos umas e outras. Vocês têm todos os aparelhos, além de cinco câmeras, especiais de TV e um lindo telescópio com zilhões e zilhões de lentes e filtros. Encontrem um pouco de ouro ou de platina. Ainda melhor, encontrem alguns adoráveis homenzinhos azuis para nós estudarmos, usarmos e nos sentirmos superiores.

Qualquer coisa. Até mesmo o fantasma de Howdy Doody já seria um começo.

Cory e eu estávamos ansiosos por atender, se possível. Nada funcionara em favor do programa de profunda exploração espacial. De Borman, Anders e Lovell, que entraram em órbita ao redor da Lua em `68 e encontraram um mundo vazio e ameaçador que parecia areia suja na praia, a Markhan e Jacks, que pousaram em Marte onze anos depois para encontrarem uma vastidão árida de areia congelada e uns poucos liquens raquíticos, o programa de profunda exploração espacial fora um dispendioso fracasso. E houve baixas: Pedersen e Lederen, subitamente lançados em órbita eterna em tomo do Sol quando tudo deixou de funcionar no antepenúltimo vôo Apolo. John Davis, cujo pequeno observatório espacial foi perfurado por um meteoróide em um acidente cujas possibilidades eram uma em mil. Não, o programa espacial não ia nada bem. Ao que tudo indicava, a órbita de Vênus seria nossa última oportunidade de dizer: "Viram como tínhamos razão? "

Dezesseis dias de viagem de ida — comemos um bocado de alimentos concentrados, jogamos um bocado de buraco, trocamos um resfriado para lá e para cá — e sob o ponto de vista técnico foi uma sopa. Perdemos um conversor de umidade do ar no terceiro dia, ligamos o sobressalente e isto foi tudo, excetuando alguns detalhes sem importância, até a reentrada da atmosfera terrestre. Vimos Vênus crescer de uma estrela a uma lua em quarto-crescente e, finalmente, uma bola de cristal leitoso, trocamos piadas com o Controle Huntsville, escutamos fitas de Wagner e dos Beatles, cuidamos de experimentos automatizados que tratavam de tudo, desde medidas do vento solar até navegação no espaço. Efetuamos duas correções do curso, ambas infinitesimais, e no nono dia Cory saiu da nave para bater no DESA escamoteável até que este resolveu funcionar. Nada de extraordinário até que...

— DESA — repetiu Richard. — O que é isso?

— Um experimento que não deu certo. Jargão da NASA para designara Deep Space Antenna, uma antena para uso no espaço longínquo — irradiávamos impulsos de alta freqüência para quem estivesse interessado em escutar-nos — respondi, esfregando os dedos nas calças, sem resultado; na verdade, a coceira deu a impressão de piorar. — É a mesma idéia do radiotelescópio na West Virginia — você sabe, o que escuta as estrelas.

Só que em vez de escutarmos nós transmitíamos, primordialmente para os planetas mais afastados: Júpiter, Saturno, Urano. Se existe alguma vida

inteligente por lá, devia estar cochilando.

— Só Cory saiu

— Sim. E se trouxe consigo alguma praga interestelar, a telemetria não revelou.

— Mesmo assim...

— Não interessa — interrompi, irritado. — Só o aqui e agora importam. Mataram o menino ontem à noite, Richard. Não foi agradável ver... ou sentir. A cabeça dele... explodiu — como se alguém lhe tivesse retirado o cérebro e colocado uma granada de mão no interior do crânio.

— Termine a estória — disse ele.

Soltei uma risada oca.

— O que há para contar?

Entramos em órbita excêntrica em torno do planeta. Era radical e se deteriorava; quinhentos e doze por cento e doze quilômetros. Isto na primeira volta. Nossa segunda volta foi ainda mais alta, com o perigeu mais baixo. Tínhamos um máximo de quatro órbitas. Fizemos todas quatro. Demos uma boa olhada no planeta. Tiramos também mais de seiscentas fotos e só Deus sabe quantos metros de filme.

A camada de nuvens é composta por partes iguais de metano, amônia, poeira e merda voadora. O planeta inteiro parece o Grand Canyon num túnel de vento. Cory calculou a velocidade do vento em cerca de mil quilômetros por hora perto da superfície. Nossa sonda funcionou durante toda a descida e pifou de repente. Não vimos vegetação nem sinal de vida. O espectroscópio indicou apenas traços dos minerais valiosos. E isso era Vênus. Nada, absolutamente nada — exceto que me causava medo. Era como circularem tomo de uma casa assombrada em pleno espaço exterior. Sei o quanto isto parece anti-científico, mas quase me borrei de medo até nos afastarmos de lá. Creio que se um de nossos foguetes não se desligasse, eu cortaria o pescoço durante a descida. Não é como a Lua. A Lua é deserta mas, de algum modo, anti-séptica. O mundo que vimos era diferente, completamente diferente de tudo que alguém já viu. Talvez seja uma boa coisa existir aquela camada de nuvens. Era como um crânio completamente descarnado — eis o melhor que consigo descrever.

No caminho de volta, ouvimos que o Senado votara o corte pela metade do orçamento espacial. Cory fez um comentário sobre "parece que estamos de volta ao negócio de satélites meteorológicos, Arde". Mas fiquei quase alegre. Talvez nosso lugar não seja lá.

Doze dias depois, Cory morreu e eu fiquei aleijado para o resto da vida. Perdemos toda a nossa sorte na descida. O pára-quedas não funcionou. Que acha disso, como uma pequena ironia da vida? Passamos mais de um mês no espaço, fomos mais longe que qualquer outro ser humano já conseguiu ir e tudo terminou daquela maneira porque algum sujeito estava com pressa de fazer um intervalo para o café e não dobrou direito o pára-quedas, causando um embaraço nas linhas.

Batemos com força. Um cara que estava num helicóptero disse que a nave parecia um bebê gigantesco caindo do céu, trazendo atrás de si a placenta. Perdi os sentidos quando batemos.

Voltei a mim quando me carregavam pelo convés do Portland Nem mesmo tiveram oportunidade de enrolar o tapete vermelho sobre o qual deveríamos passar. Eu sangrava.

Sangrava e era levado às pressas para enfermaria, passando sobre um tapete vermelho que não parecia tão vermelho quanto eu...

— ... Passei dois anos no hospital de Bethesda. Deram-me a Medalha de Honra, muito dinheiro e esta cadeira de rodas. Vim para cá no ano seguinte. Gosto de assistir à subida dos foguetes.

— Eu sei — disse Richard, fazendo uma pausa antes de acrescentar: Mostre-me suas mãos.

— Não — minha resposta foi muito rápida e áspera. — Não posso permitir que eles vejam. Já lhe disse.

— Já se passaram cinco anos — disse Richard. — Por que agora, Arthur? É capaz de me dizer?

— Não sei. Não sei! Talvez o que seja tenha um longo período de gestação. Ou quem mesmo pode dizer que o contraí lá no espaço? Seja lá o que for, pode haver entrado em mim em Fort Lauderdale. Ou aqui mesmo, nesta varanda, pelo que sei.

Richard suspirou e olhou para o mar, agora avermelhado pelo sol de final da tarde.

— Estou tentando, Arthur; não quero pensar que você esteja perdendo o juízo.

— Se for preciso, mostrar-lhe-ei minhas mãos — repliquei, o que me custou grande esforço. — Mas só se for preciso.

Richard se levantou e pegou sua bengala. Parecia velho e frágil.

— Vou buscar o buggy. Procuraremos o menino.

— Obrigado, Richard.

Ele caminhou em direção à esburacada estrada de terra que levava à sua cabana — eu podia ver o telhado acima da Grande Duna, que se ergue por quase todo o comprimento de Key Caroline. Acima do mar, na direção do Cabo, o céu assumira uma feia coloração de ameixa e o som da trovoada longínqua me chegou aos ouvidos.

Eu não sabia o nome do rapaz, mas via-o de vez em quando, caminhando ao longo da praia ao anoitecer, com a peneira sob o braço.

Estava quase negro de tão tostado pelo sol e só usava um surrado par de jeans cortadas à altura das coxas. Na extremidade oposta de Key Caroline existe uma praia pública e um jovem empreendedor talvez consiga.ganhar até cinco dólares nos melhores- dias, peneirando a areia à procura de moedas perdidas. Ocasionalmente, eu lhe acenava e ele respondia com outro aceno, ambos neutros, desconhecidos mas irmãos, moradores permanentes da ilha em contraposição aos turistas esbanjadores que dirigiam Cadillacs e falavam em voz alta. Imagino que morasse no pequeno vilarejo agrupado em tomo da agência dos correios, cerca de oitocentos metros além de minha casa.

Quando ele passou aquela tarde, já fazia uma hora que eu estava na varanda, imóvel, observando. Eu retirara as bandagens um pouco antes. A coceira se tornara intolerável e sempre melhorava quando eles podiam ver com seus próprios olhos.

Era uma sensação como nenhuma outra no mundo — como se eu fosse um portal ligeiramente entreaberto através do qual eles observassem um mundo que odiavam e temiam. Mas o pior era que eu também podia ver, de certo modo. Imagine sua mente transportada para uma mosca caseira, uma mosca que olhasse para seu rosto com mil olhos. Então, talvez você consiga começar a entender por que motivo eu mantinha minhas mãos envoltas em bandagens, mesmo quando não existia ninguém por perto para vê-Ias.

Tudo começou em Miami. Eu tinha negócios lá com um homem chamado Cresswell, investigador do Ministério da Marinha. Ele vem checar-me uma vez por ano — pois já estive o mais próximo que qualquer pessoa pode chegar do material secreto referente ao nosso programa espacial. Não sei o que ele procura; um brilho furtivo em meus olhos, talvez, ou uma letra vermelha em minha testa. Só Deus sabe por que. Minha pensão é tão grande a ponto de ser quase embaraçosa.

Cresswell e eu estávamos sentados na varanda de seu quarto de hotel, bebericando drinques e discutindo o futuro do programa espacial americano. Era cerca de três e meia. Meus dedos começaram a coçar. Não foi nem um pouco gradual. Ligou-se de repente, como uma corrente elétrica. Mencionei o fato a Cresswell.

— Então, você pegou alguma planta venenosa naquela ilhota escrofulosa — disse ele, sorrindo.

— A única vegetação existente em Key Caroline são os palmitos repliquei. — Talvez seja a coceira dos sete anos.

Olhei para minhas mãos. Perfeitamente normais. Mas coçavam.

Mais tarde, assinei o mesmo documento de sempre ("Juro solenemente que não recebi nem revelei e divulguei informações que...") e dirigi meu carro de volta à ilha. Tenho um velho Ford equipado com freio e acelerador operados à mão. Eu o adoro — faz com que me sinta autosuficiente.

É um longo trajeto pela Rodovia 1 e, quando saí da auto-estrada e peguei a rampa de saída para Key Caroline, eu estava quase louco. Minhas mãos coçavam inacreditavelmente. Se você já passou pelo sofrimento da cicatrização de um corte profundo ou de uma incisão cirúrgica, talvez faça alguma idéia do tipo de coceira a que me refiro, tinha a impressão de que coisas vivas rastejavam e me perfuravam a carne.

O sol quase desaparecera no horizonte e examinei cuidadosamente as mãos à luz do painel. Agora, as pontas dos dedos estavam vermelhas, em pequenos círculos perfeitos logo acima da parte carnuda onde estão as impressões digitais, nos locais onde ficamos com pequenos calos ao tocarmos violão. Também existiam círculos vermelhos de infecção no espaço entre a primeira e segunda juntas de cada dedo, inclusive o polegar, e na pele entre a segunda junta e a mão. Apertei os dedos da mão direita contra os lábios e retirei-os depressa, com repentino nojo. Uma sensação de atônito horror surgiu-me na garganta, lanuda e asfixiante. A carne onde os pontos vermelhos tinham surgido estava quente, febril, e o resto parecia macio, mole e frio, como a polpa de uma maçã apodrecida.

Levei o resto do caminho procurando convencer-me de que realmente pegara algum tipo de urticária, em algum lugar. Contudo, no fundo de minha mente havia outro pensamento terrível. Quando criança, tive uma avó que passou os últimos dez anos de vida isolada do mundo num quarto do andar superior. Minha mãe lhe levava as refeições e seu nome era um

assunto proibido para nós. Posteriormente, vim a saber que ela sofria da moléstia de Hansen — lepra.

Quando cheguei em casa, telefonei para o Dr. Flanders, no continente. Fui atendido pela secretária eletrônica. O Dr. Flanders estava fazendo um cruzeiro de pesca, mas se fosse urgente o Dr. Ballanger estaria às ordens. O Dr. Flanders regressaria no máximo até a tarde seguinte.

Desliguei num movimento vagaroso e, depois, disquei para Richard. Deixei o telefone chamar uma dúzia de vezes antes de desligar. Depois disso, permaneci indeciso durante algum tempo. A coceira piorava. Parecia emanar da própria carne.

Rolei minha cadeira de rodas até a estante de livros e peguei a velha enciclopédia médica que eu possuía há anos. O livro se mostrou enlouquecedoramente vago. Poderia ser tudo, ou nada.

Recostei-me e fechei os olhos. Podia escutar o velho relógio de navio funcionando na prateleira do outro lado da sala. Ouvi o ronco longínquo de um jato que se dirigia a Miami. E o leve sussurro de minha própria respiração.

Continuei a olhar para o livro.

A percepção do fato foi lenta, mas, de repente, atingiu-me de modo assustador. Eu tinha os olhos fechados, mas, ainda assim, continuava a olhar para o livro. O que eu via era a versão difusa e monstruosa, distorcida, em quatro dimensões, de um livro. E, a despeito de tudo, a imagem era inconfundível.

E não era eu o único que o olhava.

Abri bruscamente os olhos, sentindo um aperto no coração. A sensação diminuiu um pouco, mas não inteiramente. Eu estava olhando para o livro, vendo as letras e diagramas com meus próprios olhos, uma experiência cotidiana perfeitamente normal; mas também via-o de um ângulo diferente, inferior — via-o com outros olhos. Via não um livro, mas uma coisa estranha, algo de forma monstruosa e intenção ominosa.

Ergui lentamente as mãos para o rosto, tendo a fantasmagórica visão de minha sala transformada numa casa de horror.

Gritei.

Havia olhos observando-me através de fendas na carne de meus dedos. E, enquanto eu olhava, a carne se dilatava e murchava, à medida que eles abriam implacavelmente caminho em direção à superfície.

Mas não fora isto que me fizera gritar. Eu olhara para meu próprio rosto e vira um monstro.

O buggy apareceu no topo da colina e Richard o freou junto à varanda. O motor acelerado roncava e pipocava. Rolei minha cadeira de rodas pelo plano inclinado à direita dos degraus normais e Richard me ajudou a embarcar.

— Muito bem, Arthur — disse ele. — A festa é sua. Para onde vamos?

Apontei na direção da água, onde a Grande Duna finalmente começa a descer. Richard meneou afirmativamente a cabeça. As rodas traseiras derraparam, jogando areia, e partimos. Eu costumava espicaçar Richard por causa da maneira pela qual dirigia o buggy, mas não me dei o trabalho de fazê-lo naquela noite. Tinha muito mais em que pensar — e sentir: eles não queriam o escuro e eu podia senti-los esforçando-se por ver através das bandagens, impelindo-me a retirá-las.

O buggy saltava e rugia pela areia em direção ao mar, parecendo quase decolar do topo das dunas menores. À esquerda, o sol se punha no horizonte com uma glória sangrenta.

Bem à nossa frente, no horizonte, as pesadas nuvens de trovoada se encaminhavam para nós. Os relâmpagos iluminavam o céu e os raios caíam no oceano.

— À sua direita — disse eu. — Perto daquele abrigo.

Richard freou o buggy, espalhando areia, ao lado das ruínas apodrecidas do abrigo de troncos e folhas de palmeira. Estendeu a mão para trás e pegou uma pá. Fiz uma careta ao ver isso.

— Onde? — indagou ele, sem expressão.

— Bem ali — apontei para o local.

Ele saltou e andou vagarosamente pela areia até o local, hesitou um instante e logo enterrou a pá na areia. Pareceu-me que ele cavou durante longo tempo. A areia que jogava por cima do ombro com a pá parecia úmida. As nuvens ameaçadoras estavam mais escuras, mais altas, e o mar parecia raivoso e implacável à sombra delas e ao brilho refletido do crepúsculo.

Muito antes que Richard parasse de cavar, compreendi que ele não encontraria o garoto.

Eles o haviam removido dali. Eu não colocara bandagens nas mãos na noite anterior, de modo que eles conseguiram ver e agir. Se foram capazes

de me usar para matar o menino, poderiam usar-me para removê-lo, mesmo enquanto eu dormia.

— Não há menino algum, Arthur.

Richard jogou a pá suja de areia na parte traseira do buggy e sentou-se fatigadamente ao volante. A tempestade que se aproximava lançava sombras curvas e movediças ao longo da areia. A brisa que se tornava mais forte jogava ruidosamente areia na lataria enferrujada do buggy. Meus dedos coçavam.

— Eles me usaram para removê-lo — disse eu, obtusamente. — Estão assumindo o controle, Richard. Estão forçando a porta, um pouco de cada vez. Uma centena de vezes por dia eu me vejo diante de algum objeto perfeitamente familiar — uma espátula, um quadro, até mesmo uma lata de ervilhas — sem fazer idéia de como cheguei ali, estendendo as mãos, mostrando-o a eles, vendo-o como eles o vêem, como uma obscenidade, como algo monstruoso e grotesco...

— Arthur — interrompeu Richard. — Não, Arihur. Não fale nisso.

Na obscuridade, seu rosto demonstrava desânimo e compaixão.

— Diante de alguma coisa, você disse. Remover o corpo do menino, você disse. Mas você não pode andar, Arthur. Está morto da cintura para baixo.

Toquei o painel do buggy.

— Isto também está morto. Mas quando você entra nele, é capaz de fazê-lo andar. Seria capaz de fazê-lo matar. Ele não poderia deter você, mesmo que quisesse — repliquei, ouvindo minha própria voz erguer-se histericamente. — Sou o umbral da porta, será que você não consegue entender? Eles mataram o menino, Richard! Eles removeram o corpo!

— Acho melhor você consultar um médico — replicou ele em voz baixa. — Vamos voltar.

Vamos...

— Verifique! Verifique o menino, então! Descubra...

— Você disse que nem mesmo sabia o nome dele.

— Ele devia ser do lugarejo. É um povoado pequeno. Pergunte...

— Falei com Maud Harrington pelo telefone, quando fui buscar o buggy. Se alguém neste estado tem o nariz mais comprido que o de Maud, eu não conheço. Perguntei se ela ouviu falar no filho de alguém, que não voltou para casa na noite passada. Ela respondeu que não.

— Mas ele é do local! Tem que ser!

Richard estendeu a mão para a chave de ignição, mas eu o detive. Ele se virou para fitar-me e comecei a desenrolar as bandagens de minhas mãos.

Sobre o golfo, a trovoada murmurava e rugia.

Não fui ao médico nem tornei a telefonar para Richard. Passei três semanas com as mãos envoltas em bandagens sempre que saía de casa. Três semanas esperando cegamente que aquilo desaparecesse. Não era um procedimento racional; sou capaz de admitir isto. Se eu fosse um homem inteiro, que não precisasse de uma cadeira de rodas em lugar das pernas, ou que levasse uma vida normal com uma ocupação normal, eu talvez fosse consultar o Dr. Flanders ou procurasse Richard. Poderia tê-lo feito, se não fosse pela lembrança de minha avó, isolada, virtualmente encarcerada, sendo devorada viva pela própria carne infectada. Portanto, mantive um silêncio desesperado e rezei para acordar algum dia de manhã e descobrir que tudo fora um pesadelo.

E, pouco a pouco, eu os sentia. Eles. Uma inteligência anônima. Eu nunca realmente tentei imaginar como eles eram ou de onde tinham vindo. Era irrelevante. Eu era o umbral deles, sua janela para o mundo. Recebia deles suficiente feedback para sentir sua repulsa e horror, para saber que nosso mundo era muito diferente do seu. Feedback suficiente para sentir-lhes o ódio cego. Não obstante, eles observavam. Sua carne estava entranhada na minha. Comecei a perceber que me usavam, realmente me manipulavam.

Quando o menino passou, erguendo a mão em seu costumeiro aceno neutro, eu tinha acabado de decidir entrar em contato com Cresswell através de seu telefone no Ministério da Marinha. Richard tinha razão a respeito de uma coisa: eu tinha certeza de que fora contaminado no espaço ou naquela estranha órbita de Vênus. A Marinha me estudaria, mas não me transformaria num monstro. Eu não mais precisaria acordar na escuridão cheia de rangidos e abafar um grito ao senti-los observar, observar, observar.

Voltei as mãos para o menino e dei-me conta de que não as enrolara nas bandagens. Na luz fraca do crepúsculo, pude ver os olhos que observavam silenciosamente. Eram grandes, dilatados, com íris cor de ouro. Certa vez eu esbarrara um deles contra a ponta de um lápis e sentira a dor angustiante subir pelo braço. O olho deu a impressão de fitar-me com um ódio contido que era pior que a dor física. Não esbarrei novamente.

E agora, eles observavam o menino. Sentia mente desviar-se. Um momento depois, meu controle desapareceu. A porta estava aberta. Cambaleei pela areia em direção ao menino, minhas pernas movimentando-se sem nervos, como uma tábua ao sabor das ondas. Meus olhos pareceram fechar-se a passei a ver apenas através daqueles olhos estranhos — vi um monstruoso panorama marinho de alabastro, encimado por um céu semelhante a um imenso manto cor de púrpura; vi um barraco inclinado, em ruínas, que poderia ter sido a carcaça de alguma desconhecida criatura carnívora; vi uma criatura abominável que se movia, respirava e carregava sob o braço um objeto de madeira e arame, um objeto construído de ângulos retos geometricamente impossíveis.

Imagino o que ele pensou, aquele pobre menino sem nome com a peneira sob o braço e os bolsos estofados com um conglomerado de moedas sujas de areia perdidas pelos turistas, o que ele pensou ao ver-me cambalear em sua direção com as mãos estendidas como um maestro cego regendo uma orquestra lunática, o que ele pensou quando o que restava de luz incidiu em minhas mãos, vermelhas, rachadas e brilhantes com sua carga de olhos, o que ele pensou quando as mãos fizeram aquele brusco movimento no ar, logo antes de sua cabeça explodir.

Eu sei o que pensei.

Pensei que espiava pela borda do universo e via as labaredas do próprio inferno.

O vento fustigava as ataduras, transformando-as em bandeiras drape. jantes, enquanto eu as desenrolava As nuvens tinham escondido o que restava do crepúsculo e as dunas estavam escuras, cobertas de sombras. As nuvens pareciam correr e fervilhar acima de nós.

— Precisa prometer-me uma coisa, Richard — declarei, acima do barulho do vento. — Você deve correr caso pareça que eu possa tentar... machucá-lo. Está entendendo?

— Sim.

Sua camisa aberta no pescoço chicoteava com o vento. O rosto estava sério, decidido, e seus olhos eram pouco mais que órbitas no escuro.

A última atadura caiu.

Olhei para Richard. E eles olharam para Richard. Vi um rosto que conheço há cinco anos e passei a amar. Eles viram um monolito vivo, distorcido.

— Você os vê — disse eu, em voz rouca. — Agora, você os vê.

Ele recuou involuntariamente. Seu rosto foi invadido por súbito e incrédulo pavor. Um relâmpago iluminou o céu. Os trovões andavam entre as nuvens e o mar se tornara mais negro que o próprio Estige.

— Arthur...

Como ele era hediondo! Como podia eu ter convivido com ele, falado com ele? Não era uma criatura, mas uma pestilência muda. Ele era...

— Fuja! Fuja, Richard!

E ele fugiu. Correu em saltos enormes. Transformou-se num andaime de encontro ao céu ameaçador. Minhas mãos se ergueram, voando sobre minha cabeça num gesto gritante e estranho, os dedos estendidos na direção da única coisa que me era familiar naquele mundo de pesadelo — as nuvens.

E as nuvens responderam.

Houve o risco enorme, branco-azulado, de um raio que pareceu ser o final do mundo.

Atingiu Richard, envolvendo-o. A última coisa de que me lembro é o cheiro elétrico de ozônio e o odor de carne queimada.

Quando acordei, estava placidamente sentado em minha varanda, olhando na direção da Grande Duna. A tempestade passara e o ar estava agradavelmente fresco. Havia uma fina fatia de lua. A areia era virginal nem o menor sinal de Richard ou do buggy.

Olhei para minhas mãos. Os olhos estavam abertos, mas esgazeados. Eles estavam exaustos. Dormiam.

Eu sabia muito bem o que precisava ser feito. Antes que a porta se abrisse ainda mais, tinha que ser trancada. Para sempre. Eu já podia notar os primeiros sinais de alteração estrutural nas mãos. Os dedos começavam a encurtar-se... e a mudar.

Havia uma pequena lareira na sala e, na estação, eu costumava acender um fogo contra o frio úmido da Flórida. Acendi um agora, agindo depressa. Não fazia idéia de quando eles despertariam para o que eu estava fazendo.

Quando o fogo pegou bem, saí até o tambor de querosene e embebi ambas as mãos. Eles acordaram imediatamente, gritando em agonia. Quase não consegui chegar de volta à sala — e à lareira.

Mas cheguei.

Isso ocorreu há sete anos.

Ainda estou aqui; ainda observo os foguetes subirem. Têm sido mais numerosos, ultimamente. Este é um governo com mentalidade espacial. Até mesmo já se fala em novas sondas tripuladas para Vênus.

Descobri o nome do menino, embora não faça diferença. Ele pertencia realmente ao lugarejo. Mas a mãe esperava que ele passasse a noite em casa de um amigo, no continente, e só deu alarme na segunda-feira seguinte. Richard... bem, todo mundo achava Richard um sujeito esquisito. Desconfiam que ele tenha ido para Maryland ou se amasiado com alguma mulher.

Quanto a mim, sou tolerado, embora goze também de grande reputação por excentricidade. Afinal, quantos ex-astronautas escrevem regularmente a seus representantes eleitos, em Washington, sugerindo que o dinheiro da exploração do espaço poderia ser melhor empregado em outras coisas?

Dou-me bem com estes ganchos no lugar das mãos. Sofri dores horríveis durante um ano ou mais, mas o corpo humano é capaz de adaptar-se a quase tudo. Aprendi a barbear-me com eles e até mesmo a dar o laço nos sapatos. E, como podem ver, minha datilografia é correta e fácil. Não espero encontrar qualquer dificuldade para enfiar o cano da espingarda na boca e puxar o gatilho. Pois tudo começou outra vez, há três semanas.

Há um perfeito círculo de doze olhos dourados em meu peito.

* * *

EX FUMANTES LTDA.

Morrison esperava por alguém que estava retido no engarrafamento de trafégo aéreo sobre o aeroporto internacional Kennedy quando avistou um rosto conhecido na outra extremidade do bar e foi até lá.

— Jimmy? Jimmy McCann?

Era ele. Um pouco mais pesado do que quando Morrison o vira na Exposição de Atlanta, no ano anterior, mas, fora disso, parecendo em espantosa forma física. Na universidade, McCann fora um magro e pálido fumante inveterado, desses que acendem um cigarro na guimba do outro, com o rosto sumido atrás de um enorme par de óculos de aro de tartaruga. Aparentemente, mudara para lentes de contato.

— Dick Morrison?

— Exato. Você está ótimo.

Trocaram um aperto de mãos.

— Você também — disse McCann, mas Morrison sabia que era mentira. Vinha trabalhando demais, comendo demais, fumando demais. Que vai beber?

— Bourbon com bitters — respondeu Morrison, passando o pé em torno do tamborete do bar e acendendo um cigarro. — Esperando alguém, Jimmy?

— Não. Vou a Miami para uma conferência. Um grande cliente. Fatura seis milhões conosco. Devo ir segurar-lhe a mão porque perdemos um grande especial que será realizado na próxima primavera.

— Você ainda trabalha na Crager & Barton?

— Agora, sou vice-presidente executivo.

— Fantástico! Meus parabéns! Quando foi promovido?

Morrison costumava dizer com seus botões que o pequeno verme de inveja em seu estômago era apenas indigestão provocada pela acidez. Tirou do bolso um vidro de pastilhas anti-ácidas e colocou uma na boca, mastigando-a.

— Em agosto passado. Aconteceu algo que mudou minha vida — disse McCann, olhando especulativamente para Morrison e bebericando seu drinque. — Talvez lhe interesse.

Meu Deus, pensou Morrison com uma careta mental, Jimmy McCann virou religioso.

— Claro — respondeu, tomando um gole de seu drinque quando este foi trazido pelo barman.

— Eu não estava em muito boa forma — disse McCann. — Problemas pessoais com Sharon, meu pai tinha morrido — ataque cardíaco — e eu apanhara uma tosse renitente. Um dia, Bobby Crager entrou em minha sala e me fez uma pequena preleção paternal. Lembra-se delas?

— Claro — replicou Morrison, que trabalhara na Crager & Barton durante dezoito anos, antes de ir para a Agência Morton. — Engate uma marcha no traseiro ou caia fora daqui.

McCann riu:

— Vejo que se lembra. Bem, para encurtar a estória, o doutor disse que eu tinha uma úlcera. Mandou-me deixar de fumar — McCann fez uma careta. — Seria melhor mandar-me parar de respirar.

Morrison meneou a cabeça, demonstrando total compreensão. Os ex-fumantes podem dar-se o luxo de serem cheios de si. Olhou com repulsa

para seu cigarro e o esmagou no cinzeiro, sabendo que acenderia outro dentro de cinco minutos.

— Você deixou? — indagou.

— Deixei, sim. A princípio, julguei que não conseguiria — volta e meia acendia um cigarro. Então, conheci um sujeito que me falou de uma organização na Rua Quarenta e Seis. Especialistas. Perguntei a mim mesmo o que tinha eu a perder e fui procurá-los. Desde então, nunca mais fumei.

Morrison arregalou os olhos.

— O que fizeram? Encheram você de alguma droga?

— Não — respondeu McCann, que tirara a carteira do bolso e procurava alguma coisa dentro dela. — Aqui está. Eu sabia que ainda tinha um.

Colocou sobre o bar, entre ele e Morrison, um simples cartão de visitas branco.

EX-FUMANTES LTDA

Pare de Sumir na Fumaça!

Rua 46 — Leste, n° 237

Tratamentos Com Hora Marcada

— Fique com ele, se quiser — disse McCann. — Eles o curarão. É garantido.

— Como?

— Não posso dizer.

— Hem? Por que não?

— Faz parte do contrato que eles nos fazem assinar. De qualquer forma, dizem-lhe como funciona quando entrevistam o cliente.

— Você assinou um contrato?

McCann assentiu com a cabeça.

— E baseado nele...

— Sim — disse McCann, sorrindo para Morrison.

Este pensou: Bem, aconteceu mesmo. Jim McCann juntou-se aos bastardos cheios de si.

— Por que o segredo, se a tal organização é tão fantástica? Por que nunca vi comerciais na TV, cartazes, anúncios em revistas...

— De boca em boca, conseguem todos os clientes de que têm capacidade de tratar.

— Você é um publicitário, Jimmy. Não pode acreditar nisso.

— Acredito — replicou McCann. — Eles têm um percentual de cura de noventa e oito por cento.

— Espere um segundo — disse Morrison, fazendo sinal para pedir outro drinque e acendendo um cigarro. — Essas caras amarram o cliente e o obrigam a fumar até ficar enjoado?

— Não.

— Dão-lhe alguma coisa que provoca vômitos cada vez que...

— Não, não é nada disso. Vá e veja por si mesmo — interrompeu McCann, apontando em seguida para o cigarro de Morrison: — Você não gosta realmente disso, gosta?

— Não, mas...

— Deixar de fumar realmente mudou as coisas para mim — declarou McCann. — Não creio que aconteça o mesmo a todo mundo, mas, comigo, foi como derrubar uma fileira de pedras de dominó. Senti-me melhor, meu relacionamento com Sharon se acertou. Passei a ter mais energia e meu desempenho no trabalho foi melhor.

— Ouça, você me despertou a curiosidade. Não pode ao menos...

— Sinto muito, Dick. Não posso mesmo falar no assunto.

O tom de McCann foi firme, decidido.

— Ganhou peso?

Por um instante, Morrison teve a impressão de que Jimmy McCann se tornara inflexível.

— Sim. Na verdade, um pouco demais. Mas tornei a perder. No momento, estou quase no peso ideal. Antes, era esquelético.

O alto-falante anunciou:

— Vôo 206 embarcando agora no Portão 9.

— É o meu vôo — disse McCann, levantando-se e deixando uma nota de cinco dólares em cima do balcão. — Tome outro, se quiser. E pense no que eu lhe disse, Dick. No duro.

Então, foi-se, abrindo caminho por entre as pessoas que se dirigiam às escadas rolantes.

Morrison pegou o cartão de visitas, fitou-o pensativamente, guardou-o na carteira e esqueceu-o.

Um mês depois, o cartão lhe caiu da carteira em cima de outro bar. Ele saíra do escritório e viera ali para passar o resto da tarde bebendo. As coisas não iam muito bem na Agência Morton. Na verdade, as coisas estavam simplesmente horríveis.

Deu a Henry uma nota de dez para pagar a bebida e depois pegou o cartão, tornando a lê-lo — o número 237 da Rua Quarenta-e-Seis ficava apenas a dois quarteirões de distância; lá fora, um dia frio e ensolarado de outono. Talvez, só por brincadeira...

Quando Henry trouxe o troco, ele terminou de beber o drinque e saiu para um passeio a pé.

A Ex-Fumantes Ltda. ficava num edifício novo onde o aluguel mensal dos escritórios devia aproximar-se do salário anual de Morrison. Pelo quadro indicador no vestíbulo, Morrison teve a impressão de que a organização ocupava um andar inteiro, o que significava dinheiro — e muito.

Tomou o elevador e saltou num saguão luxuosamente atapetado, passando dali para uma sala de recepção graciosamente decorada, com um janelão que dava para a rua, onde as pessoas pareciam insetos apressados. Três homens e uma mulher estavam sentados em poltronas ao longo das paredes, lendo revistas. Típicos homens de negócios, todos eles. Morrison foi à mesa da recepcionista.

— Um amigo me deu isto — disse ele, entregando o cartão à recepcionista. — Creio que ele é o que vocês chamariam de ex-aluno.

Ela sorriu e colocou um formulário na máquina.

— Seu nome, senhor?

— Richard Morrison. Barulho de máquina. Mas um barulho muito leve; a máquina era uma IBM elétrica.

— Endereço?

— Maple Lane, vinte e nove. Clinton, Nova York.

— Casado?

— Sim.

— Filhos?

— Um.

Morrison pensou em Alvin e franziu ligeiramente a testa. "Um" era a palavra errada. "Meio" talvez fosse melhor. Seu filho era retardado mental e vivia numa escola para excepcionais, em Nova Jersey.

— Quem nos recomendou ao senhor?

— Um antigo colega de escola, James McCann.

— Muito bem. Quer sentar-se, por favor? Hoje temos muito movimento.

— Tudo bem.

Morrison sentou-se entre a mulher, que trajava um severo costume azul, e um jovem executivo que usava um paletó listrado e costeletas compridas, como era moda. Tirou do bolso o maço de cigarros, olhou em volta e percebeu que não havia cinzeiros.

Tornou a guardar os cigarros. Não fazia diferença. Ele terminaria aquele joguinho e acenderia um cigarro ao sair. Talvez até mesmo derrubasse um pouco de cinza no luxuoso tapete marrom, se o fizessem esperar muito. Pegou um exemplar do Time e começou a folheá-lo.

Foi chamado quinze minutos mais tarde, após a mulher de costume azul. Seu centro consumidor de nicotina reclamava em altos brados, agora. Um homem que chegara depois dele tirou do bolso uma cigarreira, abriu-a, percebeu que não havia cinzeiros, tornou a guardá-la — com um leve ar de culpado, na impressão de Morrison. Isto o fez sentir-se melhor.

Finalmente, a recepcionista lançou-lhe um sorriso brilhante e disse:

— Pode entrar, Sr. Morrison.

Morrison passou pela porta situada além da mesa da recepcionista e viu-se num corredor com iluminação indireta. Um homem corpulento com cabelos brancos que pareciam postiços apertou-lhe a mão, sorriu amavelmente e disse:

— Acompanhe-me, Sr. Morrison.

Passou com Morrison por uma série de portas fechadas que não tinham qualquer indicação ou marca e, depois, abriu uma delas, mais ou menos no meio do corredor, com uma chave que tirou do bolso. Atrás da porta existia uma salinha austera, forrada com painéis de cortiça brancos e cheios de furos. A única mobília consistia de uma mesa com uma cadeira de cada lado. Na parede atrás da mesa havia o que parecia ser uma pequena janela oblonga, mas estava tapada com uma curta cortina verde. Na parede à esquerda de Morrison estava a fotografia de um homem alto, com cabelos grisalhos, tendo uma folha de papel numa das mãos. Parecia vagamente familiar.

— Sou Vic Donati — disse o homem corpulento. — Se o senhor decidir cumprir nosso programa, serei o encarregado de seu caso.

— Muito prazer em conhecê-lo — replicou Morrison, ávido por acender um cigarro.

— Sente-se.

Donati colocou em cima da mesa o formulário preenchido pela recepcionista e depois retirou outro formulário da gaveta da mesa. Fitou

diretamente os olhos de Morrison.

— Quer deixar de fumar?

Morrison pigarreou, cruzou as pernas e tentou imaginar um meio de iludir. Não conseguiu.

— Sim — respondeu.

— Quer assinar isto?

Donati entregou a Morrison o formulário. Morrison leu rapidamente. O abaixo assinado compromete-se a não divulgar os métodos ou técnicas, etc., etc.

— Claro — disse ele.

Donati entregou-lhe uma caneta. Morrison rabiscou seu nome e Donati assinou logo abaixo. Um momento depois, o papel desapareceu de volta à gaveta. Bem, pensou ironicamente Morrison, já fiz o juramento. Fizera-o anteriormente. Uma vez, durara dois dias inteiros.

— Ótimo — disse Donati. — Aqui, não nos preocupamos com propaganda, Sr. Morrison. Nem questões de saúde, dinheiro, ou graças sociais. Não nos interessamos pelo motivo que o leva a querer deixar de fumar. Somos pragmáticos.

— Ótimo — disse Morrison em tom inexpressivo.

— Não empregamos drogas. Não utilizamos pessoas do tipo Dale Camegie para lhe fazer sermões. Não recomendamos dieta especial. E não aceitamos remuneração até que o senhor tenha deixado de fumar durante um ano.

— Meu Deus — disse Morrison.

— O Sr. McCann não lhe disse isto?

— Não.

— A propósito, como vai o Sr. McCann? Está passando bem?

— Está ótimo.

— Maravilhoso. Excelente. Agora... apenas algumas perguntas, Sr. Morrison. São de caráter um tanto pessoal, mas asseguro-lhe que suas respostas serão mantidas no mais estrito segredo.

— Sim? — perguntou Morrison em tom neutro.

— Qual é o nome de sua esposa?

— Lucinda Morrison. Seu sobrenome de solteira era Ramsey.

— O senhor a ama?

Morrison ergueu vivamente os olhos, mas Donati o encarava impassivelmente.

— Sim, naturalmente — respondeu Morrison.

— Alguma vez tiveram problemas matrimoniais? Uma separação, talvez?

— O que tem isso a ver com deixar de fumar? — indagou Morrison. Soou um pouco mais irritado do que desejava, mas queria... bem, necessitava.. de um cigarro.

— Muita coisa — respondeu Donati. — Tenha paciência, por favor.

— Não. Nada desse tipo. — Embora as coisas estivessem tensas ultimamente.

— Têm um filho único?

— Sim. Alvin. Está numa escola particular.

— E qual é a escola?

— Isso — replicou Morrison, inflexível — eu não vou dizer.

— Muito bem — disse Donati, compreensivo. — Está sem fumar há uma hora, como se sente?

— Bem — mentiu Morrison. — Muito bem.

— Ótimo para o senhor! — exclamou Donati.

Levantou-se, contornou a mesa e abriu a porta.

— Aproveite bem seus cigarros esta noite. A partir de amanhã, nunca mais voltará a fumar.

— É mesmo?

— Isso — respondeu Donati com ar solene — nós garantimos.

No dia seguinte, às três horas em ponto, Morrison estava sentado na sala de espera da Ex-Fumantes Ltda. Passara a maior parte do dia oscilando entre faltar à consulta que a recepcionista marcara para ele na véspera, por ocasião da saída, ou comparecer com um espírito de teimosa colaboração: Atire a bola para mim, moço! Faça seu melhor sermão!

No final, algo que Jimmy McCann dissera convenceu-o a comparecer: Mudou toda a minha vida. Só Deus sabia o quanto sua vida precisava de algumas mudanças. Além disso, havia a sua curiosidade. Antes de tomar o elevador, ele fumou um cigarro até o filtro. Pior se fosse o último, refletiu ele. Tinha um gosto horrível.

Desta vez, a espera foi curta. Quando a recepcionista o mandou entrar, Donati estava aguardando. Estendeu a mão e sorriu. Para Morrison, o sorriso pareceu quase predatório. Começou a sentir-se um pouco tenso e isto fê-lo desejar um cigarro.

— Venha comigo — disse Donati.

E foi na frente à pequena sala. Sentou-se novamente à mesa e Morrison ocupou a outra cadeira.

— Fico muito satisfeito porque o senhor veio — disse Donati. Muitos dos clientes em perspectiva nunca mais aparecem após a primeira entrevista. Descobrem que não querem tanto abandonar o vício quanto imaginavam antes. Será um prazer trabalhar com o senhor.

— Quando começa o tratamento?

Hipnose, pensava Morrison, deve ser hipnose.

— Oh, já começou. Teve início quando apertamos as mãos no corredor. Tem cigarros consigo, Sr. Morrison?

— Sim.

— Pode entregá-los a mim, por favor?

Sacudindo os ombros, Morrison entregou a Donati o maço de cigarros. De qualquer maneira, restavam apenas dois ou três cigarros.

Donati colocou o maço em cima da mesa. Então, sorrindo para os olhos de Morrison, cerrou a mão direita num punho e começou a martelá-la no maço de cigarros, que se achatou e amarrotou todo. Uma ponta de cigarro partido voou longe. Pedaços de fumo se espalharam pela mesa. O som dos murros de Donati soava muito alto na sala fechada.

O sorriso continuava no rosto de Donati, apesar da força dos golpes, e Morrison sentiu um arrepio. Provavelmente, era exatamente esse efeito que eles desejavam inspirar.

Afinal, Donati cessou de esmurrar. Pegou o maço, um destroço retorcido e amassado.

— O senhor nem imagina o prazer que isto me dá — disse ele, deixando cair o maço na cesta de papéis usados. — Mesmo depois de três anos nesta profissão, ainda me dá prazer.

— Como tratamento, deixa alguma coisa a desejar — disse Morrison suavemente. — Existe uma banca de jornais no vestíbulo deste próprio edifício. Lá. vendem-se todas as marcas de cigarros.

— Como queira.

Donati cruzou as mãos, acrescentando:

— Seu filho, Alvin Dawes Morrison, está na Escola Paterson Para Crianças Excepcionais. Nasceu com danos cranianos no cérebro. QI testado de 46. Não exatamente na categoria de retardados educáveis. Sua esposa...

— Como descobriu isso? — bradou Morrison, espantado e furioso. Não tem o direito de intrometer-se em minha...

— Sabemos muito a seu respeito — interpôs Donati tranqüilamente. — Mas, como eu disse, tudo ficará no mais estrito segredo.

— Vou-me embora daqui — declarou Morrison com voz tensa.

Levantou-se.

— Fique mais um pouco.

Morrison estudou-o atentamente. Donati não se perturbara. Na verdade, parecia um pouco divertido. O rosto de um homem que vira aquela cena dezenas — talvez centenas — de vezes.

— Está bem. Mas acho melhor ser algo muito bom.

— Oh, é — disse Donati, recostando-se na cadeira. — Eu lhe disse que, aqui, éramos pragmáticos. Na qualidade de pragmáticos, temos que começar por compreender o quanto é difícil curar o vício do tabagismo. A proporção de recaídas é de oitenta e cinco por cento. A proporção de recaídas dos viciados em heroína é inferior a isso. Um problema extraordinário. Extraordinário.

Morrison olhou para a cesta de papéis. Um dos cigarros, embora torto, ainda parecia fumável. Donati riu, bem-humorado, enfiou a mão na cesta e esmagou o cigarro entre os dedos.

— Ocasionalmente, os legislativos estaduais recebem a sugestão de que seja abolida ração semanal de cigarros para os detentos. Tais propostas são invariavelmente recusadas. Nos poucos casos em que foram aprovadas, ocorreram ferozes motins nas prisões. Motins, Sr. Morrison. Imagine.

— Não me surpreendo — comentou Morrison.

— Todavia, considere as implicações. Quando colocamos um homem na prisão, tiramos-lhe qualquer vida sexual normal, tiramos-lhe a bebida alcoólica, a política, a liberdade de movimentos. Nenhum motim — ou muito poucos, em comparação com o número de prisões. Mas quando lhe tiramos o cigarro... bum! bum!

Esmurrou a mesa para dar ênfase às palavras.

— Durante a Primeira Guerra Mundial, quando ninguém na retaguarda alemã conseguia cigarros, a cena de aristocratas alemães catando guimbas nas sarjetas era muito comum.

Durante a Segunda Guerra Mundial, muitas mulheres americanas passaram a fumar cachimbo quando não conseguiam obter cigarros. Um problema fascinante para o verdadeiro pragmático, Sr. Morrison.

— Podemos passar ao tratamento?

— Num momento. Venha cá, por favor.

Donati levantou-se e andou até a cortina verde que Morrison notara na véspera. Abriu a cortina, deixando à mostra uma janela retangular que dava para uma sala vazia. Não, não exatamente vazia. Havia um coelho no chão, comendo pelotas de ração numa tigela.

— Belo coelhinho — comentou Morrison.

— Certamente. Observe-o.

Donati apertou um botão ao lado da esquadria da janela. O coelho parou de comer e começou a saltar loucamente pela sala. Dava a impressão de pular mais alto cada vez que suas patas tocavam o chão. O pêlo se eriçava em todas as direções. Os olhos estavam desvairados.

— Pára com isso! Vai eletrocutá-lo!

Donati largou o botão.

— Longe disso. A corrente no chão é ínfima. Observe o coelho, Sr. Morrison!

O coelho estava encolhido a cerca de três metros da tigela de ração. Mexia o nariz. De repente, fugiu para um canto.

— Se o coelho levar choques com bastante freqüência enquanto estiver comendo, estabelece muito depressa uma associação — disse Donati. — Comer causa sofrimento; portanto, ele não come. Mais alguns choques e o coelho morrerá de fome em frente à tigela de comida. Chama-se tratamento por aversão.

A luz se fez no cérebro de Morrison.

— Não, obrigado — disse ele, encaminhando-se para a porta.

— Espere, por favor, Sr. Morrison.

Morrison não se deteve. Pegou a maçaneta... e sentiu-a imóvel sob o movimento giratório de sua mão.

— Destranque isto.

— Sr. Morrison, se ao menos o senhor se sentar...

— Destranque isto ou lançarei a polícia sobre vocês antes que consigam piscar um olho.

— Sente-se

A voz era fria como gelo.

Morrison olhou para Donati, cujos olhos castanhos eram sombrios e assustadores.

Meu Deus, pensou ele, estou trancado aqui dentro com um psicopata!

Umedeceu os lábios. Mais que nunca em sua vida, desejava um cigarro.

— Permita-me explicar o tratamento em maiores detalhes — disse Donati.

— Você não entende — replicou Morrison com fingida paciência. Não quero o tratamento. Decidi-me contra ele.

— Não, senhor Morrison. É o senhor que não compreende. Não tem escolha. Quando eu lhe disse que o tratamento já começara, falei literalmente a verdade. Julguei que o senhor já tivesse percebido, a esta altura.

— Você é louco — disse Morrison, atônito.

— Não. Apenas um pragmático. Deixe-me contar tudo a respeito do tratamento.

— Claro — replicou Morrison. — Desde que fique bem entendido que tão logo eu sair daqui comprarei cinco maços de cigarros e os fumarei todos a caminho da delegacia de polícia.

De repente, percebeu que roía a unha do polegar, chupando o dedo, e obrigou-se a parar.

— Como queira. Mas creio que mudará de idéia quando conhecer o panorama geral.

Morrison não replicou. Tornou a sentar-se e cruzou as mãos.

— Durante o primeiro mês do tratamento, nossos agentes manterão o senhor sob constante supervisão — disse Donati. — O senhor talvez consiga perceber alguns deles. Não todos. Mas estarão sempre com o senhor. Sempre que eles virem o senhor fumar um cigarro, receberei um telefonema.

— E suponho que me trará para cá e fará o velho truque do coelho — disse Morrison.

Tentou parecer frio e sarcástico, mas, de repente, sentiu-se horrivelmente amedrontado.

Aquilo era um pesadelo.

— Oh, não — respondeu Donati. — Sua esposa receberá o tratamento do coelho, não o senhor.

Morrison fitou-o, emudecido.

Donati sorriu, concluindo:

— O senhor assistirá.

Depois que Donati o deixou sair, Morrison andou durante duas horas, completamente atordoado. Outro dia bonito, mas ele nem percebeu. A monstruosidade do rosto sorridente de Donati apagava tudo o mais.

— Veja — dissera Donati. — Um problema pragmático exige soluções pragmáticas. O senhor deve entender que, no fundo, zelamos por seus melhores interesses.

Segundo Donati, a Ex-Fumantes Ltda. era uma espécie de fundação — uma organização sem finalidades lucrativas, fundada pelo homem cujo retrato estava na parede da sala. O cavalheiro fora extremamente bem sucedido em vários negócios da família — inclusive máquinas caça-níqueis, estabelecimentos de massagens, jogo do bicho e um ativo (embora clandestino) comércio entre Nova York e a Turquia. Mort "Três Dedos" Minelli fora um fumante inveterado — na faixa dos três maços por dia. O papel que ele segurava no retrato era um diagnóstico médico: câncer do pulmão. Mort morrera em 1970, após dotar fundos da família à Ex-Fumantes Ltda.

— Tentamos da melhor maneira possível equilibrar a despesa com a receita — disse Donati. — Mas estamos mais interessados em ajudar nossos semelhantes. E, naturalmente, existe uma importante questão de isenção de impostos.

O tratamento era horripilantemente simples. Na primeira infração, Cindy seria trazida ao que Donati chamava de "sala do coelho". Na segunda infração, Morrison receberia a mesma dose. Na terceira, ambos seriam trazidos juntos. A quarta infração revelaria graves problemas de cooperação e exigiria medidas mais drásticas: um agente seria enviado à escola de Alvin para surrá-lo.

— Imagine — disse Donati, sorrindo. — Imagine como seria horrível para o garoto. Ele não entenderia mesmo que alguém tentasse explicar. Só saberia que alguém o estava machucando porque o papai é mau. Ficaria deveras assustado.

— Bastardo — disse Morrison, impotente, sentindo-se à beira das lágrimas. — Seu bastardo sujo, imundo.

— Não me entenda mal — replicou Donati com um sorriso compreensivo. — Tenho certeza de que isso não acontecerá. Quarenta por cento de nossos clientes nunca necessitaram de penas disciplinares — e apenas dez por cento cometeram mais que três transgressões. São números tranqüilizantes, não acha?

Morrison não os achava tranqüilizantes; achava-os aterradores.

— Naturalmente, se o senhor transgredir uma quinta vez...

— Que quer dizer com isso?

Donati sorriu abertamente.

— A sala para o senhor e sua esposa, uma segunda surra em seu filho, além de uma surra na mulher.

Morrison, impelido além dos limites do pensamento racional, atirou-se por cima da mesa contra Donati. Este, movendo-se com rapidez espantosa num homem que aparentemente estava relaxado, empurrou a cadeira para trás e golpeou com ambos os pés por cima da mesa, atingindo a barriga de Morrison. Engasgando-se e tossindo, Morrison recuou cambaleante.

— Sente-se, Sr. Morrison — disse Donati com ar benigno. — Vamos conversar sobre o assunto como duas pessoas racionais.

Quando conseguiu recuperar o fôlego, Morrison fez o que o outro ordenara. Os pesadelos têm hora de acabar, não é mesmo?

Donati prosseguiu as explicações, dizendo que a Ex-Fumantes Ltda. funcionava numa escala de punição de dez etapas. As etapas seis, sete e oito consistiam de novas idas à sala do coelho (com gradativo aumento da voltagem) e surras mais severas. A nona etapa seria quebrar os dois braços do filho de Morrison.

— E a última? — quis saber Morrison, com a boca seca.

Donati sacudiu tristemente a cabeça.

— Então, desistimos, Sr. Morrison. O senhor passará a fazer parte dos dois por cento de irrecuperáveis.

— Desistem, realmente?

— Por assim dizer.

Donati abriu uma das gavetas e colocou sobre a mesa uma pistola calibre 45 munida de silenciador. Então, sorriu para os olhos de Morrison.

— Todavia, mesmo os dois por cento de irrecuperáveis nunca mais voltam a fumar. Isso nós garantimos.

O filme da noite de sexta-feira foi Bullit, um dos prediletos de Cindy, mas após uma hora de Morrison resmungar e remexer-se inquieto, ela perdeu a concentração no filme.

— O que há com você? — quis saber ela durante o intervalo comercial.

— Nada... tudo — grunhiu ele. — Estou deixando de filmar.

Ela riu.

— Desde quando? Desde cinco minutos atrás?

— Desde as três horas desta tarde.

— Então, você realmente não fumou um único cigarro a partir dessa hora?

— Não — replicou ele, começando a roer a unha do polegar, que já estava roída até o sabugo.

— Que maravilha! E por que se decidiu a deixar de fumar?

— Por causa de você — disse ele. — E... e de Alvin.

Ela arregalou os olhos e, quando o filme recomeçou, nem se deu conta da TV. Dick raramente falava no filho retardado. Cindy se aproximou e olhou para o cinzeiro vazio junto à mão dele. Depois, fitou-o nos olhos.

— Está mesmo tentando deixar de fumar, Dick?

— No duro.

E acrescentou mentalmente: se eu procurar a polícia, os bandidos locais virão estragar seu rosto, Cindy.

— Fico muito feliz. Mesmo que não consiga deixar, nós dois lhe agradecemos pela intenção, Dick.

— Oh, creio que conseguirei — disse ele, pensando na expressão sombria e homicida que surgira nos olhos de Donati quando este lhe metera os pés no estômago.

Dormiu mal naquela noite, acordando repetidamente. Por volta das três horas, despertou por completo. Seu anseio por um cigarro era como um estado febril. Desceu e foi ao escritório. A sala ficava situada no centro da casa. Sem janelas. Abriu a gaveta de cima da mesa de trabalho e olhou para dentro dela, fascinado pela caixa de cigarros. Olhou em volta e umedeceu os lábios.

Supervisão constante durante o primeiro mês, dissera Donati. Dezoito horas por dia nos dois meses seguintes — mas ele jamais saberia quais dezoito horas. Durante o quarto mês, o período em que a maioria dos clientes fraquejava, a vigilância voltaria a ser de vinte e quatro horas. Depois disso, doze horas intercaladas de vigilância, todos os dias, pelo resto do ano. Depois? Vigilância ocasional pelo resto da vida do cliente.

Pelo resto da vida

— Podemos verificá-lo de dois em dois meses — disse Donati. — Ou dia sim, dia não. Ou constantemente, durante uma semana, daqui a dois anos. O que interessa é: o senhor nunca saberá. Se fumar, estará arriscando a sorte com dados chumbados. Estarão vigiando? Estarão pegando minha mulher ou mandando um homem espancar meu filho, neste momento?

Lindo, não acha? E se o senhor acender um cigarro às escondidas, ele terá um gosto horrível. Terá o gosto do sangue de seu filho.

Mas não poderiam estar a observá-lo agora, na calada da noite, em seu próprio escritório. A casa estava silenciosa como um túmulo.

Morrison fitou os cigarros na caixa durante quase dois minutos, incapaz de desviar os olhos. Então, foi à porta do escritório, espiou para o corredor vazio e voltou para olhar um pouco mais os cigarros. Uma cena horrível lhe veio à mente: a vida se estendendo à sua frente e nem mesmo um único cigarro à vista. Como, em nome de Deus, poderia fazer uma boa apresentação de campanha a um cliente recalcitrante sem um cigarro queimando displicentemente entre os dedos enquanto ele apontava para gráficos e layouts? Como poderia enfrentar as intermináveis exposições de jardinagem de Cindy sem um cigarro? Como seria até mesmo capaz de levantar-se pela manhã e encarar o dia sem um cigarro para fumar durante o café da manhã, enquanto lia o jornal?

Amaldiçoou-se por ter-se metido naquilo. Amaldiçoou Donati. E, acima de tudo, amaldiçoou Jimmy McCarnn. Como fora capaz de fazer tal coisa? O filho da puta sabia.

As mãos de Morrison na ânsia de agarrarem o pescoço de Jimmy Judas McCann.

Furtivamente, olhou mais uma vez em redor de si, passando uma revista no escritório.

Enfiou a mão na gaveta e pegou um cigarro. Acariciou-o, mimou-o. Como era mesmo aquele slogan? Tão redondo, tão firme, tão compacto.. Jamais alguém pronunciara palavras tão verdadeiras. Colocou o cigarro nos lábios e ficou imóvel, inclinando a cabeça para o lado.

Escutara um leve barulho no armário embutido? Um ligeiro roçar? Claro que não.

Mas...

Outra imagem mental: aquele coelho pulando loucamente sob a ação da eletricidade. A idéia de Cindy naquela sala...

Aguçou desesperadamente o ouvido e nada escutou. Disse com seus botões que a única coisa que tinha a fazer era ir até o armário e escancarar a porta. Mas tinha demasiado temor do que poderia encontrar lá dentro. Voltou para a cama, mas não conseguiu dormir durante longo tempo.

A despeito da indisposição que sentia pela manhã, o café da manhã estava gostoso.

Após uma hesitação momentânea, ele acompanhou o costumeiro prato de mingau de milho por ovos mexidos. Estava lavando a frigideira,

dominado pelo mau-humor, quando Cindy desceu, ainda usando um roupão.

— Richard Morrison! Você não come ovos no café da manhã desde que Hector era um filhotinho!

Morrison grunhiu. Considerava desde que Hector era um filhotinho uma das frases mais estúpidas de Cindy, fazendo par com eu devia sorrir e beijar um porco.

— Já fumou? — indagou ela, servindo-se de suco de laranja.

— Não.

— Voltará a fumar antes do meio-dia — proclamou ela.

— Você ajuda muito! — bradou Morrison, voltando-se repentinamente para a mulher. — Você e qualquer pessoa que não fume acham que... Ora, não importa.

Esperava que Cindy se irritasse, mas ela o fitava como se estivesse maravilhada.

— Você está falando sério! — comentou a mulher. — No duro.

— Pode apostar. Você jamais poderá imaginar o quanto estou falando sério. Ao menos, é o que espero.

— Pobrezinho — disse Cindy, aproximando-se dele. — Parece um morto-vivo. Mas sinto-me orgulhosa.

Morrison abraçou-a com força.

Cenas da vida de Richard Morrison, outubro-novembro.

Morrison e um amigo do Estúdios Larkin no bar de Jack Dempsey. O amigo oferece um cigarro e Morrison aperta o copo com mais força, dizendo: Estou deixando de fumar. O amigo ri e diz: Dou-lhe uma semana, no mínimo.

Morrison esperando pelo trem matutino, olhando por cima do Times para um jovem de terno azul. Atualmente, vê aquele jovem quase todas as manhãs e, às vezes, em outros lugares. No Onde's, quando se encontrou com um cliente. Olhando para os 45 na Sam Goody's, onde Morrison foi procurar um disco de Sam Cooke. Certa vez, num grupo de jogadores de golfe na mesa atrás de Morrison, no campo de golfe local.

Morrison embebedando-se numa festa e desejando fumar um cigarro — mas não suficientemente embriagado para fumar.

Morrison visitando o filho, levando-lhe uma bola enorme, que emite um grito quando é apertada. O filho babando, dando-lhe um beijo de

satisfação. De algum modo, não é tão repugnante como antes. Morrison abraçando o filho com força, compreendendo o que Donati e seus amigos haviam tão cinicamente percebido antes dele: o amor é o mais pernicioso de todos os tóxicos. Os românticos que discutam sua existência. Os pragmáticos o aceitam e fazem uso dele.

Morrison perdendo paulatinamente a compulsão física de fumar, mas nunca se libertando totalmente do anseio psicológico ou da necessidade de ter algo na boca — pastilhas para tosse, balas, um palito. Substitutos inadequados, todos eles.

E, finalmente, Morrison retido num colossal engarrafamento no Túnel Midtown.

Escuridão. Buzinas estridentes. Ar poluído. Tráfego irremediavelmente engarrafado. E, de repente, abrindo o porta-luvas e vendo o maço de cigarros aberto ali dentro.

Morrison olhou para os cigarros, pegou um deles e acendeu-o com o isqueiro do painel do automóvel. Se acontecer alguma coisa, a culpa é de Cindy, disse ele consigo, com tom de desafio; eu bem lhe disse para dar sumiço em todos os cigarros...

A primeira tragada fê-lo tossir fumaça desesperadamente. A segunda lhe provocou lágrimas nos olhos. A terceira deu-lhe uma sensação de tontura. Tem mesmo um gosto horrível, refletiu ele.

E, logo a seguir: Meu Deus, o que estou fazendo?

Buzinas impacientes soaram às suas costas. À frente, o tráfego começara a avançar lentamente. Morrison apagou o cigarro no cinzeiro do painel, abriu os dois vidros do carro, os dois quebra-ventos também, e depois abanou inutilmente o ar, como um menino que acaba de jogar na privada a ponta de seu primeiro cigarro fumado às escondidas.

Acompanhando o vagaroso fluxo do tráfego, voltou para casa.

— Cindy? — chamou ele. — Cheguei.

Nenhuma resposta.

— Cindy, onde está você, querida?

O telefone tocou e Morrison correu para atendê-lo.

— Alô, Sr. Morrison — disse Donati, soando agradavelmente enérgico e direto. — Parece-me que temos um pequeno negócio a tratar. Às cinco horas seria conveniente para o senhor?

— Está com minha mulher?

— Sim, é claro — respondeu Donati com uma risadinha indulgente.

— Ouça: coloque-a em liberdade — balbuciou Morrison. — Não acontecerá outra vez. Foi um escorregão, apenas um escorregão. Só tirei três tragadas e... por Deus... tiveram um gosto horrível!

— Que pena. Então, posso contar com o senhor às cinco horas?

— Por favor — disse Morrison, quase chorando. — Por favor...

Não adiantava falar a um telefone desligado.

Às cinco da tarde, a sala da recepção estava vazia exceto pela presença da recepcionista, que exibiu um sorriso cintilante, ignorando a palidez e a aparência descabelada de Morrison.

— Sr. Donati — anunciou ela pelo interfone —, o Sr. Morrison para falar com o senhor.

Donati estava à espera no lado de fora da porta sem marcas, com um homem que usava um suéter com a palavra SORRIA e portava um revólver calibre 38. Tinha a constituição de um macaco.

— Escute — disse Morrison a Donati. — Podemos chegar a um acordo, não é? Eu lhe pagarei. Eu...

— Cala a boca — disse o homem com o suéter SORRIA.

— É um prazer revê-lo — disse Donati. — Pena que precise ser em circunstâncias tão adversas. Quer vir comigo? Tornaremos tudo o mais breve possível. Posso assegurar-lhe que sua esposa não se machucará... desta vez.

Morrison retesou-se para saltar sobre Donati.

— Ora, vamos — disse Donati, parecendo aborrecido. — Se fizer isso, Junk vai espancá-lo com o revólver e sua mulher continuará sofrendo a punição. O que ganhará o senhor com isso?

— Espero que você queime no inferno — disse Morrison a Donati.

Donati suspirou.

— Se eu tivesse um centavo por cada vez que alguém me disse isso, ou expressou sentimento semelhante, poderia aposentar-me. Que isto lhe sirva de lição, Sr. Morrison. Quando um romântico tenta fazer algo de bom e fracassa, é condecorado. Quando um pragmático obtém sucesso, desejam vê-lo no inferno. Vamos?

Junk gesticulou com o revólver.

Morrison entrou na sala, precedendo-os. Sentia-se atordoado. A pequena cortina verde estava aberta. Junk cutucou-o com o cano da arma. Deve ser a mesma coisa que testemunhar uma execução na cadeira elétrica, pensou Morrison.

Olhou pela janelinha. Cindy lá estava, olhando em volta, perplexa.

— Cindy! — chamou Morrison, angustiado. — Cindy, eles...

— Ela não pode ouvi-lo nem vê-lo — disse Donati. — No outro lado, o vidro é um espelho. Bem, vamos acabar com isto. Foi realmente um pequenino deslize. Creio que trinta segundos serão o suficiente. Junk?

Junk apertou o botão com uma das mãos e manteve o cano da arma comprimido de encontro às costas de Morrison com a outra.

Foram os trinta segundos mais longos da vida de Morrison.

Quando o tempo terminou, Donati pousou a mão no ombro de Morrison e disse:

— Quer vomitar?

— Não — replicou Morrison com voz sumida, a testa encostada no vidro e as pernas bambas como geléia. — Acho que não.

Virou-se e percebeu que Junk se fora da sala.

— Venha comigo — disse Donati.

— Aonde? — indagou Mornson, apático.

— Creio que o senhor tem algumas explicações a dar, não acha?

— Como posso encará-la? Como posso dizer-lhe que eu... eu...

— Creio que o senhor ficará surpreso — atalhou Donati.

A sala estava vazia, a exceção de um sofá. Cindy, sentada nele, soluçava incontrolavelmente.

— Cindy? — chamou Morrison, baixinho.

Ela ergueu a cabeça, os olhos aumentados pelas lágrimas.

— Dick? ... Oh... Oh, meu Deus...

Morrison estreitou-a nos braços.

— Dois homens — disse ela de encontro ao peito dele. — Lá em casa. A princípio, julguei que fossem assaltantes, depois pensei que fossem violentar-me. Mas levaram-me para algum lugar, com uma venda nos olhos e... e... oh, foi horrível.

— Shhhhh — disse Morrison. — Shhhhhh.

— Mas por quê? — quis saber ela, erguendo a cabeça para encará-lo. — Por que eles...

— Por minha causa — respondeu Morrison. — Preciso contar-lhe uma estória, Cindy...

Quando Morrison terminou, calou-se por um momento e, em seguida, acrescentou:

— Suponho que tenha raiva de mim. Não a censuro por isso.

Morrison fitava o chão e Cindy pegou-lhe o rosto com ambas as mãos, virando-o para si.

— Não — disse ela. — Não tenho raiva de você.

Morrison olhou-a, mudo de espanto.

— Valeu a pena — prosseguiu Cindy. — Deus abençoe essa gente. Eles libertaram você de uma prisão.

— Está falando sério?

— Estou — disse ela, beijando-o. — Podemos voltar para casa, agora? Sinto-me muito melhor. Muito, mesmo.

O telefone tocou uma semana mais tarde e, ao reconhecer a voz de Donati, Morrison disse:

— Seus rapazes estão enganados. Nem cheguei perto de cigarros.

— Sabem disso. Temos um assunto final a tratar. Pode passar por aqui amanhã à tarde?

— Será que...

— Não, não é nada grave. Contabilidade, com efeito. A propósito, parabéns por sua promoção.

— Como descobriu isso?

— Mantemo-nos informados a seu respeito — disse. Donati em tom neutro, desligando.

Quando entraram na salinha, Donati disse:

— Não fique tão nervoso. Ninguém vai mordê-lo Venha até aqui, por favor.

Morrison viu uma balança comum, do tipo de banheiro.

— Escute, ganhei um pouco de peso, mas...

— Claro, setenta e três por cento de nossos clientes ganham um pouco de peso. Suba na balança, por favor.

Morrison obedeceu e a balança marcou oitenta e sete quilos.

— Muito bem, ótimo. Pode descer. Qual é a sua altura, Sr. Morrison?

— Um metro e oitenta.

— Muito bem, vejamos... — Donati tirou do bolso um cartão plastificado. — Ora, não está mau. Vou dar-lhe a receita de umas pílulas para regime, altamente ilegais. Use-as com parcimônia e de acordo com as instruções. E vou estabelecer seu peso máximo em... vejamos... — tomou a consultar o cartão. — Que acha de oitenta e dois quilos? E já que estamos em primeiro de dezembro, aguardarei o senhor no primeiro dia de

cada mês, para tomarmos seu peso. Não haverá problema se o senhor não puder comparecer. Basta telefonar com antecedência.

— E o que acontecerá se eu pesar mais que oitenta e dois quilos?

Donati sorriu:

— Enviaremos alguém à sua casa para amputar o dedo mínimo da mão de sua esposa. Pode sair por aquela porta, Sr. Morrison. Tenha um bom dia.

Oito meses mais tarde:

Morrison encontra-se com o amigo dos Estúdios Larkin no bar de Jack Dempsey.

Morrison está no peso que Cindy chama orgulhosamente de seu "peso de lutar": setenta e cinco quilos e meio. Faz ginástica três vezes por semana e está em plena forma. Em comparação, o amigo dos Estúdios Larkin parece algo saído da boca de um cachorro.

Amigo: Meu Deus, como você conseguiu largar o fumo? Estou praticamente algemado ao vício. O amigo apaga o cigarro com genuína repulsa e toma o uísque de uma só vez.

Morrison fita-o especulativamente e, então, tira do bolso a carteira, extraindo dela um cartão de visitas. Coloca o cartão em cima do bar. E diz: Sabe, esses caras mudaram a minha vida.

Um ano mais tarde:

Morrison recebe pelo correio uma conta que diz:

EX-FUMANTES LTDA.

Rua 46 Leste n° 237

Nova York, N.Y. 10017

1 Tratamento $ 2.500,00

Conselheiro (Victor Donati) $ 2.500,00

Eletricidade $ 0,50

TOTAL (Favor pagar esta importância) $ 5.000,50

Aqueles filhos da puta! — explode Morrison. — Cobram-me a eletricidade que usaram para... para...

— Pague logo, diz Cindy, beijando-o.

Vinte meses mais tarde:

Por mero acaso, Morrison e a esposa encontram o casal McCann no Teatro Helen Hayes. Fazem-se as devidas apresentações de praxe. Jimmy parece tão bem, senão ainda melhor, como naquele dia no terminal do aeroporto, há tanto tempo. Morrison ainda não conhece a esposa dele. É

bonita daquela maneira radiante que certas moças feias assumem quando estão muito, muito felizes.

Ela estende a mão e Morrison a aperta. Há algo esquisito no modo como ela aperta a mão. Só durante o segundo ato da peça Morrison dá-se conta do que é: ela não tem o dedo mínimo da mão direita.

* * *

JERUSALEM'S LOT

2 de outubro de 1850

CARO BONLS,

Como foi bom entrar no hall frio e cheio de correntes de ar aqui em Chapelwaite, cada osso doendo por causa daquela abominável carruagem, necessitando aliviar de imediato minha bexiga dilatada — e ver uma carta endereçada a mim em sua inimitável garatuja sobre a obscena mesinha de cerejeira junto à porta! Pode ter certeza de que tratei de decifrá-la tão logo as necessidades do corpo foram satisfeitas (num banheiro friamente decorado do andar térreo, onde pude ver o hálito transformar-se em vapor diante de meus olhos).

Alegro-me por saber que você se recobrou do miasma que há tempo lhe atacava os pulmões, embora lhe assegure que compreendo o dilema moral com que a cura o afetou.

Um abolicionista enfermo curado pelo clima ensolarado da Flórida escravagista! Ainda assim, Bones, peço-lhe, como um amigo que também penetrou no vale da treva, que se cuide bem e não se aventure a regressar a Massachusetts até que seu corpo o permita.

Sua esplêndida mente e incisiva pena não nos podem prestar serviços se você for transformado em pó; e se a zona sulista é saudável para você, não existe nisso uma justiça poética?

Sim, a casa é tão boa quanto fui levado a acreditar pelos testamenteiros de meu primo, embora um tanto mais sinistra. Situa-se numa enorme e protuberante ponta de terra a cerca de cinco quilômetros ao norte de Falmouth e quinze quilômetros ao norte de Portland. Nos fundos há cerca de um hectare e meio de terra onde o mato cresceu da maneira mais formidável que se possa imaginar — juníperos, cipós, arbustos e várias espécies de trepadeiras sobem selvagemente sobre os pitorescos muros de pedra que separam a propriedade das terras da municipalidade. Horríveis imitações de estatuária grega espiam cegamente através do mato emaranhado, do topo de vários cômoros — na maior parte dos casos, parecem prestes a se lançarem sobre os passantes. Os gostos de meu primo Stephen parecem ter variado por toda a faixa entre o inaceitável e o simplesmente horrível. Há uma esquisita casinha de verão que foi praticamente encoberta pelo sumacre vermelho e um grotesco relógio de sol no meio do que outrora deve ter sido um jardim. Acrescenta o toque final de loucura.

Mas a vista da sala de visitas é compensação mais que suficiente; domino um estonteante panorama das rochas no sopé de Chapelwaite Head e do próprio Atlântico.

Uma enorme janela em forma de sacada arredondada se abre para essa vista, tendo ao lado uma enorme secretária que lembra um sapo. Será ótimo para o início do romance do qual venho falando há tanto tempo (sem dúvida cansativamente).

Hoje foi um dia cinzento, com ocasionais pancadas de chuva. Ao olhar para fora, tudo me parece um estudo em cor de ardósia — os rochedos, velhos e gastos como o próprio

Tempo, o céu e, naturalmente, o mar que se choca contra as presas de granito lá embaixo com um som que não é propriamente um som, mas uma vibração — sinto as ondas nas solas dos pés enquanto escrevo. A sensação não é de todo desagradável.

Sei que desaprova meus hábitos solitários, caro Bones, mas asseguro-lhe que estou bem e feliz. Calvin está comigo, prático, calado e confiável como sempre, e tenho certeza de que em meados da semana teremos colocado tudo em ordem e providenciado as necessárias entregas da cidade — e um batalhão de mulheres para começar a tirar a poeira deste lugar!

Terminarei por aqui — ainda há muitas coisas para ver, aposentos para explorar e, sem dúvida, mil e uma execráveis peças de mobília a serem

examinadas por estes olhos delicados. Mais uma vez, meus agradecimentos pelo toque familiar proporcionado por sua carta e por sua perseverante consideração.

Recomende-me à sua esposa e receba minha amizade.

CHARLES.

6 de outubro de 1850

CARO BONES,

Que lugar, este!

Continua a espantar-me — da mesma forma que as reações dos habitantes da vila mais próxima à minha mudança para cá. É um lugarejo esquisito, com o pitoresco nome de Preacher's Comer. Foi lá que Calvin contratou a remessa de nossas provisões semanais.

A outra tarefa, de providenciar um suprimento de lenha suficiente para o inverno, também foi cumprida. Mas Cal retornou com o semblante sombrio e quando lhe perguntei qual era a dificuldade, respondeu de modo bastante sério:

— Eles acham que o senhor é louco, Sr. Bones!

Ri e repliquei que talvez tivessem ouvido falar da febre cerebral que me acometeu depois da morte de minha Sarah — não há dúvida de que eu disse minhas loucuras naquela ocasião, como você pode atestar.

Mas Cal protestou que ninguém sabia coisa alguma a meu respeito exceto através de meu primo Stephen, que contratara os mesmos serviços que estou providenciando agora.

— O que disseram, senhor, foi que qualquer pessoa capaz de morar em Chapelwaite deve ser louca ou corre o risco de enlouquecer.

Isso me deixou completamente perplexo, como você bem pode imaginar, e indaguei quem lhe fizera a espantosa comunicação. Cal explicou que fora encaminhado a um madeireiro rabugento e um tanto embrutecido chamado Thompson, que possui cem hectares de pinheiros, bétulas e abetos e corta as árvores em toras com o auxilio dos cinco filhos, a fim de vendê-las às fábricas de papel em Portland e fornecer lenha aos moradores das redondezas.

Quando Cal, ignorando o estranho preconceito do madeireiro, deu-lhe o endereço aonde a lenha devia ser entregue, o tal Thompson o encarou

boquiaberto e declarou que enviaria seus filhos com a lenha, em plena luz do dia e pela estrada litorânea.

Cal, aparentemente confundindo meu divertimento com preocupação, apressou-se em acrescentar que o homem cheirava a uísque barato e passara a dizer tolices sobre um lugarejo abandonado, os parentes do primo Stephen... e vermes! Cal terminou de tratar o negócio com um dos filhos de Thompson, o qual, pelo que entendi, também era carrancudo e não estava muito sóbrio nem perfumado. Depreendo que ocorreu uma reação do mesmo tipo no próprio lugarejo de Preacher's Corner, na venda local, onde Cal falou com o proprietário, embora este fosse mais do tipo mexeriqueiro.

Nada disso me preocupou muito; sabemos como os rústicos adoram enriquecer suas vidas com o cheiro de escândalo e mitos, e suponho que o pobre Stephen e seu lado da família tenham sido um alvo fácil. Como eu disse a Cal, é mais que provável que um homem que tombou morto quase no alpendre de sua própria casa tenha provocado fofocas.

A casa, em si, é um espanto constante. Vinte e três cômodos, Bones! Os lambris que forram os andares superiores e a galeria de retratos estão mofados mas ainda sólidos.

Quando me postei no quarto de dormir de meu falecido primo, no andar de cima, pude ouvir os ratos correndo por detrás dos lambris; deviam ser grandes, pelo barulho — quase como se pessoas andassem ali. Eu detestaria encontrar um deles no escuro; ou mesmo à luz do dia, por falar nisso. Ainda assim, não notei buracos nem fezes de ratos. Esquisito.

A galeria superior está forrada com maus retratos em molduras que devem valer uma fortuna. Alguns têm alguma semelhança com Stephen, da maneira como me recordo dele. Creio que identifiquei corretamente meu Tio Henry Boone e sua esposa Judith; os outros são desconhecidos. Suponho que um deles talvez seja meu notório avó, Robert.

Entretanto, o lado da família de Stephen é praticamente desconhecido para mim, o que sinto muitíssimo. O mesmo bom humor que se irradiava das cartas de Stephen para mim e Sarah, o mesmo brilho de elevada intelectualidade, aparece nesses retratos, por piores que sejam. Por quantas razões tolas as famílias se dispersam! Um escritório arrombado, palavras ásperas entre dois irmãos que morreram há três gerações, e descendentes inocentes são desnecessariamente afastados. Não posso deixar de refletir sobre como foi uma felicidade você e John Petty conseguirem entrar em

contato com Stephen quando tudo parecia indicar que eu seguiria minha Sarah através dos Portões Celestiais — e como foi uma infelicidade o destino nos roubar a oportunidade de nos conhecermos pessoalmente. Como eu adoraria ouvir Stephen defender as estátuas e móveis de nossos ancestrais!

Contudo, .não permita que eu denigra este local ao extremo. É verdade que o gosto de Stephen diferia do meu, mas por baixo do verniz das aquisições feitas por ele, existem peças (muitas delas cobertas com capas nos cômodos superiores) que são verdadeiras obras-primas. Camas, mesas e pesados arabescos escuros lavrados em teca e mogno; muitos dormitórios e salas de recepção, o escritório superior e a pequena sala de visitas possuem um encanto sombrio. Os assoalhos são de pinho-de-riga que brilha com uma luz interna e secreta. Aqui existe dignidade; dignidade e o peso dos anos. Ainda não posso dizer que gosto, mas respeito. Estou ansioso por observar as mudanças que acompanham as transformações deste clima setentrional.

Cristo, como sou prolixo! Escreva logo, Bones. Relate-me seus progressos e conte-me as novidades que tem a respeito de Petty e do resto. E, por favor, não cometa o erro de tentar persuadir qualquer de seus novos conhecidos sulistas a adotarem à força suas opiniões — consta-me que nem todos eles se contentam em replicar apenas com palavras, como costuma fazer nosso prolixo amigo Sr. Calhoun.

Seu afetuoso amigo
CHARLES.

16 de outubro de 1850.

CARO RICHARD,

Olá, e como vai você? Tenho pensado freqüentemente em você desde que estabeleci residência aqui em Chapelwaite e esperado notícias suas — e agora recebo uma carta de Bones dizendo-me que me esqueci de deixar meu novo endereço no clube! Fique certo de que eu lhe escreveria eventualmente, de qualquer modo; já que às vezes me parece que meus amigos verdadeiros e leais são tudo o que me resta no mundo, isto é certo e perfeitamente normal. E, meu Deus, como nos espalhamos! Você em Boston, escrevendo fielmente para The Liberator (ao qual também enviei

meu endereço, por falar nisso), Hanson na Inglaterra, em mais uma de suas malditas excursões, e o pobre Bones na própria cova dos leões, curando os pulmões.

Tudo por aqui vai correndo tão bem quanto se pode esperar, Dick, e esteja certo de que lhe farei um relato completo quando não estiver tão pressionado por certos eventos que vêm ocorrendo — creio que sua mente jurídica talvez fique bastante intrigada por certos acontecimentos em Chapelwaite e cercanias.

Nesse ínterim, tenho um favor a lhe pedir, caso você estiver disposto a fazê-lo. Lembra-se do historiador que me apresentou no banquete do Sr. Clary para levantar fundos para nossa causa? Creio que se chamava Bigelow. De qualquer forma, ele mencionou que tinha por hobby colecionar curiosidades históricas e folclóricas referentes exatamente à esta zona em que estou residindo. O favor, portanto, é o seguinte: poderia você entrar em contato com ele e indagar que fatos históricos, fragmentos de folclore ou boatos generalizados — se existirem — ele talvez conheça a respeito de um lugarejo abandonado chamado JERUSALEM'S LOT, próximo a uma vila chamada Preacher's Corner, no Rio Royal? O rio, em si, é um tributário do Androscoggin e conflui com este a aproximadamente dezoito quilômetros da foz perto de Chapelwaite. Eu ficaria imensamente grato e, o que é mais importante, talvez se trate de algo momentoso.

Ao passar os olhos nesta carta, sinto que fui um pouco lacônico com você, Dick, pelo que me desculpo sinceramente. Fique certo de que me explicarei em breve e, até lá, envio minhas mais calorosas lembranças a sua esposa, aos seus dois lindos filhos e, naturalmente, a você também.

Seu afetuoso amigo
CHARLES.

16 de outubro de 1850

CARO BONES,

Tenho algo a lhe contar que parece estranho (e mesmo um pouco inquietante) para Cal e para mim também — veja o que pensa a respeito. No mínimo, servirá para diverti-lo enquanto combate os mosquitos!

Dois dias depois que coloquei no correio minha última carta para você, um grupo de quatro jovens senhoras veio de Preacher's Comer, sob a supervisão de uma senhora idosa com fisionomia competente e

intimidadora, chamada Sra. Cloris, a fim de colocar a casa em ordem e remover parte da poeira que me fez espirrar a cada passo. Todas pareciam um pouco nervosas ao cumprirem suas tarefas; na verdade, uma senhorita assustada emitiu um gritinho quando entrei na sala de visitas superior enquanto ela fazia a limpeza.

Indaguei à Sra. Cloris quanto a isso (ela limpava o hall do andar térreo com uma sombria determinação que deixaria você espantado, os cabelos presos num lenço estampado desbotado) e ela se voltou para mim com ar decidido:

— Elas não gostam da casa. E eu também não gosto, senhor, porque sempre foi uma casa ruim.

Fiquei boquiaberto ante a resposta inesperada e ela prosseguiu num tom mais suave:

— Não quero dizer que Stephen Boone não fosse uma boa pessoa, porque era; limpei a casa de quinze em quinze dias, às quintas-feiras, durante todo o tempo em que ele esteve aqui, da mesma forma que a limpei para seu pai, Sr. Randolph Boone, até que ele e a esposa desapareceram em 1818. O Sr. Stephen era bondoso e delicado, assim como o senhor também me parece (perdoe meu modo de falar, mas sou assim mesmo), mas a casa é e sempre foi ruim; nenhum Boone jamais foi feliz aqui desde que seu avó Robert e o irmão dele, Philip, brigaram por causa de... (aqui ela fez uma pausa, com ar quase culposo)... coisas roubadas, em 1789.

Que memória tem essa gente, Bones!

A Sra. Cloris prosseguiu:

— A casa foi construída em infelicidade e tem sido habitada com infelicidade; derramou-se sangue em seus assoalhos (como talvez você não saiba, Bones, meu Tio Randolph envolveu-se num acidente na escada do porão que tirou a vida de sua filha Marcella; depois, suicidou-se numa crise de remorso. O incidente está relatado numa das cartas que Stephen me escreveu na triste ocasião do aniversário de sua falecida irmã); houve desaparecimentos e acidentes.

— Tenho trabalhado aqui, Sr. Boone, e não sou cega nem surda. Tenho escutado sons horríveis nas paredes, senhor, sons horríveis... baques, quedas e, uma vez, um estranho lamento que parecia mesclado com riso. Fez-me o sangue gelar nas veias. É um lugar tenebroso, senhor.

E calou-se, talvez temendo haver falado demais.

Quanto a mim, mal sabia se devia ficar ofendido ou divertido, curioso ou simplesmente realista. Temo que a diversão tenha ganho a parada, naquele dia.

— E de que desconfia, Sra. Cloris? Fantasmas arrastando correntes?

Mas ela se limitou a me fitar de modo estranho.

— Talvez existam fantasmas. Mas aquilo nas paredes não são fantasmas. Não são fantasmas quem chora e balbucia como os condenados ao inferno, tropeçando e esbarrando na escuridão. É...

— Vamos, Sra. Cloris — instei com ela. — A senhora já chegou a este ponto. Não pode acabar o que começou?

A mais estranha expressão de terror, ressentimento e — eu seria capaz de jurar — temor religioso passou-lhe pelo rosto.

— Alguns não morrem — sussurrou ela. — Alguns continuam vivos nas sombras do Nada... para servirem a Ele!

E foi o fim. Continuei a espicaçá-la por alguns minutos, mas ela se tornou cada vez mais obstinada e recusou-se a falar mais. Afinal, desisti, temendo que ela recobrasse o controle e abandonasse a casa.

Foi o final do episódio, mas ocorreu um segundo na noite seguinte. Calvin acendera um fogo no térreo e eu estava sentado na sala de visitas, passando os olhos num exemplar da The Intelligencer e quase cochilando ao som da chuva soprada pelo vento contra as vidraças da grande janela panorâmica. Sentia-me confortável como só é possível numa noite como aquela, quando toda a miséria fica lá fora e todo o conforto e calor estão dentro de casa; todavia, pouco depois Cal surgiu à porta, parecendo excitado e um pouco nervoso.

— Está acordado, senhor? — indagou.

— Quase — respondi. — O que é?

— Encontrei lá em cima algo que acho que o senhor deveria ver replicou ele, com o mesmo ar de excitação contida.

Levantei-me e o acompanhei. Enquanto subíamos a larga escadaria, Cal disse:

— Eu estava lendo um livro no escritório do andar de cima — um livro meio esquisito — quando escutei um barulho na parede.

— Ratos — disse eu. — Foi só isso?

Ele parou no patamar, encarando-me solenemente. O lampião que ele segurava lançava sombras fantasmagóricas nas cortinas escuras e nos

retratos quase invisíveis que agora pareciam mais zombar que sorrir. Lá fora, o vento se elevou num uivo e amainou com relutância.

— Não são ratos — disse Cal. — Foi um som de baque, um tropeçar por trás das estantes, depois um horrível gorgolejar... horrível, senhor. Arranhões, como se alguém tentasse sair... para me atacar!

Bem pode imaginar meu assombro, Bones. Calvin não é do tipo que se entrega a loucas fantasias da imaginação. Comecei a ter a impressão de que, afinal, havia um mistério nesta casa — e, talvez, um mistério muito feio, mesmo.

— E então? — perguntei.

Tínhamos retomado a caminhada pelo corredor e pude ver a luz do escritório projetando-se no chão da galeria. Observei-a com alguma trepidação. A noite já não me parecia confortável.

— O barulho de arranhões cessou. Depois, as pancadas surdas recomeçaram, desta vez afastando-se de mim. Parei um instante e juro que escutei um riso estranho, quase inaudível! Fui à estante e comecei a empurrar e puxar, julgando que pudesse haver uma divisória, ou uma porta secreta.

— Encontrou alguma?

Cal parou à porta do escritório.

— Não... mas encontrei isto!

Entramos e vi um buraco preto, quadrado, na estante esquerda. Naquele ponto, os livros eram falsos e o que Cal encontrara era um pequeno esconderijo. Iluminei-o com minha lanterna e vi apenas uma grossa camada de poeira, que devia representar o acúmulo, de décadas.

— Havia apenas isto — disse Cal em voz baixa, entregando-me uma folha de papel amarelado.

Tratava-se de um mapa, desenhado em linhas pretas finas como fios de teia de aranha — o mapa de um lugarejo, ou vila. Havia talvez sete prédios e um deles, nitidamente marcado com uma torre de igreja, trazia a seguinte legenda: O VERME QUE CORROMPIA.

No canto esquerdo superior, ao que devia ser o noroeste do vilarejo, uma seta apontava: Chapelwaite.

Calvin disse:

— Na vila, senhor, alguém se referiu supersticiosamente a um lugarejo abandonado chamado Jerusalem's Lot. É um lugar que todos evitam.

— E isto? — indaguei, passando o dedo sob a estranha legenda abaixo da torre.

— Não sei.

Uma lembrança da Sra. Cloris, imperiosa e, não obstante, atemorizada, passou-me pela mente.

— O Verme... — murmurei.

— Sabe alguma coisa a respeito, Sr. Boone?

— Talvez... Seria divertido procurarmos esse vilarejo amanhã, não acha, Cal?

Ele assentiu, os olhos brilhando. Depois disso, passamos quase uma hora procurando alguma fenda na parede atrás do pequeno esconderijo encontrado por Cal, mas sem o menor sucesso. Os ruídos que Cal mencionara não se repetiram.

Naquela noite, fomos dormir sem outras aventuras.

Na manhã seguinte, Cal e eu começamos a andar pelos bosques. A chuva da noite anterior cessara, mas o céu estava sombrio, com nuvens baixas. Percebi que Cal me olhava com ar de dúvida e apressei-me em assegurar-lhe que se me cansasse ou se a jornada fosse muito longa eu não hesitaria em deixar o caso de lado. Equipamo-nos com um lanche, uma ótima bússola Buckwhite e, naturalmente, o antigo e estranho mapa de Jerusalem's Lot.

Era um dia estranho e sombrio; nenhuma ave parecia piar, nenhum animal parecia mover-se enquanto avançávamos por entre os escuros troncos dos pinheiros, em direção sudeste. Os únicos sons eram os de nossos passos e o contínuo quebrar do Atlântico contra os rochedos do litoral. O cheiro do mar, quase sobrenaturalmente pesado, era nosso companheiro perene.

Não percorremos mais que três quilômetros quando topamos com uma estrada quase oculta pelo mato, do tipo que antigamente chamavam "estrada de toros"; ela seguia em nosso rumo geral e tratamos de segui-la, avançando com rapidez. Falávamos pouco. O dia silencioso e ameaçador pesava sobre nossos espíritos.

Por volta das onze horas, escutamos o barulho de água corrente. O resto da estrada fazia uma curva forte para a esquerda e, no outro lado de um riacho pedregoso e espumante, como uma aparição, estava Jerusalem's Lot!

O riacho teria talvez dois metros e meio de largura, atravessado por uma pinguela coberta de musgo. No lado oposto, Bones, estava o mais perfeito lugarejo que você poderia imaginar, compreensivelmente castigado pelo tempo, mas espantosamente preservado. Várias casas, construídas no estilo austero porém sobranceiro pelo qual os puritanos são merecidamente famosos, aglomeravam-se junto à margem íngreme do riacho. Mais além, ao longo de uma rua coberta de mato rasteiro, havia três ou quatro construções que deveriam ter sido estabelecimentos comerciais e, mais adiante, a torre da igreja marcada no mapa, erguendo-se para o céu cinzento e parecendo indescritivelmente sinistra, com sua pintura descascada e a cruz enferrujada inclinada para um lado.

— O lugar merece o nome — disse Calvin, baixinho, ao meu lado.

Atravessamos a pinguela e começamos a explorar a vila — e é aqui que meu relato se torna ligeiramente espantoso, Bones. Portanto, prepare-se!

O ar parecia pesado ao caminharmos entre os prédios; pesado como chumbo. Os prédios se encontravam em estado de deterioração — postigos arrancados, telhados ruídos sob o peso de nevascas passadas, janelas poeirentas e escancaradas. Sombras de cantos esquisitos e ângulos tortos pareciam formar poças sinistras.

Primeiro, entramos numa velha e apodrecida taverna — de algum modo, não parecia correto invadirmos as casas nas quais as pessoas se abrigavam quando queriam privacidade. Uma velha tabuleta, castigada pelo tempo, pendurada acima da porta rachada anunciava que ali existira a HOSPEDARIA E TAVERNA CABEÇA DE JAVALI. A porta se abriu com um rangido infernal do único gonzo que restava e entramos no ambiente sombrio. O cheiro de mofo e podridão era vaporoso e quase insuportável. Além dele, parecia haver um cheiro ainda mais profundo, um odor pegajoso e pestilento, um cheiro de muitos anos e da podridão da idade. Um fedor como o que poderia escapar de caixões funerários apodrecidos ou de tumbas violadas. Levei o lenço ao nariz e Cal me imitou. Observamos o local.

— Meu Deus, senhor... — disse Cal com voz sumida.

— Nunca foi tocado — terminei por ele.

E, de fato, não fora. Mesas e cadeiras pareciam guardiães fantasmas vigiando o local, empoeiradas, castigadas pelas extremas alterações de temperaturas pelas quais é famoso o clima da Nova Inglaterra, mas, exceto isso, perfeitas — como se tivessem aguardado durante as décadas

silenciosas e cheias de ecos que aqueles que haviam há muito partido retornassem à taverna para pedirem copos de cerveja ou doses de uísque, jogarem cartas e acenderem cachimbos de barro. Um pequeno espelho quadrado, inteiro, estava pendurado junto ao regulamento da casa. Entende o significado, Bones? Os meninos são famosos por explorarem os locais abandonados e cometerem vandalismos; não existe uma casa "assombrada" que ainda tenha vidraças intactas, por mais aterrorizante que seja a reputação dos fantasmas que nela habitam; nenhum cemitério sombrio deixa de ter ao menos uma das lápides danificadas por meninos travessos. Certamente deve existir em Preacher's Comer ao menos uma dúzia de meninos travessos, a menos de três quilômetros de Jerusalem's Lot. Não obstante, a vidraça do taverneiro (que lhe deve ter custado uma boa nota) estava intacta — assim como os outros objetos frágeis que encontramos em nossas explorações do local. Os únicos danos em Jerusalem's Lot foram causados pela Natureza impessoal. A implicação é óbvia: Jerusalem's Lot é um local evitado por todos. Mas por quê? Tenho um palpite, mas nem mesmo ouso mencioná-lo; tenho que prosseguir até o perturbador final de nossa visita.

Subimos aos dormitórios e encontramos as camas feitas, jarras de água feitas de estanho cuidadosamente arrumadas ao lado delas. A cozinha estava igualmente intocada exceto pela poeira dos anos e por aquele horrível fedor de apodrecimento. A taverna, em si, seria o paraíso para um antiquário; só o maravilhosamente exótico fogão alcançaria um belo preço nos leilões de Boston.

— O que acha, Cal? — perguntei ao retornarmos à vacilante luz do dia.

— Acho que é algo ruim, Sr. Boone — replicou ele à sua maneira lúgubre. — E creio que devemos ver mais, para ficar sabendo melhor.

Demos pouca atenção às outras lojas — havia uma loja de celeiro, mofados arreios de couro ainda pendurados em pregos enferrujados, uma mercearia, um depósito com tábuas de carvalho e de pinho ainda empilhadas, uma ferraria.

A caminho da igreja no centro do lugarejo, entramos em duas casas. Ambas eram do mais perfeito estilo puritano, cheias de objetos pelas quais um colecionador daria os olhos da cara, ambas abandonadas e impregnadas do mesmo fedor podre.

Nada parecia viver ou mover-se nas cercanias exceto nós dois. Não vimos insetos, aves, nem mesmo uma teia de aranha formada num canto

de janela. Só poeira.

Afinal, chegamos à igreja. Erguia-se acima de nós, sinistra, pouco convidativa, fria. As vidraças estavam negras com a escuridão do interior e qualquer vestígio de Deus ou de santidade já se afastara há muito tempo. Disso, tenho certeza. Galgamos os degraus e coloquei a mão na grande aldrava de ferro. Um olhar grave e sombrio passou de mim a Calvin e foi retribuído. Abri a porta. Quanto tempo se passara desde que eia fora aberta pela última vez? Eu diria com segurança que era o primeiro a tocá-la em cinqüenta anos; talvez mais. Dobradiças emperradas pela ferrugem gritaram quando a empurrei. O cheiro de podridão que nos sufocou era quase palpável. Cal produziu um som engasgado na garganta e virou involuntariamente a cabeça em busca de ar fresco.

— Senhor — disse ele —, tem certeza de que está...?

— Estou bem — respondi calmamente.

Mas não me sentia calmo, Bones, não reais do que me sinto agora. Acredito, juntamente com Moisés, Jereboão, e com o nosso Hanson (quando está com disposição filosófica), que existem lugares espiritualmente nocivos, prédios nos quais o leite do cosmos se tomou azedo e rançoso. Aquela igreja era um desses locais; eu seria capaz de jurar.

Entramos num comprido vestíbulo equipado com uma empoeirada série de cabides e prateleiras contendo hinários. Não tinha janelas. Lampiões de azeite ocupavam nichos nas paredes. Uma sala normal, pensei, até que ouvi Calvin prender bruscamente a respiração e vi o que ele já notara.

Era uma obscenidade.

Não me atrevo a descrever aquela gravura elaboradamente emoldurada a não ser para dizer o seguinte: o desenho tinha o estilo carnudo de Rubens; representava um grotesco travesti de uma madonna com o filho; criaturas estranhas, meio encobertas pelas sombras, rastejavam ao fundo.

— Meu Deus — murmurei.

— Não existe Deus aqui — disse Calvin.

E suas palavras deram a impressão de ficar suspensas no ar.

Abri a porta que dava para a igreja propriamente dita e o fedor se transformou num miasma quase asfixiante.

À tremeluzente meia-luz da tarde, os bancos se enfileiravam fantasmagoricamente na direção do altar. Acima deles, um alto púlpito de carvalho e um nártex coberto de sombras onde rebrilhava ouro.

Com um soluço engasgado, Calvin, um protestante devoto, fez o Sinal da Cruz.

Apressei-me em imitá-lo. Pois o ouro era uma cruz grande, lindamente lavrada — mas pendurada de cabeça para baixo, símbolo da Missa de Satã.

— Devemos manter a calma — escutei minha própria voz dizer. Devemos manter a calma, Calvin. Devemos manter a calma.

Mas uma sombra me tocara o coração e tive um medo como nunca senti antes. Passei sob o guarda-chuva da morte e pensava que não existia outro mais escuro. Mas existe.

Existe.

Caminhamos pela alameda entre os bancos, nossos passos ecoando acima e ao redor de nós. Deixamos pegadas na poeira. E, no altar, havia outros tenebrosos objetos de arte.

Não deixarei, não posso deixar, que minha mente volte a eles.

Comecei a subir ao púlpito.

— Não, Sr. Boone! — exclamou Cal de repente. — Tenho medo...

Mas eu já chegara ao topo. Um enorme livro estava aberto sobre a estante, escrito tanto em latim como em estranhos caracteres rúnicos que, aos meus olhos inexperientes, pareciam ser druídicos ou pré-célticos. Anexo um cartão com vários daqueles símbolos, desenhados de memória.

Fechei o livro e li as palavras gravadas na capa de couro: De Vermis Mysteriis. Meu latim está enferrujado, mas ainda é capaz de traduzir: Os Mistérios do Verme.

Quando minhas mãos tocaram o livro, aquela maldita igreja e o rosto pálido de Calvin, erguido para mim, pareceram dançar diante de meus olhos. Tive a impressão de escutar vozes graves, cantantes, cheias de um temor hediondo e, não obstante, ansioso — e, além desse som, um outro que parecia encher as entranhas da Terra. Uma alucinação, sem dúvida mas, no mesmo momento, a igreja se encheu com um som muito real, que só consigo descrever como um enorme e macabro giro sob meus pés. O púlpito estremeceu sob meus dedos; a cruz profanada tremeu na parede.

Saímos juntos, Cal e eu, abandonando o local à sua escuridão, e nenhum de nós ousou olhar para trás até que atravessamos a tosca pinguela sobre o riacho. Não direi que maculamos os mil e novecentos anos que o homem gastou para deixar de ser um selvagem apavorado e supersticioso ao fugirmos dali correndo; contudo, seria um mentiroso se afirmasse que nos retiramos calmamente.

Eis minha narrativa. Você não deve perturbar sua cura com a idéia de que a febre me atacou outra vez; Cal pode confirmar tudo o que escrevi nestas páginas, inclusive aquele barulho horrível.

Portanto, termino aqui, dizendo apenas que gostaria de vê-lo pessoalmente (pois sei que grande parte de meu assombro se desvaneceria de imediato) e que continuo seu amigo e admirador.

CHARLES.

17 de outubro de 1850

PREZADOS SENHORIOS:

Na mais recente edição de seu catálogo de artigos domésticos (isto é, Verão de 1850), reparei num preparado de nome Veneno Para Ratos.

Gostaria de adquirir uma (1) lata de dois quilos e meio do referido preparado, ao preço mencionado de trinta centavos ($ 0,30). Anexo selos para a resposta. Favor endereçar a:

Calvin McCann, Chapelwaite, Preacher's Corner, Município de Cumberland, Maine.

Grato por sua atenção ao meu pedido.

Atenciosamente

CALVIN McCANN.

19 de outubro de 1850

CARO BONES,

Acontecimentos de natureza inquietadora.

Os ruídos na casa têm aumentado de intensidade. Estou chegando cada vez mais à conclusão de que não são apenas ratos que se movem dentro de nossas paredes. Calvin e eu realizamos outra busca infrutífera, procurando nichos ou passagens ocultas, mas nada encontramos. Como ficaríamos desajustados num dos romances da Sra. Radcliffe! Cal alega, porém, que grande parte do ruído vem do porão e é lá que pretendemos dar busca amanhã. O fato de saber que a irmã do Primo Stephen lá encontrou seu desafortunado fim não contribui para tranqüilizar-me.

A propósito, o retrato dela está pendurado na galeria superior. Marcella Boone, se o pintor conseguiu retratá-la com fidelidade, era uma coisinha

tristonha e bonita; sei que morreu solteira. Às vezes, penso que a Sra. Cloris tinha razão: é uma casa ruim.

Certamente não teve outra coisa senão dissabores para seus ocupantes anteriores.

Todavia, tenho mais a dizer quanto à temível Sra. Cloris, pois tive hoje minha segunda conversa com ela. Na qualidade de pessoa mais equilibrada de Preacher's Comer que conheci até o momento, fui procurá-la esta tarde, após uma desagradável entrevista que relatarei a seguir.

A lenha deveria ter sido entregue esta manhã e, quando passou o meio-dia sem que ela chegasse, resolvi ir ao lugarejo em meu passeio diário. Meu objetivo era visitar Thompson, o madeireiro com quem Calvin tratou o negócio.

Foi um dia lindo, cheio do vigor brilhante do outono, e quando cheguei à casa dos Thompson (Cal, que permaneceu em casa para examinar melhor a biblioteca do Tio Stephen, deu-me a orientação adequada) sentia-me com a melhor disposição que já tive nestes últimos dias e estava preparado para desculpar o atraso de Thompson na entrega da lenha.

O local era um maciço emaranhado de mato e prédios arruinados necessitados de pintura; à esquerda do celeiro, uma enorme porca, cevada para o abate em novembro, grunhia e fuçava no chiqueiro enlameado; no quintal cheio de lixo entre a casa e os outros prédios, uma mulher num esfarrapado vestido de tecido riscado jogava às galinhas o milho que trazia no avental. Quando a saudei, virou para mim um rosto pálido e insípido.

A repentina mudança de expressão, de total vácuo e parvoíce para um terror frenético foi digna de ser observada. Só posso pensar que ela me tomou pelo próprio Stephen, pois ergueu a mão com os dedos esticados no sinal de mau-olhado e gritou. A comida das galinhas se espalhou pelo chão e as aves se asustaram, esvoaçando a cacarejar.

Antes que eu pudesse emitir um som, a figura corpulenta e ameaçadora de um homem vestido apenas com roupas de baixo compridas saiu pesadamente da casa empunhando uma espingarda numa das mãos e trazendo um garrafão de bebida na outra. Pelo brilho avermelhado no olhar e o modo trôpego de andar, deduzi que fosse Thompson, o madeireiro, em pessoa.

— Um Boone! — rugiu ele. — Maldito seja!

Largou o garrafão, que rolou pelo chão, e fez também o sinal de mau-olhado.

Com a maior equanimidade que consegui reunir nas circunstâncias, declarei:

— Vim porque a lenha não foi. Pelo acordo que você fez com meu criado...

— Maldito seja seu criado, também!

E, pela primeira vez, percebi que por detrás da atitude agressiva ele procurava ocultar um medo mortal. Comecei a temer seriamente que, em sua excitação, ele pudesse realmente usar a espingarda contra mim. Tentei falar cautelosamente:

— Como um gesto de cortesia, você poderia...

— Maldita seja sua cortesia!

— Muito bem, então — repliquei com a dignidade que me foi possível. — Desejo-lhe um bom-dia até que consiga controlar-se melhor.

Com isso, dei-lhe as costas e comecei a caminhar em direção ao lugarejo.

— Não volte mais aqui! — berrou ele atrás de mim. — Fique com seus demônios, lá em cima! Maldito! Maldito! Maldito!

Atirou uma pedra que me atingiu o ombro. Não lhe dei a satisfação de esquivar-me.

Portanto, fui procurar a Sra. Cloris, decidido a decifrar ao menos o mistério da inimizade de Thompson. Ela é viúva (e não me venha com sua conversa de casamenteiro, Bones; ela tem pelo menos quinze anos mais que eu e já passei dos quarenta) e mora sozinha num encantador chalé à beira-mar. Encontrei-a pendurando a roupa lavada e ela pareceu genuinamente satisfeita por ver-me. Constatei que isto foi um grande alívio; é quase indescritivelmente vexatório ser um pária por motivo incompreensível.

— Sr. Boone — cumprimentou ela, com uma leve reverência. — Se veio para tratar de lavagem de roupa, saiba que não aceito serviço depois de setembro. Meu reumatismo causa tantas dores que já é sacrifício bastante lavar minha própria roupa.

— Eu gostaria que a lavagem de roupa fosse o assunto de minha visita. Vim pedir ajuda, Sra. Cloris. Preciso saber tudo que a senhora seja capaz de me contar a respeito de Chapelwaite e de Jerusalem's Lot, bem como o motivo pelo qual a gente daqui me encara com tanto temor e desconfiança!

— Jerusalem's Lot! O senhor sabe a respeito disso, então?

— Sim — respondi. — E visitei o local com meu companheiro, há uma semana.

— Meu Deus!

Ela ficou branca como leite e cambaleou. Estiquei a mão a fim de ampará-la. Seus olhos rolavam horrivelmente e, por instante, tive certeza de que ela ia desmaiar.

— Sra. Cloris, sinto muito se disse algo que..

— Entre — convidou ela. — O senhor precisa saber. Meu bom Jesus, os dias ruins voltaram!

Recusou-se a falar até terminar de preparar chá forte em sua cozinha ensolarada.

Quando o chá ficou pronto, ela passou algum tempo a fitar pensativamente o oceano.

Inevitavelmente, nossos olhares foram atraídos para o promontório de Chapelwaite, onde a casa dominava o panorama do mar. O grande janelão refletia como um brilhante os raios do sol poente. Uma vista linda mas estranhamente perturbadora. De repente, ela se voltou para mim e declarou com veemência:

— Sr. Boone, precisa deixar Chapelwaite imediatamente!

Fiquei perplexo.

— Tem havido um hálito ruim no ar desde que o senhor se mudou para aquela casa. Na semana passada — desde que o senhor colocou os pés naquele lugar amaldiçoado — aconteceram presságios e portentos. Um epíploo na face da lua; bandos da bacuraus que fazem ninhos nos cemitérios; um nascimento anormal. O senhor tem que partir!

Quando recobrei a fala, disse da maneira mais suave possível:

— Essas coisas são sonhos, Sra. Cloris. Certamente a senhora deve saber disso.

— É sonho Barbara Brown ter dado à luz uma criança sem olhos? Ou Clifton Brockett ter encontrado uma trilha plana, com um metro e meio de largura, atravessando os bosques além de Chapelwaite, na qual todo o mato murchou e se tornou branco? E o senhor, que visitou Jerusalem's Lot, pode afirmar verdadeiramente que nada ainda vive lá?

Não pude responder; a cena naquela igreja hedionda me surgiu diante dos olhos.

Ela cerrou os punhos enrugados num esforço para acalmar-se.

— Sei dessas coisas não apenas através de minha mãe e da mãe dela. O senhor conhece a história de sua família no que se relaciona com Chapelwaite?

— Vagamente — disse eu. — A casa foi residência dos descendentes de Philip Boone desde a década de 1780; seu irmão Robert, meu avó, radicou-se em Massachusetts após uma discussão por causa de documentos roubados. Pouco sei a respeito dos descendentes de Philip, exceto que a sombra da infelicidade caiu sobre eles, passando de pai para filho e para os netos — Marcella morreu num trágico acidente e Stephen caiu para a morte. Foi seu desejo que Chapelwaite se tornasse minha e dos meus, terminando, assim, com a briga de família.

— Nunca terminará — murmurou a Sra. Cloris. — Nada sabe a respeito da briga inicial?

— Robert Boone foi apanhado roubando coisas na escrivaninha do irmão.

— Philip Boone era louco — disse ela. — Um homem que traficava com o mal. A coisa que Robert Boone tentou remover da escrivaninha era uma bíblia profana, escrita em linguagens antigas: latim, druida e outras. Um livro infernal.

— De Vermis Mysterüs.

Ela recuou como se tivesse levado uma bofetada.

— Sabe a respeito?

— Eu o conheço... toquei-o.

Mais uma vez, ela deu a impressão de desmaiar. Levou a mão aos lábios como se tentasse abafar um grito.

— Sim — prossegui. — Em Jerusalem's Lot. No púlpito de uma igreja profanada e corrupta.

— Ainda está lá; ainda lá, então.

Ela se balançou na cadeira.

— Eu esperava que Deus, em Sua sabedoria, tivesse-o atirado no fundo do inferno.

— Que relação existia entre Philip Boone e Jerusalem's Lot.

— Relação de sangue — disse ela sombriamente. — Ele trazia a Marca da Fera, embora andasse em trajes do Cordeiro. E na noite de 31 de outubro de 1789, Philip Boone desapareceu... e a população inteira daquele amaldiçoado lugarejo sumiu com ele.

Ela pouco mais disse; com efeito, pouco mais parecia saber. Limitou-se a reiterar suas súplicas para que eu me fosse, alegando como motivo para isso algo a respeito de "sangue chamar sangue" e murmurando sobre "aqueles que vigiam e aqueles que guardam" : À medida que o crepúsculo avançava, ela pareceu mais agitada, em vez de acalmar-se. A fim de aplacá-la, prometi que seus desejos seriam levados em grande consideração.

Voltei para casa, caminhando entre as sombras que aumentavam, minha boa disposição bastante dissipada e a cabeça girando com indagações que ainda agora me perseguem.

Cal recebeu-me com a notícia de que os barulhos em nossas paredes haviam aumentado — como posso atestar neste momento. Tento convencer-me de que são apenas ratos, mas, então, revejo o rosto aterrorizado e ansioso da Sra. Cloris.

A lua se ergueu sobre o oceano, inchada, cheia, cor de sangue, manchando o mar com uma tonalidade maléfica. Minha mente retoma àquela igreja e (aqui uma linha riscada)

Mas você não verá isso, Bones. É loucura demais. Creio que está na hora de dormir.

Meus pensamentos estão com você.

Lembranças

CHARLES.

(O seguinte foi extraído do diário de bolso de Calvin McCann)

20 de outubro de '50

Esta manhã, tomei a liberdade de forçar o fecho do livro; fiz isso antes que o Sr. Boone se levantasse da cama. Não adiantou; está tudo em código. Um código simples, creio.

Talvez consiga decifrá-lo com a mesma facilidade que forcei o fecho. Estou certo de que é um diário, numa caligrafia estranhamente semelhante à do Sr. Boone. De quem era o livro, na prateleira mais obscura desta biblioteca, com um fecho vedando as páginas? Parece antigo, mas como é possível afirmar? O ar apodrecedor foi mantido isolado das páginas. Voltarei ao assunto mais tarde, se houver tempo; o Sr. Boone está decidido

a revistar o porão. Temo que estes terríveis acontecimentos lhe façam mal à saúde ainda abalada. Devo tentar persuadi-lo a...

Mas aí vem ele.

20 de outubro de 1850

CARO BONES,

Não posse escrever Eu ainda não posso escrever a respeito Eu Eu Eu

(Do diário de bolso de Calvin MeCann)

20 de outubro de 50

Como eu temia, a saúde dele não agüentou...

Meu Deus, Pai nosso que estais no céu!

Não suporto lembrar; não obstante, está enraizado, gravado a fogo em meu cérebro — aquele horror no porão...!

Agora, estou sozinho; oito e meia da noite; a casa em silêncio, mas...

Encontrei-o desmaiado sobre a escrivaninha; ainda está dormindo; não obstante, como se portou nobremente enquanto fiquei paralisado, arrasado!

Está pálido como cera, tem a pele fria. Não é a febre outra vez, graças a Deus. Não me atrevo a movê-lo ou abandoná-lo para ir ao povoado. Se eu fosse, quem voltaria comigo para ajudá-lo? Quem viria a esta casa amaldiçoada?

Oh, o porão! As coisas naquele porão, que assombram nossas paredes!

22 de outubro de 1850

CARO BONES,

Voltei a mim, embora debilitado, após trinta e seis horas de inconsciência. Voltei a mim... que pilhéria sinistra e amarga! Jamais voltarei a ser o mesmo — jamais. Vi-me cara a cara com uma loucura e um horror que estão além dos limites da expressão humana. E ainda não chegou o fim.

Se não tosse por Cal, creio que me suicidaria neste momento. Ele é uma ilha de sanidade em meio a toda esta loucura.

Você saberá de tudo.

Equipamo-nos com velas para explorar o porão e elas produziam um brilho forte que era bastante adequado — infernalmente adequado! Calvin tentou dissuadir-me, mencionando minha recente doença, dizendo que o máximo que encontraríamos talvez fosse alguns ratos saudáveis marcados para morrer envenenados.

Permaneci decidido, porém; Calvin soltou um suspiro e respondeu:

— Faça como quiser, então, Sr. Boone.

A entrada do porão consiste de um alçapão no chão da cozinha (que Cal me assevera ter pregado com tábuas fortes desde então) e só conseguimos erguê-lo com grande esforço.

Um cheiro fétido e avassalador subiu da escuridão, semelhante ao fedor que impregnava o lugarejo no outro lado do rio Royal. A vela que segurava iluminou uma escada íngreme que descia para a escuridão. Os degraus se encontravam em lamentável estado de conservação — numa certa altura, um deles desaparecera por completo, deixando lugar a um buraco negro — e era bastante fácil perceber como a infeliz Marcella podia ter morrido ali

— Cuidado, Sr. Boone! — disse Cal.

Respondi-lhe que não tinha intenção de ser outra coisa senão cauteloso e descemos a escada.

O chão era de terra batida, as paredes de sólido granito e quase não havia umidade. O local em nada se parecia com um paraíso dos ratos, pois não existiam as coisas que os ratos costumam usar para fazer seus ninhos, tais como caixotes velhos, móveis quebrados, pilhas de papel e assim por diante. Levantamos nossas velas, iluminando um pequeno círculo, mas ainda conseguindo enxergar muito pouco. O chão tinha uma inclinação gradativa que parecia estar sob a sala de visitas principal e o salão de jantar — isto é, em direção ao leste. Foi nessa direção que avançamos. Tudo estava no mais completo silêncio. O fedor no ar tornava-se cada vez mais forte e a escuridão parecia fechar-se sobre nós como lã, como se sentisse ciúmes da luz que a depusera temporariamente, após tantos anos de reinado absoluto.

Na extremidade oposta, as paredes de granito cediam lugar a madeira polida que dava a impressão de ser totalmente negra e desprovida de qualidades refletivas. .Ali terminava o porão, deixando o que parecia ser uma alcova que se abria do espaço principal. A alcova estava situada em ângulo, o que impossibilitava inspecioná-la sem dobrar a esquina.

Calvin e eu dobramos a esquina.

Foi como se um espectro apodrecido do sinistro passado da casa se erguesse diante de nós. Na alcova havia uma única cadeira e, acima dela, pendurado num gancho preso a uma das robustas vigas do teto, estava um apodrecido laço de corda de cânhamo.

— Então, foi aqui que ele se enforcou — murmurou Cal. — Meu Deus!

— Sim... com o cadáver da filha caído ao pé dos degraus atrás dele.

Cal começou a falar; então, vi seus olhos fixarem um ponto às minhas costas e suas palavras se transformaram num grito.

Como, Bones, poderei descrever a visão que nos surgiu diante dos olhos? Como posso lhe contar a respeito dos hediondos moradores que viviam em nossas paredes?

A parede da extremidade oposta abriu-se com um giro, e, daquela escuridão, uma cara nos lançou um olhar malévolo — uma cara com olhos tão negros como o próprio Estige.

A boca se abria num sorriso sem dentes, agoniado; uma mão amarela, apodrecida, esticou-se em nossa direção. A criatura emitiu um som horrível, semelhante a um miado, e avançou um passo cambaleante para nós. A luz de minha vela incidiu sobre ela...

E vi a lívida marca do laço em seu pescoço!

Por detrás dela, algo se moveu — algo com que sonharei até o dia em que todos os meus sonhos cessarem: uma moça com o rosto pálido putrefato e um sorriso de caveira; uma moça cujo pescoço tombava para o lado num ângulo inacreditável.

Eles nos queriam; sei disso. E sei que nos teriam arrastado para aquela escuridão, tornando-nos seus, se eu não tivesse jogado minha vela diretamente sobre a figura hedionda do homem, atirando-lhe logo em seguida a cadeira que estava sob o laço.

Depois disso, tudo é confusão. Minha mente baixou a cortina. Acordei, como disse, em meu quarto, com Cal ao meu lado.

Se eu pudesse partir, fugiria desta casa de horror com a camisola esvoaçando em meus calcanhares. Mas não posso. Transformei-me num peão em um drama mais profundo e tenebroso. Não me pergunte como sei; apenas sei. A Sra. Cloris tinha razão quando falou em sangue chamar sangue; e o quanto estava horrivelmente certa quando falou daqueles que vigiam e daqueles que guardam. Temo haver despertado uma Força que estava adormecida há meio século no tenebroso lugarejo de Salem's Lot,

uma Força que matou meus ancestrais e os fez infernalmente prisioneiros como nosfératu — os Nãomortos.

E tenho temores ainda maiores, Bones, mas ainda só conheço uma parte. Se eu soubesse... se ao menos eu soubesse tudo!

CHARLES.

Postscriptum: E, naturalmente, escrevo isto apenas para mim; estamos isolados de Preacher's Corner. Não ouso levar minha mácula até lá para colocar esta carta no correio e Calvin se recusa a sair de perto de mim. Talvez se Deus for bom, estas linhas cheguem até você de algum modo.

C.

(Do diário de bolso de Calvin McCann)

23 de outubro de '50

Hoje ele está mais forte; conversamos rapidamente sobre as aparições no porão; concordamos que não foram alucinações nem tinham origem ectoplásmica, mas eram reais. Será que o Sr. Boone desconfia, como eu, de que elas se foram? Talvez; os ruídos cessaram; não obstante, tudo parece ominoso, ainda encoberto por um manto escuro.

Tenho a impressão de que aguardamos no enganador Olho da Tempestade..

Encontrei um maço de papéis num dos dormitórios, na última gaveta de uma escrivaninha com tampa corrediça. Alguma correspondência e notas com recibo levaram-me a crer que se tratava do quarto de Robert Boone. Apesar disso, o documento mais interessante são anotações rabiscadas no verso de anúncio de chapéus de pele de castor para homens. Em cima está escrito:

Bem-aventurados os mansos.

Abaixo, está escrita a aparente tolice:

bkmdvhnrumahodozmynvok

lesaoerthrndgszsuapsjs

Creio que seja a chave para decifrar o livro em código que encontrei na biblioteca. O código acima é, sem dúvida, bastante elementar e foi usado na Guerra de Independência com o nome de "Grade de Cerca': Eliminando-se os "nulos" da segunda anotação, tem-se:

bmvnuaoomiio

eaetrdssass

Colocando-se as letras da linha inferior nos intervalos da linha superior, o resultado é a citação original das Bem-aventuranças.

Antes de me atrever a mostrar isto ao Sr. Boone, devo certificar-me do conteúdo do livro...

24 de outubro de 1850

CARO BONES,

Um acontecimento espantoso — Cal, sempre calado até estar absolutamente seguro do que diz (uma rara e admirável qualidade humana!), encontrou o diário de meu avô Robert. Declara modestamente que a descoberta foi acidental, mas desconfio que perseverança e trabalho árduo lhe permitiram decifrar o código no qual o livro foi escrito.

De todo modo, que luz sombria ele lança sobre os mistérios desta casa!

A primeira notação está datada de 1 ° de junho de 1789 e a última de 27 de outubro de 1789 — quatro dias antes do cataclísmico desaparecimento a que se referiu a Sra. Cloris.

É uma narrativa de obsessão cada vez mais profunda — ou, melhor, de loucura cada vez maior — e esclarece de modo medonho as relações que ligavam meu tio-avô Philip, o povoado de Jerusalem's Lot e o livro que está naquela igreja profanada.

Segundo Robert Boone, o povoado é mais antigo que Chapelwaite (que foi construída em 1782) e Preacher's Comer (conhecido naquela época por Preacher's Rest e fundado em 1741); foi fundado por um grupo dissidente da fé puritana em 1710, uma seita liderada por um obstinado fanático religioso chamado James Boon. Que sobressalto esse nome me causou! Creio que não pode existir dúvida quanto ao parentesco desse tal Boon com a minha família. A Sra. Cloris não poderia estar mais correta em sua crença supersticiosa de que o parentesco consangüíneo é de crucial importância na questão; e relembro com horror a resposta dela quando indaguei a respeito de Philip e a relação dele com Salem's Lot. "Relação de sangue", replicou ela — e temo que seja verdade.

O povoado transformou-se numa comunidade permanente instalada ao redor da igreja na qual Boon pregava — ou imperava. Meu avô dá a entender que Boon também mantinha relações íntimas com muitas

mulheres do povoado, assegurando-lhes que essa era a vontade e o caminho de Deus. Em conseqüência, o lugarejo tornou-se uma anomalia que só poderia ter existido naqueles tempos isolados e estranhos, nos quais a crença em bruxas e a fé na Virgem Maria caminhavam de mãos dadas: um lugarejo religioso um tanto degenerado, com cruzamentos consangüíneos, controlado por um pregador meio louco cujas verdades gêmeas eram a Bíblia e o sinistro Morada dos Demônios de De Goudge; uma comunidade na qual rituais de exorcismo eram praticados regularmente; uma comunidade de incesto, com a insanidade mental e defeitos físicos que costumam acompanhar tal pecado. Desconfio (e creio que Robert Boone também desconfiava) que um dos filhos bastardos de Boon tenha fugido (ou sido seqüestrado) de Jerusalem's Lot e procurado sua fortuna ao sul do lugarejo — e assim teve origem nossa linhagem atual. Sei, por cálculos de minha família, que nosso clã supostamente teve origem naquela região de Massachusetts que tão tardiamente foi transformada no Estado Soberano do Maine. Meu bisavô, Kenneth Boone, enriqueceu em resultado do então florescente comércio de peles. Foi sua fortuna, aumentada pelo tempo e por investimentos conscienciosos, que erigiu este lar de meus ancestrais, construído muito depois de sua morte em 1863. Seus filhos, Philip e Robert, construíram Chapelwaite. Sangue chama sangue, afirmou a Sra. Cloris. Seria possível que Kenneth fosse filho de James Boon, tivesse fugido à loucura do pai e do lugarejo por este controlado, só para que seus filhos, sem terem conhecimento do fato, construíssem o lar dos Boone a menos de três quilômetros da origem dos Boone? Se assim foi, não parece que alguma Mão enorme e invisível nos tenha guiado?

De acordo com o diário de Robert, James Boon era velho em 1789 e realmente devia ser. Atribuindo-lhe a idade de vinte e cinco anos na época da fundação do povoado, em 1789 ele teria cento e quatro anos uma idade prodigiosa. O trecho abaixo foi extraído diretamente do diário de Robert Boone:

4 de agosto de 1789

Hoje, encontrei pela primeira vez esse Homem ao qual meu Irmão se ligou de modo tão doentio; devo admitir que o tal Boon controla um

estranho Magnetismo que muito me perturbou. É um verdadeiro Ancião, com barba branca, trajando uma sotaina negra que me pareceu um tanto obscena. Ainda mais perturbador foi o fato de estar rodeado de mulheres, como um sultão cercado por seu harém; e Philip assegura que ele ainda é ativo, embora tenha pelo menos oitenta anos...

Eu só visitara o lugarejo uma vez anteriormente e não tornarei a visitá-lo; as ruas são silenciosas e cheias do temor que o Velho inspira de seu púlpito: temo também que parentes se tenham cruzado com parentes, tão grande é o número de fisionomias semelhantes. Tive a impressão de que, para qualquer lado que me voltasse, via sempre o rosto do Velho... todos são tão descorados; parecem desbotados, como se desprovidos de qualquer vitalidade. Vi crianças sem olhos e sem narizes, mulheres que choravam, balbuciavam e apontavam para o céu sem razão aparente, ouvi citações das Escrituras mescladas com frases sobre o Demônio;... Philip queria que eu permanecesse para assistir aos serviços religiosos, a idéia daquele Ancião no púlpito, diante da população consangüínea, causou-me repulsa e arranjei uma desculpa...

As anotações precedentes e subseqüentes a esta falam do crescente fascínio de Philip por James Boon. A 1° de setembro de 1789, Philip foi batizado na igreja de Boon. Seu irmão escreve: "Estou perplexo de espanto e horror — meu Irmão se transformou diante de meus próprios olhos —, dá até mesmo a impressão de estar ficando parecido com o desgraçado Ancião."

A primeira menção ao livro ocorre em 23 de julho. O diário de Robert registra-o sumariamente: "Phihp regressou do pequeno povoado esta noite com o que me pareceu um semblante um tanto desvairado. Recusou-se a falar até a hora de irmos deitar, quando disse que Boon indagara a respeito de um livro intitulado Mistérios do Verme.

Para agradar Philip, prometi escrever a Johns & Goodfellow pedindo informações sobre o assunto; Philip mostrou-se quase exageradamente agradecido."

Em 12 de agosto, a seguinte anotação: "Recebi hoje duas cartas... e uma de Johns & Goodfellow, de Boston. Têm notícia do livro pelo qual Philip demonstrou interesse.

Existem apenas cinco exemplares neste país. A carta foi bastante fria, o que é realmente esquisito. Conheço Henry Goodfellow há anos."

13 de agosto:

Philip ficou loucamente excitado com a carta de Goodfellow; recusa-se a revelar o motivo. Limita-se a dizer que Boon está extremamente ansioso para obter um exemplar.

Não posso imaginar a razão, pois, a julgar pelo título, parece apenas um inofensivo tratado sobre jardinagem...

Estou preocupado com Philip; parece tornar-se mais esquisito dia a dia. Agora, desejo que não tivéssemos regressado a Chapelwaite. O verão está quente, opressivo, cheio de maus presságios...

No diário de Robert existem apenas mais duas referências ao famigerado livro (ele parece não ter avaliado a verdadeira importância do livro, mesmo no fim). A julgar pelo registro de 4 de setembro:

Solicitei a Goodfellow que atue como agente de Philip na questão da compra do livro, embora minha opinião se insurja contra isso. O que adianta tergiversar, porém? Se eu recusar, Philip não tem seu próprio dinheiro? Em troca, obtive a promessa de Philip no sentido de repudiar aquele inadmissível batismo... não obstante, ele está tão frenético, quase febril; não confio nele. Estou irremediavelmente no mato sem cachorro quanto ao assunto...

Finalmente, em 16 de setembro:

O livro chegou hoje, com um bilhete de Goodfellow declarando que não quer mais negócios comigo... Philip excitou-se a um ponto anormal; praticamente arrancou-me o Livro das mãos. Está escrito em latim popular e em caracteres rúnicos que não consigo compreender. A Coisa parece quase quente ao tato, dá a impressão de vibrar em minhas mãos, como se contivesse um imenso Poder... Lembrei a Philip sua promessa de repúdio e ele se limitou a rir de modo feio e louco, sacudindo o livro diante de mim e gritando repetidamente: "Conseguimos! É nosso! O Verme! O Segredo do Verme!"

Saiu correndo, suponho que ao encontro de seu louco Benfeitor, e não tornei a vê-lo hoje...

Nada mais há a respeito do livro, mas fiz certas deduções que me parecem ao menos plausíveis. Primeiro, que o tal livro, como disse a Sra.

Cloris, foi o motivo da briga entre Robert e Philip; segundo, que é um repositório de feitiçaria malfazeja, possivelmente de origem druídica (muitos dos rituais de sangue druídicos foram preservados por escrito pelos conquistadores romanos da Inglaterra em nome da erudição e muitos desses infernais livros de receitas estão entre a literatura proibida no mundo inteiro); terceiro, que Boon e Philip tencionavam utilizar o livro para seus próprios fins. Talvez, de alguma maneira pervertida, tivessem boas intenções, mas não acredito. Creio que muito antes já se haviam empenhado a quaisquer poderes desconhecidos que existam além dos limites do Universo; poderes que talvez existam além da própria tessitura do Tempo. Os últimos registros do diário de Robert Boone emprestam uma tênue luz de corroboração a tais especulações e deixo que falem por si mesmos:

26 de outubro de 1789

Hoje ocorreu uma tremenda algazarra em Preacher's Corner; Frawley, o ferreiro, agarrou-me o braço e quis saber "o que seu irmão e aquele louco anti-Cristo andam tramando por lá". Goody Randall afirma que têm aparecido no céu Sinais que prenunciam um grande e iminente desastre. Nasceu uma vaca com duas cabeças.

Quanto a mim, não sei o que é iminente; talvez seja a Loucura de meu Irmão. Seus cabelos encaneceram quase de um dia para outro, seus olhos são grandes círculos injetados de sangue dos quais o agradável brilho da Sanidade Mental parece haver sumido. Ele sorri, murmura sozinho e, por algum motivo que só ele conhece, passou a ficar em nosso porão quando não está em Jerusalem's Lot.

Os bacuraus se congregaram em volta da casa e no gramado; seus pios em meio à neblina se mesclam ao barulho do mar num grito sobrenatural que impede qualquer idéia de dormir.

27 de outubro de 1789

Segui Philip esta noite quando ele partiu para Jerusalem's Lot, mantendo-me a uma distância segura para não ser descoberto. Os malditos bacuraus se aglomeraram nos bosques, enchendo tudo com seu cântico

mortífero e enlouquecedor. Não me atrevi a atravessar a ponte; o povoado estava às escuras, com exceção da igreja, que estava iluminada por um brilho vermelho que parecia transformar as altas janelas ogivais em olhos do Inferno. Vozes se erguiam e baixavam numa Litania do Demônio, às vezes rindo, às vezes soluçando. O próprio solo parecia contorcer-se e gemer sob meus pés, como se arcasse com um peso terrível. Fugi, perplexo e aterrorizado, os gritos infernais dos bacuraus retinindo-me nos ouvidos enquanto eu corria através dos bosques tenebrosos.

Tudo avança para o Clímax, ainda desconhecido e imprevisível. Não ouso dormir por causa dos sonhos que surgem, mas também não me atrevo a permanecer acordado para enfrentar os terrores loucos que possam aparecer. A noite está cheia de sons horríveis e temo que...

E, não obstante, sinto o impulso de voltar, de observar, de ver. Parece-me que Philip — e o Ancião — chamam por mim.

As aves malditas malditas malditas

E aqui termina o diário de Robert Boone.

Mesmo assim, Bones, você deve perceber que próximo ao fim ele alega que o próprio Philip parecia chamá-lo. Minha conclusão foral é formada com base nessas linhas, no que dizem a Sra. Cloris e os outros, mas, sobretudo, naquelas figuras aterrorizadoras do porão, mortas e, não obstante, vivas. Nossa linhagem continua a ser desafortunada, Bones. Paira sobre nós uma praga que se recusa a permanecer enterrada; vive uma hedionda vida de sombra nesta casa e naquele lugarejo. E a culminação do ciclo se aproxima outra vez. Sou o último com o sangue dos Boone. Temo que algo saiba disso e que eu esteja no nexus de um esforço maligno fora de qualquer compreensão racional.

O aniversário é na véspera de Todos-os-Santos, de hoje a uma semana.

Como devo proceder? Se ao menos você estivesse aqui para aconselhar-me, para ajudarme!

Se ao menos você estivesse aqui!

Preciso saber tudo; preciso voltar ao lugarejo abandonado. Que Deus me proteja!

CHARLES.

(Do diário de bolso de Calvin McCann)

25 de outubro de '50

O Sr. Boone dormiu durante o dia quase inteiro. Está pálido e muito mais magro. Temo que a recaída da febre seja inevitável.

Enquanto tornava a encher sua jarra de água, vi duas cartas endereçadas ao Sr. Granson, que está na Flórida, e não foram levadas ao correio. Ele planeja retornar a Jerusalem's Lot; se eu permitir, será o mesmo que matá-lo. Ousarei ir às escondidas até Preacher's Correr e alugar uma charrete? Devo fazê-lo — mas se ele acordar? Se, ao voltar, eu não o encontrar em casa?

Os barulhos em nossas paredes recomeçaram. Graças a Deus ele ainda dorme!

Estremeço ao pensar nisso tudo.

Mais tarde

Levei o jantar ao Sr. Boone numa bandeja. Ele pretende levantar-se mais tarde e, a despeito de suas evasivas, sei o que planejava fazer; não obstante irei a Preacher's Correr. Vários dos pós soporíferos que lhe foram receitados durante sua recente moléstia ainda estão nas minhas coisas; ele tomou um com o chá, sem saber. Está dormindo outra vez.

Deixá-lo a sós com as Coisas que perambulam dentro de nossas paredes me aterroriza; permitir que ele permaneça mais um só dia nesta casa aterroriza-me muito mais.

Tranquei-o no quarto.

Deus permita que ele ainda esteja aqui, a salvo e adormecido, quando eu voltar com a charrete!

Ainda mais tarde

Apedrejaram-me! Apedrejaram-me como a um cão selvagem e hidrófobo! Monstros e demônios! Eles, que se dizem homens! Estamos prisioneiros aqui...

As aves, os bacuraus, começaram a reunir-se.

26 de outubro de 1850

CARO BONES,

É quase noite e acabo de acordar, tendo dormido durante a maior parte das últimas vinte e quatro horas. Embora Cal nada tenha dito, creio que colocou pó soporífero em meu chá, pois percebeu minhas intenções.. É um bom e fiel amigo, com as melhores intenções, de modo que não tocarei no assunto.

Não obstante, estou decidido. Amanhã será o dia. Estou calmo e decidido, mas também tenho a impressão de sentir o sutil renascimento da febre. Se assim for, tem que ser amanhã. Talvez hoje à noite fosse ainda melhor; contudo, nem as chamas do próprio Inferno poderiam induzir-me a pôr os pés naquele lugarejo depois do crepúsculo.

Caso eu não torne a lhe escrever, Bones, Deus o abençoe e proteja.

CHARLES.

Postscriptum — As aves estão gritando e os horríveis barulhos nas paredes recomeçaram. Cal pensa que não escuto, mas está enganado.

C.

(Do diário de bolso de Calvin McCann)

27 de outubro de '50

5 horas da manhã.

É impossível persuadi-lo. Muito bem. Irei com ele.

4 de novembro de 1850

CARO BONES,

Fraco, porém lúcido. Não tenho certeza quanto à data, mas meu almanaque assegura, pela hora da maré e do pôr-do-sol, que eu devo estar correto. Sentado à mesa onde me sentei para lhe escrever minha primeira carta de Chapelwaite, olho para o mar escuro no qual os últimos vestígios de luz desaparecem com rapidez. Nunca mais o verei. Esta noite é a minha noite; abandono-o em troca das sombras que possam existir.

Como se quebra de encontro aos rochedos, esse mar! Lança nuvens de espuma salgada ao ar escuro, como bandeiras fazendo estremecer o chão sob meus pés. Vejo meu reflexo na vidraça, pálido como um vampiro.

Estou sem alimento desde 27 de outubro e deveria estar sem água, se Cal não tivesse, naquele dia, colocado a jarra de água em minha mesa de cabeceira.

Oh, Cal! Ele não mais existe. Ele deixou de existir, Bones. Foi em meu lugar, no lugar deste farrapo de braços finos como palitos e rosto de caveira que vejo refletido na vidraça escura. E, apesar de tudo, talvez ele seja o mais afortunado; pois nenhum sonho o assombra como me tem assombrado estes últimos dias — formas contorcidas que se esgueiram nos corredores de pesadelo do delírio. Mesmo agora minhas mãos tremem; sujei a página de tinta.

Naquela manhã, Cal defrontou-se comigo quando eu estava prestes a sair às escondidas — e eu pensava ser tão astucioso. Eu lhe dissera que estava disposto a partir e lhe pedi que fosse até Tandrell, a cerca de dezesseis quilômetros daqui, e alugasse transporte num local onde éramos menos notórios. Ele concordou em ir e vi-o partir a pé pela estrada litorânea. Logo que sumiu de vista, aprontei-me depressa, vestindo um casaco e cachecol (pois o dia estava gelado; o primeiro toque do inverno que chegava vinha na brisa cortante daquela manhã). Desejei por um momento ter uma arma de fogo, mas logo ri de mim mesmo por sentir tal desejo. De que vale uma arma numa situação como essa?

Saí pela despensa, parando para uma última olhada ao mar e ao céu; para respirar o ar fresco contra o odor putrefato que eu iria sentir em breve; para observar o vôo de uma gaivota que caçava abaixo das nuvens.

Voltei-me — e lá estava Calvín McCann.

— O senhor não irá sozinho — disse ele, com a expressão mais séria que já vi em seu rosto.

— Mas, Calvin... — comecei.

— Não, nem mais uma palavra. Vamos juntos e fazemos o que precisamos, ou levo o senhor de volta à casa, nem que seja pela força. O senhor não está bem de saúde. Não irá sozinho.

É impossível descrever as emoções conflitantes que me dominaram: confusão, irritação, gratidão — e, a despeito de tudo, a maior delas foi amor.

Caminhamos em silêncio, passando pelo pavilhão de verão e pelo relógio de sol, descendo a encosta cheia de mato e penetrando nos bosques. Tudo mortalmente silencioso — nenhuma ave piava, nenhum grilo se fazia ouvir. O mundo parecia envolto numa cortina de silêncio.

Havia apenas o perene cheiro de sal e, de longe, o leve odor de fumaça de lenha. Os bosques eram uma gritante mistura de cores, mas, a meus olhos, o escarlate parecia predominar sobre todas as outras.

Logo o cheiro de sal passou e outro odor mais sinistro o substituiu; aquela putrefação que já mencionei. Quando chegamos à pinguela que atravessava o Royal, esperei que Cal instasse comigo mais uma vez para desistir, mas ele não o fez. Parou, fitou a sinistra torre da igreja, que parecia zombar do céu, e depois olhou para mim. Prosseguimos.

A passos rápidos mas temerosos, caminhamos até a igreja de James Boon. A porta ainda estava entreaberta, como a havíamos deixado na visita anterior, e a escuridão do interior parecia escarnecer de nós. Ao subirmos os degraus, meu coração pareceu encher-se de bronze; minha mão tremia ao segurar a aldrava e empurrá-la. O mau cheiro lá dentro era mais forte e mefítico que antes.

Penetramos no vestíbulo escuro e, sem nos determos, passamos à nave da igreja.

A desordem era total.

Algo vasto estivera em ação no local e ocorrera uma violenta devastação. Bancos virados e jogados a esmo. A cruz profanada estava encostada na parede leste e um buraco irregular no reboco acima dela indicava a força com que fora atirada. Os lampiões de azeite tinham sido arrancados de seus elevados suportes e o fedor de óleo de baleia se mesclava ao terrível mau cheiro que impregnava o lugarejo. E na alameda central, como um horrível rastro de noiva, havia uma trilha de pus escuro misturado com sinistros filetes de sangue. Nossos olhos a acompanharam até o púlpito — a única coisa intacta à vista. Sobre ele, deitado de través sobre o Livro blasfemo, os olhos vidrados voltados em nossa direção, estava o corpo de um cordeiro abatido.

— Meu Deus — sussurrou Cal.

Aproximamo-nos, evitando pisar na gosma que sujava o chão. As paredes ecoavam nossos passos e pareciam transformá-los no som de uma gigantesca gargalhada.

Subimos juntos ao nártex. O cordeiro não fora esquartejado nem comido; dava mais a impressão de ter sido espremido até que seus vasos sangüíneos estourassem sob a pressão. O sangue se espalhava sobre o púlpito em poças espessas e nauseabundas, escorrendo até a base... não

obstante, sobre o livro ele era transparente e através dele era possível ver os caracteres rúnicos, como por um vidro colorido!

— Temos que tocar nele? — indagou Cal, sem fraquejar.

— Sim. Precisamos levá-lo.

— Que fará o senhor?

— O que deveria ter sido feito há sessenta anos: vou destruí-lo.

Afastamos o corpo do cordeiro de cima do livro; chocou-se no chão com um ruído hediondo. Agora, as páginas manchadas de sangue pareciam vivas, com um brilho próprio de cor escarlate.

Meus ouvidos começaram a retinir e zumbir; um cântico grave dava a impressão de emanar das paredes. Pela expressão contorcida no rosto de Cal, percebi que ele também ouvia. O chão sob nós estremeceu, como se o espectro familiar que assombrava a igreja descesse sobre nós, a fim de proteger seus parentes. A tessitura de sanidade do espaço e do tempo pareceu torcer-se e estalar; a igreja dava a impressão de estar cheia de espectros e iluminada com o brilho infernal do eterno fogo frio. Tive a sensação de ver James Boon, hediondo e monstruoso, dançando ao redor do corpo estendido de uma mulher; e meu tio-avô Philip atrás dele, um acólito trajando um manto negro com capuz, segurando uma faca e uma tigela.

"Deum vobiscum magna vermis... "..

As palavras tremiam e se contorciam na página ante meus olhos, encharcadas no sangue do sacrifício, oferenda a uma criatura que vagava além das estrelas...

Uma congregação cega, de cruzamentos consangüíneos, balançandose em louvores dementes e demoníacos; caras deformadas por uma expectativa voraz e inominável...

E o latim foi substituído por uma língua mais antiga, velha quando o Egito era jovem e as pirâmides ainda não existiam, velha quando a Terra ainda flutuava num firmamento disforme e fervente de gás:

"Gyyagin vardar Yogsoggoth! Yerminis! Gyyagin! Gyyagin! "

O púlpito começou a rachar-se e partir-se, sendo empurrado para cima...

Calvin gritou e ergueu um braço para proteger o rosto. O nártex estremeceu num movimento enorme e tenebroso como 'o de um navio sacudido pela tempestade. Peguei o livro e o segurei afastado de mim; parecia cheio do calor do sol e pressenti que me transformaria em cinzas, cegando-me.

— Fuja! — berrou Calvin. — Fuja!

Mas fiquei petrificado e a estranha presença encheu-me como a um vaso antigo que esperara durante anos — durante gerações!

— Gyyagin vardar! — gritei. — Servo de Yogsoggoth, o Inominável! O Verme de além do Espaço! Devorador de Estrelas! Aquele que cega o Tempo! Verminis! Agora chegou a Hora de Encher, a Hora da Entrega! Verminis! Alyah! Alyah! Gyyagín!

Calvin empurrou-me e tropecei, a igreja girando diante de mim. Caí ao chão. Minha cabeça bateu na quina de um banco tombado e encheu-se de fogo vermelho — que, apesar de tudo, deu a impressão de limpá-la.

Tateei em busca dos fósforos que trouxera comigo.

Um trovão subterrâneo encheu o ambiente. Reboco caía das paredes e do teto. O enferrujado sino na torre badalou um carrilhão asfixiado e demoníaco, em ritmo com as vibrações.

Acendi um fósforo. Levei a chama ao livro no instante em que o púlpito foi lançado pelos ares numa explosão de lascas de madeira. Um enorme buraco negro surgiu no local; Cal cambaleou à beira do buraco, as mãos estendidas para a frente, o rosto contraído num grito que escutarei para sempre.

Então, ocorreu uma imensa onda de carne cinzenta e vibrante. O fedor transformou-se numa maré de pesadelo. Um enorme derramar de uma geléia viscosa e purulenta, uma tremenda e horrível forma que pareceu emergir como um foguete das entranhas da terra.

Apesar disso, com uma terrível e repentina compreensão que homem nenhum pode ter conhecido, percebi que era apenas um anel, um segmento, de um verme monstruoso que existira, sem olhos, durante muitos anos, na escuridão oculta sob a abominável igreja!

O livro incendiou-se em minhas mãos e a Coisa pareceu emitir um grito mudo acima de mim. Calvin foi atingido de raspão e atirado através da igreja como uma boneca com o pescoço quebrado.

Amainou — a coisa sumiu, deixando apenas um enorme buraco de bordas irregulares, rodeado de lama negra, e um pavoroso som gritado e lamentoso que deu a impressão de diminuir através de distâncias colossais até desaparecer.

Baixei os olhos. O livro estava transformado em cinzas.

Comecei a rir e, depois, a uivar como um animal ferido.

Toda a sanidade mental me abandonou e sentei-me no chão, com o sangue escorrendo da testa, gritando e balbuciando naquelas trevas profanadas, enquanto Cal, atirado no canto oposto, fitava-me com olhos vidrados e cheios de pavor.

Não faço idéia de quanto tempo passei naquele estado. É impossível saber. Todavia, quando recobrei as faculdades mentais, as sombras marcavam compridas riscas ao meu redor e eu estava sentado à luz do crepúsculo. Pelo canto do olho, percebi um movimento no buraco do chão do nártex.

Uma mão tateou sobre as tábuas rachadas do assoalho.

Meu riso louco engasgou-se. Toda a histeria fundiu-se em uma dormência insensível.

Com uma lentidão terrível e vingativa, uma figura devastada içou-se da escuridão e uma caveira carcomida pela metade olhou para mim. Besouros rastejavam na testa descarnada. Uma sotaina apodrecida pendia das clavículas tortas e putrefactas. Só os olhos viviam — vermelhos e insanos, fitavam-me com algo mais que loucura; brilhavam com a vida vazia das regiões desoladas situadas além da orla do Universo.

Avançou a fim de me arrastar para a escuridão.

Foi então que fugi, gritando desesperadamente, abandonando o cadáver de meu amigo de toda a vida naquele lugar de morte. Corri até que o ar deu a impressão de queimar como magma nos pulmões e no cérebro. Corri até chegar de volta a esta casa possessa e marcada, até entrar no meu quarto, onde caí e tenho permanecido como um morto até hoje. Corri porque, mesmo naquele estado de loucura, mesmo na forma daquela ruína humana morta mas animada, vi a semelhança de família. Ainda assim, não era Robert nem Philip, cujos retratos estão na galeria superior. Aquele rosto putrefacto pertencia a James Boon, Guardião do Verme!

Ele ainda vive em algum lugar nos tortuosos e negros caminhos que ligam Jerusalem's Lot a Chapelwaite — e a Coisa ainda vive. A queima do livro mutilou-a, mas existem outros exemplares.

Contudo, estou no umbral e sou o último da linhagem dos Boone. Devo morrer para o bem de toda a humanidade... quebrando para sempre a corrente.

Agora, vou ao mar, Bones. Minha jornada, como minha narrativa, está chegando ao fim.

Que Deus lhe dê descanso e paz.

CHARLES.

Esta estranha coleção de documentos foi eventualmente recebida pelo Sr. Everett Granson, a quem tinham sido endereçadas as cartas. Presume-se que uma desafortunada recaída da febre cerebral que o acometeu pela primeira vez após a morte da esposa em 1848 tenha causado a insanidade mental de Charles Boone, levando a assassinar o companheiro e amigo de muitos anos, Sr. Calvin McCann.

Os registros no diário de bolso do Sr. McCann constituem um fascinante exemplo de falsificação, indubitavelmente perpetrado por Charles Boone no intento de reforçar suas ilusões paranóicas.

Em pelo menos dois detalhes, porém, provou-se que Charles Boone estava enganado.

Primeiro, quando o povoado de Jerusalem's Lot foi "redescoberto" (no sentido histórico do termo, é claro), o chão do nártex, embora apodrecido, não mostrava sinais de explosão ou de grandes danos. Apesar de os velhos bancos estarem tombados e haver várias vidraças quebradas, pode-se presumir que isto foi obra de vândalos das povoações vizinhas no decorrer dos anos. Entre os habitantes mais idosos de Preacher's Correr e Tandrill ainda correm boatos a respeito de Jerusalem's Lot (talvez, naquela época, tenha sido esse tipo inofensivo de folclore local que levou a mente de Charles Boone ao rumo fatal), mas isto parece pouco relevante.

Segundo, Charles Boone não era o último de sua linhagem. Seu avô, Robert Boone, gerou ao menos dois filhos bastardos. Um morreu na infância. O segundo adotou o sobrenome Boone e radicou-se na cidade de Central Falls, em Rhode Island. Sou o último descendente desse ramo da linhagem Boone; primo em terceiro grau de Charles Boone, separado dele por três gerações. Os documentos estão em meu poder há dez anos. Ofereço-os à publicação por ocasião de minha mudança para o lar dos ancestrais dos Boone, Chapelwaite, na esperança de que o leitor encontrará no coração piedade pela pobre alma desorientada de Charles Boone. Até onde posso perceber, ele estava correto em apenas uma coisa: esta casa necessita urgentemente dos serviços de um exterminador de ratos.

Pelo barulho, existem ratos enormes nas paredes.

Assinado,

James Robert Boone

2 de outubro de 1971

* * *

MATÉRIA CINZENTA

Durante toda a semana vinham prevendo uma tempestade do norte e ela chegou por volta de quinta-feira, uma nevasca violenta, com ventos uivantes, que deixou uma camada de dez centímetros de neve às quatro da tarde e não deu sinal de arrefecer. Os quatro ou cinco de costume estavam reunidos em torno do Confiável no Coruja Noturna de Henry, que é o único estabelecimento para cá de Bangor que fica aberto dia e noite.

Henry não faz grandes negócios — o movimento, em grande parte, resulta de vender cerveja e vinho aos universitários —, mas ganha o suficiente para viver bem e o bar é um bom lugar para nós, velhos aposentados, nos reunirmos e falarmos de quem morreu e de como o mundo está indo para o brejo.

Nessa tarde, Henry estava ao balcão; Bill Pelham, Bertie Connors, Carl Littlefield e eu estávamos perto do fogão. Lá fora, nenhum carro se movimentava na Ohio Street e os tratores de limpar neve trabalhavam como loucos. O vento soprava forte, formando montinhos de neve que pareciam o dorso de um dinossauro.

Henry só tivera três fregueses a tarde inteira — isto é, sem contar o cego Eddie. Eddie tem cerca de setenta anos e não é totalmente cego. Mas vive esbarrando nas coisas.

Aparece uma ou duas vezes por semana, enfia um pão embaixo do braço e sai com uma expressão no rosto que parece dizer: aí está, seus estúpidos filhos da puta, enganeis outra vez.

Certa feita, Bertie perguntou a Henry por que motivo não colocava um ponto final naquilo.

— Vou-lhe contar — respondeu Henry. — Alguns anos atrás, a Força Aérea queria vinte milhões de dólares para construir o protótipo de um avião que havia projetado. Bem, custou-lhe setenta e cinco milhões e não conseguiu voar. Isso aconteceu há dez anos, quando o cego Eddie e eu éramos consideravelmente mais moços, e eu votei na mulher que apoiou a lei em favor da construção do avião. Eddie votou contra ela. Desde então, eu pago o pão dele.

Bertie pareceu não entender muito bem a resposta, mas recostou-se na cadeira para refletir a respeito.

Agora, a porta tornou a se abrir, deixando entrar uma lufada do gelado e cinzento lá de fora, e um garoto entrou, batendo os pés no chão para tirar a neve das botas. Identifiquei-o num segundo. Era o filho de Richie Grenadine e parecia ter acabado de beijar a extremidade errada de um bebe. Seu pomo-de-adão subia e descia sem parar e o rosto estava da cor de oleado velho e desbotado.

— Sr. Parmalee — disse ele a Henry, os olhos girando na cabeça como rolamentos de esferas. — O senhor tem que vir. Tem que pegar a cerveja e vir comigo. Não posso voltar lá fora. Estou com medo.

— Vamos com calma — disse Henry, tirando o avental branco de açougueiro e dando a volta ao balcão. — O que há? Seu pai tomou um pileque?

Quando ele disse aquilo, dei-me conta de que Richie não aparecia há algum tempo.

Geralmente, vinha uma vez por dia apanhar uma caixa da cerveja que fosse mais barata no momento — um homenzarrão gordo, com bochechas como bunda de porco e braços como presuntos. Richie sempre foi um porco em matéria de cerveja, mas sabia controlar-se quando trabalhava na serraria em Clifton. Então, algo aconteceu — uma empilhadeira funcionou mal, ou o erro foi do próprio Richie — e ele ficou desempregado, na maior boa vida, tendo recebido uma indenização da serraria. Algum problema com suas costas. De qualquer forma, engordou como um capado. Não aparecera ultimamente, embora eu de vez em quando visse o garoto vir

buscar sua caixa diária de cerveja. Henry vendia a cerveja, pois sabia que o menino apenas cumpria as ordens do pai.

— Ele tem estado de pileque — respondeu o garoto, agora. — Mas não é esse o problema. É... é... oh, Deus, é horrível!

Henry percebeu que ia chorar, de modo que se apressou em dizer:

— Carl, quer cuidar das coisas aqui por um minuto?

— Claro.

— Agora, Timmy, venha comigo ao depósito e conte-me o que há.

Foi na frente do menino e Carl contornou o balcão, sentando-se no tamborete de Henry.

Ninguém disse nada durante bastante tempo. Podíamos escutá-los lá nos fundos, a voz grave e lenta de Henry e as respostas agudas de Timmy Grenadine, falando muito depressa. Então, o garoto começou a chorar e Bill Pelham pigarreou, começando a encher o cachimbo.

— Faz uns dois meses que não vejo Richie — comentei.

Bill resmungou:

— Não perdeu nada com isso.

— Ele esteve aqui... oh, perto do final de outubro — disse Carl. — Na época da Noite das Bruxas. Comprou uma caixa de cerveja Sclitz. Estava enorme de gordo.

Não havia muito mais a dizer. O menino continuava a chorar, mas não parava de falar.

Lá fora, o vento ainda uivava e o rádio anunciou que teríamos mais quinze centímetros de neve pela manhã. Estávamos em meados de janeiro e tentei adivinhar se alguém vira Richie desde outubro isto é, excetuando o menino.

A conversa prosseguiu durante bastante tempo, mas, afinal, Henry e o garoto voltaram.

O menino tirara o casaco, mas Henry vestira o seu. O garoto respirava fundo, como a gente costuma fazer quando o pior já passou, mas tinha os olhos vermelhos e logo que lançava um olhar a alguém, tornava a baixá-los para o chão.

Henry parecia preocupado.

— Acho que vou mandar o Timmy, aqui, lá para cima e mandar minha mulher preparar um queijo quente ou coisa assim. Talvez uns dois de vocês queiram ir comigo à casa de Richie. Timmy diz que ele quer mais cerveja e já me deu o dinheiro.

Tentou sorrir, mas o resultado foi ruim e ele desistiu logo.

— Claro — disse Bertie. — Que marca de cerveja? Eu vou buscar.

— Pegue Harrow's Supreme — respondeu Henry. — Ainda temos algumas caixas a preço antigo.

Levantei-me também. Teríamos que ser Bertie e eu. A artrite de Carl piorava muito em dias como aquele e Billy Pelham praticamente perdeu o uso do braço direito.

Bertie pegou quatro embalagens de seis latas de Harrow's e eu as arrumei numa caixa, enquanto Henry subiu ao apartamento do sobrado para levar o garoto.

Bem, ele acertou tudo com a patroa e tornou a descer, olhando por cima do ombro para certificar-se de que a porta do apartamento estava fechada.

Billy perguntou, quase explodindo de curiosidade:

— O que há? Richie anda espancando o garoto?

— Não — replicou Henry. — Prefiro não dizer nada, por enquanto. Poderia parecer maluquice. Mesmo assim, vou-lhes mostrar uma. coisa: o dinheiro que Timmy trouxe para pagar a cerveja.

Tirou quatro notas de um dólar do bolso, segurando-as por um dos cantos. Não o censurei. O dinheiro estava coberto por uma coisa cinzenta e pegajosa, que parecia a espuma que se forma nos vidros de conservas estragadas. Henry colocou as botas sobre o balcão e, com um sorriso esquisito, disse a Carl:

— Não deixe ninguém tocar nelas. Não se metade do que o garoto disse for verdade!

E foi até a pia do balcão de carnes lavar as mãos.

Vesti o casaco e o cachecol, abotoando-me bem. Não adiantava pegar um carro; Richie morava num prédio de apartamentos na Curve Street, que é tão íngreme quanto a lei permite, de modo que é o último lugar onde os tratores de neve iriam trabalhar.

Quando estávamos saindo, Bill Pelham disse:

— Tomem cuidado.

Henry limitou-se a assentir com a cabeça e colocamos a cerveja no carrinho de entregas que ele mantém junto à porta. E lá fomos nós.

O vento nos atingiu como uma lâmina de serra e puxei o cachecol para proteger as orelhas. Paramos um instante à porta, enquanto Bertie calçava as luvas. Tinha uma careta de dor no rosto e bem sei como se sentia. Os mais jovens podem esquiar o dia inteiro e andar naqueles malditos

carrinhos de neve, que zumbem como vespas, até tarde da noite; mas quando a gente chega aos setenta anos sem trocar o óleo, sente o vento nordeste no coração.

— Não quero assustar vocês — disse Henry, ainda com aquele esquisito sorriso de repulsa nos lábios. — Mesmo assim, vou-lhes mostrar isto. E, enquanto andamos até lá, vou contar o que o garoto me disse... porque quero que vocês saibam, entendem?

E tirou do bolso do casaco um revólver calibre 45 — a arma que ele sempre mantinha carregada e pronta sob o balcão desde que começara a funcionar vinte e quatro horas por dia, nos idos de 1958. Não sei onde ele arranjou o revólver, mas sei que uma vez exibiu-o a um assaltante e o sujeito deu meia-volta depressa, tratando de fugir pela porta. Henry era um cara frio, no duro. Vi-o jogar na rua um universitário que entrou na loja e o aborreceu com a estória de descontar um cheque. O rapaz saiu andando como se estivesse com a bunda fora do lugar e quisesse ir ao banheiro.

Bem, só lhes conto isso porque Henry queria que Bertie e eu soubéssemos que falava sério. E nós sabíamos.

Portanto, começamos a avançar contra o vento dobrados como mulheres lavando o chão, Henry empurrando o carrinho e contando-nos o que o garoto lhe dissera. O vento tentava levar as palavras antes que pudéssemos escutá-las, mas conseguimos captara maior parte — mais do que desejávamos. Fiquei muito satisfeito por saber que Henry levava o trabuco no bolso do casaco.

O garoto disse que deve ter sido a cerveja — todo mundo encontra uma lata estragada de vez em quando. Choca, ou fedorenta, ou esverdeada, ou pestilenta como as cuecas de um irlandês. Certa vez, um sujeito me disse que basta um furinho na lata para permitir a entrada das bactérias que causam essas coisas estranhas. O buraco pode ser tão pequeno que a cerveja nem chega a sair, mas as bactérias conseguem entrar. E cerveja é um ótimo alimento para os tais bichinhos.

De qualquer maneira, o garoto contou que Richie levou para casa uma caixa de Golden Light, como sempre costumava fazer, naquela noite de outubro. Sentou-se para dar cabo da cerveja enquanto Timmy fazia os deveres de casa que trouxera da escola.

Timmy já ia deitar-se quando escutou Richie dizer:

— Jesus Cristo, isto está ruim!

E Timmy perguntou:

— O que, Papai?

— Esta cerveja — respondeu Richie. — Deus, foi o pior gosto que já tive na boca!

A maioria das pessoas ficaria admirada por Richie ter bebido a cerveja, já que tinha um gosto tão ruim, mas acontece que a maioria das pessoas nunca viu Richie Grenadine atacar uma lata de cerveja. Uma tarde, estive em Wally's Spa e vi Richie ganhar a aposta mais estranha. Apostou com um sujeito que seria capaz de beber vinte e dois copos pequenos de cerveja em um minuto. Nenhum dos locais topou a aposta, mas um vendedor de Montpellier colocou sobre o balcão uma nota de vinte dólares e Richie cobriu a aposta. Bebeu todos os copos com sete segundos de sobra — embora mal conseguisse ficar em pé quando saiu. Portanto, calculo que a maior parte daquela lata de cerveja já estivesse no estômago de Richie antes que seu cérebro conseguisse dar o alarme.

— Vou vomitar — disse Richie ao menino. — Cuidado!

Mas quando chegou ao banheiro já tinha botado tudo para fora e ele deu o caso por encerrado. O menino disse que cheirou a lata e teve a impressão de que havia algum bicho morto lá dentro. Havia um pouco de espuma cinzenta na tampa.

Dois dias depois, o garoto voltou da escola e encontrou Richie sentado diante da televisão, assistindo às novelas da tarde, com todas as cortinas do apartamento fechadas.

— O que há? — indagou Timmy, pois Richie nunca costumava chegarem casa antes das nove da noite.

— Estou vendo a televisão — replicou Richie. — Não tive vontade de sair hoje.

Timmy acendeu a lâmpada sobre a pia e Richie berrou:

— Apague essa maldita luz!

Timmy obedeceu, sem perguntar como iria fazer os deveres de casa no escuro. Quando Richie fica irritado, a gente não lhe faz perguntas.

— E vá comprar uma caixa de cerveja — acrescentou Richie. — O dinheiro está em cima da mesa.

Quando o garoto voltou com a cerveja, o pai ainda estava sentado no escuro; só que lá fora também já estava escuro. E a televisão desligada. O menino começou a sentir medo — bem, quem não sentiria? Nada senão um apartamento escuro e o pai sentado a um canto, como um monte de carne inanimada.

Portanto, Timmy colocou a cerveja em cima da mesa, sabendo que Richie não tomava cerveja muito gelada porque lhe provocava pontadas na testa, e quando se aproximou do pai começou a notar uma espécie de cheiro podre, como queijo velho que alguém deixou fora da geladeira durante o fim de semana. Todavia, não se preocupou muito, porque o pai nunca foi o que se pudesse chamar de primor de higiene. Em vez disso, foi para seu quarto, fechou a porta e começou a fazer os deveres de casa. Depois de algum tempo, escutou a televisão voltar a funcionar e o barulho de Richie abrindo a primeira lata de cerveja daquela noite.

E foi assim que as coisas correram durante cerca de duas semanas. O menino acordava de manhã, ia para a escola e, quando voltava para casa, Richie estava diante da televisão e o dinheiro da cerveja em cima da mesa.

O apartamento cheirava cada vez mais a azedo. Richie se recusava a abrir as cortinas e, por volta de meados de novembro, proibiu Timmy de estudar no quarto, alegando que não suportava a luz que saía por baixo da porta. Assim sendo, Timmy passou a estudar na casa de um colega, após levar a cerveja para o pai.

Então, certo dia Timmy voltou da escola — às quatro horas, quando já estava quase anoitecendo no inverno — e Richie disse:

— Acenda a luz.

O garoto acendeu a luz sobre a pia e diabos se Richie não estava todo enrolado num cobertor.

— Veja — disse Richie.

E estendeu uma das mãos para fora do cobertor. Só que não era uma mão. Uma coisa cinzenta, foi tudo que o menino conseguiu dizer a Henry. Não parecia uma mio. Apenas uma massa informe cinzenta.

Bem, Timmy Grenadine ficou assustado de verde. Perguntou:

— Papai, o que está acontecendo com você?

E Richie respondeu:

— Não sei. Mas não dói. É até... meio agradável.

Então, Timmy disse:

— Vou chamar o Dr. Westphail.

E o cobertor começou a tremer todo, como se alguma coisa horrível tremesse — toda — por baixo dele. Richie replicou:

— Não se atreva. Se fizer isso, encosto em você e vai acabar ficando igual a mim.

E baixou o cobertor por um instante, deixando a cabeça à mostra.

A essa altura, tínhamos chegado à esquina de Harlow e Curve Street; eu estava ainda mais frio que a temperatura marcada no termômetro de propaganda da Crush ria loja de Henry quando saíamos. Ninguém deseja acreditar em tais coisas, mas, mesmo assim, existe muita coisa esquisita neste mundo.

Conheci um sujeito chamado George Kelso, que trabalhava para o Departamento de Obras Públicas de Bangor. Passou quinze anos consertando encanamentos de água, emendando fios elétricos e assim por diante; de repente, a menos de dois anos de completar o tempo de aposentadoria, pediu demissão. Frank Haldeman, que o conhecia, disse que George desceu para uma tubulação de esgoto na Essex Street, rindo e pilheriando como sempre, e tomou a subir quinze minutos depois com o cabelo branco como neve e os olhos esbugalhados como se tivesse espiado pela janela do inferno. Foi diretamente à garagem do Departamento de Obras Públicas, bateu o cartão de ponto, correu à Wally's Spa e começou a beber. Morreu dois anos depois, por causa da bebida.

Frank contou que tentara conversar com ele a respeito e que George disse alguma coisa em certa ocasião, quando estava completamente embriagado. George virou-se no tamborete do bar e perguntou a Frank Haldeman se este já tinha visto uma aranha grande como um cão de bom tamanho, sentada no centro de uma teia cheia de gatinhos e outros pequenos animais presos nos fios de seda. Bem, que poderia Frank responder?

Não estou querendo dizer que isto seja verdade, mas afirmo que existem coisas pelos cantos deste mundo capazes de enlouquecer qualquer pessoa que as veja.

Portanto, ficamos parados na esquina durante um minuto, a despeito do vento que uivava na rua.

— O que viu o garoto? — indagou Bertie.

— Ele disse que ainda conseguia ver o pai — respondeu Henry. — Mas Richie parecia coberto de geléia cinzenta... e estava todo amassado. Timmy disse que as roupas penetravam no corpo do pai, dando a impressão de se fundirem com a carne.

— Santo Deus! — exclamou Bertie.

— Então, Richie tornou a cobrir-se e começou a berrar para que o menino apagasse a luz.

— Como se fosse um fungo — disse eu.

— Sim — concordou Henry. — Mais ou menos isso.

— Fique com o revólver à mão — aconselhou Bertie.

— Sim, acho melhor.

E, com isso, começamos a subir a ladeira de Curve Street.

O prédio onde ficava o apartamento de Richie Grenadine estava situado quase no topo da ladeira, um daqueles enormes monstros em estilo victoriano que foram construídos pelos magnatas da madeira na virada do século. Atualmente, quase todos eles estão transformados em casas de cômodos, divididas em pequenos apartamentos. Quando Bertie recuperou o fôlego, informou que Richie morava no terceiro andar, abaixo da empena superior que se projetava do telhado como um supercílio. Aproveitei a oportunidade para perguntar a Henry o que acontecera ao menino depois daquilo.

Na terceira semana de novembro, o garoto voltou para casa e descobriu que Richie fora além de fechar as cortinas: pregara cobertores em todas as janelas do apartamento. O fedor piorava ainda mais — uma espécie de cheiro de mofo, como o produzido por frutas postas a fermentar com lêvedo.

Cerca de uma semana depois disso, Richie passou a mandar o filho esquentar a cerveja no fogão. Podem imaginar tal coisa? O garoto sozinho naquele apartamento, com o pai se transformando em bem, em alguma coisa... esquentando cerveja para ele e sendo obrigado a escutá-lo beber com um barulho horrível, como um velho desdentado tomando sopa podem imaginar?

E assim correram as coisas até aquele dia, quando as aulas do menino terminaram mais cedo por causa da nevasca.

— Timmy contou que foi direto para casa — disse-nos Henry. — Não há lâmpada no corredor — o garoto alega que o pai deve ter saído às escondidas do apartamento, numa noite dessas, e quebrado a lâmpada — de modo que ele foi obrigado a tatear até encontrar a porta.

— Então, escutou alguma coisa se movimentando lá dentro e, de repente, veio-lhe à mente o fato de não saber o que Richie faz o dia inteiro, uma semana após outra. Há quase um mês ele não via o pai se mover da cadeira e um homem precisa dormir e ir ao banheiro de vez em quando.

— Existe um olho-mágico bem no centro da porta, ou melhor, uma espécie de portinhola, que tinha um fecho por dentro. Mas o fecho está quebrado desde que eles moram lá.

Portanto, o garoto se esgueirou até a porta e entreabriu a portinhola com o dedo, a fim de espiar para o interior.

A essa altura, estávamos no pé da escada e a casa se erguia acima de nós como uma enorme carranca, as janelas do terceiro andar fazendo as vezes de olhos. Olhei para cima e, realmente, as duas janelas estavam negras como piche. Como se alguém as tivesse tapado com cobertores ou pintado as vidraças de preto.

— Levou algum tempo até que os olhos de Timmy se acostumassem à escuridão. Então, ele viu uma grande massa disforme cinzenta, em nada semelhante a um homem, rastejando pelo chão e deixando atrás de si um rastro cinzento e pegajoso. Então, aquela coisa esticou um braço — ou algo parecido com um braço — e retirou uma das tábuas da parede. E tirou um gato de dentro do buraco.

Henry fez uma pausa. Bertie batia as mãos uma na outra e fazia um frio dos diabos ali na rua, mas nenhum de nós ainda estava pronto para subir.

— Um gato morto — disse Henry. — Putrefacto. Timmy disse que o animal parecia todo duro e inchado... e coberto de vermes brancos...

— Pare — disse Bertie. — Pelo amor de Deus.

— Então, Richie comeu o gato.

Tentei engolir e senti uma coisa pegajosa na garganta.

— Foi então que Timmy fechou a portinhola — concluiu Henry em voz baixa. — E fugiu.

— Acho que não conseguirei subir — declarou Bertie.

Henry ficou calado, limitando-se a olhar de Bertie para mim e vice-versa.

— Acho melhor subirmos — disse eu. — Trouxemos a cerveja de Richie.

Bertie não protestou, de modo que galgamos a escada e passamos pela porta do vestíbulo. Senti imediatamente o cheiro.

Conhecem o cheiro de uma fábrica de cidra no verão? É impossível eliminar o cheiro das maçãs, mas no outono não é tão ruim, porque o odor é bastante forte e penetrante para entupir o nariz da gente. Mas no verão, apenas fede. Era um cheiro assim, só que ainda pior.

Havia uma lâmpada no corredor do térreo, fraca e amarela, coberta por um globo fosco e produzindo uma luz pálida como creme de leite. E os degraus subiam para as sombras.

Henry parou o carrinho e enquanto ele retirava a caixa de cerveja eu apertei o interruptor junto à escada, que controlava a lâmpada do andar superior. Mas, como dissera o menino, a lâmpada estava quebrada.

Bertie disse com voz trêmula:

— Eu levo a cerveja. Pegue o revólver.

Henry não discutiu. Entregou a caixa a Bernie e começamos a subir. Henry na frente, depois eu, finalmente Bertie carregando a caixa. Quando chegamos ao patamar de cima, o cheiro estava muito pior. Fedor de maçãs podres, fermentadas, e um odor ainda mais fétido.

Quando eu morava em Levant, tive um cachorro — chamava-se Rex —, um bom cão, mas não muito esperto em relação a automóveis. Uma tarde, quando eu estava no trabalho, ele foi atropelado e se arrastou para baixo da casa, onde morreu. Meu Deus, que fedor!

Afinal, fui obrigado a rastejar até lá e retirá-lo com uma vara. Aquele outro cheiro era igual: pútrido, cheio de moscas, imundo.

Até então, eu pensava que talvez fosse algum tipo de pilhéria, mas agora percebi que não era.

— Cristo! Por que os vizinhos não chamam Harry? — perguntei.

— Que vizinhos? — retrucou Henry, exibindo outra vez aquele sorriso esquisito.

Olhei em volta e percebi que o corredor estava empoeirado, com ar de abandonado, e que as portas dos três apartamentos naquele andar se achavam fechadas e trancadas com cadeados.

— Quem é o dono da casa? — perguntou Bertie, descansando a caixa na extremidade do corrimão e recobrando o fôlego. — Gaiteau? Espantame que não tenha expulsado Richie daqui.

Quem subiria até lá para expulsá-lo? — quis saber Henry. — Você?

Bertie ficou calado.

Afinal, começamos a subir o lance seguinte, cujos degraus eram ainda mais estreitos e íngremes que o anterior. Estava ficando mais quente, também. Parecia que todos os radiadores do local silvavam e estalavam. O cheiro era terrível. Comecei a sentir-me como se alguém me remexesse as tripas com uma vara.

Lá em cima, um pequeno corredor e uma porta com uma portinhola à guisa de olhomágico.

Bertie emitiu um grito abafado e sussurrou:

— Vejam no que estamos pisando!

Olhei para o chão e vi toda aquela gosma, formando pequenas poças. Parecia ter existido um tapete, mas aquela matéria cinzenta o devorara.

Henry andou até a porta e fomos atrás dele. Não sei quanto a Bertie, mas eu tremia da cabeça aos pés. Henry, porém, não hesitou: ergueu o revólver e bateu com a coronha na porta.

— Richie? — chamou ele; embora pálido, sua voz não dava sinais de medo. — Aqui é Henry Parmalee, do Coruja Noturna. Trouxe sua cerveja.

Durante um minuto, talvez, não houve resposta. Então, uma voz perguntou:

— Onde está Timmy? Onde está meu filho?

Quase fugi, então. Aquela voz não era humana. Era esquisita, baixa e borbulhante, como alguém falando através de um bocado de sebo.

— Está na minha loja, fazendo uma refeição decente — respondeu Henry. — O garoto está magro como um gato de rua, Richie.

Nada durante algum tempo. Então, um horrível barulho molhado, como um homem de botas de borracha andando num atoleiro. Depois, aquela voz podre falou do outro lado da porta.

— Abra a porta e empurre a cerveja para dentro — disse ela. — Só que você vai ter que puxar o anel do trinco, primeiro. Eu não posso.

— Num instante — replicou Henry. — Como está você, Richie?

— Não interessa — respondeu a voz, horrivelmente ansiosa. — Empurre a cerveja e vá embora!

— Já não são só gatos mortos, hem? — disse Henry, parecendo triste.

Já não segurava o revólver pelo cano, mas empunhava-o pela coronha, pronto para atirar.

Então, num relance, fiz a associação mental que Henry já fizera, talvez até mesmo enquanto Timmy relatava o caso. O cheiro de putrefação dobrou em minhas narinas quando estabeleci a ligação. Durante as últimas três semanas, duas garotas e um velho pau-d'água do Exército da Salvação haviam desaparecido — todos depois do anoitecer.

— Empurre a cerveja para dentro ou sairei para buscá-la — disse a voz.

Henry fez sinal para que recuássemos e obedecemos.

— Acho melhor você vir buscar, Richie.

E engatilhou o revólver.

Nada. Nada durante longo tempo. Para dizer a verdade, tive a impressão de que tudo terminara. Então, a porta se abriu com violência, tão de

repente e com tanta força que chegou a estofar-se antes de ser atirada contra a parede. E Richie saiu.

Numa fração de segundo, apenas uma fração de segundo, Bertie e eu descemos as escadas como meninos de escola, quatro ou cinco degraus de cada vez, e saímos pela porta principal para a neve da rua, escorregando e derrapando.

Enquanto descíamos, escutamos Henry atirar três vezes, os estampidos reboando como granadas nos corredores fechados daquela casa deserta e mal-assombrada.

O que vimos naquela fração de segundo ficará comigo a vida inteira — ou o que resta dela. Foi como uma imensa onda de geléia cinzenta, geléia que parecia um homem, deixando atrás de si um rastro pegajoso.

Mas isso não foi o pior. Os olhos eram chatos, amarelos e selvagens, desprovidos de alma humana. Só que não eram apenas dois — eram quatro. E na entrada daquela coisa, entre os dois pares de olhos, havia uma linha branca e fibrosa, através da qual aparecia uma espécie de carne pulsante e rosada, como um corte na barriga de um porco.

A coisa se dividia, entendem? Dividia-se em duas.

No caminho de volta à loja, Bertie e eu não trocamos uma só palavra. Não sei o que lhe ia na mente, mas sei muito bem o que ia na minha: a tabuada de multiplicação. Dois vezes dois são quatro, quatro vezes dois são oito, oito vezes dois são dezesseis, dezesseis vezes dois são...

Chegamos. Carl e Bill Pelham levantaram-se de um pulo e começaram de imediato a fazer perguntas. Bertie e eu não respondemos, nenhum dos dois. Simplesmente nos viramos para porta, a fim de vermos se Henry ia entrar da rua coberta de neve. Eu já estava em 32.768 vezes dois é o fim da raça humana, de modo que tratamos de tomar cerveja e esperar para ver qual dos dois voltaria finalmente. E ainda estamos sentados aqui.

Espero que seja Henry. Claro que espero.

* * *

O FANTASMA

— Vim porque desejo contar-lhe minha história — disse o homem deitado no sofá do Dr. Harper.

O homem era Lester Billings, de Waterbury, Connecticut. De acordo com os dados anotados pela Enfermeira Vickers, tinha vinte e oito anos de idade, era empregado de uma firma industrial em Nova York, divorciado e pai de três filhos. Todos falecidos.

— Não posso procurar um padre porque não sou católico. Não posso procurar um advogado porque não tenho motivo algum para contratar um advogado. Tudo que fiz foi matar meus filhos. Um de cada vez. Matei-os todos.

O Dr. Harper ligou o gravador.

Billings estava deitado reto como uma vara no sofá, sem relaxar um único centímetro do corpo. Seus pés sobravam rigidamente sobre a beirada. A figura de um homem suportando uma humilhação necessária. Tinha as mãos cruzadas sobre o peito, como um cadáver. O rosto estava cuidadosamente composto. Fitava o teto liso e branco como se visse cenas e quadros projetados nele.

— Quer dizer que realmente os matou, ou...

— Não — um leve gesto impaciente com a mão. — Mas fui responsável. Denny em 1967.

Shirl em 1971.E Andy este ano. Quero lhe contar tudo a respeito.

O Dr. Harper permaneceu calado. Achava que Billings parecia abatido e envelhecido.

Os cabelos ralos, a pele descorada. Os olhos continham todos os miseráveis segredos do uísque.

— Foram assassinados, entende? Só que ninguém acredita nisso. Se acreditassem, tudo estaria bem.

— Por quê?

— Porque...

Billings interrompeu-se e se ergueu nos cotovelos, olhando através da sala.

— O que é aquilo? — perguntou rispidamente, os olhos apertando-se até serem meras fendas entre as pálpebras.

— O quê?

— Aquela porta?

— O armário embutido — disse o Dr. Harper. — Onde penduro o sobretudo e guardo as galochas.

— Abra. Quero ver.

O Dr. Harper levantou-se sem uma só palavra, atravessou a sala e abriu o armário. Lá dentro, um sobretudo castanho-amarelado pendurado num dos quatro ou cinco cabides.

Embaixo dele, um par de galochas brilhantes. O The New York Times fora cuidadosamente enfiado numa delas. Nada mais.

— Tudo bem? — indagou o Dr. Harper.

— Tudo bem — replicou Billings, deixando de apoiar-se nos cotovelos e voltando à posição anterior.

— Você estava dizendo — disse o Dr. Harper enquanto regressava à poltrona — que se o assassinato de seus três filhos pudesse ser comprovado, todos os seus problemas cessariam. Por quê?

— Eu iria para a cadeia — replicou Billings de imediato. — Pelo resto da vida. E numa cadeia pode-se ver o interior de todos os quartos. De todos.

Sorriu para ninguém.

— Como seus filhos foram assassinados?

— Não tente arrancar isso de mim à força!

Billings virou-se para fitar maleficamente o Dr. Harper.

— Eu contarei, não se preocupe. Não sou um dos seus malucos passeando por aí e fingindo ser Napoleão ou explicando que me viciei em heroína porque minha mãe não me amava. Sei que não acreditará em mim. Não me importo. Não faz diferença. Apenas contar será suficiente.

— Muito bem — disse o Dr. Harper, pegando seu cachimbo.

— Casei-me com Rita em 1965 — eu tinha vinte e um anos e ela dezoito. Estava grávida. de Denny.

Seus lábios se crisparam num sorriso retorcido e assustador, que desapareceu num piscar de olhos.

— Fui obrigado a abandonar os estudos e arranjar emprego, mas não me importei.

Amava-os ambos. Éramos muito felizes.

— Rita tornou a engravidar pouco depois que Denny nasceu e Shirl veio ao mundo em dezembro de 1966. Andy nasceu no verão de 1969 e Denny já estava morto nessa época. Andy foi um descuido. Era o que Rita dizia. Afirmava que às vezes esse negócio de controle de natalidade não

funciona direito. Creio que foi algo mais que um descuido. Filhos prendem um homem, o senhor sabe. As mulheres gostam disso, especialmente quando o homem é mais inteligente que elas. Não acha que é verdade?

Harper soltou um grunhido neutro.

— Não importa, porém. De todo modo, eu o amava.

Billings fez a declaração num tom quase vingativo, como se amasse o filho para fazer raiva à mulher.

— Quem matou as crianças? — perguntou Harper.

— O fantasma — replicou imediatamente Lester Billings. — O fantasma matou-as todas.

Saía do armário e as matava.

Virou-se e sorriu.

— O senhor acha mesmo que sou maluco. Está escrito em sua cara. Mas não me incomodo. Tudo o que desejo fazer é contar e sumir.

— Estou escutando — disse Harper.

— Tudo começou quando Denny tinha quase dois anos e Shirl ainda era bebê. Ele começou a chorar quando Rita o colocava na cama para dormir. Tínhamos apenas dois quartos, entende? Shirl dormia num berço em nosso quarto. A princípio, julguei que ele chorasse porque já não tinha uma mamadeira para levar consigo para a cama. Rita me disse que não fizesse drama, que o deixasse levar a mamadeira e ele acabaria por deixá-la de lado no devido tempo. Mas é assim que as crianças ficam mal acostumadas. Se formos permissivos demais, elas se tornam mimadas. Então, fazem-nos sofrer.

Engravidam alguma pequena, sabe, ou começam a tomar tóxicos. Ou viram veados. Já imaginou acordar um certo dia e descobrir que seu garoto — o seu filho — é bicha?

— Depois de algum tempo, porém, quando ele não parou, passei a colocá-lo na cama eu mesmo. E se ele não parasse de chorar, eu lhe dava uma palmada. Então, Rita disse que ele não parava de repetir "luz". Bem, eu não sabia. Crianças daquele tamanho, como podemos saber o que estão dizendo? Só a mãe pode saber.

— Rita queria instalar uma luz noturna. Um daqueles abajures com o Camundongo Mickey ou o Pateta ou algo semelhante. Não permiti. Se um garoto não aprende a perder o medo do escuro quando ainda é pequeno, nunca mais perderá.

— De qualquer maneira, ele morreu no verão seguinte ao nascimento de Shirley. Naquela noite, eu o coloquei na cama e ele começou a chorar imediatamente. Dessa vez, escutei o que disse. Apontou para o armário quando falou. "Fantasma", disse o garoto.

"Fantasma, Papai."

— Apaguei a luz, fui para o nosso quarto e perguntei a Rita por que ela resolveu ensinar ao menino uma palavra como aquela. Fiquei tentado a dar-lhe umas bofetadas, mas não dei. Ela afirmou que nunca o ensinara a dizer aquilo. E eu a chamei de maldita mentirosa.

— Foi um péssimo verão para mim, entende? O único emprego que consegui foi carregar caminhões de Pepsi-Cola num armazém e passava o tempo todo cansado. Shirl acordava e chorava todas as noites, de modo que Rita a pegava no colo para niná-la. Vou-lhe contar, às vezes eu sentia ímpetos de atirá-las ambas pela janela. Meu Deus, às vezes as crianças nos deixam loucos. Eu seria capaz de matá-las.

— Bem, a garotinha me acordou às três da manhã, bem no horário de costume. Ainda meio adormecido, fui ao banheiro e Rita me pediu que desse uma espiada em Denny.

Respondi-lhe que ela mesmo o fizesse e voltei para cama. Já estava quase dormindo quando ela começou a gritar.

— Levantei-me e fui até lá. O menino estava deitado de costas, morto. Branco como farinha de trigo, exceto onde o sangue tinha... tinha afundado. Na parte posterior das pernas, na cabeça, na bun... nas nádegas. Tinha os olhos abertos. Isso foi o pior, sabe?

Esbugalhados e vidrados, como os olhos que vemos nas cabeças empalhadas dos troféus de caça que alguns colocam acima da lareira. Como as fotografias daqueles garotos mortos no Vietnã. Mas um garoto americano não devia ficar assim. Morto de costas.

Usando fraldas e calcinhas de borracha, porque começara a urinar-se novamente nas duas últimas semanas. Horrível. Eu amava aquele menino.

Billings sacudiu lentamente a cabeça e depois exibiu o mesmo sorriso contorcido e assustador.

— Rita estava quase morrendo de tanto gritar. Tentou pegar Benny no colo e embalá-lo, mas não permiti. Os tiras não gostam que a gente toque nas provas. Sei que...

— Você já sabia que era o fantasma, na época? — indagou Harper em voz baixa.

— Oh, não. Naquela época, não. Mas vi uma coisa. Na ocasião, não significou muito para mim, mas minha mente arquivou-a.

— O que foi?

— A porta do armário estava aberta. Não muito. Apenas uma fresta. Mas eu sabia que a fechara, entende? Lá dentro havia sacos plásticos da lavanderia. Uma criança mexe naquilo e pronto: asfixia. Sabe disso?

— Sim. O que aconteceu, então?

Billings sacudiu os ombros.

— Nós o enterramos.

Olhou morbidamente para as mãos que haviam lançado terra em três pequenos caixões.

— Houve algum inquérito?

— Claro — os olhos de Billings faiscaram com um brilho sardônico. Um maldito caipira com um estetoscópio e uma maleta negra cheia de balas de hortelã e um casaco de pele de carneiro conseguida em alguma faculdade de veterinária. Morte de berço, disse ele!

Já escutou semelhante monte de merda? O garoto tinha três anos!

— A morte de berço é muito comum durante o primeiro ano — disse cautelosamente Harper. — Todavia, esse diagnóstico consta de atestados de óbito de crianças até a idade de cinco anos, por falta de um melhor...

— Merda! — berrou valentemente Billings.

Harper tornou a acender o cachimbo.

— Um mês depois do enterro, passamos Shirl para o antigo quarto de Denny. Rita resistiu com unhas e dentes, mas a última palavra foi minha. Doeu-me, claro que sim. Deus, como eu gostava de ter a garotinha em nosso quarto. Mas não devemos ser superprotetores. Assim, mutilamos a criança. Quando eu era menino, minha mãe costumava levar-me à praia e depois ficava rouca de tanto gritar: "Não vá tão longe! Aí é muito fundo! Tem correnteza! Aí não dá pé!" Até mesmo mantinha-se alerta contra tubarões, juro por Deus. Hoje em dia, nem consigo chegar perto do mar. Uma vez, quando Denny ainda era vivo, Rita me obrigou a levar a família à praia em Savin Rock.

Fiquei enjoado como um cão. Eu sei, entende? Não devemos superproteger as crianças.

E também não mimá-los. A vida continua. Shirl foi direto para o berço de Denny.

Jogamos o colchão de Denny no lixo. Eu não queria que minha filha pegasse micróbios.

— Assim, um ano se passou. E uma noite, quando eu botava Shirl na cama para dormir, ela começou a chorar e berrar. "Fantasma, Papai! Fantasma, fantasma!"

— Aquilo me sobressaltou. Era exatamente como Denny. E comecei a lembrar-me daquela porta do armário, apenas entreaberta quando o encontramos. Tive vontade de levá-la para nosso quarto naquela noite

— E levou?

— Não — disse Billings, olhando para as mãos e contorcendo o rosto. — Como eu poderia enfrentar Rita e admitir que estava errado? Eu tinha que ser forte. Ela sempre foi tão molenga... veja com que facilidade foi para a cama comigo quando ainda não éramos casados.

Harper disse:

— Em compensação, veja com que facilidade você foi para a cama com ela.

Billings imobilizou-se no ato de recruzar as mãos e virou lentamente a cabeça para encarar Harper.

— Está querendo bancar o engraçadinho?

— Certamente que não — replicou Harper.

— Então, deixe-me contar à minha maneira — disse Billings, irritado. — Vim aqui para desabafar. Para contar minha história. Não falarei de minha vida sexual, se é isso que está querendo. Rita e eu tínhamos uma vida sexual muito normal, sem nenhuma dessas sujeiras. Sei que algumas pessoas se excitam ao falar no assunto, mas não sou uma delas.

— Está bem — disse Harper.

— Muito bem — replicou Billings com nervosa arrogância. Parecia haver perdido o fio dos pensamentos e seus olhos procuraram inquietamente a porta do armário, que estava bem fechada.

— Gostaria que eu abrisse aquela porta? — indagou Harper.

— Não! — respondeu Billings depressa. Passou a mão na testa, como se tentasse colocar as recordações em ordem. — Para que desejaria olhar para suas galochas? — e soltou uma risadinha nervosa.

— O fantasma pegou Shirl também — prosseguiu ele. — Um mês depois. Mas algo aconteceu antes disso. Certa noite, ouvi um barulho lá dentro. Então, ela gritou. Abri a porta muito depressa — a luz do corredor estava acesa — e... ela estava sentada no berço, chorando, e... alguma

coisa se mexeu. Nas sombras, perto do armário. Alguma coisa se esgueirou.

— A porta do armário estava aberta?

— Um pouco; só uma fresta — respondeu Billings, umedecendo os lábios com a língua. — Shirl estava gritando alguma coisa a respeito do fantasma. E disse algo mais a respeito do que me soou como "garras". Só que ela disse "galas". Crianças pequenas encontram dificuldade com o som do "r". Rita subiu correndo e perguntou o que havia. Respondi que a menina se assustara com as sombras dos galhos movendo-se no teto.

— Gala? — disse Harper.

— Hem?

— Gala... Estaria ela, de algum modo, referindo-se ao armário?

— Talvez — disse Billings. — Poderia ser isso. Mas creio que foi "garras".

Seu olhar procurou outra vez a porta do armário. — Garras. Garras compridas — sua voz sumiu num sussurro. — Você olhou dentro do armário?

— S-sim — disse Billings, com as mãos fortemente cruzadas sobre o peito; a força era suficiente para deixar os nós dos dedos esbranquiçados.

— Havia alguma coisa lá dentro? Você viu o...

— Não vi nada! — berrou bruscamente Billings.

Então, as palavras jorraram aos borbotões, como se uma rolha negra fosse retirada da garrafa de sua alma:

— Quando ela morreu eu a encontrei, entende? E ela estava toda preta. Toda. Engolira a própria língua e estava tão preta quanto um negro num espetáculo teatral. E olhava para mim. Seus olhos pareciam aqueles que vemos em animais empalhados, brilhantes e horríveis, como bolas de gude vivas, e diziam: "Ele me pegou, Papai. Você deixou ele me pegar. Você me matou. Você ajudou a me matar..."

Sua voz foi sumindo aos poucos. Uma única lágrima, muito grande e silenciosa, escorreu-lhe pelo lado do rosto.

— Foi uma convulsão cerebral, entende? As crianças são acometidas por ela, às vezes.

Um sinal errado partido do cérebro. Fizeram uma autópsia no Hospital de Hartford e disseram que, devido à convulsão, ela engolira a própria língua, morrendo asfixiada. E tive que voltar para casa sozinho porque precisaram manter Rita no hospital, sob a ação de sedativos. Ela estava

fora de si. Tive que voltar para casa sozinho e sei que uma criança não tem convulsões simplesmente porque o cérebro pifou. É possível amedrontar uma criança até provocar uma convulsão. E eu tive que voltar para a casa onde ele estava.

Em seguida, murmurou:

— Dormi no sofá da sala. Com a luz acesa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tive um sonho — disse Billings. — Eu estava num quarto escuro e havia alguma coisa que eu não conseguia... que eu não conseguia ver direito, dentro do armário. Lembrou me uma estória em quadrinhos que li quando criança. Estórias da Cripta, recorda-se?

Jesus Cristo! Tinha um sujeito chamado Graham Innes; era capaz de atrair qualquer coisa deste mundo — e algumas de fora. De qualquer modo, na estória uma mulher afogou o marido, entende? Pôs blocos de cimento nos pés dele e o atirou no poço de uma pedreira. Só que ele voltou. Todo apodrecido, verde-escuro, e os peixes lhe tinham comido um dos olhos; havia algas em seus cabelos. Ele voltou e matou a mulher. E quando acordei no meio da noite, pensei que ele estava debruçado sobre mim. Com garras... garras compridas...

O Dr. Harper olhou para o relógio digital embutido em sua mesa de trabalho. Lester

Billings estivera falando durante quase meia hora.

— Quando sua esposa voltou para casa, que atitude assumiu em relação a você?

— Ela ainda me amava — respondeu Billings com orgulho. — Ainda queria fazer o que eu mandava. Esse é o lugar da esposa, certo? Esse women's lib só resulta em pessoas doentes. A coisa mais importante na vida é uma pessoa conhecer seu lugar. Sua... sua... bem...

— Sua posição na vida?

— É isso aí! — exclamou Billings, estalando os dedos. — É exatamente isso. E uma mulher deve acompanhar o marido. Oh, ela ficou um tanto desbotada, por assim dizer, nos quatro ou cinco meses seguintes... arrastava os pés pela casa, não assistia à televisão, não cantava, não ria. Eu sabia que ficaria boa. Quando as crianças são tão pequenas, os pais não se apegam tanto a elas. Depois de algum tempo, é preciso abrir uma gaveta e olhar uma fotografia para conseguir lembrar exatamente como elas eram.

— Rita queria outro filho — acrescentou ele sombriamente. — Eu lhe disse que era má idéia.

Oh, não para sempre, mas durante algum tempo. Disse-lhe que era tempo de nos recuperarmos e começarmos a aproveitarmos mutuamente. Nunca tivéramos oportunidade de fazer isso antes. Se quiséssemos ir a um cinema, tínhamos que arranjar alguém para cuidar das crianças. Não podíamos ir à cidade ver os Mets jogarem, a menos que os pais dela ficassem com as crianças, pois minha mãe não queria nada conosco. Denny nasceu pouco depois de nos casarmos, entende? Minha mãe dizia que Rita era uma vagabunda, uma vigarista de esquina. Vigaristas de esquina, era assim que minha mãe sempre as chamava. Não é uma piada? Uma vez ela me obrigou a sentar e falou-me das doenças que um homem pode contrair de uma vi... de uma prostituta.

Como o ca... o pênis aparece com uma feridinha num dia e está todo podre no dia seguinte. Ela nem mesmo compareceu ao nosso casamento.

Billings tamborilou com os dedos no peito.

— O ginecologista de Rita vendeu-lhe a idéia de usar um DIU dispositivo intra-uterino.

Infalível, afirmou ele. Basta enfiá-lo na... no lugar da mulher e pronto. Se houver alguma coisa lá dentro, o óvulo não consegue fertilizar-se. A pessoa nem mesmo sente que tem alguma coisa dentro.

Ele sorriu com sombria doçura.

— Ninguém sabe se a coisa está ou não lá dentro. E no ano seguinte Rita ficou grávida.

Que infalibilidade!

— Nenhum método de controle de natalidade é perfeito — disse Harper. — A pílula tem apenas noventa por cento de eficiência. O DIU pode ser expulso por cólicas, fluxo menstrual abundante e, em casos excepcionais, pelo esforço da evacuação.

— Sim. E também pode ser retirado.

— É possível.

— E o que acontece em seguida? Ela fica tricotando roupinhas, cantando no chuveiro e comendo picles como uma louca. Sentando-se no meu colo para dizer que talvez fosse pela vontade divina. Merda.

— O bebê nasceu no final do ano após a morte de Shirl?

— Exatamente. Um menino. Rita deu-lhe o nome de Andrew Lester Billings. Eu não quis saber dele, pelo menos a princípio. Meu lema era: ela

o arranjou, portanto tome conta dele. Sei como isto pode soar, mas o senhor precisa compreender que passei por maus bocados.

— Mas acabei gostando dele, entende? Em primeiro lugar, foi o único de nossa prole que saiu parecido comigo. Denny se parecia com a mãe e Shirl não se parecia com ninguém, exceto, talvez, minha avó Ann. Mas Andy era minha imagem escarrada.

— Eu ia brincar com ele no cercado quando chegava em casa do trabalho. Ele agarrava meu dedo, sorria e gargarejava. Com apenas nove semanas de idade o garoto já sorria para o velho pai. Acredita?

— Então, certa noite, lá estou eu saindo de uma farmácia com um brinquedo para pendurar no berço do garoto. Eu! As crianças não apreciam brinquedos até terem idade suficiente para dizer "muito obrigado" este sempre foi o meu lema. Mas lá estava eu, comprando aquela bugiganga e, de repente, compreendendo que o amava mais que aos outros. Nessa época eu tinha outro emprego, muito bom, vendendo brocas de perfuração da Cluett & Sons. Dei-me muito bem e, quando Andy completou um ano, nós nos mudamos para Waterbury. A velha casa trazia muitas recordações desagradáveis.

— E tinha armários demais.

— Aquele ano seguinte foi o melhor para nós. Eu daria todos os dedos da mão direita para tê-lo de volta. Oh, a guerra no Vietnã continuava e os hippies ainda andavam sem roupa por aí, os negros faziam algazarra, mas nada disso nos incomodava. Morávamos numa rua tranqüila, com bons vizinhos. Éramos felizes — resumiu Billings. — Uma vez, perguntei a Rita se ela não estava preocupada. O senhor sabe, o azar anda por toda parte. Ela respondeu que não se preocupava por nossa causa. Disse que Andy era especial. Que Deus erguera uma muralha de proteção em volta dele.

Billings fitou morbidamente o teto.

— O ano passado não foi tão bom. Algo na casa mudou. Passei a deixar as botas no corredor, porque já não gostava de abrir a porta do armário embutido. Pensava sempre: ora, e se o fantasma estiver lá dentro? E começava a imaginar que ouvia barulhos esquisitos, como se algo negro e verde, molhado, se mexesse lá dentro.

— Rita indagou se eu andava trabalhando demais e passei a ser ríspido com ela, como nos velhos tempos. Chegava a ficar enjoado por ter que deixá-los sozinhos em casa ao ir para o trabalho, mas alegrava-me precisar

sair. Deus me perdoe, mas eu ficava satisfeito por sair. Comecei a pensar, sabe, que o fantasma se perdeu de nós durante algum tempo quando nos mudamos. Foi obrigado a caçar-nos, esgueirando-se pelas ruas à noite e talvez se arrastando pelos esgotos. Farejando-nos. Demorou um ano, mas encontrounos.

Quer Andy e me quer, também. Comecei a pensar: talvez quando pensamos bastante tempo em alguma coisa e acreditamos nela, ela se tome real. Talvez todos os monstros de que tínhamos medo em criança, Frankenstein, o Lobisomem e Mamãe, fossem reais. Bastante reais para matarem meninos que todos acreditavam terem caído em buracos, morrido afogados em lagos ou simplesmente desaparecido. Talvez...

— Está esquivando-se de alguma coisa, Sr. Billings?

Billings passou muito tempo calado; dois minutos se escoaram, pelo relógio digital.

Então, ele disse abruptamente:

— Andy morreu em fevereiro. Rita não estava em casa. Recebera um chamado do pai. A mãe dela sofrera um acidente de automóvel no dia seguinte ao Ano Novo e estava à morte. Rita tomou um ônibus naquela mesma noite.

— A mãe não morreu mas esteve em perigo de vida durante muito tempo: dois meses.

Contratei uma mulher ótima, que ficava com Andy durante o dia. E ficávamos juntos à noite. E as portas dos armários embutidos estavam sempre se abrindo.

Billings umedeceu os lábios com a língua.

— O garoto dormia no meu quarto. É curioso, também. Uma vez, quando ele tinha dois anos, Rita me perguntou se eu desejava mudá-lo para outro quarto. Spock ou algum daqueles outros charlatães alega que é prejudicial às crianças dormirem com os pais, entende? Diz que causa traumas relativos ao sexo e tudo o mais. Mas nunca fazíamos sexo a menos que o garoto estivesse dormindo. E eu não queria mudá-lo de quarto.

Tinha medo, depois do que aconteceu a Danny e Shirl.

— Mas mudou-o, não é mesmo? — indagou o Dr. Harper.

— Sim — respondeu Billings com um sorriso doente e amarelo. Mudei-o.

Outro silêncio. Billings pareceu lutar contra ele.

— Tive que mudar! — bradou finalmente. — Tive! Tudo estava bem enquanto Rita ficou em casa, mas depois que ela partiu o fantasma se tornou atrevido. Começou a... — Billings rolou os olhos para Harper e exibiu os dentes num sorriso selvagem. — Oh, você não vai acreditar. Sei o que pensa: sou mais um maluco para seus registros. Sei disso, mas você não esteve lá, seu maldito bisbilhoteiro.

— Uma noite, todas as portas da casa se escancararam. De manhã, levantei-me e encontrei um rastro de lama e sujeira no corredor, entre o armário embutido dos casacos e a porta da frente. O fantasma saíra? Entrara? Não sei! Juro por Deus, não sei! Discos arranhados e cobertos de lama, espelhos quebrados... e os barulhos... os barulhos...

Passou a mão pelos cabelos.

— Eu acordava às três da manhã, olhava para a escuridão e dizia a princípio: "É apenas o relógio." Mas, além disso, escutava algo que se movia furtivamente. Contudo, não furtivamente demais, pois queria que eu escutasse. Um barulho úmido e escorregadio, como algo escorrendo no ralo da cozinha. Ou estalidos, como garras arranhando levemente o corrimão da escada. E eu fechava os olhos, sabendo que era ruim escutar aquilo, mas pior seria ver...

— E sempre tinha medo de que os ruídos cessassem durante algum tempo e, depois, uma gargalhada explodisse em meu rosto, ou um hálito com cheiro de repolho podre, e mãos me apertassem a garganta.

Billings estava pálido, trêmulo.

— Portanto, mudei Andy de quarto. Sabia que o fantasma iria buscá-lo, entende? Por que ele era o mais fraco. E foi o que aconteceu. Logo na primeira noite, o garoto gritou de madrugada e, finalmente, quando tive cojones para entrar no quarto, encontrei-o em pé na cama, berrando: "Papai... fantasma... quero ir com Papai, ir com Papai."

A voz de Billings ficou muito aguda, como a de uma criança; ele deu a impressão de murchar no sofá.

— Mas eu não pude — continuou, no mesmo tom agudo e trêmulo. Não pude. E uma hora mais tarde escutei outro grito. Um grito horrível, gorgolejante. E compreendi o quanto eu o amava, pois corri para o quarto e nem mesmo acendi a luz. Corri, corri, corri... Oh, meu Jesus, o fantasma o pegara; sacudia-o, como um cão sacode um trapo... Pude ver algo horrível, com ombros curvados e cabeça de espantalho... Senti um cheiro

terrível, como o de um camundongo morto numa garrafa vazia... E escutei...

A voz de criança morreu aos poucos. De repente, voltou ao tom adulto:

— Escutei o pescoço de Andy partir-se — a voz era fria, inexpressiva. — Um barulho semelhante ao do gelo se quebrando sob um patinador durante o inverno.

— Então, o que aconteceu?

— Oh, eu fugi — respondeu Billings na mesma voz fria e inexpressiva. — Fui para um restaurante que ficava aberto a noite inteira. Que tal isso como exemplo de covardia?

Corri para o restaurante e tomei seis xícaras de café. Depois, voltei para casa. O dia já raiava. Chamei a polícia antes mesmo de subir. Andy estava caído no chão, fitando-me.

Acusando-me. Um filete de sangue lhe escorria do ouvido. Só uma gota, na verdade. E a porta do armário estava aberta — só uma fresta.

A voz se calou. Harper olhou para o relógio digital. Cinqüenta minutos haviam transcorrido.

— Marque hora com a enfermeira — disse ele. — Na realidade, marque várias consultas. Às terças e quintas estará bem?

— Só vim contar minha história — disse Billings. — Desabafar, Menti à polícia, entende?

Disse-lhes que o garoto devia ter tentado sair do berço durante a noite... Eles engoliram.

Claro que engoliram. Era o que parecia. Mas Rita sabia. Rita... finalmente... sabia...

Cobriu os olhos com o braço direito e começou a chorar.

— Sr. Billings, temos muito sobre que conversarmos — disse o Dr. Harper após um intervalo. — Creio que poderei remover parte do seu sentimento de culpa, mas antes é preciso que o senhor deseje livrar-se dele.

— O senhor não acredita que eu deseje? — exclamou Billings, tirando o braço dos olhos vermelhos, inchados, magoados.

— Ainda não — replicou Harper tranqüilamente. — Terças e quintas?

Após prolongado silêncio, Billings resmungou:

— Maldito charlatão. Está bem. Está bem.

— Marque hora com a enfermeira, Sr. Billings. E passe um bom dia.

Billings riu ocamente e saiu depressa do consultório, sem olhar para trás.

A mesa da enfermeira estava vazia. Um pequeno aviso colocado sobre o mata-borrão dizia: "Voltarei num minuto."

Billings deu meia-volta e entrou no consultório.

— Doutor, a enfermeira...

A sala estava vazia.

Mas a porta do armário embutido estava aberta. Só uma fresta.

— Ótimo — disse a voz dentro do armário. — Ótimo.

As palavras soavam como se tivessem passado entre lábios cheios de algas marinhas apodrecidas.

Billings permaneceu pregado ao chão quando a porta do armário se escancarou. Sentiu vagamente um calor nas pernas ao urinar-se.

— Ótimo — disse o fantasma, saindo do armário com andar trôpego.

Ainda trazia a máscara do Dr. Harper na mão descamada, de garras compridas.

* * *

O HOMEM QUE ADORAVA FLORES

No início de uma noite de maio de 1963, um jovem com a mão no bolso subia energicamente a Terceira Avenida em Nova York. O ar era suave e lindo, o céu escurecia gradativamente de azul para o belo e tranqüilo violeta do crepúsculo. Existem pessoas que amam a metrópole e aquela era das noites que motivavam esse amor. Todos os que estavam parados às portas das confeitarias, lavanderias e restaurantes pareciam sorrir. Uma velha empurrando dois sacos de verduras num velho carrinho de bebê sorriu para o jovem e o cumprimentou

— Oi, lindo! O jovem retribuiu com um leve sorriso e ergueu a mão num aceno. Ela seguiu caminho, pensando: Ele está apaixonado.

O jovem tinha aquela aparência. Usava um temo cinza-claro, a gravata estreita ligeiramente frouxa no colarinho, cujo botão estava desabotoado. Tinha cabelo escuro, cortado curto. Pele clara, olhos azuis-claros. Não era

um rosto marcante, mas naquela suave noite de primavera, naquela avenida, em maio de 1963, ele era lindo e a velha refletiu com instantânea e doce nostalgia que na primavera qualquer pessoa pode ser linda... se estiver indo às pressas encontrar-se com a pessoa de seus sonhos para jantar e, talvez, depois dançar. A primavera é a única estação em que a nostalgia parece nunca tornar-se amarga e a velha seguiu seu caminho satisfeita por haver cumprimentado o rapaz e alegre por ele haver retribuído o cumprimento erguendo a mão num aceno.

O jovem atravessou a Rua 66 andando a passos ágeis e com o mesmo leve sorriso nos lábios. Na metade do quarteirão estava um velho junto a um surrado carrinho de mão cheio de flores — cuja cor predominante era o amarelo; uma festa amarela de junquilhos e crocos. O velho também tinha cravos e algumas rosas de estufa, na maioria amarelas e brancas. Comia um doce e escutava um volumoso rádio transistorizado equilibrado de través no canto do carrinho.

O rádio difundia notícias ruins que ninguém escutava: um assassino que abatia as vítimas a martelo ainda estava à solta; John Fitzgerald Kennedy declarava que a situação num pequeno país asiático chamado Vietnã (que o locutor pronunciava "Vaitenum"), merecia ser observada com atenção; o cadáver de uma mulher não identificada fora retirado do East River; um júri de cidadãos deixara de pronunciar um manda-chuva do crime, na campanha movida pelas autoridades municipais contra o tráfico de tóxicos; os soviéticos tinham explodido uma bomba nuclear. Nada daquilo parecia real, nada daquilo parecia importante. O ar era suave e gostoso. Dois homens com barrigas de bebedores de cerveja estavam à porta de uma padaria, jogando níqueis e gozando-se mutuamente. A primavera estremecia na orla do verão e, na metrópole, o verão é a estação dos sonhos.

O jovem passou pelo carrinho de flores e o som das notícias ruins ficou para trás. Ele hesitou, olhou por cima do ombro, parou para pensar um momento. Enfiou a mão no bolso do paletó e apalpou mais uma vez algo que estava lá dentro. Por um instante, seu rosto pareceu intrigado, solitário, quase acossado. Então, ao retirar a mão do bolso, reassumiu a expressão anterior de entusiástica expectativa.

Retornou ao carrinho de flores, sorrindo. Levaria algumas flores para ela, que gostaria.

Ele adorava ver os olhos dela faiscarem de surpresa e prazer quando lhe levava algum presente — coisinhas simples, porque estava longe de ser rico. Uma caixa de bombons.

Uma pulseira. Certa vez, só uma dúzia de laranjas de Valência, pois sabia que eram as preferidas por Norma.

— Meu jovem amigo — saudou o vendedor de flores ao ver o homem de terno cinzento voltar, correndo os olhos pelo estoque exposto no carrinho.

O vendedor devia ter sessenta e oito anos; usava um surrado suéter cinzento de tricô e um boné macio a despeito da noite morna. Seu rosto era um mapa de rugas, os olhos empapuçados. Um cigarro lhe tremia entre os dedos. Contudo, ele também se lembrava de como era ser jovem na primavera — jovem e tão apaixonado que corria para todos os lados. Normalmente, a expressão no rosto do vendedor de flores era azeda, mas agora ele sorriu um pouco, assim como sorrira a velha que empurrava as compras no carrinho de bebê, porque aquele rapaz era deveras um caso óbvio. Limpando farelos de doce do peito da suéter larga, pensou: Se esse rapaz estivesse doente, certamente o manteriam no CTI.

— Quanto custam as flores? — indagou o jovem.

— Preparo-lhe um belo buquê por um dólar. Aquelas rosas são de estufa, por isso um pouco mais caras. Setenta centavos cada uma. Vendo-lhe meia dúzia por três dólares e melo.

— Caras — comentou o rapaz. — Nada sai barato, meu jovem amigo. Sua mãe nunca lhe ensinou isso?

O jovem sorriu.

— Talvez tenha mencionado algo a respeito.

— Claro. Claro que ela ensinou. Dou-lhe meia dúzia de rosas: duas vermelhas, duas amarelas e duas brancas. Não possa fazer melhor que isso, posso? Colocarei uns raminhos de cipreste e umas folhas de avenca — elas adoram. Ótimo. Ou prefere o buquê por um dólar?

— Elas? — perguntou o rapaz, ainda sorrindo.

— Meu jovem amigo — disse o vendedor de flores, jogando o cigarro na sarjeta e retribuindo o sorriso —, em maio, ninguém compra flores para si mesmo. É uma lei nacional, entende o que quero dizer?

O rapaz pensou em Norma, em seus olhos felizes e surpresos, em seu doce sorriso, e meneou ligeiramente a cabeça.

— Creio que entendo, por sinal.

— Claro que entende. O que me diz, então?

— Bem, o que você acha?

— Vou-lhe dizer o que acho. Ora! Conselhos ainda são gratuitos, não são?

O rapaz tornou a sorrir e disse:

— Creio que é a única coisa gratuita que resta no mundo.

— Pode ter absoluta certeza disso — declarou o vendedor de flores. Muito bem, meu jovem amigo. Se as flores forem para sua mãe, leve para ela o buquê. Alguns junquilhos, alguns crocos, alguns lírios-do-vale. Ela não estragará tudo, dizendo: "Oh, meu filho, adorei as flores, mas quanto custaram? Oh, é muito caro. Será que ainda não sabe que não deve desperdiçar seu dinheiro? "

O jovem jogou a cabeça para trás e riu.

O vendedor de flores continuou:

— Mas se forem para sua pequena, é muito diferente, meu filho, e você sabe muito bem.

Leve-lhe rosas e ela não se transformará num guarda-livros, entende? Ora! Ela vai abraçar você pelo pescoço e...

— Levarei as rosas — disse o rapaz.

Então, foi a vez de o vendedor de flores rir. Os dois homens que jogavam níqueis olharam para ele e sorriram.

— Ei, garoto! — chamou um deles. — Quer comprar barato uma aliança de casamento? Venderei a minha... não a quero mais.

O jovem sorriu, corando até as raízes dos cabelos escuros.

O vendedor de flores escolheu seis rosas de estufa, aparou os talos, borrifou-as com água e embrulhou-as num comprido pacote cônico.

— Hoje à noite o tempo será exatamente como você quer — anunciou o rádio. — Tempo bom e agradável, temperatura por volta dos vinte e um graus, perfeito para subir ao terraço e olhar as estrelas, se você for do tipo romântico. Aproveite, Grande Nova York, aproveite!

O vendedor de flores prendeu as bordas do papel com fita gomada e aconselhou o rapaz a dizer à namorada que um pouco de açúcar adicionado à água na jarra das rosas serviria para conservá-las frescas por mais tempo.

— Direi a ela — prometeu o jovem entregando ao vendedor de flores uma nota de cinco dólares. — Obrigado.

— É o meu serviço, meu jovem amigo — respondeu o vendedor de flores, entregando ao rapaz o troco de um dólar e meio. Seu sorriso se tornou um pouco tristonho: — Beije-a por mim.

No rádio, os Four Seasons começaram a cantar "Sherry". O rapaz continuou a subir a avenida, os olhos abertos e entusiasmados, bem alertas, olhando não tanto ao seu redor para a vida que fluía pela Terceira Avenida, mas para o interior e o futuro, na expectativa. Entretanto, determinadas coisas lhe causavam impressão: uma jovem mãe empurrando um bebê num carrinho, o rosto da criança comicamente lambuzado de sorvete; uma garotinha pulando corda e cantarolando: "Betty e Henry em cima da árvore, SE BEIJANDO! Primeiro vem o amor, depois o casamento e lá vem Henry com o bebê no carrinho, empurrando!" Duas mulheres conversavam em frente a uma lavanderia, trocando informações sobre a gravidez enquanto fumavam. Um grupo de homens olhava pela vitrina de uma loja de ferragens para uma imensa TV a cores com uma etiqueta de preço de quatro algarismos — o aparelho mostrava um jogo de beisebol e os jogadores pareciam verdes. Um deles tinha cor de morango e os New York Mets estavam vencendo os Phillies pela contagem de seis a um no último tempo.

O rapaz prosseguiu, carregando as flores, sem perceber que as duas mulheres grávidas em frente à lavanderia tinham parado momentaneamente de conversar e o fitavam com olhos sonhadores quando ele passou com o embrulho; o tempo de receberem flores já terminara há muito para elas. Também não percebeu o jovem guarda de trânsito que parou os carros na esquina da Terceira Avenida com a Rua 69 para deixá-lo atravessar; o guarda era noivo e reconheceu a expressão sonhadora na fisionomia do rapaz por causa da imagem que via no espelho ao fazer a barba, onde vinha observando aquela mesma expressão ultimamente. Não percebeu as duas adolescentes que cruzaram com ele em sentido contrário e depois soltaram risadinhas.

Parou na esquina da Rua 73 e virou à direita. A rua era um pouco mais escura que as outras, ladeada por casas transformadas em prédios de apartamentos, com restaurantes italianos nos porões. Três quarteirões adiante, um jogo de beisebol de rua continuava animado à luz do anoitecer. O jovem não chegou até lá; depois de andar meio quarteirão, entrou numa travessa estreita.

Agora as estrelas tinham surgido no céu, cintilando levemente; a travessa era escura e cheia de sombras, com vagas silhuetas de latas de lixo. O jovem estava sozinho, agora... não, não totalmente. Um berro ondulante soou na penumbra avermelhada e ele franziu a testa. Era a canção de amor de um gato e isso nada tinha de lindo.

Andou mais devagar e consultou o relógio. Faltavam quinze para as oito e a qualquer momento Norma...

Então, avistou-a, vindo pelo quintal em direção a ele, usando calça comprida azulmarinho e uma blusa de marinheiro que fizeram o coração do rapaz doer. Era sempre uma surpresa avistá-la pela primeira vez, sempre um choque delicioso — ela parecia tão jovem.

Agora, o sorriso dele brilhou — radiante. Caminhou mais depressa.

— Norma! — chamou ele.

Ela ergueu os olhos e sorriu, mas... quando se aproximou o sorriso murchou.

O sorriso do rapaz também tremeu um pouco e ele ficou momentaneamente inquieto. O rosto acima da blusa de marinheiro lhe pareceu subitamente difuso. Estava ficando escuro... estaria ele enganado? Certamente que não. Era Norma.

— Eu trouxe flores para você — disse ele, feliz e aliviado, entregando-lhe o embrulho.

Ela o encarou por um momento, sorriu — e devolveu as flores.

— Muito obrigada, mas está enganado — declarou. — Meu nome é...

— Norma — sussurrou ele.

E tirou o martelo de cabo curto do bolso do paletó, onde o guardara durante todo o tempo.

— Elas são para você, Norma... sempre foi para você... tudo para você.

Ela recuou, o rosto um círculo branco difuso, a boca uma abertura negra, um O de pavor — e não era Norma, pois Norma morrera há dez anos. E não fazia diferença. Porque ela ia gritar e ele golpeou com o martelo para conter o grito, para matar o grito. E quando desferiu a martelada, o embrulho de flores caiu-lhe da outra mão, abrindo-se e espalhando rosas vermelhas, amarelas e brancas perto das amassadas latas de lixo onde os gatos faziam um amor alienado no escuro, gritando de amor, gritando, gritando.

Ele golpeou com o martelo e ela não gritou, mas poderia ter gritado porque não era Norma, nenhuma delas era Norma, e ele golpeou, golpeou,

golpeou com o martelo. Ela não era Norma e por isso ele golpeava com o martelo, como fizera cinco vezes anteriormente.

Sem saber quanto tempo depois, ele guardou o martelo de volta no bolso do paletó e recuou para longe da sombra escura estendida nas pedras do calçamento, para longe das rosas espalhadas perto das latas de lixo. Deu meia-volta e saiu da travessa estreita. Era noite fechada, agora. Os jogadores de beisebol tinham voltado para casa. Se existissem manchas de sangue em seu terno, elas não apareceriam por causa do escuro. Não no escuro daquela noite de final de primavera. O nome dela não era Norma mas ele sabia como era seu próprio nome. Era... era... Amor.

Chamava-se amor e perambulava pelas ruas escuras porque Norma o esperava. E ele a encontraria. Algum dia, em breve.

Começou a sorrir. A agilidade voltou-lhe ao andar quando ele desceu a Rua 73. Um casal de meia-idade sentado nos degraus do prédio onde morava observou-o passar de cabeça tombada para um lado, olhar distante, um leve sorriso nos lábios. Depois que ele passou, a mulher perguntou:

— Por que você nunca mais tem aquela aparência?

— Hem?

— Nada — disse ela.

Mas observou o jovem de terno cinza desaparecer na escuridão da noite e refletiu que se existia algo mais lindo que a primavera, era o amor dos jovens.

* * *

O HOMEM DO CORTADOR DE GRAMA

Em anos anteriores, Harold Parkette sempre se orgulhara de seu gramado. Possuíra um grande cortador Lawnboy prateado e pagava ao garoto que morava no mesmo quarteirão cinco dólares por cada vez que o usava para aparar o gramado. Naqueles tempos, Harold Parkette acompanhava os jogos do Boston Red Sox pelo rádio, com uma cerveja na mão, sabendo que Deus estava no céu e tudo corria bem neste mundo,

inclusive seu gramado. No ano passado, porém, em meados de outubro, o destino pregara uma peça de mau gosto em Harold Parkette. Enquanto o garoto aparava a grama pela última vez naquela estação, o cão dos Castonmeyer perseguira o gato dos Smith e este fora apanhado pelo cortador de grama.

A filha de Harold vomitara meio litro de refresco de cereja no macacão novo e sua esposa tivera pesadelos durante uma semana. Embora tivesse chegado ao local após o acidente, chegara a tempo de ver Harold e o garoto, de cara esverdeada de enjôo, limpando as lâminas do cortador. A filha dos Parkette e a Sra. Smith ficaram por perto, chorando, embora Alícia fizesse um intervalo para trocar o macacão por um par de blue jeans e um daqueles revoltantes suéteres apertados. Ela era gamada pelo rapaz que aparava o gramado.

Após uma semana de escutar a mulher choramingar e engolir em seco na cama ao lado, Harold resolvera livrar-se do cortador de grama. De todo modo, supunha que não necessitava de um cortador de grama. Até então, pagava um rapaz; dali em diante, pagaria um rapaz com um cortador. E talvez Carla parasse de gemer durante o sono.

Talvez ele até conseguisse voltar a trepar com ela.

Portanto, levou o Lawnboy prateado à loja Sunoco de Phil e este começou a regatear.

Harold saiu da loja com um pneu Kelly novinho em folha e o tanque do carro cheio de gasolina azul, enquanto Phil colocava o Lawnboy prateado em lugar de destaque perto de uma das bombas de gasolina em frente à loja, com o letreiro À VENDA pintado a mão.

E este ano, Harold simplesmente ficou adiando a contratação de alguém para aparar a grama. Quando, afinal, telefonou para o garoto do ano passado, a mãe dele informou que Frank fora estudar na Universidade Estadual. Harold sacudiu a cabeça, maravilhado, e foi à geladeira pegar uma cerveja. O tempo voava, não é mesmo?

Universidade... Meu Deus!

Continuou a adiar a solução do problema até que primeiro de maio passou e, depois, junho se escoou com o Red Sox num discreto quarto lugar do campeonato. Nos fins de semana, Harold sentava-se na varanda dos fundos e observava soturnamente uma infindável procissão de rapazes que ele nunca vira antes aparecerem para dizer alô antes de arrastarem sua viçosa filha para o cinema local. E a grama crescia e vicejava de modo

maravilhoso. Foi um bom verão para os gramados; três dias de sol intercalados com um de chuva fina, com a regularidade de um relógio.

Em meados de julho, o gramado mais parecia uma campina que o quintal de um homem de classe média residente num bom subúrbio e Jack Castonmeyer começou a fazer todos os tipos de piadas extremamente sem graça, a maioria das quais referentes ao preço do feno e da alfafa. E Jenny, a filha de quatro anos de Don Smith, passou a esconder-se ali quando havia mingau de aveia no café da manhã ou espinafre no jantar.

Um dia no final de julho, Harold saiu para o pátio quando o jogo estava quase terminando e viu uma marmota passeando alegremente na alameda coberta pela grama crescida. Chegara a hora, decidiu ele. Desligou o rádio, pegou o jornal e procurou a seção de classificados. E na metade da coluna de Serviços em Tempo Parcial, encontrou o seguinte: Aparo gramados. Preço razoável 776-2390.

Harold telefonou para aquele número, esperando ser atendido por uma dona-de-casa ocupada em passar o aspirador de pó na sala, que gritaria para chamar o filho que estava no jardim. Ao contrário, foi atendido por uma voz severamente profissional que disse:

— Serviço de Jardinagem Pastoral... em que podemos servi-lo?

Cautelosamente, Harold explicou à voz de que maneira o Serviço de Jardinagem Pastoral poderia servi-lo. Chegara àquele ponto, então? Os aparadores de grama abriam firmas e contratavam pessoal de escritório? Perguntou à voz pelo preço e a voz mencionou um preço realmente razoável.

Harold desligou com uma insistente sensação de inquietação e voltou à varanda dos fundos. Sentou-se, ligou o rádio e observou seu viçoso gramado, fitando depois as nuvens que se movimentavam lentamente no céu de sábado. Carla e Alícia estavam na casa de sua sogra e ele estava sozinho. Seria uma agradável surpresa para elas se o rapaz que viria aparar o gramado terminasse antes que voltassem.

Abriu outra cerveja e suspirou quando Dick Drago fez uma péssima jogada e perdeu o ponto. Uma leve brisa soprava na varanda fechada por uma tela. Os grilos cantavam baixinho na grama comprida. Harold grunhiu um comentário desagradável a respeito de Dick Drago e começou a cochilar.

Acordou meia hora mais tarde, sobressaltado pela campainha da porta da frente.

Derramou a cerveja ao levantar-se para atender.

Um homem trajando macacão de brim sujo de grama estava parado em frente ao alpendre, mascando um palito. Era gordo. A curva da barriga empurrava o desbotado macacão de tal forma que Hsrold teve a impressão de que o sujeito engolira uma bola de basquetebol.

— Sim? — disse Harold Parkette, ainda zonzo de sono.

O homem sorriu, rolou o palito de um canto para outro da boca, ajeitou os fundilhos do macacão e depois empurrou o boné de beisebol para o alto da testa. Havia uma mancha fresca de óleo de motor na pala do boné. E ali estava o homem, cheirando a grama, terra e óleo, sorrindo para Harold Parkette.

— O Serviço Pastoral me mandou, companheiro — disse ele em tom jovial, coçando a virilha. — Você chamou, certo? Certo, companheiro?

Continuou a sorrir, interminavelmente.

— Oh... O gramado... Você?

Harold fitava-o estupidamente.

— Exato: eu.

O aparador de grama soltou uma gargalhada na cara inchada de sono de Harold.

Harold afastou-se desajeitadamente e o aparador de grama avançou a passos pesados, atravessando o vestíbulo, a sala de visitas e a cozinha, chegando à varanda dos fundos.

Agora, Harold reconhecera o homem e tudo estava bem. Vira o tipo antes, trabalhando para o departamento de obras sanitárias e nas turmas de conservação da auto-estrada.

Sempre com um minuto de sobra para se apoiarem nas ferramentas e fumarem Lucky Strikes ou Camels, olhando para os outros como se fossem o sal da terra, capazes de lhe pedir cinco pratas emprestadas ou de dormir com sua mulher quando lhes desse na cabeça. Harold sempre sentira um leve medo de homens assim; eram sempre bronzeados de sol, tinham sempre pés-de-galinha nos cantos dos olhos e sempre sabiam como agir.

— O gramado dos fundos é a parte principal do serviço — disse ele ao homem, engrossando subconscientemente a voz. — É quadrado e não existem obstruções, mas a grama está muito crescida.

Sua voz voltou ao tom normal e ele a ouviu desculpar-se:

— Acho que me descuidei demais.

— Tudo bem, companheiro. Não tem bronca, não. Tudo bem, mesmo — replicou o aparador de grama, sorrindo para Harold com mil e uma piadas de caixeiro-viajante no olhar. — Quanto mais alta, melhor. Solo saudável, é o que você tem aqui, por Circe. É o que sempre costumo dizer.

Por Circe?

O homem que aparava gramados inclinou a cabeça de lado para escutar melhor o rádio.

Yastrzemski acabava de perder a jogada.

— Torce pelo Red Sox. Sou torcedor dos Yankees.

Voltou ao interior da casa com seu andar pesado, dirigindo-se ao alpendre da frente.

Harold observou-o com amargura.

Tomou a sentar-se e olhou acusadoramente por um momento para a poça de cerveja embaixo da mesa, com a lata virada no meio. Pensou em pegar um pano de chão na cozinha, mas decidiu deixar como estava.

Tudo bem. Não tem bronca

Abriu o jornal na seção financeira e estudou judiciosamente os preços de fechamento do leilão da Bolsa de Valores. Como bom republicano, considerava os executivos do mercado de ações de Wall Street, que manipulavam aqueles números publicados pelo jornal, verdadeiros semideuses...

(Por Circe? ?)

... e desejava freqüentemente ser capaz de entender melhor a Palavra, não como fora entregue no alto da montanha, gravada em tábuas de pedra, mas em abreviaturas enigmáticas como on, op, pp, pn, 1,25 — Certa vez, adquirira cautelosamente três ações de uma companhia chamada Midwest Bisonburgers Inc., que falira em 1968. Ele perdera todo o seu investimento de setenta e cinco dólares. Agora, ao que entendia, bisonburgers eram realmente a sensação que estava por chegar. A onda do futuro.

Discutira o assunto muitas vezes com Sonny, o barman do Aquário do Peixe Dourado.

Sonny dissera que o problema de Harold fora estar cinco anos avançado e que ele deveria...

Um repentino rugido ensurdecedor despertou-o do novo cochilo em que ele começava a mergulhar.

Harold levantou-se de um salto, derrubando a cadeira e olhando desvairadamente em volta de si.

— Isso é um cortador de grama? — perguntou Harold Parkette às paredes da cozinha. — Meu Deus, isso é um cortador de grama?

Atravessou a casa correndo e, com os olhos esbugalhados, espiou pela porta da frente.

Nada lá fora, exceto um amassado furgão verde com o letreiro Serviço de Jardinagem Pastoral Ltda. pintado na parte lateral. O rugido ensurdecedor vinha dos fundos, agora.

Harold tornou a atravessar a casa correndo, chegou à varanda dos fundos e estacou, petrificado.

Era obsceno.

Um travesti.

O velho aparador de grama vermelho movido a motor, que o homem trouxera no furgão, estava funcionando sozinho. Ninguém o empurrava; na verdade, não havia ninguém num raio de um metro e meio dele. Corria febrilmente, rasgando a grama infeliz do gramado dos fundos de Harold Parkette como um vingador demônio vermelho saído diretamente do inferno. Gritava, roncava e vomitava fumaça azul oleosa numa espécie de violenta loucura mecânica que deixou Harold doente de terror. O cheiro desagradável. da grama cortada pairava no ar como o odor de vinho azedado.

Mas a verdadeira obscenidade era o homem do cortador de grama.

O homem do cortador de grama despira as roupas — totalmente. Elas estavam cuidadosamente dobradas no bebedouro de pássaros vazio que existia no centro do gramado dos fundos. Nu e manchado de grama, o homem andava de quatro a um metro e meio do cortador de grama, comendo a grama recém-cortada. Baba verde escorria-lhe pelo peito e pingava da barriga balofa. E cada vez que o cortador fazia uma curva em ângulo reto, o homem ficava em pé e dava um estranho pulinho, antes de prostrar-se de quatro outra vez.

— Pare! — gritou Harold Parkette. — Pare com isso!

Mas o homem do cortador de grama não lhe deu atenção e seu ensurdecedor parente vermelho não diminuiu a velocidade. Na verdade, pareceu aumentá-la. Sua grade de aço niquelado dava a impressão de sorrir suavemente para Harold ao passar por este.

Então, Harold avistou a marmota. Devia estar escondida em aturdido pavor logo à frente do cortador de grama, na faixa que ia ser ceifada em seguida. De um salto, correu pela faixa de grama já cortada, um

animalzinho pardo aterrorizado fugindo em direção à segurança da varanda.

O cortador de grama fez uma curva.

Rugindo e cuspindo, passou por cima da marmota e cuspiu em seu rastro pedaços de couro peludo e entranhas sangrentas que fizeram Harold lembrar-se do gato dos Smith.

Depois de destruir a marmota, o cortador de grama voltou ao trabalho principal.

O homem do cortador de grama engatinhava velozmente, comendo grama cortada.

Harold ficou paralisado de terror, esquecendo-se completamente dos títulos, ações e bisonburgers Podia até mesmo ver aquela barriga balofa dilatar-se. O homem do cortador de grama desviou-se e comeu os restos da marmota

Foi então que Harold Parkette empurrou a porta de tela e vomitou no canteiro de zínias.

O mundo ficou cinzento e, de repente, ele se deu conta de que estava desmaiando, de que tinha desmaiado. Caiu de costas na varanda e fechou os olhos...

Alguém o sacudia. Era Carla. Ele não lavara a louça nem esvaziara o lixo, mas não importava, embora Carla fosse ficar furiosa. Enquanto ela o acordava, arrancando-o do horrível pesadelo e trazendo-o de volta ao mundo normal, à normal Carla com sua cinta Playtex e cara dentuça...

Dentuça, sim. Mas não a dentuça de Carla. Carla tinha dentes de aparência fraca, uma dentuça de chimpanzé. Mas aqueles dentes eram... Cabeludos.

Naquela dentuça cresciam pêlos verdes. Quase parecia... Grama?

— Oh, meu Deus — disse Harold.

— Você desmaiou, companheiro. Certo, há?

O homem do cortador de grama estava debruçado sobre Harold, sorrindo com os dentes peludos. Os lábios e queixo também eram peludos. Tudo era peludo. E verde. O quintal fedia a grama, gás, e demasiado silêncio.

Harold sentou-se bruscamente e olhou para o cortador de grama parado. Toda a grama fora perfeitamente aparada. E Harold notou, com uma sensação de náusea, que não haveria necessidade de passar o ancinho para remover a grama cortada. Se o homem do cortador de grama deixara

escapar uma só folha de grama cortada, Harold não conseguiu localizá-la. Olhou de esguelha para o homem do cortador de grama e fez uma careta. O sujeito ainda estava nu, ainda gordo, ainda aterrorizador. Filetes de baba verde escorriam-lhe dos cantos da boca.

— O que é isso? — indagou Harold, suplicante.

O homem gesticulou com ar benigno para o gramado.

— Isso? Bem, é um novo método que o patrão está experimentando. Dá ótimo resultado.

Ótimo, mesmo, companheiro. Matamos dois coelhos com uma só cajadada.

Continuamos a avançar para o estágio final e ganhamos dinheiro para sustentar totalmente nossas outras atividades.

Entende? Naturalmente, de vez em quando topamos com algum freguês que não compreende — existem pessoas que não têm o mínimo respeito pela eficiência —, mas o patrão sempre concorda com um sacrifício. Serve para manter as engrenagens lubrificadas, se você me entende.

Harold permaneceu calado. Uma palavra lhe ecoava no cérebro, a palavra "sacrifício".

Mentalmente, ele viu os restos da marmota serem cuspidos pelo velho cortador de grama vermelho.

Levantou-se vagarosamente, como um velho atacado de artrite.

— Naturalmente — disse ele, só conseguindo lembrar-se de uma frase de um dos discos de rock rural de Alícia: — Deus regou a grama com sangue.

O homem do cortador de grama deu uma palmada na coxa rosada como uma maçã no verão.

— Essa é muito boa, companheiro. É ótima, no duro. Vejo que morou mesmo no assunto.

Posso anotar isso quando voltar ao escritório? Talvez seja até promovido.

— Claro — replicou Harold, recuando em direção à porta dos fundos e lutando para manter o sorriso que se apagava. — Vá em frente e termine. Acho que vou tirar um cochilo...

— Certo — disse o homem do cortador de grama, erguendo-se pesadamente.

Harold notou a separação desusadamente profunda entre o dedão e o segundo dedo dos pés do homem, quase como se fosse. um casco fendido

como o de um boi.

— No princípio, é um tanto chocante — disse o homem do cortador de grama. — Na verdade, você acabará se acostumando.

Observou atentamente a figura corpulenta de Harold.

— Talvez até mesmo deseje experimentar. O patrão está sempre procurando novos talentos.

— O patrão — repetiu Harold com voz sumida.

O homem do cortador de grama parou no último degrau e olhou tolerantemente para Harold Parkette.

— Bem, ora essa, companheiro. Achei que você tinha adivinhado... Deus abençoe a grama e tudo o mais.

Harold sacudiu cautelosamente a cabeça e o homem do cortador de grama riu.

— Pan. O patrão é Pan.

Deu um passinho saltitante na grama recém-cortada e o cortador de grama voltou a funcionar com estrondo, começando a avançar ao redor da casa.

— Os vizinhos... — começou Harold.

Mas o homem do cortador de grama simplesmente acenou com ar jovial e desapareceu.

Lá na frente, o cortador de grama roncava e zumbia. Harold Parkette recusou-se a olhar, como se a recusa pudesse negar o grotesco espetáculo que os Castonmeyer e os Smith — ambos malditos democratas — provavelmente presenciavam com olhares horrorizados, mas, sem dúvida, com aquela expressão de "eu não lhe disse? "

Em lugar de olhar, Harold foi ao telefone e discou para a central de polícia, cujo número estava no decalque de telefones de emergência colado ao aparelho.

— Sargento Hall — disse a voz na outra ponta da linha.

Harold enfiou o dedo no ouvido desocupado e disse:

— Meu nome é Harold Parkette. O endereço é East Endicott Street, 1421. Gostaria de dar queixa...

De quê? De que ele gostaria de dar queixa? De um homem que violentava e assassinava seu gramado, dizendo trabalhar para um sujeito chamado Pan, e tem pés como cascos bifurcados?

— Sim, Sr. Parkette?

Harold teve uma repentina inspiração.

— Gostaria de apresentar queixa de um caso de atentado ao pudor.

— Atentado ao pudor — repetiu o Sargento Hall.

— Sim. Tem um homem aparando meu gramado. Ele está... bem... em pêlo.

— Quer dizer que ele está nu? — indagou o Sargento Hall, polida mente incrédulo.

— Nu! — confirmou Harold, agarrando-se desesperadamente aos restos de sua sanidade mental. — Nu. Despido. De bunda de fora. No meu jardim da frente. Agora, o senhor quer mandar alguém aqui?

— O endereço é West Endicott, 1.421? — perguntou o Sargento Hall, ligeiramente divertido.

— East Endicott! — berrou Harold. — Pelo amor de Deus...

— E o senhor diz decididamente que ele está nu? O senhor pode ver seus... bem... órgãos genitais e assim por diante?

Harold tentou falar mas só conseguiu emitir um som engasgado. O barulho do cortador de grama enlouquecido parecia aumentar cada vez mais, abafando todo o resto do universo. Harold sentiu vômito na garganta.

— Pode falar mais alto? — pediu o Sargento Hall. — Há muito barulho na sua linha...

A porta da frente se escancarou.

Harold viu o parente mecânico do homem que aparava grama avançar para o interior da sala. Atrás dele, vinha o próprio homem que aparava grama, ainda completamente despido. Com algo que se aproximava da verdadeira loucura, Harold viu que os cabelos púbicos do homem eram de grama verde e viçosa. O sujeito girava o boné de beisebol na ponta de um dedo.

— Isso foi um erro, companheiro — disse o homem do cortador de grama em tom de censura. — Você devia ter ficado com "Deus abençoe a grama".

— Alô? Alô, Sr. Parkette...

O telefone caiu dos dedos inertes de Harold enquanto o cortador de grama avançava para ele, ceifando o novo tapete índio de Carla e cuspindo pedaços pardos de fibra.

Harold fitou-o como um pássaro hipnotizado por uma cobra, até que ele chegou à mesinha de centro. Quando o cortador de grama jogou a mesinha para um lado, destroçando-lhe um pé em serragem e lascas de madeira,

Harold pulou por cima das costas da poltrona e começou a recuar para a cozinha, segurando a poltrona como um escudo diante de si.

— Isso não vai adiantar nada, companheiro — disse bondosamente o homem do cortador de grama. — Só vai aumentar a sujeira. Agora, se você me mostrar onde sua mulher guarda a faca de cozinha mais afiada, poderemos acabar logo com esse negócio de sacrifício, sem dor ou sujeira... creio que o bebedouro de passarinhos serviria... e depois...

Harold jogou a poltrona no cortador de grama, que começara ladinamente a flanqueá-lo enquanto o homem lhe atraía a atenção. O cortador de grama rugiu, contornando a poltrona e lançando fumaça pelo cano de descarga. E, quando Harold abriu a porta de tela da varanda dos fundos e pulou os degraus, ouviu — cheirou, sentiu — o cortador de grama nos calcanhares.

O cortador de grama rugiu e desceu os degraus como um esquiador descendo a rampa para um salto. Harold correu pelo recém-aparado gramado dos fundos, mas houvera cervejas demais, cochilos demais à tarde. Sentiu a aproximação do cortador de grama, que lhe chegava aos calcanhares. Então, olhou para trás e tropeçou nos próprios pés.

A última coisa que Harold Parkette viu foi a sorridente grade niquelada do cortador de grama que avançava, balançando-se para trás a fim de exibir as lâminas verdes. E, acima da máquina, a cara gorda do homem do cortador de grama, sacudindo a cabeça em bem-humorada censura.

— Que diabo de coisa — disse o Tenente Goodwin quando os peritos acabaram de tirar a última fotografia.

Meneou a cabeça para os dois homens de jalecos brancos, que trouxeram a maca através do gramado.

— Ele deu queixa de um homem nu neste gramado, há menos de duas horas.

— É mesmo? — replicou o Guarda Cooley.

— É sim. Um dos vizinhos também telefonou. Um cara chamado Castonmeyer. Julgou que fosse o próprio Parkette. Talvez fosse, Cooley. Talvez fosse.

— Senhor?

— Enlouquecido pelo calor — disse gravemente o Tenente Goodwin, batendo com o dedo na têmpora. — Esquizo-foda-frenia.

— Sim, senhor — disse respeitosamente o Guarda Cooley.

— Onde está o resto dele? — quis saber um dos homens de jaleco branco.

— No bebedouro de pássaros — disse Goodwin, olhando sombriamente para o céu.

— O senhor disse bebedouro de pássaros? — indagou o jaleco branco.

— Claro que disse — confirmou o Tenente Goodwin.

O Guarda Cooley olhou para o bebedouro de pássaros e, de repente, perdeu todo o bronzeado da pele.

— Maníaco sexual — disse o Tenente Goodwin. — Deve ter sido.

— Impressões? — perguntou Cooley com voz engasgada.

— Seria melhor você perguntar por pegadas — replicou Goodwin, apontando para a grama recém-aparada.

O Guarda Cooley emitiu um som estrangulado na garganta.

O Tenente Goodwin enfiou as mãos nos bolsos e balançou-se nos calcanhares.

— O mundo está cheio de malucos — disse em tom solene. — Nunca se esqueça disso, Cooley. Esquizofrênicos. Os rapazes da perícia dizem que alguém perseguiu Parkette através de sua própria sala de visitas com um cortador de grama. Pode-se imaginar uma coisa dessas?

— Não, senhor.

Goodwin observou o gramado meticulosamente aparado de Harold Parkette.

— Bom, como dizem por aí, um sueco de cabelos pretos é certamente um nórdico de cor diferente.

Goodwin caminhou ao redor da casa e Cooley o seguiu. Atrás deles, o cheiro de grama recém-cortada pairava agradavelmente no ar.

* * *

O RESSALTO

— Vamos — repetiu Cressner. — Olhe no saco.

Estávamos no seu apartamento de cobertura, no 43° andar. O tapete espesso e felpudo era cor de laranja queimada. No centro, entre a poltrona basca em que Cressner estava sentado e o sofá de couro genuíno em que não havia ninguém, estava um saco de compras de papel pardo.

— Se é um suborno, esqueça — repliquei. — Eu a amo.

— É dinheiro, mas não suborno. Vamos, olhe.

Cressner fumava um cigarro turco numa piteira de ônix. O sistema de circulação de ar permitiu sentir apenas uma leve amostra do aroma do fumo, antes de levá-lo embora.

Cressner usava um roupão de seda com um dragão bordado. Seus olhos eram tranqüilos e inteligentes por detrás dos óculos. Ele parecia exatamente o que era: um filho da puta de 500 quilates da mais pura qualidade. Eu amava sua esposa e ela me amava. Eu esperava que ele criasse encrencas e sabia que isso estava acontecendo agora, mas não tinha certeza de que tipo de encrenca se tratava.

Fui até o saco de compras e virei-o. Maços de notas presas com elásticos rolaram pelo tapete. Todas eram notas de vinte dólares. Peguei um dos maços e contei. Dez notas em cada maço. E havia muitos maços.

— Vinte mil dólares — disse ele, tirando uma baforada do cigarro turco.

Levantei-me.

— Muito bem.

— Para você.

— Não quero.

— Minha mulher vai com o dinheiro.

Permaneci calado. Márcia me prevenira a respeito de como seria. Ele é como um gato, dissera ela. Um velho gato cheio de maldade. Tentará fazer de você um camundongo.

— Então, você é um tenista profissional — disse ele. — Acho que ainda não tive oportunidade de conhecer um.

— Quer dizer que seus detetives particulares não tiraram fotografias. — Oh, claro que tiraram — ele gesticulou negligentemente com a piteira. — Até mesmo um filme de vocês dois no Motel Bayside. Uma câmera escondida atrás do espelho. Mas fotografias não são de carne e osso, não é mesmo?

— Já que você acha.

Ele ficará mudando de assunto, dissera Márcia. É assim que coloca as pessoas na defensiva. Logo você estará golpeando na direção em que julga que ele se encontre, mas ele já se achará em outro lugar. Fale o mínimo possível, Stan. E lembre-se de que eu te amo.

— Convidei-o a vir aqui porque julguei que deveríamos bater um papinho de homem para homem, Sr. Norris. Apenas uma conversa agradável entre duas pessoas civilizadas, uma das quais roubou a esposa da outra.

Comecei a replicar, mas decidi não fazê-lo.

— Gostou de San Quentin? — indagou Cressner, tirando uma baforada preguiçosa.

— Não especialmente.

— Creio que passou três anos lá. Uma acusação de furto qualificado.

— Márcia sabe tudo a respeito — retruquei.

Imediatamente, desejei não ter dito aquilo. Eu estava fazendo o jogo dele, exatamente o que Márcia me advertira que não fizesse. Levantando as bolas para permitir que ele matasse o ponto com rebatidas violentas.

— Tomei a liberdade de mandar remover seu carro — disse ele, lançando um olhar à janela na extremidade oposta da sala.

Na realidade, não era propriamente uma janela: a parede inteira era de vidro. No centro, havia uma porta corrediça de vidro. Além dela, uma pequena sacada. Além desta, uma queda muito longa. Aquela porta tinha algo estranho, mas não percebi exatamente o que era.

— Este prédio é bastante agradável — disse Cressner. — Boa segurança. Circuito-fechado de televisão e tudo o mais. Quando eu soube que você estava no saguão, dei um telefonema. Então, um dos empregados fez uma ligação direta na ignição de seu carro e o levou do parqueamento particular do prédio para um estacionamento público a vários quarteirões daqui.

Olhou para o moderno relógio em forma de sol na parede acima do sofá. Oito e cinco.

— Às oito e vinte, o mesmo empregado usará um telefone público para fazer uma comunicação relativa ao seu carro. No mais tardar às oito e meia, os agentes da lei encontrarão quase duzentas gramas de heroína escondidas no pneu sobressalente na mala do carro. Você passará a ser ansiosamente procurado, Sr. Norris.

Ele preparara tudo para fazer de mim um bode-expiatório. Eu tentara cobrir-me da melhor maneira possível, mas, no fim, fora um brinquedo de criança nas mãos dele.

— Essas coisas acontecerão a menos que eu chame o empregado e lhe diga para esquecer de dar o telefonema.

— E tudo o que tenho a fazer é contar-lhe onde está Márcia repliquei. — Nada feito, Cressner. Eu não sei. Preparamos tudo para você exatamente dessa forma.

— Meus homens a seguiram.

— Não acredito. Nós os perdemos no aeroporto.

Cressner suspirou, retirou o cigarro aceso da piteira e deixou-o cair no cinzeiro cromado com tampa corrediça. Sem confusão ou sujeira. O cigarro usado e Stan Norris tinham sido eliminados com a mesma facilidade.

— Na verdade, você tem razão — disse ele. — O velho truque de desaparecer no banheiro das senhoras. Meus agentes estão extremamente vexados por se terem deixado enganar por um golpe tão antiquado. Creio que é um estratagema tão velho que eles jamais o previram.

Permaneci calado. Márcia livrara-se dos homens de Cressner no aeroporto, tomara o ônibus da companhia aérea de volta à cidade e, depois, fora para a estação rodoviária; o plano fora este. Levava consigo duzentos dólares, tudo o que restava em minha conta na caderneta de poupança. Duzentos dólares e um ônibus Greyhound podem levar uma pessoa a qualquer ponto do país.

— Você é sempre tão pouco comunicativo? — indagou Cressner, parecendo genuinamente interessado.

— Márcia me aconselhou a sê-lo.

Ele replicou num tom ligeiramente mais áspero:

— Então, imagino que saberá quais são seus direitos quando a polícia o prender. E a próxima vez que verá minha mulher talvez seja quando for uma vovozinha numa cadeira de balanço. Já enfiou isto na cabeça? Entendo que a posse de duzentos gramas de heroína pode condená-lo a quarenta anos de prisão.

— Isso não lhe devolverá Márcia.

Ele exibiu um sorriso tenso:

— E esse é o âmago da questão, não é mesmo? Devo fazer uma recapitulação da nossa situação? Você e minha mulher se apaixonaram.

Tiveram um caso amoroso... se você quer chamar de caso amoroso uma série de encontros de uma noite em motéis baratos.

Minha mulher me abandonou. Entretanto, eu peguei você. E você se encontra no que é chamado de um beco sem saída. Isto resume adequadamente o caso?

— Agora, posso compreender por que ela se cansou de você respondi.

Para minha surpresa, ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Sabe, eu quase gosto de você, Sr. Norris. É vulgar e um tratante, mas parece ter coração. Márcia disse que você tinha. Eu quase duvidei. Ela é frouxa ao julgar personalidade e caráter. Mas você possui um certo... vigor. Eis o motivo pelo qual preparei as coisas desta maneira. Sem dúvida Márcia lhe disse que gosto de apostar.

— Sim.

Agora eu sabia o que havia de errado com a porta no centro da parede de vidro.

Estávamos em pleno inverno e ninguém desejaria tomar chá numa varanda a quarenta e três andares de altura. Os móveis da sacada tinham sido retirados. E a tela da porta fora removida. Ora, por que Cressner faria isso?

— Não gosto muito de minha mulher — declarou Cressner, colocando outro cigarro na piteira. — Isso não é segredo. Tenho certeza de que ela lhe contou. E tenho certeza de que um homem com a sua... experiência sabe que esposas satisfeitas não vão para a cama com o tenista profissional do clube local logo na primeira oportunidade. Na minha opinião, Márcia é pudica afetada com cara de coalhada, uma choramingona, uma mexeriqueira...

— Já basta — interrompi.

Ele sorriu friamente.

— Desculpe-me. Esqueço-me de que estamos falando de sua amada. Oito e dezesseis.

Está nervoso?

Sacudi os ombros.

— Durão até o fim — disse ele, fazendo uma breve pausa para acender o cigarro. — De qualquer maneira, talvez tente adivinhar por que motivo, se detesto tanto Márcia, simplesmente não lhe concedo a liberdade

— Não, não tento imaginar nada.

Ele franziu a testa para mim.

— Você é um filho da puta egoísta, cobiçoso e egocêntrico. Eis aí o motivo. Ninguém pode tirar o que lhe pertence. Nem mesmo que você já não o queira mais.

Cressner ficou vermelho e depois riu.

— Um ponto para você, Sr. Norris. Muito bem.

Tomei a sacudir os ombros.

— Vou-lhe propor uma aposta. Se você ganhar, sairá daqui com o dinheiro, com a mulher e com a sua liberdade. Por outro lado, se você perder, perde a vida.

Olhei para o relógio. Não pude deixar de olhar. Oito e vinte e nove. — Muito bem — repliquei.

Que outra alternativa tinha eu? Pelo menos, podia ganhar tempo. Tempo para imaginar algum modo de escapar dali, com ou sem o dinheiro.

Cressner pegou o telefone e discou um número.

— Tony? Plano dois... Sim.

Desligou.

— Qual é o plano dois? — indaguei.

— Tomarei a telefonar para Tony dentro de quinze minutos e ele removerá o... material incriminador da mala de seu carro, trazendo o carro de volta. Se eu não telefonar, ele entrará em contato com a polícia.

— Não confia muito nos outros, não é?

— Seja sensato, Sr. Norris. Entre nós, sobre o tapete, estão vinte mil dólares. Nesta cidade já se cometeram crimes por vinte centavos.

— Qual é o jogo?

Ele pareceu genuinamente magoado.

— Aposta, Sr. Norris, aposta. Cavalheiros apostam. Gente vulgar joga. — Como queira.

— Excelente. Percebi que você olhava para a minha sacada.

— Retiraram a tela da porta.

— Sim. Mandei retirá-la esta tarde. O que lhe proponho é o seguinte: que você contorne o prédio no ressalto que se projeta logo abaixo do nível do apartamento de cobertura. Se conseguir dar a volta inteira ao edifício, ganha a aposta.

— Você está louco.

— Muito pelo contrário. Durante os doze anos de residência neste apartamento, propus essa aposta a seis pessoas diferentes. Três dentre as seis eram atletas profissionais, como você: um deles foi um notório

jogador de futebol americano, mais famoso por seus comerciais para a televisão que por seus passes dentro do campo; um era jogador de beisebol; um era um jóquei bastante famoso que ganhava salários anuais fora do comum e tinha graves problemas com as pensões que tinha que pagar às ex-esposas. Os outros três eram cidadãos mais normais, que tinham profissões diferentes mas duas coisas em comum: necessidade de dinheiro e um certo grau de graça corporal.

— Não me aborreça, Sr. Norris. Creio que aceitará a aposta porque não tem outra opção.

É a minha aposta de um lado e quarenta anos em San Quentin de outro. O dinheiro e minha mulher são meras dádivas adicionais que indicam minha generosidade.

— Que garantia tenho eu de que você não me passará para trás? Talvez eu ganhe a aposta e descubra que você telefonou para Tony ordenando-lhe que fosse em frente, de qualquer maneira.

Ele suspirou.

— Você é um caso de paranóia ambulante, Sr. Norris. Não amo minha esposa. Tê-la por aqui ofende o meu elevado ego. Vinte mil dólares são uma ninharia para mim. Gasto quatro vezes isso por semana, como propina para a polícia. Quanto à aposta, porém... — e seus olhos faiscaram ... — isso não tem preço.

Pensei no assunto e ele me deixou pensar. Suponho que ele sabia que o verdadeiro otário sempre se convence. Eu era um tenista vagabundo com trinta e seis anos de idade e o clube estava pensando em dispensar-me quando Márcia me salvou aplicando uma delicada pressão. Tênis era minha única profissão e, sem ela, até mesmo conseguir emprego como faxineiro seria difícil — especialmente com minha ficha criminal. Fora coisa de garoto, mas os empregadores não querem saber disso.

E o mais engraçado é que eu realmente amava Márcia Cressner. Apaixonara-me por ela depois de duas aulas às nove da manhã; e ela se apaixonara por mim com a mesma intensidade. Era realmente um caso típico da sorte de Stan Norris. Após trinta e seis anos de feliz celibato, eu caíra como um saco postal pela esposa de um dos chefões da Organização.

O velho gato ali sentado, fumando seus cigarros turcos importados, sabia de tudo isso, é claro. E de algo mais, também. Eu não tinha garantia de que ele não me entregaria se eu aceitasse a aposta e ganhasse; por outro

lado, eu sabia muito bem que estaria atrás das grades antes das dez horas se não aceitasse a aposta. E só voltaria a ser livre no final do século.

Tirou uma baforada pensativa e depois prosseguiu:

— A aposta foi imediatamente recusada em cinco ocasiões. Na outra, foi aceita. Os termos eram vinte mil dólares contra seis meses de serviços prestados a mim. Ganhei. O sujeito deu uma espiada por cima do ressalto da sacada e quase desmaiou.

Cressner parecia divertido e desdenhoso ao concluir:

— Disse que tudo lá embaixo parecia muito minúsculo. Foi o que lhe matou a coragem.

— Por que pensa que eu...

Ele me interrompeu com um gesto aborrecido:

— Quero saber uma coisa — declarei.

— E qual seria ela, Sr. Norris?

— Olhe-me na cara e diga-me se é ou não um caloteiro.

Ele me fitou nos olhos.

— Sr. Norris — declarou tranqüilamente —, nunca deixei de pagar uma aposta.

— Muito bem — disse eu.

Que outra escolha me restava?

Ele se ergueu, sorrindo.

— Excelente! Realmente excelente! Venha comigo à porta da varanda, Sr. Norris.

Caminhamos juntos até lá. Seu rosto era o de um homem que havia sonhado com aquela cena uma centena de vezes e saboreava até a última gota sua transformação em realidade.

— O ressalto tem doze centímetros e meio de largura. Medi-o pessoalmente. Na verdade, fiquei em pé sobre ele — segurando-me na sacada, é claro. Tudo que você tem a fazer é passar por cima da grade de ferro batido. Ficará à altura do peito. Mas, naturalmente, além da sacada não existem grades ou lugar para segurar-se. Terá que avançar milimetricamente, cuidando para não desequilibrar-se.

Meu olhar pousou num objeto fora da janela... algo que fez a temperatura de meu sangue baixar vários graus: um anemômetro. O apartamento de Cressner ficava bastante próximo ao lago e tinha altura suficiente para que outros prédios elevados não aparassem o vento. Um vento frio, cortante como uma faca. A agulha do anemômetro estava firme

no dez, mas uma rajada a levaria até a marca de vinte e cinco durante alguns segundos, antes de voltar à marca anterior.

— Ah, vejo que notou meu anemômetro — disse Cressner em tom jovial. — Naturalmente, é o outro lado do prédio que recebe o vento predominante, de modo que a brisa talvez esteja um pouco mais forte daquele lado. Mas, na verdade, esta é uma noite razoavelmente sem vento. Já vi noites em que o anemômetro chegou a marcar oitenta e cinco nós... podia-se até mesmo sentir o prédio balançar um pouco. É como estar no cesto da gávea de um navio. Esta é uma noite bem calma para a época do ano.

Apontou para a minha esquerda e avistei números luminosos no topo do edifício de um banco. Marcavam uma temperatura de sete graus, mas, com o vento, o fator frio devia estar abaixo de zero.

— Tem um casaco? — perguntei, pois estava usando apenas um paletó leve demais para aquelas condições.

— Infelizmente, não.

Os números iluminados se alteraram para mostrar a hora: 8:32.

— E acho bom você começar logo, Sr. Norris, para que eu possa telefonara Tony e mandá-lo colocar em ação o plano três. É um bom rapaz, mas um tanto impulsivo. Você compreende, não é?

Sim, eu compreendia muito bem. Demais.

Contudo, a idéia de estar com Márcia, livre de Cressner e seus tentáculos, com dinheiro suficiente para iniciar vida, fez-me empurrar a porta corrediça de vidro e sair para a sacada. Estava frio e úmido; o vento me soprava os cabelos sobre os olhos.

— Bon soir — disse Cressner às minhas costas, mas não me dei o trabalho de olhar para trás.

Aproximei-me da grade mas não olhei para baixo. Ainda não. Comecei a fazer respiração profunda.

Não era absolutamente um exercício, mas uma forma de autohipnose. Com cada inspiração e exalação de ar expulsamos da mente uma distração, até que nada resta senão o desafio que temos pela frente. Livrei-me do dinheiro com um movimento respiratório e de Cressner com dois. Livrar-me de Márcia levou mais tempo — seu rosto insistia em vir-me à mente, dizendo-me para não ser estúpido, para não fazer o jogo de Cressner, pois talvez ele não fosse caloteiro, mas sempre cuidava de estar em vantagem quando apostava. Não lhe dei ouvidos. Não podia permitir-me tal luxo. Se

eu perdesse a aposta, não teria que pagar as cervejas e agüentar as gozações; seria apenas uma massa sangrenta espalhada em ambas as direções da Deakman Street, no espaço de um quarteirão.

Quando julguei estar preparado, olhei para baixo.

O prédio descia verticalmente, como um liso penhasco de calcário, até a rua distante. Os carros estacionados ao longo da calada pareciam aqueles modelos em miniatura que estão à venda nas lojas de brinquedos. Os que passavam em frente ao prédio eram apenas minúsculos pontos de luz, com faróis pequenos como cabeças de alfinete. Se alguém caísse daquela altura, teria tempo suficiente para dar-se conta do que acontecia, para sentir o vento nas roupas à medida que a terra o atraísse com uma aceleração cada vez maior. Teria tempo de soltar um grito agudo e prolongado. E o barulho produzido pela queda no calçamento seria igual ao de uma melancia madura demais.

Pude entender por que o outro sujeito se amedrontara. Mas ele tinha apenas seis meses com que preocupar-se. Eu encarava quarenta longos anos sombrios, sem a presença de Márcia.

Olhei para o ressalto. Parecia pequeno; eu jamais vira doze centímetros e meio se parecerem tanto com apenas cinco. Pelo menos o prédio era razoavelmente novo; o ressalto não se quebraria sob meu peso.

Assim eu esperava.

Passei por cima da grade da sacada e arriei-me cautelosamente até ficar em pé no ressalto. Meus calcanhares ficaram no ar. O chão da sacada chegava-me à altura do peito e eu olhava para o interior do apartamento de cobertura de Cressner através dos arabescos da grade de ferro batido. Cressner estava de pé dentro da sala, junto à porta, observando-me da mesma maneira que um cientista observa uma cobaia para verificar o resultado da mais recente injeção.

— Telefone — disse eu através da grade.

— O quê?

— Telefone para Tony. Não me moverei até você telefonar.

Ele voltou à sala de visitas — que parecia surpreendentemente aquecida, segura e acolhedora — e pegou o telefone. Na realidade, era um gesto inútil de minha parte: com o vento, eu não podia escutar o que ele dizia lá dentro. Cressner desligou o telefone e voltou à porta.

— Tudo providenciado, Sr. Norris.

— Acho melhor estar mesmo.

— Adeus, Sr. Norris. Tomarei a vê-lo daqui a pouco... talvez.

Era hora de começar. A conversa terminara. Permiti-me pensar em Márcia uma última vez, lembrando-me de seus cabelos castanho-claros, seus grandes olhos cinzentos, seu lindo corpo. Então, tirei-a definitivamente da cabeça. E nada de tornar a olhar para baixo, também. Seria muito fácil ficar paralisado de medo ao ver tamanha altura. Fácil demais enregelar-me até perder o equilíbrio ou simplesmente desmaiar de medo. Era hora de ter uma visão de antolhos. Hora de concentrar-me apenas num pé e depois no outro.

Comecei a avançar para direita, segurando-me à grade da sacada pelo maior tempo possível. Não demorei muito a perceber que precisaria de toda a força muscular que o tênis me proporcionara aos tornozelos. Com os calcanhares além da beira do ressalto, os tendões teriam que agüentar todo o meu peso.

Cheguei à extremidade da sacada e, por um momento, pensei que não conseguiria largar a segurança da grade. Obriguei-me a fazê-lo. Diabo, doze centímetros e meio era espaço bastante. Se o ressalto estivesse a meio metro do solo, ao invés de mais de cento e trinta metros de altura, eu poderia contornar o prédio inteiro em apenas quatro minutos. Ao menos, foi o que eu disse a mim mesmo. Portanto, bastava fingir que me encontrava a meio metro do chão.

Sim. E quando se está a meio metro do chão, a gente cai, diz um palavrão e recomeça tudo. Lá em cima, tem-se apenas uma oportunidade.

Escorreguei o pé direito para mais longe e, depois, trouxe o esquerdo para junto dele.

Ergui as mãos abertas, deixando que as palmas descansassem de encontro à parede áspera do edifício. Acariciei a parede. Seria até capaz de beijá-la.

Uma rajada de vento me atingiu, batendo a gola do paletó no meu rosto e fazendo-me o corpo balançar no ressalto. Meu coração passou a bater na garganta e continuou ali até que o vento amainou. Uma rajada um pouco mais forte me arrancaria daquele poleiro e me lançaria pelos ares. E o vento estaria mais forte no outro lado.

Voltei a cabeça para a esquerda, comprimindo o lado do rosto contra a parede. Cressner estava debruçado na sacada, observando-me.

— Divertindo-se? — indagou num tom afável.

Usava um sobretudo pardo de pêlo de camelo.

— Pensei que você não tivesse um casaco — repliquei.

— Menti — retrucou ele com a maior calma. — Minto a respeito de muitas coisas.

— Que quer dizer com isso?

— Nada... absolutamente nada. Ou talvez signifique alguma coisa. Um pouco de guerra psicológica, não é, Sr. Norris? Não lhe aconselho demorar aí por muito tempo. Os tornozelos cansam e, se eles cederem...

Tirou do bolso uma maçã, mordeu-a e depois jogou-a por cima da grade. Não houve qualquer som durante longo tempo. Depois, um horripilante plop! Cressner riu baixinho.

Ele conseguira quebrar minha concentração e pude sentir o pânico começar a roer-me a orla da mente com dentes de aço. Uma torrente de pavor ameaçava invadir-me e afogar-me.

Virei a cabeça para longe de Cressner e passei a respirar fundo, afastando o pânico.

Olhei para os números iluminados no topo do edifício do banco, que agora marcavam 8:46. Hora de investir na Caderneta de Poupança Mutual!

Quando os números iluminados marcaram 8:49, julguei-me novamente sob controle.

Creio que Cressner achou que eu me petrificara, pois escutei um aplauso zombeteiro quando recomecei o avanço em direção à esquina do prédio.

Comecei a sentir os efeitos do frio. O ar trazia a umidade dó lago; uma umidade pegajosa que me mordia a pele como uma broca. Meu paletó fino enfunava-se às minhas costas à medida que me movimentava cautelosamente. Com frio ou não, eu prosseguia lentamente. Se eu pretendia levar a tarefa a cabo, tinha que agir vagarosa e deliberadamente. Se me apressasse, cairia.

Quando cheguei à esquina da parede o relógio digital luminoso marcava 8:52. Não parecia haver problema — o ressalto continuava, fazendo uma quina em ângulo reto — mas minha mão sentiu um vento de través. Se eu fosse apanhado em inclinação errada, voaria muito em breve.

Esperei que o vento amainasse, mas ele se recusou a fazê-lo por muito tempo, quase como se fosse aliado de Cressner. Castigava-me com dedos maldosos e invisíveis, fustigando, cutucando, fazendo cócegas. Afinal, depois que uma rajada particularmente forte abalou-me da cabeça aos pés, compreendi que poderia esperar ali para sempre e o vento jamais cessaria totalmente.

Portanto, na próxima vez em que ele amainou um pouco, escorreguei o pé direito ao longo da quina e, agarrando-me à parede com ambas as mãos, dobrei a esquina do edifício. O vento de través empurrou-me para ambos os lados ao mesmo tempo e vacilei. Por um segundo, tive a terrível certeza de que Cressner ganharia a aposta.

Então, avancei mais um passo e colei-me totalmente à parede.

Foi então que o insultante ruído imitando um peido me soou repentinamente junto ao ouvido.

Sobressaltado, recuei até quase perder o equilíbrio. Minhas mãos perderam contato com a parede e rodaram loucamente, buscando equilibrar o corpo. Acho que se uma delas tivesse esbarrado na parede eu cairia. Todavia, após o que pareceu uma eternidade, a força da gravidade resolveu permitir-me voltar à parede, em vez de recuar para o vazio e espatifar-me na calçada, quarenta e dois andares abaixo.

Minha respiração deixava os pulmões em soluços, produzindo um silvo doloroso.

Minhas pernas pareciam de borracha. Os tendões dos tornozelos vibravam como fios de alta voltagem. Nunca me senti tão mortal. O esqueleto empunhando a foice estava suficientemente próximo para conseguir ler por cima de meu ombro.

Virei o pescoço, olhei para cima e lá estava Cressner, debruçado na janela de seu quarto, um metro e vinte acima de mim. Sorria e segurava na mão direita um apito tipo língua-de-sogra, desses que se usam em festas infantis.

— Apenas para manter você alerta — disse ele.

Não desperdicei o fôlego. De qualquer maneira, mal conseguiria falar. Meu coração saltava loucamente no peito. Avancei mais um metro e meio para o lado, caso ele estivesse pensando em debruçar-se mais e dar-me um bom empurrão. Então, parei e fechei os olhos, respirando fundo até controlar-me outra vez.

Agora, eu estava na fachada mais curta do prédio. À minha direita, apenas os mais altos arranha-céus da cidade se erguiam acima de mim. À esquerda, só o círculo escuro do lago, com minúsculos pontos luminosos boiando na superfície. O vento soprava e gemia.

O vento de través na segunda esquina não foi tão perigoso e contornei-a sem maiores dificuldades. Então, algo me mordeu.

Prendi a respiração e contraí os músculos. A alteração do equilíbrio me causou medo e tratei de comprimir-me contra a parede. Fui mordido outra vez. Não... não mordido, mas bicado. Olhei para baixo.

Havia um pombo no ressalto, olhando-me com olhos brilhantes e odiosos.

Acostumamo-nos aos pombos na cidade; são tão comuns quanto motoristas de táxi que se recusam a trocar dez dólares. Não gostam de voar e só abrem caminho com relutância, como se as calçadas lhes pertencessem por usucapião. Oh, sim, e costumamos encontrar seus cartões de visita nas capotas de nossos carros. Mas nunca reparamos muito neles. Podem irritar-nos ocasionalmente, mas são fatores interpolados no nosso mundo.

Eu, porém, estava no mundo do pombo. E quase indefeso. Parece que ele adivinhava isto. Tomou a bicar meu tornozelo direito fatigado, lançando-me uma pontada de dor pela perna acima.

— Suma-se — disse eu. — Caia fora.

O pombo apenas me bicara. Obviamente, eu me intrometera no que ele considerava seu lar; aquela parte do ressalto estava coberta de fezes de pombo, novas e velhas.

Um ruído abafado acima de mim.

Dobrei o pescoço para trás até o máximo que consegui e olhei para cima. Um bico avançou-me contra o rosto e quase recuei. Se tivesse recuado, talvez me tomasse a primeira pessoa da cidade vitimada por um pombo. Era a mamãe pomba, protegendo um bando de pombinhos abrigados num ninho situado logo abaixo do estreito beiral no topo do prédio. Graças a Deus, longe demais para me bicar a cabeça.

O marido dela tornou a bicar-me o tornozelo e o sangue começou a escorrer. Pude senti-lo.

Recomecei a avançar centímetro por centímetro, esperando afugentar o pombo do ressalto. Nada disso. Os pombos não se amedrontam. Pelo menos, não os pombos urbanos. Se um caminhão de mudança faz meramente com que andem um pouco mais depressa, um homem agarrado a uma parede no alto de um arranha-céu não conseguirá impressioná-lo.

À medida que eu avançava, o pombo recuava, os olhos brilhantes nunca se afastando de meu rosto, exceto quando o bico afiado baixava para ferir-me o tornozelo. E a dor se tomava cada vez mais intensa; a ave bicava carne viva... e, ao que me constava, talvez a comesse também.

Dei-lhe um pontapé com o pé direito. Um pontapé fraco, do único tipo que eu podia dar naquelas condições. O pombo se limitou a bater levemente as asas e depois voltou ao ataque. Eu, em compensação, quase me despenquei lá de cima.

E o pombo continuou a bicar-me repetidamente. Uma rajada de vento frio abalou-me até o limite do equilíbrio; a parte carnuda da ponta dos dedos raspou na parede áspera e terminei com o lado esquerdo do rosto comprimido contra a parede, a respiração arquejante.

Cressner não seria capaz de conceber uma tortura pior se levasse dez anos planejando.

Uma bicada não era tão ruim. Duas ou três eram apenas um pouco pior. Mas aquele maldito pombo deve ter-me bicado o tornozelo ao menos sessenta vezes antes que eu chegasse à grade da sacada do apartamento de cobertura situado na fachada oposta ao de Cressner.

Chegar àquela grade foi como atingir os portões do céu. Minhas mãos se fecharam docemente sobre as colunas da grade e seguraram-nas como se jamais fossem soltá-las.

Bicada.

O pombo me fitava com ar quase superior, os olhos brilhando, confiante na minha impotência e na sua invulnerabilidade. Lembrei-me da expressão de Cressner quando se despedira de mim na varanda da fachada oposta.

Agarrando com força as grades da sacada, desferi um violento pontapé que atingiu o pombo em cheio. A ave emitiu um satisfatório pio de dor e elevou-se no ar, batendo as asas. Algumas penas cinzentas pousaram de volta no ressalto ou desapareceram vagarosamente, descendo no escuro, balançando-se no ar.

Arquejante, ergui-me para a varanda e deixei-me cair no chão. A despeito do frio, meu corpo estava molhado de suor. Não sei quanto tempo permaneci ali, recuperando-me. O prédio escondia o relógio luminoso e não costumo usar relógio de pulso.

Sentei-me antes que meus músculos se endurecessem e baixei cuidadosamente o cano da meia. O tornozelo direito estava cortado e sangrava, mas o ferimento parecia superficial. Ainda assim, eu teria que tratar dele, caso conseguisse escapar dali. Deus sabe que micróbios os pombos carregam consigo. Cheguei a pensar em fazer um curativo improvisado, mas decidi em contrário. Eu poderia tropeçar numa atadura

improvisada. Mais tarde, haveria tempo de sobra. Então, eu poderia comprar vinte mil dólares de ataduras.

Levantei-me e olhei cobiçosamente para o apartamento de cobertura oposto ao de Cressner. Vazio, desocupado, sem móveis nem morador. A porta estava protegida pela pesada tela contra tempestades. Eu poderia arrombá-la, mas isto equivaleria a perder a aposta. E eu tinha mais a perder que o dinheiro.

Quando não consegui mais adiar, passei por cima da grade e voltei ao ressalto. O pombo, com menos algumas penas, estava pousado abaixo do ninho da companheira, onde o guano era mais denso, fitando-me de modo malévolo. Mas não acreditei que ele tornasse a incomodar-me quando percebesse que eu me afastava dali.

Foi muito difícil afastar-me — muito mais difícil que sair da sacada de Cressner. Meu cérebro sabia que era preciso, mas meu corpo, especialmente os tornozelos, parecia gritar que era uma loucura abandonar aquele refúgio seguro. Mas prossegui, com o rosto de Márcia incitando-me na escuridão.

Cheguei à segunda fachada curta, fiz a dobra da esquina e avancei devagar pela largura do prédio. Agora que me aproximava do final, sentia um impulso quase incontrolável de apressar-me, a fim de acabar logo com aquilo. Contudo, se me apressasse eu morreria.

Portanto, obriguei-me a avançar devagar.

O vento cruzado quase me pegou outra vez na quarta esquina e só consegui contorná-la mais por sorte que por habilidade. Descansei de encontro ao prédio, recuperando o fôlego. Mas, pela primeira vez, senti que chegaria ao final, que ganharia a aposta.

Minhas mãos pareciam dois bifes meio congelados, os tornozelos doíam como se estivessem em fogo (principalmente o direito, bicado pelo pombo), o suor escorria para dentro dos olhos, fazendo-os arderem, mas eu sabia que chegaria ao final. No centro da fachada do prédio, luz amarela jorrava da sacada de Cressner. Ao longe, os números luminosos no topo do edifício do banco brilhavam como uma faixa de boas-vindas.

10:48. Mas eu tinha a impressão de que passara a vida inteira naqueles doze centímetros e meio de ressalto.

E Deus se apiedasse de Cressner caso este tentasse passar-me o calote. A vontade de avançar depressa cessou. Prossegui quase preguiçosamente. Os números marcavam 11:09 quando pus a mão direita na grade de ferro

batido. Depois, a mão esquerda. Alcei-me, passei por cima da grade e caí, com uma sensação de agradecimento, no chão da varanda... e senti o cano frio de uma pistola calibre 45 encostar-se em minha têmpora.

Ergui os olhos e vi um facínora bastante feio para fazer parar a maquinaria de relojoaria do Big Ben. Ele sorria.

— Excelente! — veio a voz de Cressner, do interior do apartamento. — Faço questão de aplaudi-lo, Sr. Norris!

E fez exatamente isso, acrescentando-o:

— Traga-o para dentro, Tony.

Tony me ergueu pela gola e colocou-me de pé tão bruscamente que meus tornozelos enfraquecidos quase se dobraram. Entrando, cambaleei e esbarrei na porta de vidro.

Cressner estava de pé junto à lareira da sala, bebericando conhaque num copo de cristal que mais parecia um aquário. O dinheiro fora recolocado no saco de compras.

Continuava ao centro do tapete cor de laranja queimada.

Vi-me de relance num pequeno espelho no outro lado da sala: cabelos desgrenhados, rosto pálido a não ser por duas manchas brilhantes e rosadas nas bochechas, olhos que pareciam insanos.

Só vi um relance porque no momento seguinte voei através da sala. Bati na poltrona basca e caí sobre ela, rolando e puxando-a para cima de mim, perdendo o fôlego.

Quando recobrei parte dele, sentei-me e consegui dizer:

— Seu maldito caloteiro. Planejou tudo.

— Claro que planejei — disse Cressner, colocando cuidadosamente o copo de conhaque sobre o aparador da lareira. — Mas não sou caloteiro, Sr. Norris. Certamente que não.

Apenas um péssimo perdedor. Tony está aqui apenas para termos certeza de que você não tomará qualquer atitude... impensada.

Colocou os dedos sob o queixo e soltou uma risadinha. Não parecia um mau perdedor; parecia-se mais com um gato com o focinho sujo de penugens de canário. Levantei-me, sentindo-me repentinamente mais amedrontado que lá fora no ressalto.

— Você preparou tudo — declarei devagar. — De algum modo, preparou tudo.

— Nem tudo. A heroína foi removida de seu carro. O carro propriamente dito está de volta ao estacionamento. O dinheiro está ali.

Pode pegá-lo e sair.

— Ótimo — respondi.

Tony estava de pé junto à porta da sacada, ainda parecendo algo que sobrara da Noite das Bruxas. Empunhava a pistola 45. Fui até o saco de compras, peguei-o e me encaminhei para a porta com os tornozelos trêmulos, esperando levar um tiro nas costas a qualquer momento. Entretanto, quando abria porta comecei a ter a mesma sensação que me invadira lá fora, quando dobrei a quarta esquina: eu ia conseguir.

— Você não pensa realmente que aquele velho truque do banheiro das senhoras enganou alguém, não é mesmo?

A voz de Cressner, indolente e divertida, fez-me estacar.

Voltei-me vagarosamente, ainda segurando o saco de compras nos braços.

— Que quer dizer com isso?

— Eu lhe disse que não sou caloteiro e é verdade. Você ganhou três coisas, Sr. Norris: o dinheiro, sua liberdade e minha esposa. Está de posse das duas primeiras, mas terá que ir ao necrotério municipal pegar a terceira.

Fitei-o, incapaz de me mover, petrificado por um raio silencioso produzido pelo choque.

— Não acreditava realmente que eu lhe permitisse ficar com ela, não é mesmo? — perguntou Cressner num tom penalizado. — Oh, não. O dinheiro, sim. Sua liberdade, sim.

Mas não Márcia. Ainda assim, não sou caloteiro. E depois que enterrá-la, você...

Não me aproximei dele. Ainda não. Ele ficaria para depois. Andei na direção de Tony, que pareceu surpreso até que Cressner disse numa voz cheia de enfado:

— Atire nele, por favor.

Joguei o saco de dinheiro, que bateu em cheio, com força, na mão que empunhava a pistola. Lá fora eu não utilizara os braços e os punhos, que são as melhores partes do corpo de um tenista. De qualquer jogador de tênis. A bala de Tony atingiu o tapete cor de laranja queimada e, então, eu o alcancei.

Sua parte mais dura era a cara. Arranquei-lhe a pistola da mão e acertei-lhe o nariz com o cano. Ele desabou com um único grunhido, parecendo-se com Rondo Hatton.

Cressner quase já saíra pela porta quando lhe disparei um tiro por cima do ombro e adverti:

— Pare ou eu o mato.

Ele escutou e parou. Quando se voltou para encarar-me, sua atitude cosmopolita de enfado estava um pouco alterada. E alterou-se ainda mais quando ele viu Tony caído no tapete, engasgando-se com o próprio sangue.

— Ela não está morta — declarou Cressner. — Eu tinha que salvar alguma coisa, não acha?

Mostrou-me um sorriso amarelo, covarde.

— Sou otário, mas não tanto — repliquei. Minha voz me soou sem vida, morta.

Por que não? Márcia era minha vida e aquele homem a enviara para uma mesa de mármore no necrotério.

Com um dedo ligeiramente trêmulo, Cressner apontou para os maços de dinheiro espalhados aos pés de Tony.

— Isso aí é ninharia — declarou. — Posso conseguir-lhe cem mil. Ou quinhentos mil. Que tal um milhão, depositado num banco suíço? Que tal? Que tal...

— Você vai fazer uma aposta comigo — interrompi vagarosamente.

Ele olhou do cano da pistola para meu rosto.

— Uma...

— Uma aposta — repeti. — Um jogo para valer. Aposto que você não consegue contornar o prédio andando naquele ressalto.

Seu rosto assumiu uma palidez mortal. Por um instante, julguei que ele fosse desmaiar.

— Você... — murmurou.

— O que está em jogo é o seguinte: se você conseguir, eu o deixarei viver — declarei com minha voz morta. — Que tal?

— Não... — balbuciou ele, com os olhos esbugalhados.

— Muito bem, então — disse eu, engatilhando a pistola.

— Não! — exclamou Cressner, estendendo as mãos para a frente. Não! — Não atire! Eu... está bem.

Umedeceu os lábios com a língua.

Gesticulei com a pistola e ele saiu na minha frente para a sacada.

— Está trêmulo — comentei. — Isso vai dificultar as coisas.

— Dois milhões — disse ele, não conseguindo erguer a voz além de uma lamúria rouca. — Dois milhões em dinheiro vivo.

— Não — repliquei. — Nem por dez milhões. Mas se você conseguir contornar o prédio, pouparei sua vida.

Um minuto depois, Cressner estava em pé no ressalto. Era mais baixo que eu; vi-lhe os olhos um pouco acima do chão da sacada, arregalados e suplicantes, e as mãos brancas agarrando as grades como se fossem as barras de aço de uma cela.

— Por favor — sussurrou ele. — Darei qualquer coisa...

— Está perdendo tempo — repliquei. — Enfraquece os tornozelos.

Mas ele só se moveu quando encostei a boca do cano da 45 no centro de sua testa.

Então, começou a avançar para a direita, gemendo. Olhei para o relógio luminoso: 11:29.

Não pensei que ele conseguisse chegar à primeira esquina. Ele não queria ir e, quando se movimentou, fé-lo aos arrancos, correndo riscos com o centro de gravidade, o roupão enfunando-se às suas costas.

Dobrou a esquina, sumindo de minha vista, às 12:01. Há quase quarenta minutos. Fiquei atento ao prolongado grito quando o vento de través o apanhasse, mas o grito não soou.

Talvez o vento tenha amainado. Lembro-me de ter pensado, lá fora, que o vento estava a favor dele. Ou talvez Cressner tenha apenas sorte. Talvez agora ele esteja na outra sacada, caído a tremer, com medo de prosseguir.

Todavia, provavelmente ele sabe que, se eu o encontrar lá quando arrombar a porta do outro apartamento de cobertura, matá-lo-ei como se mata um cão danado. A propósito, falando no outro lado do prédio, imagino se ele estará gostando do pombo.

Será que escutei um grito? Não sei. Talvez fosse o vento. Não importa. O relógio luminoso está marcando 12:44. Logo eu arrombarei o outro apartamento e examinarei a sacada, mas, no momento, estou apenas sentado aqui na varanda de Cressner, empunhando a pistola 45 de Tony. Só para a remota possibilidade de que Cressner dobre a última esquina do prédio, com o roupão enfunado às suas costas.

Cressner declarou que nunca deixou de pagar uma aposta.

Mas eu já deixei de pagar algumas.

* * *

O ÚLTIMO DEGRAU DA ESCADA

Recebi ontem a carta de Katrina, menos de uma semana depois que meu pai e eu retornamos de Los Angeles. Estava endereçada a Wimlington, em Delaware, e já me mudei duas vezes desde então. Hoje em dia, as pessoas se mudam com tanta freqüência que é engraçado como aqueles endereços riscados e etiquetas de mudança de endereço nos envelopes das cartas podem parecer acusações. A carta de Katrina estava suja e amarrotada, com um dos cantos gasto pelo manuseio. Li o que estava escrito e logo dei por conta de mim em pé na sala, com o telefone na mão, pronto para telefonar a Papai.

Recoloquei o fone no gancho com uma sensação quase de pavor. Ele era velho e já sofrera dois ataques cardíacos. Poderia eu telefonar para contar-lhe a respeito da carta de Katrina tão pouco tempo depois de estarmos em Los Angeles? Isto seria praticamente o mesmo que matá-lo.

Portanto, não telefonei. E eu não tinha ninguém a quem revelar... uma coisa como aquela carta é por demais pessoal para ser contada a alguém, exceto a uma esposa ou um amigo muito íntimo. Não tenho tido muitos amigos íntimos nestes últimos anos e Helen e eu nos divorciamos em 1971. Atualmente, só trocamos cartões de Natal. Como vai você? Como está o trabalho. Um Feliz Ano Novo.

Passei a noite inteira acordado, com a carta de Katrina. Ela poderia ter escrito tudo num cartão postal. Havia apenas uma frase abaixo de "Querido Larry". Mas uma frase pode significar muita coisa. Pode ser o suficiente.

Lembrei-me de meu pai no avião, a fisionomia aparentando velhice e abatimento à forte luz do sol a 6.000 metros de altura, quando viajamos de Nova York para o oeste.

Havíamos acabado de sobrevoar Omaha, segundo o piloto, quando Papai disse: "É muito mais longe do que parece, Larry". Havia em sua voz uma pesada tristeza que me deixou pouco à vontade, pois não consegui entendê-la. Passei a entender melhor após ler a carta de Katrina.

Fomos criados a cento e trinta quilômetros de Omaha, numa cidadezinha chamada Hemingford Home — meu pai, minha mãe, minha irmã Katrina e eu. Eu era dois anos mais velho que Katrina, a quem todos chamavam de Kitty. Foi uma linda criança e uma bela mulher — mesmo aos oito anos de idade, na época em que ocorreu o incidente no celeiro, podia-se notar que seus sedosos cabelos louros cor de milho jamais escureceriam e que os olhos seriam sempre daquele azul-escuro tipicamente escandinavo. Bastaria um olhar àqueles olhos para botar um homem a perder.

Creio que poderiam chamar-nos de caipiras. Meu pai possuía cento e vinte hectares de terra plana e fértil, onde plantava milho e criava gado. Todos chamavam simplesmente de "casa lar". Naquela época, todas as estradas eram de terra, exceto a Rodovia Interestadual 80 e a Rodovia Estadual de Nebraska 96, e uma viagem à cidade era algo que aguardávamos com ansiedade com três dias de antecedência.

Atualmente, sou um dos melhores advogados especializados em Direito Comercial de todo o país, pelo que me dizem — e sou forçado a admitir, a bem da verdade, que acho que estão certos. Certa vez, o presidente de uma grande empresa me apresentou aos membros da diretoria como seu pistoleiro de aluguel. Uso temos caros e o couro de meus sapatos é o melhor que existe. Tenho três assistentes trabalhando em tempo integral e posso apelar para uma dúzia de outros se precisar deles. Mas, naquele tempo, eu caminhava descalço por uma estrada de terra até uma escola com apenas uma sala de aula, com os livros amarrados numa correia carregada ao ombro, e Katrina me acompanhava. Era uma época em que ninguém seria atendido num restaurante ou numa loja se não estivesse usando sapatos.

Mais tarde, minha mãe morreu — quando eu e Katrina cursávamos o ginásio em Columbia City — e dois anos depois Papai perdeu as terras e foi trabalhar como vendedor de tratores. Foi o fim da família, embora, na ocasião, isto não parecesse tão ruim. Papai deu-se bem no trabalho, comprou uma concessionária e foi sondado para ocupar um cargo de direção há cerca de nove anos. Eu consegui uma bolsa de estudos como jogador de futebol americano na Universidade de Nebraska e consegui aprender alguma coisa além de carregar a bola no campo.

E Katrina? Pois é a respeito dela que desejo contar-lhes.

Aquele incidente no celeiro ocorreu um sábado, no início de novembro. Para dizer a verdade, não me recordo exatamente do ano, mas Ike Eisenhower ainda era o Presidente. Mamãe estava num concurso de doces em Columbia City e Papai fora à casa de nosso vizinho mais próximo (que ficava a onze quilômetros de distância) para ajudá-lo a consertar um forcado de feno. Devia haver um empregado em casa, mas ele não apareceu naquele dia e Papai o despediu um mês depois.

Papai deixou-me uma lista de tarefas a cumprir (e algumas para Katrina, também) e disse-nos que não começássemos a brincar antes de terminarmos o trabalho. Mas não durou muito. Estávamos em novembro e, nessa época do ano, o período onde os agricultores balançavam entre o lucro e a falência já passara. Naquele ano, conseguimos lucro. Nem sempre isso acontecia.

Recordo-me nitidamente daquele dia. O céu estava nublado e, embora não fizesse frio, podia-se sentir que queria fazer frio, queria chegar o tempo das geadas, neve e granizo.

Os campos estavam nus. O gado se mostrava preguiçoso e mal-humorado. Parecia haver na casa pequenas correntes de ar que nunca tinham existido antes.

Num dia como aquele, o único lugar realmente agradável para se estar era o celeiro. Era aquecido, cheio de um aroma agradavelmente mesclado de feno, pêlo e estrume, e dos sons misteriosos e arrulhantes produzidos pelas andorinhas no alto do telhado.

Dobrando o pescoço para trás a fim de olhar para cima, era possível ver a luz branca de novembro penetrando pelas frestas no telhado e tentar, ao mesmo tempo, soletrar nossos nomes. Era uma brincadeira que só nos parecia agradável em dias nublados de outono.

Havia uma escada pregada a uma viga do terceiro andar do celeiro, uma escada que descia verticalmente até o solo. Éramos proibidos de subir nela porque estava velha e não tinha firmeza. Papai prometera mil e uma vezes a Mamãe retirar a escada dali e substituí-la por uma mais sólida, mas sempre parecia surgir alguma coisa a fazer quando ele dispunha de algum tempo... ajudar um vizinho a consertar o forcado de feno, por exemplo. E o empregado simplesmente não funcionava.

Se galgássemos aquela escada velha e frouxa — eram exatamente quarenta e três degraus; Kitty e eu os contamos vezes suficientes para sabermos com certeza — acabávamos numa viga transversal vinte e três

metros acima do chão de terra coberto de palha. Então, se andássemos com cuidado ao longo da viga por cerca de quatro metros, com os joelhos trêmulos e as juntas dos tornozelos estalando, a boca seca com gosto de fusível queimado, ficávamos acima do monte de feno. Então, podíamos pular da viga e cair verticalmente vinte metros, com uma sensação de desmaio, sobre uma enorme cama fofa de feno macio. O feno tem um cheiro gostoso e ficávamos deitados naquele aroma de verão renascido, tendo a impressão de haver deixado o estômago no ar durante a queda, e sentindo... bem, como Lázaro deve ter-se sentido. Caíamos e sobrevivíamos para contar a estória.

Era um lugar proibido, realmente. Se fôssemos apanhados ali, minha mãe gritaria como uma louca furiosa e meu pai nos aplicaria uma sova de correia, apesar de já estarmos bem crescidos. Por causa da escada e porque, se perdêssemos o equilíbrio e caíssemos da viga antes de chegarmos a uni ponto diretamente acima da imensa pilha de feno, certamente morreríamos de encontro ao chão duro do celeiro.

Mas a tentação era grande demais. Quando os gatos saem... bem, vocês sabem o que os ratos fazem.

Aquele dia começou como todos os outros, com uma deliciosa sensação de medo misturado à expectativa. Paramos junto à escada, encarando-nos. Kitty estava muito corada, os olhos mais escuros e faiscantes que nunca.

— Duvido — disse eu.

Kitty replicou prontamente:

— Quem duvida vai primeiro.

E, também prontamente, eu respondi:

— As meninas antes dos meninos.

— Não se for perigoso — disse ela, baixando recatadamente o olhar, como se ninguém soubesse que ela era a segunda maior moleca de Hemingford. Mas Kitty era assim mesmo. Iria, mas não na frente.

— Está bem — disse eu. — Lá vou eu.

Na época eu tinha dez anos e era magro como o capeta, com cerca de quarenta e cinco quilos. Kitty tinha oito anos e pesava dez quilos menos que eu. Como a escada sempre agüentara nosso peso, pensávamos que sempre agüentaria outra vez, uma filosofia que causa problemas a muitos homens e nações, repetidamente.

Naquele dia, pude senti-lo, começando a vibrar levemente no ar, celeiro empoeirado, enquanto eu subia cada vez mais alto. Como sempre, na

metade do caminho, imaginei o que me aconteceria se eu me largasse de repente e caísse lá de cima. Mas continuei a subir até conseguir agarrar a viga, içar-me paia cima dela e olhar para baixo.

O rosto de Kitty, voltado para cima a fim de me observar, era um pequeno oval branco.

Na sua camisa quadriculada e calças jeans, parecia uma boneca. Acima de mim, ainda mais alto, nos recantos empoeirados dos beirais, as andorinhas piavam suavemente.

Mais uma vez, de acordo com o roteiro:

— Ei, você aí embaixo! — minha voz flutuando até ela nos grãos de farelo.

— Ei, você aí em cima!

Levantei-me. Balancei um pouco sobre a viga. Como sempre, parecia haver estranhas correntes de ar que não existiam no solo. Pude escutar as batidas de meu coração quando comecei a avançar vagarosamente, os braços abertos para manter o equilíbrio.

Certa vez, uma andorinha passara voando rente à minha cabeça nessa parte da aventura e, ao recuar instintivamente, quase perdi o equilíbrio. Eu morria de medo de que isso tornasse a acontecer.

Mas não naquela ocasião. Afinal, cheguei ao lugar seguro acima do monte de feno.

Agora, olhar para baixo não era tão amedrontador, mas sensual. Houve um momento de expectativa. Então, pisei no espaço vazio, segurando o nariz para obter maior efeito, e, como sempre acontecia, a repentina ação da gravidade, arrastando-me para baixo de forma brutal, fazendo-me mergulhar e ter vontade de gritar: Oh, desculpe-me, foi um engano; leve-me de volta para cima!

Então, bati no feno, chocando-me contra ele como um projétil, o cheiro agradável e poeirento turbilhonando em torno de mim, que ainda continuava a mergulhar como se em água pesada. Acabei maciamente acomodado no feno. Como sempre, senti um espirro formar-se no nariz. E escutei um ou dois camundongos amedrontados fugirem para um lugar mais seguro do monte de feno. Senti-me, daquela maneira curiosa, renascido. Lembro-me de que Kitty me contou, certa vez, que depois de mergulhar no feno sentia-se fresca e nova como um bebê. Na ocasião, não dei importância — parecia, ao mesmo tempo, saber e não saber o que ela

queria dizer — mas desde que recebi sua carta tenho pensado a respeito disso, também.

Desci do monte de feno, tendo quase que nadar até a beirada antes de poder saltar para o chão do celeiro. Tinha feno preso às calças e às costas da camisa. Nos sapatos de tênis e nos cotovelos. No cabelo? Podem apostar que sim.

A essa altura, Kitty já estava na metade da escada, os cabelos louros presos à moda Maria Chiquinha chegando às omoplatas, subindo através de uma empoeirada faixa de luz. Em outros dias, aquela luz seria tão dourada e brilhante quanto seus cabelos. Mas, naquele dia, não havia comparação possível; os cabelos eram a coisa mais colorida lá em cima.

Lembro-me de pensar que o balanço da escada não me agradava. Parecia nunca ter sido tão frouxo.

Então, Kitty estava de pé sobre a viga, lá no alto — agora, o pequeno era eu, meu rosto era o pequeno oval branco voltado para cima quando a voz dela flutuou até mim entre os grãos de farelo levantados por minha queda:

— Ei, você aí embaixo?

— Ei, você lá em cima!

Ela andou cautelosamente ao longo da viga e meu coração se afrouxou um pouco quando julguei que ela estava acima da segurança do feno: Isto sempre acontecia, embora ela sempre fosse mais graciosa que eu... e mais atlética, embora possa parecer estranho um irmão dizer isto da irmã mais moça.

Parou em pé, nas pontas dos sapatos de tênis, estendendo as mãos para a frente. Então, mergulhou. Falam de coisas que a gente não pode esquecer, não consegue descrever.

Bem, eu consigo descrever... de certo modo. Mas não de maneira que possa fazer vocês entenderem como era tão lindo, tão perfeito, uma das poucas coisas em minha vida que parecem totalmente reais, completamente verdadeiras. Não, sou incapaz de descrever dessa maneira. Não tenho perícia suficiente com a pena e tampouco com a língua.

Por um instante, ela pareceu suspensa no ar, como se sustentada por uma daquelas misteriosas correntes ascendentes que só existiam lá no alto, uma brilhante andorinha de plumagem dourada, como Nebraska jamais vira. Era Kitty, minha irmã, os braços jogados para trás e as costas arqueadas — e como eu a amei naquele átimo de tempo!

Então ela caiu e mergulhou no feno, sumindo de vista. Uma explosão de farelo e risadinhas se ergueu do buraco feito por sua queda. Eu me esquecera do quanto aquela escada parecia fraca sob o peso dela. E quando dei por mim, Kitty já estava fora do feno e eu subindo a escada.

Tentei imitar o mergulho de Kitty, mas o medo me dominou como sempre e meu belo mergulho se transformou numa "bomba". Creio que nunca acreditei que o feno estivesse ali para amparar-me, como Kitty acreditava.

Quanto tempo demorou a brincadeira? É difícil dizer. Mas, quando tornei a olhar para cima pela décima ou décima segunda vez, percebi que a luz se modificara. Nossos pais deveriam chegar a qualquer momento e estávamos cobertos de feno... o que equivaleria a uma confissão assinada. Concordamos em subir apenas mais uma vez cada um.

Subindo primeiro, senti a escada mover-se sob meu peso e escutei muito de leve — o rangido de pregos velhos soltando-se da madeira. E, pela primeira vez, senti-me real e ativamente amedrontado. Creio que se estivesse mais próximo do chão, teria descido e colocado um ponto final no brinquedo, mas a viga estava mais perto que o solo e parecia segura. A três degraus do topo, o ranger dos pregos ficou mais forte e eu gelei subitamente de pavor, certo de que levara a brincadeira longe demais.

Então, segurei a viga cheia de farpas, retirando meu peso da escada. Um suor frio e desagradável colava-me aos cabelos os fragmentos de palha. O brinquedo perdera a graça.

Andei depressa até o ponto certo e pulei. Até mesmo a parte mais gostosa da queda perdera o sabor. Caindo, imaginei como seria se o solo duro estivesse à minha espera, em vez do feno macio.

Pulei para o chão do celeiro e vi Kitty galgando depressa os degraus. Gritei:

— Ei, desça! É perigoso!

— Agüentará! — replicou ela, confiante. — Sou mais leve que você!

— Kitty...

Mas não cheguei a terminar, pois foi aí que a escada quebrou.

Cedeu com estalo forte de madeira podre e lascada. Soltei uma exclamação e Kitty gritou. Estava na mesma altura em que eu me convencera de que havíamos abusado da sorte.

O degrau em que ela pisava soltou-se e, então, ambos os lados da escada quebraram. Por um instante, o pedaço de escada abaixo de Kitty, que se

havia soltado completamente, parecera um enorme inseto — um louva-deus — que simplesmente resolvera mudar de lugar.

Então, caiu, batendo no solo com um estalo que levantou poeira e fez as vacas mugirem de susto. Uma delas deu um coice na parede da baia.

Kitty emitiu um grito alto e agudo.

— Larry! Larry! Socorro!

Eu sabia o que precisava ser feito; percebi de imediato. Estava terrivelmente amedrontado, mas não cheguei a ficar desorientado pelo medo. Kitty estava vinte metros acima de mim, esperneando desesperadamente no vazio, com as andorinhas piando acima dela. Eu estava realmente com medo. E até hoje ainda não consigo ver um número de trapézio no circo, nem mesmo pela televisão. Sinto-me mal do estômago.

Mas sabia o que precisava ser feito.

— Kitty! — berrei para ela. — Trate de ficar quieta! Fique quieta!

Ela me obedeceu instantaneamente. As pernas pararam de mexer-se e seu corpo ficou imóvel na vertical, as mãos pequenas agarradas ao último degrau da escada quebrada, como um acrobata num trapézio parado.

Corri ao monte de feno, peguei dois punhados de palha, corri de volta e joguei-os no chão. Repeti a operação, incessantemente.

Não me lembro bem o que aconteceu depois disso, a não ser que o feno me penetrou no nariz e comecei a espirrar sem conseguir parar. Continuei a correr e voltar, formando um monte de feno onde estivera o pé da escada partida. Uma pilha muito pequena.

Olhando para ela e depois erguendo os olhos para Kitty, pendurada tão alto, ter-se-ia a impressão de uma dessas caricaturas em que o sujeito pula de cem metros de altura num copo d'água.

Correndo sempre, indo e voltando, indo e voltando.

— Larry, eu não agüento mais!

A voz de Kitty era aguda e desesperada.

— Precisa agüentar, Kitty! Tem que agüentar!

Indo e voltando. Feno dentro de minha camisa. Indo e voltando. Agora, a pilha de feno me chegava à altura do queixo. Mas o monte de feno sobre o qual costumávamos pular tinha pelo menos sete metros e meio de altura. Refleti que se ela apenas fraturasse as pernas seria barato. E sabia que se ela não caísse em cima da pilha, morreria. Indo e voltando. Indo e voltando.

— Larry! O degrau! Está cedendo!

Escutei o ranger prolongado do degrau se soltando sob o peso dela. Kitty começou a espernear, em pânico. Mas se continuasse a mexer-se daquela maneira certamente erraria a pilha.

— Não! — gritei. — Não! Pare com isso! Apenas solte-se! Solte-se, Kitty!

Ela se soltou e caiu mal eu acabara de gritar. Veio verticalmente, como uma faca.

Pareceu-me que levou uma eternidade caindo, os cabelos dourados erguidos acima da cabeça, os olhos fechados, o rosto branco como porcelana. Não gritou. Tinha as mãos cruzadas diante dos lábios, como se rezasse.

E caiu bem no centro da pilha de feno. Desapareceu de vista — o feno subiu para todos os lados, como se atingido por uma granada — e escutei o baque do corpo no chão. Aquele som, um baque forte, provocou-me um arrepio gelado como a morte. Fora muito forte — forte demais. Mas eu precisava ver.

Começando a chorar, atirei-me contra a pilha de feno, desmanchando-a, jogando para trás grandes punhados de feno. Apareceu uma pema coberta pela calça jeans, depois uma camisa quadriculada... então, o rosto de Kitty. Estava mortalmente pálido, com os olhos fechados. Estava morta; percebi logo que a avistei. O mundo ficou cinzento diante de mim, um cinza de novembro. A única coisa colorida eram os cabelos de Kitty, dourados e brilhantes.

E, em seguida, o profundo azul de seus olhos quando se abriram.

— Kitty?

Minha voz era rouca, embargada, incrédula. Minha garganta estava forrada de farelo de feno.

— Kitty?

— Larry? — perguntou ela, atordoada. — Estou viva?

Ergui-a do feno e abracei-a. Ela passou os braços pelo meu pescoço, abraçando-me também.

— Você está viva — repliquei. — Está viva, viva...

Ela fraturara o tornozelo esquerdo e nada mais. Quando o Dr. Pedersen, o clínico-geral de Columbia City, veio ao celeiro com meu pai e eu, olhou para cima, fitando a escuridão por longo tempo. O último degrau da escada ainda lá estava, de viés, preso por apenas um prego.

Como eu disse, o médico ficou olhando durante muito tempo.

— Um milagre — disse ele a meu pai.

Depois, deu um pontapé desdenhoso na pilha de feno que eu fizera e se encaminhou para seu empoeirado De Soto, partindo.

Meu pai pousou a mão em meu ombro.

— Vamos ao galpão da madeira, Larry — disse ele em voz muito calma. — Creio que já sabe o que vai acontecer lá.

— Sim, senhor — sussurrei.

— Cada pancada que eu lhe der, Larry, quero que você agradeça a Deus por sua irmã ainda estar viva.

— Sim, senhor.

E fomos juntos. Ele me bateu muitas vezes — tantas que passei uma semana sem poder me sentar à mesa para comer e tive que usar uma almofada na cadeira durante as duas semanas seguintes. E cada palmada que ele me aplicava com a mão grande e calejada, eu dava graças a Deus.

Em voz alta, muito alta. Mas tenho certeza de que nas últimas duas ou três palmadas Deus me escutou.

Deixaram que eu entrasse para vê-la pouco antes da hora de dormir. Lembro-me de que havia um passarinho no lado de fora da vidraça do quarto dela. O pé de Kitty, todo envolto em ataduras, estava apoiado ruma tábua.

Ela me olhou durante tanto tempo e com expressão tão amorosa que fiquei sem jeito.

Depois, disse:

— Feno. Você colocou feno.

— Claro que coloquei — repliquei explosivamente. — Que mais poderia fazer? Depois que a escada quebrou, não havia jeito de subir.

— Eu não sabia o que você estava fazendo — disse ela.

— Devia saber! Eu estava bem embaixo de você, bolas!

— Não me atrevi a olhar para baixo — replicou ela. — Estava morta de medo. Mantive os olhos fechados o tempo todo.

Olhei para ela, atônito.

— Você não sabia? Não sabia o que eu estava fazendo?

Ela sacudiu a cabeça.

— E quando eu lhe disse para soltar-se... você se soltou?

Ela confirmou com a cabeça.

— Como foi capaz de fazer isso, Kitty?

Ela me encarou com aqueles profundos olhos azuis.

— Eu sabia que você devia estar fazendo algo para dar um jeito declarou. — É meu irmão mais velho. Eu sabia que cuidaria de mim.

— Oh, Kitty, você não sabe do que escapou.

Cobri o rosto com as mãos. Kitty sentou-se na cama e me pegou pelos pulsos, descobrindo-me o rosto. Beijou-me a bochecha.

— Não — disse ela. — Mas sabia que você estava lá embaixo. Puxa, estou com sono. Vejo você amanhã, Larry. Vou colocar um aparelho de gesso, conforme disse o Dr. Pedersen.

Ela usou o aparelho durante pouco menos de um mês e todos os seus colegas o autografaram — ela também me obrigou a assinar. E quando retirou o aparelho, isto encerrou o episódio do celeiro. Meu pai substituiu a escada por outra mais sólida, mas nunca mais tornei a subir até a viga para saltar sobre o monte de feno. Pelo que sei, Kitty também não.

Foi o final, mas, de certo modo, não foi o final. De certo modo, o final só ocorreu há nove dias, quando Kitty saltou do topo do prédio de uma companhia de seguros no centro de Los Angeles. Tenho na carteira o recorte da notícia publicada pelo Los Angeles Times. Creio que sempre o trarei comigo, não da maneira gostosa como as pessoas costumam trazer consigo fotos das pessoas de quem querem lembrar-se, ou entradas de teatro para um espetáculo realmente bom, ou de uma final do campeonato de futebol. Carrego no bolso aquele recorte como alguém carrega um peso porque foi obra sua. A manchete diz: PROSTITUTA DE LUXO MERGULHA PARA A MORTE.

Crescemos. Isso é tudo que sei, além de fatos que não têm qualquer significação. Kitty ia cursar uma escola de secretariado em Omaha, mas no verão após sua formatura no ginásio ganhou um concurso de beleza e casou-se com um dos jurados. Parece uma piada obscena, não é mesmo? A minha Kitty.

Enquanto eu estava na faculdade de Direito, ela se divorciou e me escreveu uma longa carta, com pelo menos dez páginas, contando como tudo acontecera, como fora complicado, como poderia ter sido melhor se ela ao menos conseguisse ter um filho.

Perguntou-me se eu podia ir visitá-la, mas perder uma semana na faculdade de Direito é como perder um semestre no curso de belas-artes. Aqueles caras são como galgos de corrida: se a gente perde de vista a pequena lebre mecânica, fica fora do páreo.

Kitty mudou-se para Los Angeles e tornou a casar-se. Quando seu segundo casamento terminou, eu já terminara a faculdade. Recebi outra carta, mais curta, mais amargurada.

Nela, Kitty dizia que jamais se deixaria prender naquele carrossel. Era uma armadilha.

O único meio de se conseguir a aliança de latão era cair do cavalo e quebrar a cabeça.

Se fosse preciso pagar tal preço para um passeio gratuito, quem haveria de desejá-lo?

PS: Pode vir visitar-me, Larry? Já faz muito tempo.

Respondi a carta, dizendo que gostaria muito de ir, mas não podia. Eu arranjara emprego numa firma importante. Era um novato em posição inferior: muito trabalho e nenhum crédito. Se quisesse galgar o degrau seguinte, teria que ser naquele ano. E foi a minha longa carta: só falava da minha carreira.

Eu respondia todas as cartas de Kitty, mas não conseguia acreditar que fosse ela quem as escrevia, da mesma forma que não conseguia acreditar que o monte de feno estava lá embaixo... até que ele amortecia o baque de minha queda e me salvava a vida. Eu não podia acreditar que minha irmã e a mulher derrotada que se assinava Kitty, no meio de uma circunferência, no final daquelas cartas fossem realmente a mesma pessoa. Minha irmã era uma garota de Maria Chiquinha, ainda desprovida de seios.

Foi ela quem parou de escrever. Passei a receber cartões de Natal e de aniversário, que minha esposa respondia. Então, eu me divorciei, mudei de endereço e simplesmente esqueci. No Natal e aniversário seguintes os cartões chegaram por causa do aviso de mudança de endereço que eu deixara no correio. A primeira mudança. E eu continuava a pensar: Puxa, tenho que escrever para Kitty e avisar que me mudei. Mas nunca escrevi.

Mas, como eu já lhes disse, esses são fatos sem significação. As únicas coisas importantes são que crescemos e ela se jogou de cima daquele edifício, e o fato de ser Kitty quem sempre acreditava que o feno estivesse lá embaixo. Fora Kitty quem dissera: "Eu sabia que você devia estar fazendo alguma coisa para dar um jeito". Essas coisas interessam. E a carta de Kitty.

Hoje em dia as pessoas se mudam com tanta freqüência que é engraçado como aqueles endereços riscados e etiquetas de mudança de endereço nos envelopes das cartas podem parecer acusações. Kitty escreveu o endereço

do remetente no canto esquerdo superior do envelope, o local onde residiu até saltar do edifício. Um apartamento muito bom e bonito em Van Nuys. Papai e eu fomos até lá buscar as coisas dela. A senhoria foi delicada. Gostava de Kitty.

A carta fora colocada no correio duas semanas antes da morte de Kitty. Teria chegado às minhas mãos muito antes, se não fossem as mudanças de endereço. Kitty deve ter-se cansado de esperar resposta.

Querido Larry,

"Tenho pensado muito a respeito ultimamente... e cheguei à conclusão de que teria sido melhor para mim se aquele último degrau se quebrasse antes que você pudesse colocar o feno lá embaixo.

Sua

Kitty"

Sim, sei que ela deve ter-se cansado de esperar. Prefiro acreditar nisso que julgar que ela chegou à conclusão de que eu a esquecera. Eu não desejaria que ela pensasse assim, porque aquela simples frase talvez fosse a única coisa que me fizesse ir correndo para junto dela.

Contudo, nem mesmo isso é o motivo pelo qual agora encontro tanta dificuldade para dormir. Quando fecho os olhos e começo a pegar no sono, vejo-a pulando lá da viga, os olhos bem abertos e azuis, o corpo arqueado para trás, os braços estendidos.

Foi ela quem sempre soube que o feno estaria lá.

* * *

PRIMAVERA VERMELHA

Jack Calcanhar-de-Mola...

Vi aquelas palavras no jornal hoje de manhã, por Deus, como elas me levam ao passado! Tudo aquilo aconteceu há oito anos, quase exatos. Certa vez, durante o episódio, vi-me da TV em cadeia nacional — no Programa Walter Cronkite. Apenas um rosto que passou depressa ao fundo, por detrás do jornalista, mas minha família me identificou de imediato. Fizeram-me um chamado interurbano. Papai queria ouvir minha análise da situação; mostrou-se amistoso e entusiasmado, tratando-me em pé de igualdade, de homem para homem. Minha mãe queria apenas que eu voltasse para casa.

Mas eu não queria voltar. Estava encantado.

Encantado por aquela primavera vermelha sombria e enevoada, pela sombra de morte violenta que rondava naquelas noites, oito anos atrás. A sombra de Jack Calcanhar-de-Mola.

Na Nova Inglaterra, chamam de primavera vermelha. Ninguém sabe por que; é apenas uma expressão empregada pelos habitantes mais antigos da região. Dizem que acontece uma vez em cada oito ou dez anos. O que aconteceu no Colégio de Professores New Sharon naquela específica primavera vermelha... também deve existir um ciclo para aquilo, mas se alguém sabe qual é, nunca revelou.

No New Sharon; a primavera vermelha teve início a 16 de março de 1968. Naquele dia, terminou o inverno mais frio dos últimos vinte anos. Chovia e era possível sentir-se o cheiro do mar trinta quilômetros a oeste do litoral. A neve, que em alguns lugares chegava a quase noventa centímetros de profundidade, começou a derreter e as calçadas do campus ficaram cobertas de lama. As esculturas de neve do Carnaval de Inverno, que tinham sido conservadas nítidas e bem delineadas durante dois meses pelas temperaturas bem inferiores a zero, começaram finalmente a derreter-se e perder a consistência. A caricatura de Lyndon Johnson em frente à sede da fraternidade Tep chorava lágrimas de neve derretida. A

pomba em frente do Prashner Hall perdeu as penas congeladas e seu esqueleto de madeira compensada aparecia tristemente em vários pontos.

E quando a noite chegou trouxe consigo o nevoeiro, que se movimentava branco e silencioso ao longo das estreitas ruas e logradouros do campus. Os pinheiros na alameda arborizada furavam o nevoeiro como dedos apontados para cima e a névoa pairava, vagarosa como fumaça de cigarro, por baixo da ponte próxima aos velhos canhões da Guerra Civil. Parecia tornar as coisas estranhas, fantasmagóricas, mágicas. O viajante desavisado sairia da confusão brilhantemente iluminada e vibrante com o som da vitrola automática do Grinder, esperando encontrar o frio limpo e estrelado do inverno... e, ao invés disso, ver-se-ia subitamente num mundo silencioso e abafado de névoa branca, no qual o único som era o de seus próprios passos e o leve pingar da água nas velhas calhas. Quase esperava ver algum duende passar apressadamente, ou olhar para trás e verificar que o Grinder desaparecera, sumira, cedendo lugar a um panorama enevoado de charnecas e teixos; talvez um círculo druída ou uma cintilante reunião de fadas.

Naquele ano, a vitrola automática tocava "Love Is Blue". Tocava interminavelmente "Hey, Jude". Tocava também "Scarborough Fair".

E às onze e dez daquela noite, um aluno do penúltimo ano chamado John Dancey, no caminho de volta ao seu dormitório, começou a gritar no nevoeiro, largando os livros sobre as pernas da jovem que jazia morta num canto sombrio do estacionamento da ala de Ciências Animais, a garganta cortada de uma orelha à outra, mas os olhos abertos e parecendo quase brilharem como se ela tivesse acabado de fazer a pilhéria mais engraçada de sua curta vida. John Dancey, estudante de didática e oratória, gritou, gritou, gritou.

O dia seguinte foi nublado e ameaçador; fomos para as aulas com perguntas ansiosas na ponta da língua — quem? por quê? quando acha que vão apanhá-lo? E a última pergunta, eletrizante: você a conhecia?

Sim, fiz um curso de arte com ela.

Sim, um dos amigos de meu companheiro de quarto saiu com ela no semestre passado.

Sim, ela me pediu fogo no Grinder, certa vez. Estava na mesa ao lado.

Sim.

Sim, eu.

Sim... sim... oh, sim, eu...

Todos nós a conhecíamos. Chamava-se Gale Cerman (pronunciado Kerrman) e ia diplomar-se em arte. Usava óculos do tipo "vovó" e tinha um belo corpo. Era querida mas suas colegas de quarto a detestavam. Nunca saía muito, embora fosse uma das garotas mais promíscuas do campus Era feia, mas engraçadinha. Fora uma moça ativa, cheia de vida, que falava pouco e raramente sorria. Estava grávida e sofria de leucemia.

Era lésbica e fora assassinada pelo namorado. Era primavera vermelha e, na manhã de 17 de março, todos nós conhecíamos Gale Cerman.

Meia dúzia de carros da polícia chegaram vagarosamente ao campus e a maioria deles estacionou em frente ao Judith Franklin Hall, onde residira a garota Cerman. Quando passei por lá a caminho da aula das dez horas, pediram-me que mostrasse minha carteira de identidade de estudante. Fui esperto. Mostrei ao policial a foto que não tinha presas de vampiro.

— Você anda com uma faca no bolso? — indagou astuciosamente o guarda.

— É a respeito de Gale Cerman? — indaguei, depois de afirmar que a coisa mais mortífera que carregava comigo era um chaveiro com pé de coelho.

— Por que pergunta? — quis saber ele, com a avidez de um gato saltando sobre um camundongo.

Eu estava cinco minutos atrasado para a aula.

Era primavera vermelha e ninguém andou sozinho pelo compus meio acadêmico, meio fantástico, naquela noite. O nevoeiro descera outra vez, com cheiro de oceano, silencioso e profundo.

Por volta de nove horas, meu companheiro de quarto entrou correndo em nosso alojamento, onde eu estivera esquentando os miolos com um ensaio sobre Milton desde as sete horas.

— Eles o pegaram — anunciou. — Ouvi dizer lá no Grinder.

— Ouviu de quem?

— Não sei. Algum sujeito. O assassino foi o namorado dela. Chama-se Carl Amolara.

Recostei-me na cadeira, aliviado e desapontado. Com um nome como aquele, tinha que ser verdade. Um pequeno crime passional, sórdido e letal.

— Muito bem — comentei. — Ótimo.

Ele saiu do quarto para espalhar a notícia pelo prédio. Reli meu ensaio sobre Milton, não consegui perceber o que queria dizer, rasguei-o e

recomecei tudo.

Apareceu nos jornais no dia seguinte. Havia uma foto incongruentemente nítida de Amalara — provavelmente um retrato de formatura no ginásio — que mostrava um rapaz de aparência um tanto tristonha, moreno, de cabelos escuros e marcas de catapora no nariz. Ainda não confessara o crime, mas existiam fortes indícios contra ele. Amalara e Gale Cerman haviam discutido muito no último mês e tinham rompido o namoro na semana anterior. O companheiro de quarto de Amalara dissera à polícia que este ficara "acabrunhado". Num baú embaixo de sua cama, a polícia encontrara uma faca de caça com dezesseis centímetros, marca L.L. Bean, e uma fotografia da pequena que, aparentemente, fora cortada com uma tesoura.

Ao lado da fotografia de Amalara, aparecia uma de Gale Cerman. Meio desfocada, mostrava um cão, um flamingo de jardim com plumagem na muda, e uma garota loura de ar assustado, usando óculos. Uma de suas mãos estava pousada na cabeça do cão. Era verdade, então. Tinha que ser verdade.

E naquela noite o nevoeiro veio mais uma vez, não com a delicadeza de um gatinho, mas esparramando-se silenciosamente com maus modos. Naquela noite, saí para andar.

Tinha dor de cabeça e caminhei para respirar o ar livre, sentindo o cheiro úmido e enevoado da primavera que eliminava lentamente a neve relutante, deixando à mostra trechos mortos da grama do ano anterior, nus e descobertos como a cabeça de uma idosa avó suspirante.

Para mim, foi uma das mais belas noites de que consigo lembrar-me. As pessoas por quem eu passava sob a luz difusa dos postes eram sombras murmurantes e todas elas pareciam apaixonadas, caminhando de mãos dadas e fitando-se nos olhos. A neve derretida pingava e escorria, de cada calha sombria erguia-se o som do mar, um escuro mar de inverno, que agora estava em plena maré vazante.

Andei até quase meia-noite, até ficar totalmente coberto de umidade, e passei por muitas sombras, escutei muitos passos ecoando sonhadoramente nas sendas sinuosas. Quem pode dizer que uma daquelas sombras não era o nome, ou a coisa, que se tornou conhecido por Jack Calcanhar-de-Mola? Eu não, pois passei por muitas sombras, mas, no nevoeiro, não enxerguei rostos.

Na manhã seguinte, fui despertado pelo clamor no corredor. Tropecei para fora do quarto a fim de verificar quem fora convocado para as forças armadas, ajeitando os cabelos com as mãos e passando pelo céu da boca a lagarta cabeluda que ladinamente substituíra minha língua.

— Ele pegou outra — disse-me alguém, pálido de excitação. Tiveram que soltá-lo.

— Soltar quem?

— Amalara! — exclamou alguém, cheio de satisfação. — Ele estava na cadeia, quando aconteceu.

— Quando aconteceu o quê? — indaguei, paciente.

Mais cedo ou mais tarde eu entenderia. Tinha certeza disso.

— O cara matou alguém ontem à noite. E agora estão procurando por toda parte.

— Procurando o quê?

O rosto pálido surgiu outra vez diante de mim.

— A cabeia dela. Quem a matou levou consigo a cabeça dela.

Hoje em dia, New Sharon não é um colégio grande e era ainda menor naquela época — o tipo de instituição de ensino que o pessoal de relações públicas costuma chamar familiarmente de "colégio comunitário". E era realmente como uma pequena comunidade, ao menos naqueles dias; entre os alunos e seus amigos, era provável que ao menos cumprimentassem com a cabeça todos os outros e os amigos deles. Gale Cerman era o tipo de garota a quem apenas se cumprimentava com a cabeça, pensando vagamente já tê-la visto em algum lugar.

Todos nós conhecíamos Ann Bray. Tirara o segundo lugar no concurso de Miss Nova Inglaterra no ano anterior, quando sua demonstração de talento fora girar um baliza em chamas ao som de "Hey, Look Me Over". Era cerebral, também; até a época de sua morte foi editora do jornal do colégio (um pasquim semanal com muitas caricaturas políticas e cartas bombásticas), membro da sociedade dramática estudantil e presidente da Fraternidade Nacional de Serviços, Seção de New Sharon. Na quente e feroz efervescência de meus tempos de calouro, eu apresentara ao jornal a idéia para uma nova coluna e convidara Ann Bray para sair comigo sendo rejeitado em ambas as coisas.

E agora ela estava morta... pior que morta.

Encaminhei-me para as aulas da tarde como todo mundo, cumprimentando com a cabeça as pessoas conhecidas e dizendo alô com

um pouco mais de ênfase que o costume, como se isto compensasse o modo atento pelo qual eu lhes estudava os semblantes. Que era o mesmo modo pelo qual elas estudavam o meu. Havia algo sombrio entre nós, tão sombrio quanto as sendas que serpenteavam pelos bosques ou entre os carvalhos seculares no espaço atrás do ginásio. Tão sombrio quanto o vulto dos canhões da Guerra Civil avistado através da movediça membrana de nevoeiro.

Fitávamo-nos nos rostos e tentávamos decifrar a escuridão por detrás de um deles.

Desta vez, a polícia não prendeu ninguém. As "joaninhas" azuis patrulhavam incessantemente o campus nas enevoadas noites de primavera dos dias 18, 19 e 20, e os holofotes revistavam os cantos sombrios com errático entusiasmo. A administração impôs um toque de recolher obrigatório às nove horas. Um casal imprudente apanhado namorando nos arbustos do jardim ao norte do Tate Alumni Bufding foi levado à delegacia policial de New Sharon e impiedosamente interrogado durante três horas.

Houve um histérico alarme falso no dia 20, quando um rapaz foi encontrado inconsciente no mesmo estacionamento onde o cadáver de Gale Cerman fora achado.

Um afobado guarda que patrulhava o campus colocou-o no banco traseiro do carro e cobriu-lhe o rosto com um mapa do município, sem dar-se o trabalho de tomar-lhe o pulso; partiu às pressas para o hospital local, a sirene gemendo através do campus deserto como um bando de almas penadas.

A meio caminho do hospital, o cadáver no banco traseiro sentou-se e perguntou com voz atordoada:

— Onde, diabo, estou eu?

O guarda soltou um grito e deixou o carro sair da estrada. O cadáver, segundo se verificou, era um aluno do penúltimo ano que passara os dois últimos dias acamado com uma forte gripe — não foi a gripe "asiática", naquele ano? Não me lembro direito. De qualquer forma, o aluno, que se chamava Donald Moais, desmaiou no estacionamento quando se encaminhava ao Grinder para tomar um prato de sopa com torradas.

Os dias continuaram mornos e nublados. As pessoas formavam pequenos grupos que mostravam uma surpreendente tendência para se desfazerem e tomarem a formar-se com grande rapidez. Olhar para o mesmo conjunto de fisionomias durante muito tempo provocava idéias

estranhas a respeito de algumas delas. E a velocidade com que os boatos se espalhavam de uma extrernidade à outra do campus começou a aproximar-se da velocidade da luz; um professor de História muito querido pelos alunos fora ouvido rindo e chorando ao mesmo tempo perto da pequena ponte; Gale Cerman deixara uma enigmática mensagem de duas palavras, escrita com seu próprio sangue no asfalto do estacionamento da ala de Ciências Animais; ambos os crimes eram, na realidade, assassinatos políticos, mortes rituais levadas a efeito por uma ramificação da SDS em protesto contra a guerra no Vietnã. Isso era verdadeiramente ridículo. A SDS de New Aharan tinha sete membros. Uma ramificação de tamanho significativo equivaleria ao fim da organização. Tal fato causou uma invenção ainda mais sinistra por parte dos direitistas do compus: agitadores vindos de fora. Assim, durante aqueles dias esquisitos e mornos, todos nós nos mantivemos de olhos atentos contra eles.

A imprensa, sempre volúvel, ignorava a forte semelhança que nosso assassino apresentava com Jack, o Estripador, e bisbilhotou até uma época ainda mais remota — até 1819. Ann Bray fora encontrada numa úmida senda de terra a cerca de quatro metros da calçada mais próxima e, apesar de tudo, não havia sinal de pegadas, nem mesmo suas.

Um empreendedor jornalista de New Hampshire apaixonado por coisas do passado batizou o matador de Jack Calcanhar-de-Mola em homenagem ao famigerado Dr. John Hawkins, de Bristol, que matara cinco de suas esposas com exóticos preparados farmacêuticos. E o apelido pegou, provavelmente por causa daquele solo molhado que, apesar de tudo, não apresentava marcas.

No dia 21 tornou a chover. A alameda e o espaço atrás do ginásio se transformaram em atoleiros. A polícia anunciou que espalharia pelo compus detetives à paisana — homens e mulheres — e retirou metade dos carros-patrulha.

O jornal do colégio publicou um editorial fortemente indignado, embora um tanto incoerente, protestando contra a medida. A essência do protesto parecia tomar por base o fato de que, com todos os tipos de policiais fazendo-se passar por estudantes, seria impossível distinguir entre um verdadeiro agitador vindo de fora e um policial disfarçado.

O crepúsculo chegou e, com ele, o nevoeiro, subindo vagarosamente pelas avenidas arborizadas, escondendo os prédios um a um. Era uma névoa macia, insubstancial, mas, de algum modo, implacável e

assustadora. Jack Calcanhar-de-Mola era um homem e ninguém parecia duvidar disso, mas a névoa era sua cúmplice e era feminina... ou, pelo menos, assim me parecia. Era como se nosso pequeno colégio estivesse encurralado entre os dois, esmagado por um abraço de dois amantes, parte de um casamento que fora consumado com sangue. Fiquei sentado, fumando e observando as luzes se acenderem na crescente escuridão, conjeturando se tudo estaria terminado. Meu companheiro de quarto entrou e fechou silenciosamente a porta atrás de si.

— Vai nevar em breve — disse ele.

Voltei-me para encará-lo.

— O rádio disse isso?

— Não — respondeu ele. — Quem precisa de meteorologista? Nunca ouviu falar em primavera vermelha?

Parou junto de mim, olhando para a escuridão que se tornava mais densa, lá fora.

— A primavera vermelha é como o verão índio, só que mais rara explicou. — Aqui nesta região do país temos um bom verão índio a cada dois ou três anos. Um tipo de clima como o que estamos atravessando agora só ocorre em cada oito ou dez. É uma primavera falsa, mentirosa, como o verão índio é um verão falso. Minha avó costumava dizer que a primavera vermelha significa que o pior vento norte do inverno ainda está para chegar — e quanto mais dura a primavera vermelha, mais forte é a tempestade que vem depois dela.

— Folclore — repliquei. — Não acredito numa só palavra.

Olhei para ele:

— Mas estou nervoso. E você?

Ele sorriu com benevolência e roubou um de meus cigarros do maço que estava sobre o peitoril da janela.

— Suspeito de todos a exceção de você e de mim — respondeu. Então, seu sorriso se apagou um pouco: — E às vezes tenho minhas dúvidas quanto a você. Quer ir ao Union jogar sinuca? Aposto dez pratas.

— Tenho prova preliminar de trigonometria na semana que vem. Vou sentar-me com um marcador mágico e uma pilha de anotações de aula.

Durante muito tempo depois que ele saiu só consegui olhar pela janela. E mesmo depois que abri o livro e comecei a estudar, parte de mim ainda continuou lá fora, andando nas sombras onde algo escuro agora imperava.

Naquela noite, Adele Parkins foi assassinada. Seis carros da polícia e dezessete policiais à paisana com aparência de estudantes (oito deles mulheres importadas de uma cidade longínqua como Boston) patrulhavam o campus. Contudo, Jack Calcanhar-de-Mola matou-a assim mesmo, atacando sem erro uma de nossas colegas. A falsa primavera, a primavera mentirosa, ajudou-o e agiu como sua cúmplice — ele matou Adele e deixou-a recostada no banco, ao volante do carro, do seu Dodge 1964, para ser encontrada na manhã seguinte. Acharam parte dela no banco traseiro e outra parte no porta-malas.

Escritas a sangue no pára-brisas desta vez de fato, em vez de boato — estavam duas palavras: HA! HA!

Depois disso, o campus enlouqueceu silenciosamente; todos nós e nenhum de nós conhecêramos Adele Parkins. Era uma daquelas mulheres anônimas atormentadas que trabalhavam no Gringer durante o estafante turno das seis às onze da noite, enfrentando hordas de alunos famintos de hambúrgueres nos intervalos das aulas ou vindos da biblioteca situada no outro lado da rua. Deve ter levado uma vida mais fácil naquelas três últimas noites enevoadas de sua vida; o toque de recolher estava sendo rigorosamente observado e, depois das nove horas, os únicos fregueses do Grinder eram os policiais famintos e os faxineiros satisfeitos — os prédios vazios à noite haviam melhorado consideravelmente sua costumeira rabugice.

Pouco resta a contar. A polícia, com tanta tendência à histeria quanto qualquer um de nós e imprensada contra a parede, prendeu um inofensivo homossexual aluno do último ano de sociologia, chamado Hanson Gray, que alegava "não conseguir lembrar-se" de onda passara várias das noites fatídicas. Ficharam-no, pronunciaram-no e o puseram em liberdade para regressar apressadamente à sua cidade natal em New Hampshire depois da inominável última noite da primavera vermelha, quando Marsha Curran foi assassinada na alameda arborizada.

Nunca se saberá por que motivo ela saiu sozinha — era uma gordinha tristemente bonita que morava num apartamento da cidade com três outras moças. Esgueirara-se para o interior do campus tão silenciosa e facilmente quanto o próprio Jack Calcanhar-de-Mola. O que a trouxera até ali? Talvez sua necessidade fosse tão profunda e ingovernável quanto a do assassino. E tão além de toda e qualquer compreensão. Talvez a necessidade de um

desesperado e apaixonado romance com a noite morna, o nevoeiro morno, o cheiro do mar e o punhal frio.

Isso foi no dia 23. No dia 24, o reitor do colégio anunciou que as férias da primavera seriam antecipadas de uma semana e nós nos dispersamos, não alegres como são os estudantes em férias, mas como carneiros assustados fugindo à tempestade, deixando o campus vazio e ocupado apenas pela polícia e por um espectro sombrio.

Eu tinha meu próprio carro e dei carona para seis pessoas que iam no mesmo rumo que eu, as bagagens entulhadas de qualquer maneira. Não foi uma viagem agradável. Por tudo o que qualquer um de nós sabia, Jack Calcanhar-de-Mola bem poderia estar conosco naquele carro.

Naquela noite, o termômetro baixou quinze graus e toda a área setentrional da Nova Inglaterra foi fustigada por uma terrível tempestade vinda do norte, que começou com granizo e terminou com mais de trinta centímetros de neve. O costumeiro número de pessoas idosas sofreu ataques cardíacos limpando a neve das calçadas — e então, como num passe de mágica, chegou abril. Chuvas limpas e noites estreladas.

Chamam de primavera vermelha. Só Deus sabe por que motivo. É uma época nefasta e mentirosa, que só aparece uma vez em cada oito ou dez anos. Jack Calcanhar-de-Mola partiu com o nevoeiro e, no início de junho, as conversas no campus se voltaram para uma série de protestos contra a convocação para o serviço militar e uma demonstração diante do prédio onde um conhecido fabricante de napalm entrevistava candidatos a emprego. Em junho, o assunto de Jack Calcanhar-de-Mola foi quase unanimemente evitado — pelo menos em voz alta. Desconfio que muitos faziam muitas conjecturas em particular, buscando uma rachadura no ovo aparentemente íntegro da loucura que daria sentido a tudo aquilo.

Foi naquele ano que me formei e, no ano seguinte, eu me casei. Um bom emprego numa editora local. Em 1971 tivemos um filho que agora está quase em idade escolar. Um ótimo menino, inteligente, que tem os meus olhos e a boca da mãe.

Então, o jornal de hoje.

Claro que eu sabia que ela voltara. Soube ontem de manhã, quando acordei e escutei o misterioso barulho da neve derretida escorrendo nas calhas e senti o cheiro salgado do oceano em nossa varanda da frente, que fica a quinze quilômetros da praia mais próxima. Soube que a primavera vermelha voltou quando saí do trabalho ontem à noite e tive que acender

os faróis contra a névoa que já começava a se espalhar pelos campos e ravinas, dissolvendo os contornos dos prédios e formando halos fantasmagóricos em torno das lâmpadas dos postes.

O jornal desta manhã diz que uma jovem foi assassinada no campus de New Sharon, perto dos velhos canhões da Guerra Civil. Foi assassinada na noite passada e encontrada sobre um monte de neve que começava a derreter-se. Ela não... ela não estava toda ali.

Minha mulher está perturbada. Quer saber onde eu estive ontem à noite. Não posso dizer porque não me recordo. Lembro-me de ter saído do trabalho para casa, como me lembro de ter acendido os faróis para procurar meu caminho através do adorável nevoeiro que começava a espalhar-se. Mas isso é tudo de que me lembro.

Estive pensando naquela noite enevoada em que senti dor de cabeça e andei para respirar o ar livre, passando por todas as lindas sombras desprovidas de forma ou de substância. E estive pensando na mala do meu carro — que palavra feia, mala — e imaginando por que motivo neste mundo eu teria medo de abri-la.

Enquanto escrevo, posso ouvir minha mulher chorando no quarto ao lado. Pensa que estive com uma mulher ontem à noite.

E, oh, meu bom Deus, eu também penso que estive.

* * *

SEI O QUE VOCÊ PRECISA

— Sei o que você precisa.

Elizabeth ergueu os olhos do texto de sociologia, assustada, e viu o jovem de aparência corriqueira, trajando uma jaqueta verde-oliva. Por um instante, refletiu que ele lhe parecia familiar, como se ela o tivesse conhecido anteriormente, quase uma sensação de déjà vu. Então, a impressão desapareceu. Ele tinha aproximadamente a mesma altura que ela; era muito magro e... tinha tiques nervosos. Ou melhor, não os tinha. Todavia, embora não se mexesse, parecia retorcer-se sob a pele, às escondidas. O cabelo era preto e desgrenhado. Usava óculos com grossos aros que lhe aumentavam os olhos castanhos escuros e cujas lentes pareciam sujas. Não, ela estava bastante segura de que nunca o vira antes.

— Você sabe? — replicou ela. — Duvido.

— Você precisa de uma casquinha de sorvete de morango. Certo?

Elizabeth pestanejou para ele, francamente espantada. Em algum recesso de sua mente, ela estivera pensando em fazer uma pausa no estudo, a fim de tomar um sorvete.

Preparava-se para os exames finais num recanto isolado do terceiro andar da União dos Estudantes e ainda estava desgraçadamente longe de terminar.

— Certo? — persistiu ele.

E sorriu.

O sorriso transformou-lhe o rosto de algo supertenso e quase feio em alguma coisa diferente que era esquisitamente atraente. A palavra "gracioso" ocorreu a Elizabeth, embora não fosse um termo muito adequado para aplicar-se a um rapaz; mas aquele rapaz era gracioso quando sorria. Ela retribuiu o sorriso antes de poder impedi-lo de chegar aos lábios. Aquilo era algo de que ela não precisava: ter que perder tempo dando o fora em um biruta que escolhera a pior época do ano para tentar impressioná-la. Ainda precisava estudar dezesseis capítulos da Introdução à Sociologia.

— Não, obrigada — respondeu ela.

— Vamos, se continuará estudar tanto, ficará com dor de cabeça. Está estudando sem parar há mais de duas horas.

— Como sabe?

— Estive observando você — disse ele prontamente.

Desta vez, porém, o sorriso de moleque não surtiu efeito em Elizabeth. Ela já estava com dor de cabeça.

— Bem, pode parar — disse ela, em tom mais áspero do que pretendia. — Não gosto que olhem para mim.

— Sinto muito.

Ela sentiu pena dele, do jeito que a gente tem piedade de cães perdidos. Ele parecia flutuar na jaqueta verde-oliva e... sim, usava meias de cores diferentes. Uma preta, outra marrom. Elizabeth sentiu-se prestes a sorrir novamente e conteve-se.

— Tenho exames finais — disse em tom brando.

— Claro — disse ele. — Tudo bem.

Ela o fitou pensativamente. Então, baixou os olhos para o livro, mas a imagem do encontro persistia: sorvete de morango.

Quando Elizabeth regressou ao dormitório já passavam quinze minutos das onze horas da noite e Alice estava estendida na cama, escutando Neil Diamond e lendo The Story of O.

— Não sabia que esse livro era adotado no seu curso — comentou Elizabeth.

Alice sentou-se na cama.

— Estou ampliando meus horizontes, querida. Abrindo minhas asas intelectuais. Elevando meu... Liz?

— Hmmm?

— Ouviu o que eu disse?

— Não. Desculpe-me, eu...

— Parece que alguém lhe deu uma cacetada, garota.

— Conheci um cara esta noite. Um tipo de cara engraçado, por sinal.

— Oh? Ele deve ser algo mais, para conseguir separar a grande Elizabeth Rogan de seus amados textos?

— O nome dele é Edward Jackson Hammer Júnior. Só isso. Baixo. Magro. Parece ter lavado o cabelo pela última vez no dia do nascimento de George Washington. Oh, e usa meias de cores diferentes: uma preta, outra marrom.

— Pensei que você preferisse o tipo que pertence às fraternidades estudantis.

— Não é nada disso, Alice. Eu estava estudando no terceiro andar da União — o Tanque dos Pensamentos — e ele me convidou para tomar um sorvete no Grinder. Recusei e ele foi embora, meio furtivamente. Mas

depois que ele me fez pensar em sorvete, não consegui mais parar. Decidi fazer uma pausa para tomar um sorvete e lá estava ele, segurando uma casquinha dupla de sorvete de morango em cada mão.

— Estremeço de ânsia para conhecer o desenlace.

Elizabeth fungou desdenhosamente.

— Bem, eu realmente não poderia recusar. Portanto, ele se sentou e acabei sabendo que estudou Sociologia com o Professor Branner no ano passado.

— Os milagres jamais cessarão, Deus misericordioso? Pela sagrada...

— Ouça: é realmente espantoso. Sabe como tenho me esforçado nesse curso?

— Claro. Você praticamente fala nele quando está dormindo.

— Estou com setenta e oito de média. Preciso ter oitenta para conservar minha bolsa de estudos e isso significa tirar ao menos oitenta e quatro. na prova final. Bem, esse tal Ed Hammer afirma que o Professor Branner dá quase a mesma prova final todos os anos. E Ed é eidético.

— Quer dizer que ele possui... como é mesmo o nome?... uma memória fotográfica.

— Sim. Veja isto.

Elizabeth abriu o livro de Sociologia e retirou dele três folhas de papel do caderno cobertas de anotações.

Alice pegou-as.

— Parece coisa de múltipla escolha.

— Exatamente. Ed afirma que é aprova final que Branner deu no ano passado, palavra por palavra.

Alice declarou peremptoriamente:

— Não acredito.

— Mas inclui a matéria toda!

— Mesmo assim, não acredito — disse Alice, devolvendo as folhas. Só porque esse espectro...

— Ele. não é um espectro. Não fale assim.

— Está bem. Esse sujeitinho não convenceu você a parar de estudar e só decorar isso, não é?

— Claro que não — replicou Elizabeth, pouco à vontade.

— E mesmo que essa seja a prova final, você acha que é direito?

A raiva surpreendeu Elizabeth, roubando-lhe a língua antes que ela pudesse conter as palavras:

— Esse negócio de ética é ótimo para você, naturalmente. Consta da Lista do Reitor todos os semestres e seus pais pagam a universidade. Você não é... Ei, desculpe-me. Eu não precisava agir assim.

Alice sacudiu os ombros e reabriu o livro, mantendo o rosto cuidadosamente neutro.

— Não, você tem razão. Não é da minha conta. Mas por que não estuda o livro, também... só por medida de segurança?

— Claro que vou estudar.

Contudo, Elizabeth estudou muito mais as anotações de provas fornecidas por Edward Jackson Hammer Jr.

Quando saiu da sala de aula depois do exame, ele a esperava sentado no vestíbulo, flutuando dentro de sua jaqueta verde-oliva do exército. Sorriu hesitante para ela e levantou-se.

— Como foi?

Elizabeth beijou-lhe impulsivamente o rosto. Não podia lembrar-se de já ter sentido um alívio tão abençoado.

— Creio que acertei tudo.

— É mesmo? ótimo. Quer um sanduíche?

— Adoraria um — respondeu Elizabeth, distraída.

Continuava com a mente presa ao exame. Era exatamente o que Ed lhe fornecera, quase palavra por palavra, e ela respondera as questões com a maior facilidade.

Comendo sanduíches, ela indagou como iam as provas finais de Ed.

— Não tenho. Estou na categoria Honra em todas as matérias e só faço provas finais se quiser. Como eu ia bem, não fiz as provas.

— Então, por que ainda está aqui?

— Precisava saber como você se sairia, não é mesmo?

— Você não precisava, Ed. É muita delicadeza sua, mas...

A expressão nua no olhar dele a perturbava. Já vira antes aquele tipo de expressão. Era uma garota bonita.

— Sim — disse ele. — Eu precisava...

— Fico-lhe muito grata, Ed. Creio que você salvou minha bolsa de estudos. No duro. Mas tenho um namorado, sabe?

— Sério? — perguntou ele, fracassando na tentativa de falar despreocupadamente.

— Muito — disse ela, no mesmo tom que ele. — Estamos quase noivos.

— Ele sabe como tem sorte? Sabe quanta sorte tem?

— Eu também tenho sorte — disse Elizabeth, pensando em Tony Lombard.

— Beth — disse Ed de repente.

— O que? — perguntou ela, espantada.

— Ninguém a chama assim, não é?

— Ora ... ninguém. Não, não me chamam assim.

— Nem mesmo o tal cara?

— Não...

Tony a chamava de Liz. Às vezes, de Lizzie, o que era ainda pior. Ed debruçou-se sobre a mesa.

— Mas Beth é o apelido que mais lhe agrada, não é?

Ela riu para esconder a confusão que sentia.

— Por que cargas d'água...

— Não importa — replicou Ed, com seu sorriso de garotinho. — Eu chamarei você de Beth.

Assim é melhor. Agora, coma seu sanduíche.

O penúltimo ano terminou e Elizabeth despedia-se de Alice. Estavam pouco à vontade uma com a outra e Elizabeth sentia muito. Supunha que a culpa de tudo lhe cabia; ela se gabara demais quando as notas da prova final de sociologia foram anunciadas. Tirara noventa e sete — a nota mais alta da turma.

Bem, disse com seus botões no aeroporto, enquanto aguardava que os alto-falantes chamassem os passageiros de seu vôo, não fora mais antiético que as horas de estudo laborioso que ela gastara naquele canto do terceiro andar da União dos Estudantes. Na verdade, não se tratava de um estudo laborioso, mas apenas de decorar a matéria, que logo seria esquecida quando a prova terminasse.

Apalpou o envelope cujo canto sobressaía de sua bolsa: o aviso de seu empréstimo para bolsa de estudos no último ano da universidade dois mil dólares. Naquele verão, ela e Tony trabalhariam juntos em Boothbay, no Maine, e o dinheiro que lá ganharia seria o suficiente para completar o custeio dos estudos. E, graças a Ed Hammer, seria um verão lindo. Um mar de rosas, de ponta a ponta.

Entretanto, foi o pior verão de sua vida.

Junho foi chuvoso, a escassez de gasolina diminuiu muito o afluxo de turistas e as gorjetas no Boothbay Inn foram medíocres. Ainda pior, Tony a pressionava com relação ao casamento, alegando que podia arranjar um

emprego no campus ou nas redondezas; com a sua bolsa de estudos concedida pelo Auxilio Estudantil, ela poderia diplomar-se em grande estilo. Elizabeth ficou surpresa ao constatar que a idéia lhe causava mais temor que alegria.

Algo estava errado.

Ela não sabia o que, mas havia algo faltando, desajustado, fora de lugar. Uma noite, no final de julho, ela se assustou ao ter uma crise histérica de choro em seu apartamento. A única coisa boa em tudo aquilo foi sua companheira de quarto, uma garota miúda e tímida chamada Sandra Ackerman, ter saído com o namorado.

O pesadelo chegou no início de agosto. Ela jazia no fundo de uma sepultura aberta, incapaz de mover-se. A chuva caía de um céu branco em seu rosto voltado para cima.

Então, Tony postou-se à beira da sepultura, usando seu capacete amarelo de trabalhador em construção.

— Case-se comigo, Liz — disse ele, fitando-a inexpressivamente. Case-se corrugo, ou...

Ela tentou falar, concordar; faria tudo desde que ele a tirasse daquele horrível buraco enlameado. Mas estava paralisada.

— Muito bem — disse Tony. —— Então, é ou...

Afastou-se, desaparecendo. Ela procurou livrar-se da paralisia, mas não conseguiu.

Então, escutou o barulho do trator.

Logo depois, avistou: um alto monstro amarelo, empurrando com a lâmina um monte de terra lamacenta. O rosto impiedoso de Tony espiava da cabine aberta.

Ia enterrá-la viva.

Encurralada no corpo imóvel e mudo, ela só podia observar num pavor silencioso.

Torrões de terra começaram a cair pela beirada da cova...

Uma voz conhecida gritou:

— Vá embora! Deixe-a em paz! Vá embora!

Tony desceu afobadamente do trator e fugiu correndo.

Um imenso alívio a invadiu. Ela teria chorado, se fosse capaz. Então, surgiu seu salvador, parado ao pé da sepultura aberta, como um sacristão. Era Ed Hammer, flutuando em sua jaqueta verde-oliva, os cabelos

desgrenhados, os óculos de aros grossos escorregados para a ponta do nariz. Estendeu a mão para ela.

— Levante-se — disse mansamente. — Sei o que você precisa. Levante-se, Beth.

E ela conseguiu levantar-se. Soluçou de alívio. Tentou agradecer; as palavras se embaralharam umas nas outras. E Ed limitou-se a sorrir suavemente, meneando a cabeça. Ela pegou a mão que ele lhe estendia e olhou para baixo, a fim de verificar onde estava pisando. Quando tornou a erguer os olhos, estava segurando a pata de um lobo enorme e ameaçador, com imensos olhos vermelhos e compridos dentes afiados abertos para mordê-la.

Elizabeth acordou sentada na cama, a camisola ensopada de suor. Seu corpo tremia incontrolavelmente. Mesmo depois de um chuveiro morno e um copo de leite, não conseguiu reconciliar-se com a escuridão. Dormiu com a luz acesa.

Uma semana depois, Tony morreu.

Ela abriu a porta de roupão, esperando deparar-se com Tony, mas era Danny Kilmer, um dos colegas de trabalho de Tony. Danny era um sujeito divertido; ela e Tony tinham saído algumas vezes com ele e sua pequena. Todavia, parado à porta do apartamento de Elizabeth, no segundo andar do prédio, Danny parecia não apenas sério, mas doente.

— Danny? — disse ela. — O que...

— Liz — interrompeu ele. — Precisa controlar-se, Liz. Você... oh, Deus!

Esmurrou a esquadria da porta com a mão grande e suja. Elizabeth percebeu que ele chorava.

— Danny, é Tony? Aconteceu alguma coisa...

— Tony está morto — disse Danny. — Ele...

Mas falava com o ar. Elizabeth desmaiara.

A semana seguinte transcorreu numa espécie de sonho. A estória se recompôs a partir da tristemente lacônica notícia no jornal e do que Danny lhe contou enquanto tomavam uma cerveja no Harbour Inn.

Estavam reparando bueiros de drenagem na Rodovia 16. Parte da pista fora esburacada e Tony desviava o tráfego. Um garoto dirigindo um Fiat vermelho descia a lombada.

Tony acenou a bandeira vermelha, mas o garoto nem mesmo diminuiu a velocidade.

Tony estava ao lado de um caminhão basculante e não tinha espaço para recuar. O garoto do Fiat vermelho sofrera cortes na cabeça e uma fratura no braço; estava histérico e, também, totalmente sóbrio. A perícia encontrou vários furos na sua tubulação de freios, como se os tubos tivessem aquecido demais e derretido. Seu prontuário de motorista era completamente limpo; ele apenas não conseguira parar o carro. Tony fora vítima da mais rara infelicidade automobilística: um acidente genuíno e inevitável.

O choque e a depressão de Elizabeth foram aumentados pelo remorso. O destino tiraralhe das mãos a decisão sobre o que fazer em relação a Tony. E uma parte secreta, doentia, de seu íntimo alegrava-se que assim fosse. Porque Elizabeth não desejava mais casar-se com Tony... não desde a noite do pesadelo.

Ela sucumbiu na véspera de voltar para casa.

Estava sentada, sozinha, numa ponta rochosa e, depois de mais ou menos uma hora, as lágrimas vieram. Surpreenderam-na pela violência. Chorou até sentir dor no estômago e na cabeça. Quando as lágrimas cessaram, não se sentiu melhor, mas pelo menos, seca e vazia.

Foi então que Ed Hammer disse:

— Beth?

Ela se voltou repentinamente, a boca sentindo o gosto de cobre do medo, esperando deparar-se com o lobo feroz do sonho. Mas era apenas Ed Hammer, parecendo queimado de sol e estranhamente indefeso sem a jaqueta militar e as blue jeans. Usava calções amarelos que lhe chegavam logo acima dos joelhos ossudos e uma camiseta olímpica branca que se enfunava em seu peito como uma vela solta à brisa do oceano.

Calçava sandálias de borracha. Não estava sorrindo e forte brilho do sol nas lentes dos óculos tornava impossível ver-lhe os olhos.

— Ed? — indagou ela, hesitante, meio convencida de que se tratava de alguma alucinação auto-induzida pelo sofrimento. — É mesmo...

— Sim, sou eu.

— Como...

— Tenho trabalhado no Teatro Laicewood, em Skowhegan. Encontrei-me com sua companheira de quarto... Alice, não é assim que ela se chama?

— É.

— Ela me contou o que aconteceu. Vim imediatamente. Pobre Beth.

Mexeu a cabeça, apenas um ou dois graus, mas o reflexo do sol desapareceu de suas lentes e Elizabeth nada viu de lupino ou de predatório, mas apenas uma comiseração tranqüila e cálida.

Jantaram no Mulher Silenciosa, em Waterville, que ficava a quarenta quilômetros de distância; talvez exatamente a distância de que Elizabeth necessitava. Foram no carro de Ed, um Corvette novo, e ele dirigia bem nem devagar, nem com meticulosidade, como ela imaginara. Elizabeth não queria conversar nem desejava ser consolada. Ed pareceu adivinhar e ligou o rádio, sintonizando numa música suave.

E pediu a comida sem consultá-la — frutos do mar. Elizabeth julgou que não tinha fome, mas quando a comida chegou ela comeu com apetite voraz.

Quando tornou a levantar os olhos, seu prato estava vazio e ela riu nervosamente.

— A donzela enlutada fez uma lauta refeição — comentou. — Você deve me achar horrível.

— Não — disse ele. — Já passou por muita coisa desagradável e precisa recobrar as forças.

É como estar doente, não é?

— Sim. Exatamente.

Ed pegou-lhe a mão por cima da mesa, apertou-a por um breve instante e tornou a largála.

— Agora, porém, é hora de recuperação, Beth.

— É? No duro?

— Sim — disse Ed. — Portanto, conte-me. Quais são seus planos?

— Voltarei para casa amanhã. Depois disso, não sei.

— Vai voltar à universidade, não vai?

— Simplesmente não sei. Depois do que aconteceu, parece tão... tão trivial. Parece ter perdido muito do objetivo. E da graça.

— Tudo voltará. Talvez seja difícil para você acreditar agora, mas é verdade.

Experimente durante um mês e meio e veja o resultado. Não tem nada melhor a fazer.

A última frase mais pareceu uma pergunta.

— Acho que é verdade. Mas... Posso pegar um cigarro dos seus?

— Claro. Mas são mentolados. Sinto muito.

Ela pegou um cigarro.

— Como soube que não gosto de cigarros mentolados?

Ed sacudiu os ombros.

— Você simplesmente não parece pertencer ao tipo que gosta, creio. Ela sorriu.

— Você é engraçado. Sabe disso?

Ele exibiu um sorriso neutro.

— Não, é verdade. No duro. Você, dentre tanta gente, aparecer por aqui... Pensei que eu não queria encontrar ninguém. Mas alegro-me realmente de que tenha sido você, Ed.

— As vezes, é bom conversarmos com alguém com quem não estamos envolvidos.

— É isso aí, acho.

Elizabeth fez uma pausa antes de acrescentar:

— Quem é você, Ed, além de minha fada madrinha? Quem é realmente você?

De repente, tornara-se importante para ela saber.

Ed sacudiu os ombros.

— Não sou muita coisa. Apenas um dos caras de aparência engraçada que viu você esgueirando-se pelo campus com um monte de livros embaixo do braço...

— Ed, você não tem aparência engraçada.

— Claro que tenho — replicou ele. E sorriu: — Nunca cresci além das espinhas na cara nos tempos de ginásio, nunca fui procurado por uma importante fraternidade estudantil, nunca causei muito impacto nas rodas sociais. Sou apenas um rato de dormitório que tira notas altas, nada mais. Quando as grandes empresas vierem ao campus na próxima primavera, a fim de entrevistarem os potenciais candidatos a emprego, assinarei contrato com uma delas e Ed Hammer desaparecerá para sempre.

— Seria uma grande pena — disse Elizabeth em voz macia.

Ele sorriu. Foi um sorriso muito peculiar, quase amargurado.

— E a respeito de sua família? — indagou Elizabeth. — Onde você mora, o que gosta de fazer...

— Fica para outra vez — atalhou ele. — Quero levá-la de volta. Amanhã você terá pela frente uma longa viagem de avião e um bocado de preocupações.

Aquela noite deixou-a relaxada pela primeira vez desde a morte de Tony, livre daquela sensação de que algum ponto de seu interior a mola

principal estava sendo cada vez mais forçada ao rompimento. Julgou que o sono chegasse com facilidade, mas isto não aconteceu.

Pequenas perguntas insistiam em incomodá-la.

Alice me contou... pobre Beth.

Mas Alice estava passando o verão em Kittery, a cento e trinta quilômetros de Skowhegan. Deveria ter ido a Lakewood assistir a uma peça teatral.

O Corvette era do último modelo. Caro. Um emprego nos bastidores no teatro de Lakewood não daria para pagar o carro. Os pais dele eram ricos?

Ed pedira exatamente a comida que ela própria escolheria. Talvez a única coisa do cardápio que ela comeria em quantidade suficiente para perceber que estava faminta.

Os cigarros mentolados, a maneira pela qual ele lhe dera um beijo de boa-noite, exatamente como ela desejava ser beijada. E...

Amanhã, você terá pela frente uma longa viagem de avião.

Ed sabia que Elizabeth ia voltar para casa porque ela mesmo lhe contara. Mas como poderia saber que ela iria de avião? Ou que era uma longa viagem?

Aquilo a incomodava. Perturbava-a porque ela estava começando a se apaixonar por Ed Hammer.

Eu sei o que você precisa.

Como a voz do comandante de um submarino lendo as braças de profundidade, as palavras com que Ed a cumprimentara pela primeira vez embalaram-lhe o sono.

Ed não compareceu ao pequeno aeroporto de Augusta para despedir-se dela e, esperando pelo avião, Elizabeth surpreendeu-se com o próprio desapontamento. Refletiu sobre o modo como a gente passa mansamente a depender de uma pessoa, a contar com ela, quase como um toxicômano adquire o vício. Os tolos iludem-se com a alegação de que podem abandonar a droga se assim decidirem, quando, na realidade...

— Elizabeth Rogan — berraram os alto-falantes. — Favor atender o telefone branco de cortesia.

Ela correu ao telefone.

E a voz de Ed disse:

— Beth?

— Ed! Como é bom ouvir você! Pensei que talvez...

— Que eu fosse encontrá-la? — ele riu. — Você não precisa de mim para isso. É uma moça crescida e forte. E linda, também. Pode cuidar-se bem. Vê-la-ei na universidade?

— Eu... sim, creio que sim.

— Ótimo.

Houve um instante de silêncio. Então, ele disse:

— Porque eu a amo. Desde a primeira vez em que a vi.

A língua de Elizabeth. Ela não conseguiu falar. Mil e um pensamentos turbilhonavam-lhe o cérebro.

Ed tornou a rir, de mansinho.

— Não, não diga nada. Não agora. Eu a encontrarei. Haverá tempo, então. Todo o tempo deste mundo. Boa viagem, Beth. Adeus.

Setembro.

Elizabeth retomou a antiga rotina da universidade e das aulas como uma mulher que recomeça o tricô interrompido. Naturalmente, alojou-se outra vez com Alice; tinham sido companheiras de quarto desde os tempos de calouras, quando foram reunidas pelo computador do Departamento de Alojamento. Sempre se haviam dado bem, a despeito das diferenças de interesses e personalidades. Alice era a estudiosa, aluna do último ano de Química com uma média muito elevada. Elizabeth era mais sociável, menos apegada aos livros, no último ano de Pedagogia e Matemática.

Ainda se davam bem, mas uma leve frieza parecia ter surgido entre elas no decorrer do verão. Elizabeth atribuía o fato à diferença de opiniões quanto à prova final de Sociologia e não mencionou o assunto.

Os acontecimentos do verão começaram a parecer um sonho. De um modo engraçado, parecia ocasionalmente que Tony fosse um rapaz que Elizabeth conhecera no ginásio.

Ainda doía pensar nele e Elizabeth evitava tocar no assunto com Alice, mas a mágoa era o latejar de uma velha equimose e não a dor aguda de um ferimento aberto.

O que mais a magoava era Ed Hammer não telefonar.

Passou-se uma semana, depois duas, e chegou outubro. Elizabeth conseguiu na União dos Estudantes uma lista telefônica dos alunos e procurou o nome de Ed. Foi inútil; após o nome estavam as palavras "Mill St". E a Mill era uma rua realmente comprida.

Assim, ela esperou e quando era convidada para sair com rapazes — o que ocorria com freqüência recusava. Alice erguia as sobrancelhas mas abstinha-se de fazer comentários; estava sepultada viva num projeto de bioquímica de seis semanas e passava a maior parte das noites na biblioteca. Elizabeth reparou nos compridos envelopes brancos que sua companheira de quarto recebia pelo correio uma ou duas vezes por semana — pois costumava voltar das aulas antes de Alice, mas não dava maior importância a eles. A agência de detetives particulares era discreta; não imprimia o endereço do remetente nos envelopes.

Quando o interfone soou, Alice estava estudando.

— Atenda, Liz. Provavelmente, deve ser para você.

Elizabeth atendeu.

— Sim?

— Aqui na porta há um cavalheiro à sua procura, Liz.

Oh, Deus.

— Quem é? — perguntou ela.

Aborrecida, passou em revista seu estoque de desculpas. Enxaqueca. Ainda não usara esta durante a semana.

A recepcionista parecia divertir-se.

— O nome é Edward Jackson Hammer Júnior, nada mais — disse ela, baixando a voz para acrescentar: — Usa meias de cores diferentes.

A mão de Elizabeth voou para a gola do roupão.

— Oh, meu Deus. Diga-lhe que descerei logo. Não, peça-lhe que espere um minuto. Ou melhor, alguns minutos, está bem?

— Claro — disse a voz em tom duvidoso. — Não precisa ter uma hemorragia.

Elizabeth tirou do armário um par de calças compridas. Tirou também uma saia curta de brim. Apalpou os rolinhos na cabeça e soltou um gemido. Começou a arrancá-los.

Alice observava tudo isto calmamente, calada. Mas passou um bom tempo olhando especulativamente para a porta depois que Elizabeth saiu.

Ele parecia exatamente o mesmo; não mudara nada. Usava sua jaqueta militar verdeoliva, que continuava a parecer dois números maior que o dono. Uma das pernas dos aros de tartaruga dos óculos fora emendada com fita isolante. As calças jeans pareciam novas e duras, a muito quilômetros da aparência macia e desbotada que estava na moda e que Tony conseguia sem o menor esforço. Ed usava uma meia verde e outra marrom.

E Elizabeth compreendeu que o amava.

— Por que não telefonou antes? — indagou, encaminhando-se para

Ed enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e sorriu timidamente.

— Achei melhor dar-lhe tempo para sair por aí. Conhecer alguns rapazes. Decidir o que quer.

— Creio que isso eu já sei.

— Ótimo. Gostaria de ir a um cinema.

— Tudo que você quiser — disse ela. — Tudo.

À medida que os dias transcorriam, ocorreu-lhe que jamais conhecera alguém, do sexo masculino ou feminino, que parecesse entender suas disposições de ânimo e necessidades de modo tão completo e sem precisar de palavras. Seus gostos coincidiam.

Enquanto Tony apreciava filmes violentos, do tipo O Poderoso Chefão, Ed parecia gostar mais de comédias e de dramas não violentos. Uma noite, quando ela se sentia deprimida, levou-a ao circo e tiveram uma diversão hilariante e maravilhosa. Encontros para estudo eram realmente encontros para estudo, não apenas uma desculpa para se apalparem no terceiro andar da União. Ed a levava para dançar e era bom dançarino, especialmente nas músicas mais antigas, que ela adorava. Ganharam um troféu de danças dos anos `5O num Baile de Nostalgia. Mais importante: Ed parecia saber quando ela desejava ser ardente. Não a afobava ou pressionava; com ele, Elizabeth jamais tinha a sensação que tivera com alguns dos outros rapazes com quem saíra — a impressão de que existia um cronograma interno para o sexo, começando com um beijo de boa-noite no Encontro n° 1 e terminando num apartamento emprestado por algum amigo no Encontro n° 10. O apartamento na Mill Street era exclusivamente de Ed, num terceiro andar sem elevador. Iam lá com freqüência e Elizabeth não padecia a sensação de estar entrando na alcova de paixões de um Don Juan barato. Ed não pressionava. Parecia querer honestamente o que ela queria, quando ela queria. E as coisas progrediram.

Quando as aulas começaram, após o intervalo do semestre, Alice parecia estranhamente preocupada. Várias vezes antes de Ed vir buscá-la naquela tarde — iam jantar fora — Elizabeth surpreendeu a companheira de quarto franzindo a testa para um grande envelope de papel pardo em cima de sua mesa de estudos. Algum novo projeto, provavelmente.

Estava nevando forte quando Ed a trouxe de volta ao dormitório. — Amanhã? — perguntou ele. — Em meu apartamento?

— Claro. Farei pipocas.

— Ótimo — disse ele, beijando-a. — Eu a amo, Beth. — Eu também amo você.

— Gostaria de ficar lá? — perguntou ele em tom tranqüilo. Amanhã à noite?

— Está bem, Ed — disse ela, fitando-o nos olhos. — Como você quiser.

— Ótimo — replicou ele, muito calmo. — Durma bem, garota. Ela esperava que Alice já estivesse dormindo e entrou no quarto sem fazer barulho, mas Alice estava acordada, sentada à mesa de estudos. — Você está bem, Alice? — Preciso conversar com você, Liz.

A respeito de Ed. — O que há a respeito dele? Alice respondeu cautelosamente.

— Creio que quando eu terminar de falar com você, não mais seremos amigas. Para mim, isto significa abrir mão de algo muito importante. Portanto, quero que me escute com atenção.

— Nesse caso, talvez seja melhor você não dizer nada.

— Preciso tentar.

Elizabeth sentiu a curiosidade inicial transformar-se em raiva.

— Você andou espionando Ed?

Alice limitou-se a fitá-la.

— Tem ciúmes de nós?

— Não. Se eu tivesse ciúmes de você e de seus namorados, teria me mudado daqui há dois anos.

Elizabeth encarou-a, perplexa. Sabia que Alice falava a verdade. E, de repente, sentiu medo.

— Duas coisas me intrigaram com relação a Ed Hammer — disse Alice. — Primeiro, você me escreveu a respeito da morte de Tony e comentou ter sido muita sorte eu me encontrar com Ed no Teatro Lakewood... como ele foi a Boothbay e realmente ajudou você. Mas eu nunca me encontrei com ele, Liz. Nunca estive perto do Teatro Lakewood no último verão.

— Mas...

— Mas como ele soube que Tony estava morto? Não faço idéia. Só sei que não soube através de mim. A outra coisa é aquela estória de memória fotográfica. Deus do céu, Liz, ele nem consegue lembrar-se pie que meias está usando!

— Isso é completamente diferente — replicou Elizabeth, aborrecida.

— Ed Hammer passou o último verão em Las Vegas — disse Alice mansamente. — Voltou em meados de julho e alugou um quarto de motel em Pemaquid, que fica próximo ao limite do perímetro urbano de Boothbay. Quase como se ele estivesse à espera para ajudar você.

— Isso é loucura! E como você sabe que Ed esteve em Las Vegas?

— Encontrei-me com Shirley D'Antonio pouco antes do início das aulas. Ela trabalhou durante o verão no Restaurante Pinheiros, que fica bem em frente ao teatro. Comentou que nunca tinha visto antes alguém parecido com Ed Hammer. Portanto, sei que ele vem mentindo para você a respeito de várias coisas. Assim, procurei meu pai, expliquei-lhe tudo e ele me deu autorização.

— Para fazer o quê? — indagou Elizabeth, confusa.

— Para contratar uma agência de detetives particulares.

Elizabeth levantou-se.

— Não precisa dizer mais, Alice. Basta!

Pegaria um ônibus para a cidade e passaria a noite no apartamento de Ed. De qualquer modo, só estivera aguardando que ele a convidasse.

— Pelo menos saiba — insistiu Alice. — Depois, tome a sua decisão.

— Não preciso saber coisa alguma senão que ele é bom, atencioso e... — O amor é cego, não é? — perguntou Alice com um sorriso amargo. — Bem, talvez eu por acaso a ame um pouco, Liz. Já pensou nisso?

Elizabeth virou-se e encarou-a por um longo momento.

— Se isso é verdade, você tem um modo engraçado de demonstrar replicou. — Vamos, então. É possível que você tenha razão. Talvez eu lhe deva ao menos isto. Prossiga.

— Você conheceu Ed há muito tempo — disse Alice mansamente.

— Eu... o quê?

— Na Escola Pública, 119, em Bridgeport, Connecticut.

Elizabeth emudeceu. Ela e os pais haviam residido em Bridgeport durante seis anos, mudando-se para o endereço atual no ano em que ela terminara a segunda série.

Freqüentara a Escola Pública 119, mas...

— Tem certeza, Alice?

— Lembra-se dele?

— Não, claro que não!

Mas lembrava-se da impressão de já o ter visto quando o encontrou pela primeira vez — a sensação de déjà vu.

— As garotas bonitas nunca se lembram dos patinhos feios, creio. Talvez ele fosse gamado por você. Cursaram juntos a primeira série, Liz. Talvez ele se sentasse no fundo da sala e se limitasse a... observá-la. Ou na hora do recreio. Apenas um garotinho insignificante que já usava óculos e, provavelmente, aparelho nos dentes, e você nem mesmo conseguiu lembrar-se dele. Mas aposto que ele se lembrava de você.

Elizabeth quis saber:

— O que mais?

— A agência de detetives localizou-o por intermédio das impressões digitais tiradas na escola. Depois disso, foi mais uma questão de procurar pessoas e conversar com elas. O detetive encarregado do caso declarou não compreender algumas das informações que vinha conseguindo obter. Nem eu. Parte delas causa medo.

— Acho melhor causar — declarou Elizabeth.

— O pai de Ed Hammer era viciado em jogo. Trabalhava para uma das maiores agências de publicidade de Nova York e posteriormente mudou-se para Bridgeport, meio fugido.

O detetive afirma que todos os grandes jogadores de pôquer e bookmakers da metrópole tinham vales assinados por ele.

Elizabeth fechou os olhos, comentando:

— Essa gente providenciou para que você tivesse realmente um serviço à altura de seu dinheiro sujo, não é mesmo?

— Talvez. De qualquer forma, o pai de Ed meteu-se em outra encrenca, em Bridgeport.

Foi novamente uma questão de jogo, mas desta vez ele se envolveu com um importante agiota. De algum modo, terminou com uma perna e um braço fraturados. O detetive duvida que tenha sido um acidente.

— Mais alguma coisa? — indagou Elizabeth. — Espancamento de crianças? Estelionato?

— Em 1961, ele arranjou emprego numa agência de segunda classe, em Los Angeles. Era perto demais de Las Vegas. Ele começou a passar os fins de semana nos cassinos, jogando alto.. e perdendo. Então, passou a levar o filho consigo. E começou a ganhar.

— Você está inventando tudo isso. Só pode estar.

Alice exibiu o relatório que tinha nas mãos.

— Está tudo aqui, Liz. Parte das informações não serviriam como prova num tribunal, mas o detetive diz que nenhuma das pessoas com quem

conversou tinha motivo para mentir. O pai de Ed chamava o filho de seu "talismã". A princípio, ninguém protestou contra a presença do menino, embora fosse ilegal a sua entrada nos cassinos. O pai era um freguês perdedor de primeira categoria. Todavia, o pai passou a jogar apenas roleta, limitando-se a apostar em par-e-ímpar e preto-e-vermelho. No final de um ano, o menino estava proibido de entrar em qualquer dos cassinos de Las Vegas. E seu pai adotou um novo tipo de jogo.

— Qual?

— O mercado financeiro. Começou a jogar na Bolsa de Valores. Quando a família se mudou para Los Angeles, em meados de 1961, vivia às custas de um seguro de desemprego de noventa dólares mensais e o Sr. Hamner tinha um Chevrolet `52. No final de 1962, apenas dezesseis meses mais tarde, ele abandonou o emprego e a família morava em San José, numa casa própria. O Sr. Hamner tinha um Thunderbird novinho em folha e a Sra. Hamner possuía um Volkswagen. Como você sabe, é contra a lei um menino entrar nos cassinos de Nevada, mas ninguém pode impedi-lo de ler a seção de mercado de capitais dos jornais.

— Está insinuando que Ed... que ele seria capaz de... Alice, você está doida!

— Não estou insinuando coisa nenhuma. A menos, talvez, que ele apenas soubesse o que o pai precisava.

Sei o que você precisa.

Foi quase como se alguém lhe segredasse aquelas palavras ao ouvido. Elizabeth estremeceu.

— A Sra. Hammer passou os seis anos seguintes sendo internada e tendo alta de várias instituições para doentes mentais. Supostamente por distúrbios nervosos, mas o detetive conversou com um enfermeiro que a considerava praticamente uma psicopata. Ela alegava que o filho era apaniguado do Diabo. Em 1964, agrediu-o com uma tesoura; tentou matá-lo. Ela... Liz? Liz, o que há com você?

— A cicatriz — murmurou Elizabeth. — Fomos nadar na piscina da universidade, certa noite, há mais ou menos um mês. Ele tem uma funda cicatriz no ombro... bem aqui — levou a mão logo acima do seio esquerdo. — Disse que...

Uma onda de náusea ameaçou subir-lhe à garganta e ela foi obrigada a esperar que passasse antes de acrescentar:

— Ele disse que caiu sobre uma cerca de pau a pique quando era pequeno.

— Devo prosseguir?

— Termine. Por que não? O que pode magoar agora?

— A mãe dele teve alta de uma luxuosa instituição para doentes mentais no Vale San Joaquim, em 1968. A família saiu para uma viagem de férias. Pararam num recanto para piqueniques à margem da Rodovia 101. O filho estava catando lenha quando ela jogou o carro pela borda do penhasco à beira do oceano. Ela e o marido estavam dentro do automóvel. Pode ter sido uma tentativa de atropelar Ed, que, a essa altura, tinha quase dezoito anos. O pai lhe deixou uma carteira de ações no valor de um milhão de dólares.

Um ano e meio depois, Ed veio para o Leste e matriculou-se aqui. E isto é o final.

— Não há outros esqueletos no armário?

— Liz, já não existem em número suficiente?

Elizabeth levantou-se.

— Não é de espantar que ele jamais queira mencionar a família. Mas você tinha que desenterrar o cadáver, não é mesmo?

— Você está cega — replicou Alice, enquanto Elizabeth vestia o casaco. — Suponho que vai procurá-lo.

— Exato.

— Porque o ama.

— Exato.

Alice atravessou o quarto e pegou Elizabeth pelo braço.

— Quer tirar esse ar amuado e petulante da cara por um instante e pensar? Ed Hammer é capaz de fazer coisas que o resto de nós só consegue imaginar. Ganhou uma fortuna para o pai no jogo de roleta e tornou-o ainda mais rico jogando no mercado de títulos.

Parece capaz de ganhar o que quiser. Talvez seja uma espécie de médium de baixo grau.

Talvez possua precognição. Não sei. Existem pessoas que possuem uma dose disso. Liz, nunca lhe ocorreu que ele forçou você a amá-lo?

Liz virou-se vagarosamente para a amiga.

— Jamais escutei algo tão ridículo em toda a minha vida.

— É mesmo? Ele lhe forneceu as questões daquela prova de sociologia da mesma forma que fornecia ao pai o resultado da roleta! Nunca esteve

matriculado em qualquer curso de sociologia! Eu verifiquei. Fez aquilo porque era a única maneira de fazer com que você o levasse a sério!

— Pare com isso! — gritou Liz, tapando os ouvidos com as mãos.

— Ele sabia as questões da prova, sabia quando Tony morreu e sabia que você voltaria para casa de avião! Sabia até mesmo o momento psicológico adequado para entrar novamente em sua vida, em outubro passado.

Elizabeth libertou-se com um arranco e abriu a porta.

— Por favor — suplicou Alice. — Por favor, Liz, ouça-me. Não sei como ele consegue fazer essas coisas. Duvido que até mesmo ele saiba. Talvez ele não tenha a intenção de fazer mal a você, mas já fez. Fez com que você o amasse por intermédio de saber todas as coisas secretas que você deseja e precisa. E isso não é amor. Absolutamente. Isso é violação.

Elizabeth bateu a porta e desceu as escadas correndo.

Pegou o último ônibus da noite para a cidade. Estava nevando mais forte que nunca e o ônibus passou pesadamente pelos montículos de neve que o vento havia soprado através da rua, parecendo um enorme besouro aleijado. Elizabeth sentou-se no fundo, uma dentre apenas seis ou sete passageiros, com a mente perturbada por mil e um pensamentos.

Cigarros mentolados. A Bolsa de Valores. O fato de ele saber que o apelido da mãe dela era Deedee. Um garotinho sentado no fundo de uma sala de aula da primeira série, observando com olhar encantado uma garotinha esperta jovem demais para compreender aquilo...

Eu sei o que você precisa

Não. Não. Não. Eu o amo.

Amava mesmo? Ou simplesmente se deleitava por estar com alguém que sempre pedia a comida certa, sempre a levava ao filme certo, que nunca queria ir a algum lugar ou fazer alguma coisa que ela não desejasse? Seria ele apenas uma espécie de espelho psíquico, mostrando-lhe somente o que ela queria ver? Os presentes que ele lhe dava eram sempre os presentes certos. Quando o tempo esfriou repentinamente e ela ansiava por um secador de cabelos, quem lhe dera um? Ed Hammer, é claro. Vira um por acaso, na vitrine da loja, dissera ele. Ela, naturalmente, ficara deliciada.

Isso não é amor. Absolutamente. É violação.

O vento fustigou-lhe o rosto quando ela saltou do ônibus na esquina de Main com Mill.

Elizabeth fez uma careta contra o vento enquanto o ônibus se afastava com um suave ronco de motor diesel. As lanternas traseiras brilharam brevemente na noite coberta de neve e desapareceram.

Elizabeth nunca se sentira tão solitária em sua vida.

Ele não estava em casa.

Elizabeth ficou parada à porta do apartamento após bater durante cinco minutos, desorientada. Ocorreu-lhe que ela não fazia idéia das atividades de Ed ou das pessoas com quem ele se encontrava quando não estavam juntos. O assunto nunca viera à baila.

Talvez ele esteja levantando o preço de outro secador de cabelos num jogo de pôquer.

Tomando uma súbita decisão, Elizabeth ficou nas pontas dos pés e tateou ao longo da parte superior da esquadria da porta, procurando pela chave que ela sabia ser costume de Ed deixar ali. Seus dedos esbarraram na chave e esta caiu ao chão com um ruído metálico.

Elizabeth pegou-a e usou-a na fechadura.

Sem Ed, o apartamento parecia diferente — artificial, como um cenário de teatro. Sempre se divertira com a idéia de que uma pessoa tão descuidada da própria aparência pessoal tivesse uma moradia tão bem arrumada, digna de figurar numa revista. Era quase como se Ed houvesse decorado o apartamento para ela e não para si mesmo. Mas, naturalmente, isto seria loucura. Ou não?

Tornou a ocorrer-lhe, como se fosse a primeira vez, o quanto ela gostava da poltrona em que costumava sentar-se enquanto estudavam ou assistiam à televisão. Era exatamente adequada ao seu gosto e medidas. Nem dura demais, nem macia demais. Simplesmente exata. Como tudo que ela associava a Ed.

Duas portas se abriam da sala. Uma dava para a kitchenette e a outra para o quarto de Ed.

O vento assoviava lá fora, fazendo o velho prédio de apartamentos estalar ocasionalmente.

No quarto, Elizabeth olhou para a cama de bronze. Não parecia dura nem macia demais.

Apenas adequada. Uma voz insidiosa zombou: E' quase perfeito demais, não acha?

Elizabeth foi à estante e correu os olhos pelos títulos dos livros. Um deles lhe saltou aos olhos e ela o pegou: Danças em Moda nos Anos '50. O

livro fora bastante folheado nas primeiras três quartas partes. Um capítulo intitulado "Stroll" fora fortemente assinalado com lápis de cera vermelha e na margem o nome BETH fora escrito com letras grandes, quase acusadoras.

Devo ir agora, refletiu ela. Se Ed voltasse naquele momento, ela jamais seria capaz de voltar a encará-lo. E Alice venceria. Teria recompensa pelo dinheiro que gastara. Indo embora, Elizabeth conseguiria salvar alguma coisa.

Mas não podia parar e tinha consciência disto. As coisas tinham ido longe demais.

Foi ao armário embutido e girou a maçaneta, mas a porta não abriu. Trancada.

Arriscando um palpite, ficou nas pontas dos pés e tateou a parte superior da esquadria. E seus dedos tocaram numa chave. Elizabeth pegou a chave e, em algum ponto de seu íntimo, uma voz advertiu nitidamente: Não faça isso. Pensou na mulher do Barba-Azul e no que ela encontrara ao abrir a porta errada. Contudo, era mesmo tarde demais; se não prosseguisse agora, ficaria sempre em dúvida, imaginando coisas. Abriu o armário.

E teve a estranha sensação de que era ali dentro que o verdadeiro Ed Hamner Jr. estivera escondido o tempo todo.

O armário estava em desordem — um amontoado de roupas, livros, uma raquete de tênis arrebentada, um par de surrados sapatos de tênis, velhas apostilas e relatórios jogados a esmo, uma bolsa aberta deixando entornar fumo de cachimbo. A jaqueta militar verde-oliva estava atirada num canto.

Elizabeth pegou um dos livros e leu o título: O Galho Dourado. Outro: Rituais Antigos, Mistérios Modernos. Mais outro: Vodu do Haiti. E um último, encadernado em couro velho e rachado, o título quase apagado da lombada pelo manuseio, cheirando vagamente a peixe podre: Necronomicon. Abriu-o a esmo e prendeu a respiração, atirando o livro para longe de si, a obscenidade ainda persistindo-lhe nos olhos.

Mais para redobrar a compostura do que para qualquer outra coisa, estendeu a mão para a jaqueta militar verde-oliva, recusando-se a admitir que tencionava revistar-lhe os bolsos. Contudo, ao levantar a jaqueta, avistou outra coisa: uma pequena caixa de lata...

Curiosa, pegou a caixa e revirou-a nas mãos, escutando coisas chocalharem lá dentro.

Era o tipo de caixa que um menino talvez escolhesse para guardar seus tesouros.

Impressas em relevo no fundo da lata estavam as palavras "Companhia de Doces Bridgeport". Elizabeth abriu a lata.

A boneca estava em cima. A boneca Elizabeth.

Olhando-a, Elizabeth começou a tremer.

A boneca estava vestida num trapo de nylon vermelho, parte de um lenço que ela perdera havia dois ou três meses. Quando fora a um cinema com Ed. Os braços eram feitos com limpadores de cachimbo recobertos com um material que parecia musgo azulado. Musgo de cemitério, talvez. Havia cabelos na cabeça da boneca, mas estava errado. Era fino linho branco, colado com fita adesiva à cabeça da boneca, esculpida em borracha de desenho cor-de-rosa. O cabelo de Elizabeth era louro cor de areia e mais grosso que o linho. Este parecia mais com o cabelo dela...

Quando ainda era garotinha

Elizabeth engoliu em seco, sentindo um nó na garganta. Quando estavam na primeira série, não tinham todos recebido tesouras — minúsculas tesouras de ponta arredondada, apropriadas para mãos de criança? Seria possível que muito tempo atrás um garotinho se esgueirasse por detrás dela, talvez na hora da sesta, e...

Elizabeth largou a boneca de lado e tornou a olhar para dentro da caixa de lata. Havia uma ficha azul de pôquer, com uma estranha figura de seis lados desenhada a tinta vermelha. Um velho reco-te de jornal: o anúncio obituário do Sr. e Sra. Edward Hammer. Ambos sorriam inexpressivamente da foto que acompanhava o anúncio e Elizabeth notou que a mesma figura de seis lados fora desenhada sobre seus rostos, como uma mortalha. Duas outras bonecas — um homem e uma mulher — cuja semelhança com as fisionomias na foto do obituário era horrível e inequívoca.

E algo mais.

Elizabeth tentou pegar e seus dedos tremiam tanto que ela quase o deixou cair. Emitiu um leve gemido estrangulado.

Era o modelo de um carro em miniatura, do tipo que os meninos compram nas lojas de brinquedos e depois montam em casa com cola de aeromodelagem. Era um Fiat. Fora pintado de vermelho. Um pedaço do que parecia ter sido uma das camisas de Tony estava preso com fita gomada à grade dianteira do carrinho.

Elizabeth virou o carro de rodas para cima. Alguém quebrara a marteladas a parte inferior do modelo.

— Então, você descobriu, sua puta ingrata.

Elizabeth gritou, largando o carro e a caixa. Os imundos tesouros de Ed espalharam-se pelo chão.

Ele estava de pé junto à porta, olhando para ela. Elizabeth nunca vira tal expressão de ódio num rosto humano.

Declarou:

— Você matou Tony.

Ele exibiu um sorriso desagradável:

— Acha que pode provar?

— Não importa — replicou ela, surpresa ante a firmeza de sua própria voz. — Eu sei. E nunca mais quero ver você. Nunca mais. E se você fizer... alguma coisa... a alguém, eu saberei. E darei um jeito em você. De algum modo.

O rosto de Ed se contorceu.

— Eis o agradecimento que recebo. Dei-lhe tudo que você sempre desejou. Coisas que nenhum outro homem poderia dar. Confesse. Eu a fiz completamente feliz.

— Você matou Tony! — berrou ela.

Ed avançou mais um passo para o interior do quarto.

— Sim. E fiz isso por você. E o que é você, Beth? Não sabe o que é o amor. Eu a amei desde a primeira vez em que a vi, há mais de dezessete anos. Tony poderia dizer isso?

Nunca foi difícil para você. Você é bonita. Nunca foi obrigada a preocupar-se com desejar, ou precisar, ou sentir-se solitária. Nunca teve que procurar... outros meios de obter as coisas que desejava. Sempre existiu um Tony para dá-las a você. Tudo que você precisava fazer era sorrir e pedir por favor.

Então, sua voz subiu um tom:

— Eu jamais consegui dessa forma as coisas que queria. Acha que não tentei? Não deu certo com meu pai. Ele só queria mais, cada vez mais. Nunca me deu um beijo de boa noite ou me abraçou até que fiz dele um homem rico. E minha mãe era a mesma coisa.

Devolvi-lhe o casamento, mas acha que foi o bastante para ela? Ela me odiava! Não se aproximava de mim! Dizia que eu não era normal! Dei-lhe boas coisas, mas... Beth, não faça isso!... Não... nãããoooo...

Ela pisou na boneca Elizabeth, esmagando-a com o salto do sapato.

Algo doeu em seu íntimo e logo sumiu. Agora, não o temia mais. Era apenas um garotinho franzino em roupas de rapaz. E usava meias de cores diferentes.

— Não creio que você consiga fazer algo contra mim agora, Ed declarou ela. — Não agora. Estou enganada?

Ele lhe deu as costas.

— Vá embora — disse com voz sumida. — Saia daqui. Mas deixe minha caixa. Ao menos isso.

— Deixarei a caixa, mas não as coisas que ela contém.

Elizabeth passou por ele. Os ombros de Ed se contraíram, como se ele pudesse voltar-se e agarrá-la, mas logo voltaram ao normal.

Quando ela chegou ao patamar do segundo andar, ele veio ao topo da escada, gritando para ela em voz aguda:

— Vá embora, então! Mas nunca ficará satisfeita com outro homem depois de mim! E quando ficar feia e os homens não derem mais o que você desejar, terá saudades de mim! Pensará no que está jogando fora!

Elizabeth desceu as escadas e saiu para a rua. Gostou de sentir o frio no rosto. Era uma caminhada de três quilômetros de volta ao campus, mas ela não se importava. Queria a caminhada, queria o frio. Queria que ambos a limpassem.

De um modo esquisito, meio anormal, sentia pena de Ed — um garotinho com um poder imenso engarrafado num espírito anão. Um garotinho que tentava fazer seres humanos se comportarem como soldadinhos de brinquedo e depois os esmagava com os pés numa crise de nervos quando eles se recusavam ou descobriam a verdade.

E o que era ela? Abençoada com todas as coisas que ele não era, não por culpa dele nem por mérito próprio? Lembrou-se de como reagira perante Alice, tentando ciumenta e cegamente agarrar-se a algo que era fácil em vez de bom, não se importando. Não se importando.

E quando ficar feia e os homens não derem mais o que você quer, sentirá saudade de mim!... Sei o que você precisa

Contudo, seria ela tão pequena que precisasse de tão pouco?

Por favor, meu Deus, não.

Na ponte entre a cidade e o campus, ela parou para jogar os objetos mágicos de Ed na água, um por um. O Fiat pintado de vermelho foi o

último, rolando pelo ar sob a neve até desaparecer de vista. Então, ela retomou a caminhada.

* * *

TURNO DO CEMITÉRIO

Sexta-feira, duas horas da manhã.

Hall estava sentado no banco perto do elevador, o único local no terceiro andar onde um cara trabalhador podia fumar um cigarro, quando Warwick subiu. Não gostou de ver Warwick. O capataz não devia subir ao terceiro andar durante o turno do cemitério, devia permanecer em seu escritório no porão, tomando café da máquina que ficava no canto de sua mesa de trabalho. Além disso, fazia calor.

Era o mais quente mês de junho já registrado em Gates Falls e o termômetro de propaganda da Orange Crush, que também ficava perto do elevador chegara a marcar trinta e quatro graus e meio às três da manhã. Só Deus sabia que inferno era a fábrica no turno de três às onze.

Hall manobrava o abridor, a máquina de abrir os flocos de algodão, uma engenhoca recalcitrante fabricada em 1934 por uma extinta firma de Cleveland. Trabalhava na fábrica apenas desde abril, o que significava que ainda ganhava o salário-piso de 1.78 dólar por hora, que apesar de tudo era bom. Não tinha esposa nem namorada firme, não pagava pensão alimentícia. Era um sujeito errante e durante os três últimos anos havia se mudado de Berkeley (estudante universitário) para Lake Tahoe (mensageiro de hotel), para Galveston (estivador), para Miami (cozinheiro de lanchonete), para Wheeling (motorista de táxi e lavador de pratos), para Gates Falls, no Maine (operador de abridor). Não pretendia mudar-se outra vez até que a neve começasse a cair. Era uma pessoa solitária, e gostava do horário das onze da noite às sete da manhã, quando o fluxo sangüíneo da

grande tecelagem passava pelo período mais frio, para não falar na temperatura.

A única coisa de que não gostava eram os ratos.

O terceiro andar era comprido e deserto, iluminado apenas pelo brilho cintilante das lâmpadas fluorescentes. Ao contrário dos demais pavimentos da fábrica, era relativamente silencioso e desocupado — pelo menos por seres humanos. Os ratos eram outra conversa. A única máquina no terceiro pavimento era o abridor; o resto do andar servia para a armazenagem dos fardos de quarenta e cinco quilos de fibras que ainda precisavam passar pela máquina manobrada por Hall. Os fardos eram empilhados como fieiras de lingüiças, em compridas fieiras, alguns deles (em especial os méltons descontínuos e os slipes irregulares para os quais não havia pedidos) com anos de idade e com a suja cor cinza do lixo industrial. Proporcionavam um ótimo local para os ninhos de ratos, criaturas enormes e barrigudas, com olhos rábidos e corpos que pululavam de piolhos e outras pragas.

Hall adquirira o hábito de coletar um pequeno arsenal de latas vazias de refrigerantes durante o intervalo para a refeição.

Atirava as latas nos ratos quando o trabalho estava folgado, recuperando-as posteriormente quando bem entendia. Só que desta vez o Sr. Capataz, subindo pela escada em vez de usar o elevador, como o esquivo filho de uma puta que todos o acusavam de ser, apanhou-o em flagrante.

— O que está fazendo, Hall?

— Os ratos — replicou Hall, percebendo o quanto esfarrapada devia parecer a desculpa, agora que todos os ratos estavam seguramente acomodados em seus ninhos. — Jogo as latas neles quando os vejo.

Warwick meneou a cabeça uma vez, lacônico. Era um homem grande e corpulento, com os cabelos cortados à escovinha.

Tinha as mangas da camisa arregaçadas e a gravata puxada para o peito. Olhou atentamente para Hall.

— Não lhe pagamos para jogar latas nos ratos, moço. Nem mesmo se tornar a apanhá-las.

— Faz vinte minutos que Harry não manda um pedido — disse Hall, pensando: “Por que, diabo, não fica no escritório tomando café?” — Não posso passar as fibras na máquina sem receber um pedido.

Warwick tornou a menear a cabeça, como se o assunto não mais lhe interessasse.

— Acho que vou dar uma volta e ver como está Wisconsky — respondeu ele. — Aposto cinco contra um que está lendo uma revista enquanto a bosta se acumula no depósito.

Hall permaneceu calado.

Warwick apontou repentinamente:

— Lá está um! Acerte o bastardo!

Com um rápido movimento de braço e mão, Hall jogou a lata que segurava. O rato, que os estivera observando do topo de um fardo de fibras com olhos brilhantes como pelotas de chumbo, fugiu soltando um leve guincho. Warwick atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, enquanto Hall ia buscar a lata.

— Vim falar com você a respeito de outra coisa — disse Warwick.

— É mesmo?

— A semana que vem é a semana do Dia da Independência.

Hall confirmou com a cabeça. A fábrica seria fechada de segunda a sábado — uma semana de férias para quem tivesse pelo menos um ano de emprego. Uma semana de folga não remunerada para os que tivessem menos de um ano.

— Quer trabalhar?

Hall sacudiu os ombros:

— Fazendo o quê?

— Vamos limpar todo o pavimento do subsolo. Ninguém toca naquilo há doze anos. Uma sujeira dos diabos. Usaremos mangueiras.

— A comissão municipal de zoneamento está dando duro na diretoria?

Warwick encarou Hall com firmeza:

— Quer trabalhar ou não? Dois dólares por horas, contando tempo dobrado no dia quatro.

Trabalharemos no turno do cemitério porque é mais fresco.

Hall calculou. Poderia ganhar setenta e cinco dólares limpos, após descontar os impostos. Melhor que o leite-de-pato que ele esperava.

— Está bem.

— Apresente-se na seção de tinturaria na próxima segunda-feira.

Hall observou o capataz dirigir-se à escada. Warwick parou a meio do caminho e se voltou para encara-lo.

— Você foi universitário, não é mesmo?

Hall confirmou com a cabeça.

— Muito bem, universitário, não me esquecerei disso.

Foi-se.

Hall sentou-se e acendeu outro cigarro, segurando uma lata de soda na mão direita e vigiando à espera de ratos. Podia imaginar bem como seria no subsolo — na verdade o segundo subsolo, abaixo da seção de tinturaria. Úmido, escuro, cheio de aranhas e panos apodrecidos, além do limo infiltrado do rio. Talvez até mesmo morcegos, os aviadores da família dos roedores. Meu Deus! Hall jogou a lata com força e depois sorriu de leve ao som da voz de Warwick, que chegava pelos condutos presos ao teto, admoestando Harry Wisconsky.

Muito bem, universitário, não me esquecerei disso.

Parou bruscamente de sorrir e apagou o cigarro. Pouco depois, Wisconsky começou a enviar náilon bruto pelos condutos e Hall começou a trabalhar. E, após algum tempo, os ratos saíram das tocas e se postaram em cima dos fardos na extremidade do comprido salão, observando-o com olhos negro que não piscavam. Pareciam um júri.

Segunda-feira, onze horas da noite.

Havia cerca de trinta e seis homens sentados no salão da tinturaria Quando Warwick entrou usando um par de velhas calças de brim enfiadas em botas de borracha de cano alto. Hall estivera escutando Harry Wisconsky, que era imensamente gordo, imensamente preguiçoso e imensamente sombrio.

— Vai ser uma porcaria — dizia Harry quando o Sr. Capataz entrou, — Espere para ver: voltaremos para casa mais negros que a meia-noite na Pérsia.

— Muito bem! — disse Warwick. — Estendemos fios com sessenta lâmpadas lá embaixo, de modo que deve estar bastante claro para vocês verem o que estão fazendo. Vocês aí — apontou para um grupo de homens que se recostavam nas bobinas de secagem —, quero que liguem as mangueiras no cano principal da água, perto da escada. Desenrolem as mangueiras pelos degraus. Temos cerca de setenta metros por homem e isso deve ser o bastante. Não tentem brincar de molhar um companheiro, porque ele pode ir para no hospital. A força da água é uma pancada.

— Alguém vai se machucar — profetizou Wisconsky azedamente. — Espere e verá.

— Vocês outros — continuou Warwick, apontando para o grupo do qual faziam parte Hall e Wisconsky. — Hoje à noite, serão a turma da merda. Entrarão em pares, com um carrinho elétrico para cada equipe. Lá existem móveis de escritório velhos, fardos de fibras, peças de máquinas quebradas, o diabo. Vamos empilhar tudo ao lado do poço de ventilação na extremidade oeste. Alguém não sabe manobrar um carrinho elétrico?

Ninguém levantou a mão. Os carrinhos elétricos eram movidos a baterias e pareciam caminhões basculantes em miniatura.

Após uso contínuo, produziam um cheiro nauseabundo que lembrava a Hall fios elétricos em curto-circuito.

— Muito bem — disse Warwick. — Dividiremos o subsolo em seções terminaremos quintafeira. Na sexta-feira, tiraremos o lixo com um guindaste. Alguma pergunta?

Não houve perguntas. Hall observou atentamente o rosto do capataz e teve a premonição de que algo estranho estava por acontecer. A idéia lhe agradava. Não gostava muito de Warwick.

— Ótimo — disse Warwick. — Mãos à obra.

Terça-feira, duas da manhã.

Hall estava exausto e farto da torrente de obscenidades queixosas emitidas incessantemente por Wisconsky. Imaginou se adiantaria alguma coisa dar-lhe um murro. Duvidou. Só daria mais um motivo para Wisconsky queixar-se.

Hall sabia que ia ser duro, mas, na realidade, era mortal. Em primeiro lugar, não previra o cheiro. O odor poluído do rio, mesclado ao fedor de tecido podre, alvenaria corroída e matéria vegetal putrefacta. No canto mais distante, onde haviam começado, Hall descobrira uma colônia de enormes cogumelos brancos que cresciam por entre as fendas no cimento. Suas mãos entraram em contato com eles quando Hall se esforçava para remover uma grande engrenagem dentada, sentindo os cogumelos curiosamente cálidos e inchados, como a carne de um homem acometido de hidropisia.

As lâmpadas não conseguiram banir a escuridão de doze anos; podiam apenas faze-la recuar um pouco e lançavam um doentio brilho amarelo

sobre toda aquela porcaria. O local parecia uma nave devastada de uma igreja profana, com um teto alto e a gigantesca maquinaria abandonada que eles nunca conseguiriam remover, as paredes úmidas marcadas por zonas de musgo amarelado e o coro atonal que era a água das mangueiras correndo na rede de ralos meio entupida que eventualmente desembocava no rio, abaixo das cachoeiras.

E os ratos — enormes, fazendo os ratos do terceiro pavimento parecerem anões. Só Deus sabia o que eles comiam ali embaixo. Os homens reviravam constantemente tábuas e fardos, deixando à mostra imensos ninhos de papel rasgado, observando com repulsa atavística os filhotes fugirem para se ocultarem nas fendas e cantos, os olhos dilatados e cegos pela perene escuridão.

— Vamos parar para um cigarro — disse Wisconsky.

Parecia sem fôlego, embora Hall não fizesse idéia do motivo; o gordo passara a noite inteira embromando. Mesmo assim, já era tempo e eles estavam fora do campo visual dos outros.

— Está bem.

Recostando-se na quina do carrinho elétrico, Hall acendeu um cigarro.

— Eu nunca deveria ter deixado Warwick convencer-me a fazer isso — declarou lamentosamente Wisconsky. — Não é trabalho para um homem. Mas ele estava zangado, na outra noite, quando me pegou de calças na privada do quarto andar. Cristo, como ficou furioso!

Hall ficou calado. Estava pensando em Warwick e nos ratos. Era estranho como as duas coisas se ligavam. Durante sua longa estadia no subsolo da fábrica, os ratos pareciam ter esquecido tudo a respeito dos homens; mostravam-se atrevidos e quase destemidos. Um deles se sentara nas patas traseiras, como um esquilo, até que Hall chegou à distância de dar-lhe um pontapé; então o animal atacou a bota de Hall, mordendo o couro. Centenas, talvez milhares de ratos. Hall tentou imaginar quantas espécies de moléstias eles carregavam consigo naquele buraco negro. E Warwick, algo a seu respeito...

— Preciso do dinheiro — disse Wisconsky. — Mas, Jesus Cristo, meu chapa, isto não é trabalho para homem. Esses ratos — olhou temerosamente em volta. — Parece até que eles pensam. Até imagino como seria se eles fossem grandes e nós pequenos...

— Ora, cale a boca — disse Hall.

Wisconsky o encarou, ofendido.

— Bem, desculpe, meu chapa. É apenas que...

Interrompeu-se por um instante.

— Porra, como fede este lugar! — exclamou de repente. — Isto não é tipo de trabalho para homem!

Uma aranha rastejou pela beirada do carrinho e lhe subiu pelo braço. Ele a jogou longe com um tapa, emitindo um som engasgado de nojo.

— Vamos — disse Hall, apagando o cigarro. — Quanto mais rápido, melhor.

— Acho que sim — disse Wisconsky, desanimado. — Acho que sim.

Terça-feira, quatro horas da manhã.

Hora do lanche.

Hall e Wisconsky sentaram-se com três ou quatro outros homens, comendo seus sanduíches com mãos negras que nem mesmo o detergente industrial era capaz de limpar. Hall comia olhando para o pequeno escritório envidraçado do capataz.

Warwick tomava café e comia hambúrgueres frios com grande prazer.

— Ray Upson teve que voltar para casa — disse Charlie Brochu.

— Vomitou? — indagou alguém. — Eu quase vomitei.

— Não. Ray seria capaz de comer bosta de vaca sem vomitar. Foi mordido por um rato.

Hall abandonou pensativamente sua contemplação de Warwick.

— É mesmo? — perguntou.

— É — disse Brochu, sacudindo a cabeça. — Fazia equipe comigo. Foi a coisa mais maldita que já vi. O rato pulou de um buraco num daqueles velhos fardos de pano. Era quase do tamanho de um gato. Mordeu a mão de Ray e começou a roê-la.

— Meu Deus — disse um dos homens, parecendo ficar verde.

— Isso mesmo — continuou Brochu. — Ray berrou como uma mulher e não o culpo.

Sangrava como um porco. E o rato largou?

Não, senhor. Tive que bater nele três ou quatro vezes com uma tábua, antes que largasse. Ray ficou quase maluco. Pisoteou o rato até que ele não passava de uma massa peluda. A coisa mais maldita que já vi. Warwick fez um curativo e mandou Ray para casa. Disse-lhe para ir ao médico amanhã.

— Muita bondade do filho da puta — comentou alguém.

Como se tivesse escutado, Warwick levantou-se no escritório, espreguiçou-se e veio até a porta.

— É hora de voltar ao trabalho.

Os homens se ergueram vagarosamente, gastando o maior tempo possível para guardarem as marmitas, tomarem refrigerantes e comprarem barras de chocolate. Então começaram a descer, os saltos batendo desanimadamente na estrutura de aço da escada.

Warwick passou por Hall, dando-lhe uma palmada no ombro.

— Como vai indo, universitário?

Não esperou resposta.

— Vamos — disse Hall, paciente, a Wisconsky, que atava os cordões da bota.

Desceram juntos.

Terça-feira, sete horas da manhã.

Hall e Wisconsky saíram juntos; Hall tinha a impressão de haver, de algum modo, herdado o gordo polaco. Wisconsky estava quase comicamente imundo, a gorda cara de bobo manchada como a de um garotinho que acaba de levar uma surra do fanfarrão da vizinhança.

Por parte dos outros homens, não havia as brincadeiras grosseiras de costume, o puxar das fraldas de camisa, as piadas a respeito de quem estaria aquecendo a esposa de Tony entre uma e quatro horas da manhã. Nada senão o silêncio e o ocasional pigarro antes de alguém cuspir na calçada.

— Quer uma carona? — ofereceu Wisconsky.

— Obrigado.

Não falaram ao subirem a Mill Street e atravessarem a ponte. Trocaram apenas uma rápida palavra quando Wisconsky deixou Hall em frente ao apartamento.

Hall foi diretamente para o chuveiro, ainda pensando em Warwick, tentando descobrir o que havia a respeito do Sr. Capataz que o atraía, fazendo-o sentir que, de alguma maneira, tinham-se ligado um ao outro.

Quarta-feira, uma hora da manhã.

Era melhor trabalhar com as mangueiras.

Não podiam entrar até que a turma da merda terminasse uma seção e, com muita freqüência, acabavam o serviço antes que a turma limpasse a seção seguinte — o que significava folga para fumar um cigarro. Hall manipulava o esguicho de uma das compridas mangueiras e Wisconsky corria para frente e para trás, desenrolando pedaços da mangueira, abrindo e fechando a água, removendo obstruções.

Warwick estava irritado porque o trabalho estava avançando com lentidão. Do jeito que as coisas iam, eles jamais terminariam o serviço na Quinta-feira.

Agora, trabalhavam numa confusa mistura de equipamentos de escritório do século passado que estavam empilhados em um canto — escrivaninhas de tampo corrediço, armários apodrecidos, livros de registros carcomidos, resmas de faturas, cadeiras quebradas — e eram um paraíso para os ratos. Dezenas deles guinchavam e corriam através de passagens escuras e loucas que formavam um labirinto no monturo e depois que dois homens foram mordidos os demais recusaram-se a trabalhar até que Warwick mandou alguém subir para buscar pesadas luvas de borracha, do tipo normalmente reservado para as turmas de tinturaria, que precisavam trabalhar com ácidos.

Hall e Wisconsky aguardavam a hora de entrar com a mangueira quando um homem de cabelos claros e pescoço de touro, chamado Carmichael, começou a berrar imprecações e a recuar, batendo no peito com as mãos enluvadas.

Um enorme rato com pêlo manchado de cinza e enormes olhos furiosos mordera-o através da camisa e se pendurara ali, guinchando e esperneando as patas traseiras na barriga de Carmichael. Afinal, Carmichael atirou-o longe com um soco, mas sua camisa apresentava um grande buraco, do qual um filete de sangue escorria acima de uma das mamas. A fúria desapareceu do rosto de Carmichael. Este virou a cabeça e vomitou.

Hall voltou o jato da mangueira contra o rato, que era velho e se movimentava devagar, um pedaço da camisa de Carmichael ainda preso nos dentes. A tremenda pressão jogouo para trás, de encontro à parede, onde o animal ficou inerte.

Warwick se aproximou, com um sorriso estranho e forçado nos lábios. Deu ma palmada no ombro de Hall.

— Muito melhor que atirar latas vazias nos pequenos bastardos, não é mesmo, universitário?

— E que pequeno bastardo — comentou Wisconsky. — Tem quase quarenta centímetros de comprimento.

— Aponte essa mangueira para lá — disse Warwick, indicando o monte de móveis. — Vocês aí, saiam da frente!

— Com muito prazer — resmungou alguém.

Carmichael avançou para Warwick, o rosto contorcido e enojado.

— Vou exigir uma indenização por isto! Vou...

— Claro — disse Warwick, sorrindo. — Foi mordido na testa. Saia do caminho antes que esse jato o esmague.

Hall apontou a mangueira e abriu o esguicho. A água bateu nos móveis com uma explosão branca de respingos, derrubando uma escrivaninha e despedaçando duas cadeiras. Os ratos correram para todos os lados, maiores do que quaisquer outros que Hall já vira. Hall podia ouvir os homens gritando de nojo e pavor ao verem os animais fugirem, criaturas com olhos enormes e corpos gordos. Hall avistou um que parecia do tamanho de um saudável cãozinho de seis semanas. Continuou a lançar o jato até não conseguir enxergar mais nada. Então fechou o esguicho.

— Muito bem! — Bradou Warwick. — Vamos em frente!

— Não fui contratado como exterminador de ratos! — exclamou com rebeldia Cy Ippeston.

Hall tomara alguns tragos com ele na semana anterior. Era jovem, usando uma camisa olímpica e um boné de beisebol manchado de sujeira.

— É você, Ippeston? — indagou Warwick cordialmente.

Ippeston pareceu vacilar, mas avançou.

— Sim. Não quero mais nada com esses ratos. Fui contratado para fazer limpeza, não para pegar hidrofobia, tifo ou algo assim.

Acho melhor não contar mais comigo.

Murmúrios de assentimento partiram dos demais. Wisconsky lançou um rápido olhar de esguelha a Hall, mas este examinava o bico do esguicho. Tinha o calibre de uma pistola 45 e provavelmente era capaz de atirar um homem a seis metros de distância.

— Está dizendo que quer bater o cartão de ponto, Ippeston?

— Estou pensando em fazer isso — respondeu Ippeston.

Warwick meneou a cabeça.

— Está certo. Você e quem mais quiser. Mas isto não é uma fábrica sindicalizada, nunca foi. Batam o cartão de saída agora e nunca mais baterão a entrada. Tomarei providências para isso.

— Você é mesmo durão — murmurou Hall.

Warwick girou nos calcanhares.

— Disse alguma coisa, universitário?

Hall encarou-o calmamente.

— Apenas pigarreei, Sr. Capataz.

Warwick sorriu.

— Alguma coisa não lhe agrada?

Hall permaneceu calado.

— Muito bem, vamos em frente! — berrou Warwick.

Voltaram ao trabalho.

Quinta-feira, duas horas da manhã.

Hall e Wisconsky trabalhavam novamente com os carrinhos elétricos, recolhendo o lixo.

A pilha junto ao poço de ventilação do lado oeste alcançara proporções espantosas, mas ainda não estavam na metade do serviço.

— Feliz Quatro de Julho — disse Wisconsky quando fizeram uma pausa para fumar.

Estavam trabalhando juntos à parede norte, longe da escada. A iluminação era extremamente reduzida e algum fenômeno de acústica fazia os outros homens parecerem estar a quilômetros de distância.

— Obrigado — disse Hall, tirando uma tragada. — Não vi muitos ratos esta noite.

— Ninguém viu — respondeu Wisconsky. — Talvez tenham ficado espertos.

Estavam de pé na extremidade de um beco que traçava um ziguezague maluco por entre pilhas de velhos livros de registros e faturas, sacos apodrecidos de tecidos e dois enormes teares planos de tipo muito antigo.

— Porra! — disse Wisconsky, cuspindo no chão. — Aquele Warwick...

— Para onde você acha que foram todos os ratos? — indagou Hall, quase falando consigo mesmo. — Não para dentro das paredes...

Olhou o reboco molhado e rachado que recobria as enormes pedras dos alicerces.

— Morreriam afogados. O rio saturou tudo.

Algo negro e esvoaçante lançou-se de repente sobre eles, como um avião de bombardeio de mergulho. Wisconsky berrou e protegeu a cabeça

com as mãos.

— Um morcego — disse Hall, observando o animal enquanto Wisconsky se endireitava.

— Um morcego! Morcego! — vociferou Wisconsky. — O que faz um morcego no porão?

Eles costumam ficar nas árvores e sob os beirais dos telhados, ou...

— Era um dos grandes — disse Hall em tom manso. — E o que é um morcego senão um rato com asas?

— Meu Deus! — gemeu Wisconsky. — Como ele...

— Entrou aqui? Talvez da mesma maneira que os ratos saíram.

— O que está acontecendo aí? — berrou Warwick de algum ponto atrás deles. — Onde estão vocês?

— Calma — disse Hall em voz baixa, os olhos faiscando no escuro.

— Foi você quem falou, universitário? — quis saber Warwick, parecendo mais próximo.

— Tudo bem! — berrou Hall. — Dei uma canelada!

Warwick soltou uma risada curta, semelhante a um latido.

— Quer uma condecoração?

Wisconsky fitou Hall:

— Por que disse isso?

— Olhe — respondeu Hall, ajoelhando-se e riscando um fósforo.

Havia um quadrado no meio do cimento molhado e rachado.

— Bata.

Wisconsky obedeceu.

— É madeira.

Hall confirmou com a cabeça.

— É o topo de um suporte. Já vi outros por aqui. Existe outro pavimento sob esta parte do porão.

— Meu Deus! — exclamou Wisconsky totalmente enojado.

Quinta-feira, três e meia da manhã.

Estavam no canto nordeste, Ippeston e Brochu atrás deles com uma das mangueiras de alta pressão, quando Hall parou e apontou para o chão.

— Ali está. Eu previa que encontraríamos.

Havia um alçapão de madeira, com um anel de ferro no centro, incrustado de ferrugem.

Hall voltou até onde estava Ippeston e disse:

— Feche a mangueira um minuto.

Quando o jato se reduziu a um filete de água, Hall ergueu a voz num grito:

— Ei! Ei, Warwick! Acho melhor vir até aqui um instante!

Warwick chegou patinhando na lama, encarando Hall com aquele mesmo sorriso duro nos olhos.

— O nó de sua bota se desfez, universitário?

— Veja — replicou Hall, dando um pontapé no alçapão. — Outro subsolo, embaixo deste.

— E daí? — redargüiu Warwick. — Não é hora de intervalo, uni...

— É lá que estão os nossos ratos — interrompeu Hall. — Estão procriando lá embaixo.

Wisconsky e eu vimos até um morcego, há pouco.

Alguns dos outros se haviam reunido em torno e olhava para o alçapão.

— Não importa — declarou Warwick. — Nosso serviço era limpar o porão, não...

— Você precisará pelo menos de vinte exterminadores bem treinados — interrompeu Hall.

— Vai custar uma boa nota para a diretoria. Que pena.

Alguém riu:

— Duvido que gastem um centavo.

Warwick olhou para Hall como se este fosse um inseto sob a lente de um microscópio.

— Você é mesmo um caso sério, sem dúvida — comentou, parecendo fascinado. — Acha que me importa quantos ratos existem sob o porão?

— Estive na biblioteca esta tarde e ontem também — replicou Hall. — Foi ótimo você me lembrar de que fui um universitário. Li as leis de zoneamento da cidade, Warwick — foram promulgadas em 1911, antes que esta empresa fosse bastante grande para subornar as comissões de zoneamento. Sabe o que descobri?

Os olhos de Warwick adquiriram um brilho frio.

— Vá passear, universitário. Está despedido.

— Descobri — prosseguiu Hall, como se não houvesse escutado — que existe em Gates Falls uma lei de zoneamento referente aos animais daninhos. Soletra-se d-a-n-i-n-h-o-s, caso você não tenha certeza. Isso significa animais que são portadores de moléstias, como morcegos,

gambás, cães não vacinados... e ratos. Especialmente os ratos. Sr. Capataz, os ratos são mencionados quatorze vezes em apenas dois artigos da lei. Portanto, acho melhor você ter em mente que no minuto em que eu bater o cartão de saída irei diretamente ao comissário municipal para revelar qual é a situação aqui.

Fez uma pausa, saboreando o rosto congestionado de ódio do rosto do capataz.

— Creio que, entre ele, eu e a comissão municipal, poderemos interditar a fábrica. Ficarão fechados muito além de sábado, Sr. Capataz. E tenho um bom palpite sobre o que seu patrão vai dizer quando tomar conhecimento. Espero que esteja em dia com sua apólice de seguro de desemprego, Warwick.

As mãos de Warwick se crisparam em garras.

— Seu fedelho, eu devia...

Olhou para o alçapão e, de repente, seu sorriso reapareceu.

— Considere-se readmitido, universitário.

— Julguei que você acabaria vendo a luz.

Warwick meneou a cabeça, o mesmo sorriso estranho no rosto.

— Você é muito esperto. Acho que talvez deva descer até lá, Hall, a fim de termos alguém de nível universitário para fornecer-nos uma opinião abalizada. Você e

Wisconsky.

— Eu não! — exclamou Wisconsky. — Eu não, eu...

Warwick o encarou:

— Você o quê?

Wisconsky calou-se.

— Ótimo — disse Hall alegremente. — Precisaremos de três lanternas elétricas. Acho que vi uma prateleira cheia de lanternas de seis pilhas no escritório central, não é mesmo?

— Quer levar mais alguém? — indagou Warwick, expansivo. — Claro, pode escolher seu homem.

— Você — disse suavemente Hall, a estranha expressão retornando ao seu rosto. — final, a empresa deve estar representada, não acha? Só para que eu e Wisconsky não vejamos ratos demais lá embaixo?

Alguém (soava como Ippeston) riu alto.

Warwick fitou cuidadosamente os homens. Afinal, apontou para Brochu:

— Brochu, vá até o escritório e traga três lanternas. Diga ao vigia que lhe dei permissão para entrar.

— Por que me meteu nisso? — lamentou-se Wisconsky para Hall. — Você sabe que detesto aqueles...

— Não fui eu — disse Hall, voltando o olhar para Warwick.

Warwick o encarou e nenhum dos dois desviou o olhar.

Quinta-feira, quatro horas da manhã.

Brochu voltou com as lanternas. Entregou uma a Hall, uma a Wisconsky e outra a Warwick.

— Ippeston! Entregue a mangueira a Wisconsky.

Ippeston obedeceu. O esguicho tremia ligeiramente nas mãos do polonês.

— Muito bem — disse Warwick a Wisconsky. — Você vai no meio.Se houver ratos, água neles.

Claro, pensou Hall. E se houver ratos, Warwick não os verá. E Wisconsky também não, depois de encontrar dez dólares extras no envelope do pagamento.

Warwick apontou para dois dos homens.

— Abram.

Um deles se abaixou sobre o anel de ferro e puxou. Por um instante, Hall chegou a pensar que o alçapão não cederia; então, a tampa de madeira se soltou com um ruído estranho. O outro homem enfiou os dedos pelo lado inferior do alçapão, a fim de ajudar a levanta-lo. Recuou com um grito. As mãos estavam cobertas de enormes besouros cegos.

Com um grunhido convulsivo, o homem que segurava o anel de ferro puxou a tampa do alçapão e largou-a no chão. O lado inferior estava negro de um fungo esquisito que Hall nunca vira antes. Os besouros caíram no buraco escuro ou correram pelo chão para serem esmagados pelos outros homens.

— Vejam — disse Hall.

Havia um fecho enferrujado, agora partido, preso ao lado inferior.

— Mas não devia estar por baixo — disse Warwick. — Devia ser em cima. Por que...

— Por muitos motivos — interrompeu Hall. — Talvez para que ninguém desse lado conseguisse abrir — pelo menos enquanto o fecho era

novo. Talvez para que nada do outro lado pudesse subir.

— Mas quem o trancou? — quis saber Warwick.

— Ah! — disse Hall, zombeteiro, fitando Warwick. — Um mistério.

— Escutem — sussurrou Brochu.

— Oh, meu Deus — soluçou Wisconsky. — Não descerei!

Era um ruído suave, quase em expectativa; o leve arranhar de milhares de patas, os guinchos dos ratos.

— Talvez sejam sapos — disse Warwick

Hall riu alto.

Warwick acendeu a lanterna e apontou o facho para o buraco.

Velhos degraus de uma escada quase podre levavam às pedras negras do chão do porão inferior. Não havia um só rato à vista.

— Os degraus não agüentarão nosso peso — declarou Wisconsky em tom decisivo.

Brochu avançou dois passos e pulou no primeiro degrau. A madeira rangeu, mas não deu sinal de ceder.

— Não lhe pedi para fazer isso — disse Warwick.

— Você não estava lá quando aquele rato mordeu Ray — replicou Brochu em voz baixa.

— Vamos — disse Hall.

Warwick lançou um último olhar sardônico ao círculo de homens e depois se encaminhou à beira do buraco com Hall.

Wisconsky colocou-se relutantemente entre os dois. Desceram um de cada vez, primeiro Hall, depois Wisconsky e, finalmente Warwick. Os fachos das lanternas percorriam o chão, que se erguia e baixava numa série louca de vales e montanhas. A mangueira vinha atrás de Wisconsky como uma serpente desajeitada.

Quando chegaram ao fundo, Warwick fez um círculo com o facho da lanterna. A luz incidiu em alguns caixotes podres, uns poucos barris e pouca coisa além disso. A água que se infiltrava do rio formava poças que chegavam até o início dos canos das botas dos três homens.

— Não escuto mais os ratos — murmurou Wisconsky.

Afastaram-se lentamente da escada, os pés escorregando no limo. Hall parou e iluminou com a lanterna uma enorme caixa de madeira com letras gravadas.

— Elias Varney, 1841 — leu ele em voz alta. — A fábrica era aqui naquela época?

— Não — respondeu Warwick. — Só foi construída em 1897. Qual é a diferença?

Hall não respondeu. Continuaram a avançar. O subporão era mais comprido do que deveria ser, ao que parecia. O mau cheiro era mais forte, um odor de podridão e coisas enterradas. Ainda assim, o único som era o leve pingar de água, como numa caverna.

— O que é aquilo? — perguntou Hall, apontando seu facho para um ressalto de concreto que se projetava pouco mais de meio metro para o interior do porão. Além dele a escuridão continuava e Hall teve a impressão de que agora conseguia ouvir sons estranhamente furtivos.

Warwick observava atentamente o ressalto.

— É... não, não pode ser.

— A parede externa da fábrica, não é? E lá na frente...

— Vou voltar — disse Warwick, girando subitamente nos calcanhares.

Hall agarrou-lhe bruscamente o pescoço.

— Não vai a parte alguma, Sr. Capataz.

Warwick o encarou, o sorriso cortando a escuridão.

— Você está maluco, universitário. Não é mesmo? Louco varrido.

— Você não devia pressionar as pessoas, amigo. Vamos em frente.

Wisconsky gemeu:

— Hall...

— Me dá isso — interrompeu Hall, agarrando a mangueira.

Largou o pescoço de Warwick e apontou o esguicho da mangueira para a cabeça do capataz. Wisconsky deu uma bruta meia-volta e correu para a escada. Hall nem mesmo se voltou.

— Você na frente, Sr. Capataz.

Warwick avançou, passando sob o local onde a fábrica terminava acima do solo. Hall correu o facho da lanterna em volta de si e sentiu uma fria satisfação — premonição concretizada: os ratos tinham fechado o círculo em torno deles, silenciosos como a morte. Agrupavam-se, fileira após fileira. Milhares de olhos os observavam avidamente, em fileiras que iam até as paredes, alguns chegando à altura das canelas de um homem. Warwick os avistou um segundo depois e estacou.

— Estamos cercados, universitário.

Sua voz era calma, ainda controlada, mas tinha um toque de inquietação.

— Sim — replicou Hall. — Vamos em frente.

Avançaram, arrastando a mangueira atrás de si. Hall lançou um olhar à retaguarda e viu que os ratos haviam cerrado fileiras, cortando-lhes a retirada e começando a roer a pesada lona externa da mangueira. Um dos animais olhou para cima e pareceu quase sorrir para Hall antes de recomeçar a roer. Agora, Hall também podia ver os morcegos.

Pendiam das enormes vigas de sustentação — morcegos grandes, do tamanho de corvos ou gralhas.

— Veja — disse Warwick, focalizando a lanterna cerca de um metro e meio à frente.

Uma caveira, verde de limo, ria para eles. Mais adiante Hall pôde ver um cúbito, um pedaço de pélvis, parte de uma caixa torácica.

— Continue andando — ordenou Hall.

Sentia algo explodir dentro de si, algo lunático, de cores escuras. Você vai estourar antes de mim, Sr. Capataz, juro por Deus.

Passaram pelos ossos. Os ratos não os acuavam; pareciam manter uma distância constante. Lá na frente, um deles atravessou o caminho seguido pelos dois homens. As sombras o esconderam, mas Hall viu de relance um rabo rosado e vibrante, da grossura de um fio telefônico.

Mais adiante, o chão subia bruscamente e depois descia. Hall podia ouvir o som de um roçar furtivo, de algo grande. Algo que talvez nenhum homem vivo já tivesse visto.

Ocorreu-lhe que talvez estivesse procurando por algo como aquilo durante todos os seus dias de louca vida nômade.

Os ratos se aproximavam, rastejando sobre os ventres, forçando-os a avançar.

— Olhe — disse friamente Warwick.

Hall olhou e viu. Algo acontecera aos ratos naquele lugar, alguma hedionda mutação que jamais poderia ter sobrevivido à luz do sol; a natureza impediria. Mas ali a natureza assumira uma outra face, medonha.

Os ratos eram gigantescos; alguns chegavam a quase um metro de altura. Mas não tinham pernas traseiras e eram cegos como toupeiras ou seus primos voadores, os morcegos. Arrastavam-se para diante com horrível avidez.

Warwick virou-se e olhou para Hall, o sorriso pregado ao rosto por pura força de vontade. Hall foi obrigado a realmente admira-lo.

— Não podemos prosseguir, Hall. Deve compreender isso.

— Creio que os ratos têm negócios a tratar com você. — replicou Hall.

O controle de Warwick escorregou.

— Por favor — disse ele. — Por favor.

Hall sorriu:

— Continue andando.

Warwick olhou por cima do ombro.

— Estão roendo a mangueira. Quando a furarem, jamais voltaremos.

— Eu sei. Continue andando.

— Você está louco...

Um rato passou por cima da bota de Warwick e este gritou. Hall sorriu e gesticulo com a lanterna. Havia ratos por todos os lados, os mais próximos, agora, a menos de meio metro.

Warwick recomeçou a andar. Os ratos recuaram.

Chegaram à elevação em miniatura e olharam para baixo. Warwick chegou primeiro e Hall viu-lhe o rosto ficar branco como papel. A baba lhe escorria pelo queixo.

— Oh, meu Deus! Oh, meu amado Jesus!

E virou-se para fugir.

Hall abriu o esguicho da mangueira e o jato de água sob alta pressão atingiu Warwick diretamente no peito, lançando-o para fora do campo visual de Hall. Houve um prolongado grito que se elevou acima do barulho da água. Sons de alguém se debatendo.

— Hall!

Grunhidos. Um grande e tenebroso guincho que pareceu encher a terra.

— HALL, PELO AMOR DE DEUS...

Um repentino barulho molhado de algo sendo rasgado. Outro grito, mais fraco. Algo enorme mexeu e virou-se. Hall escutou bem nitidamente o barulho de um osso se quebrando.

Um rato sem pernas, guiado por alguma forma bastarda de sonar, lançou-se sobre ele, mordendo. O corpo era flácido e morno. Quase distraidamente, Hall virou o esguicho contra o rato, lançando-o longe. Agora, a mangueira já não tinha a mesma pressão.

Hall avançou até o topo da pequena elevação e olhou para baixo.

O rato enchia toda a ravina na extremidade oposta daquela tumba mefítica. Era cinzento, enorme e pulsante, sem olhos, totalmente sem pernas. Quando o facho da lanterna de Hall o atingiu, ele emitiu um horrível som de miado. A rainha dos ratos, então, a magna mater. Uma coisa imensa e inominável, cuja progênie algum da talvez desenvolvesse

asas. Fazia com que os restos de Warwick parecessem os de um anão, mas aquilo provavelmente não passava de uma ilusão. Talvez fosse o choque de ver um rato tão grande quanto um gato Holstein.

— Adeus, Warwick — disse Hall.

O rato curvou-se sobre o Sr. Capataz, despedaçando-lhe um braço inerte.

Hall deu meia-volta e começou a regressar rapidamente à escada, parando os ratos com o jato da mangueira, que se tornava cada vez menos potente. Alguns ratos conseguiram romper o bloqueio e davam botes para morde-lo acima do cano das botas. Um pendurou-se teimosamente em sua coxa, os dentes penetrando através das grossas calças de lona. Hall cerrou o punho e o atirou para um lado com o murro.

Já refizera quase três quartos do caminho quando o forte barulho de asas encheu a escuridão. Ergueu a cabeça e a gigantesca forma voadora atingiu-lhe o rosto.

Os morcegos mutantes ainda não haviam perdido o rabo. A cauda se enroscou no pescoço de Hall como uma cobra repulsiva e apertou, enquanto os dentes procuravam o ponto macio sob seu pescoço. O animal se contorcia e batia as asas membranosas, agarrando os trapos da camisa para firmar-se.

Hall ergueu o esguicho da mangueira e golpeou repetidamente o corpo do monstro. Este caiu e Hall o pisoteou, percebendo vagamente que estava gritando. Os ratos subiram como uma torrente pelos pés e pernas.

Hall começou a correr aos tropeções, livrando-se de alguns deles. Os outros mordiam-lhe a barriga e o peito. Um subiu até o ombro e enfiou o focinho no ouvido de Hall.

Então, Hall esbarrou no segundo morcego. Este pousou na cabeça de Hall por um instante, guinchando, e depois voou, levando consigo um pedaço de couro cabeludo.

Hall sentiu o corpo ficar dormente, os ouvidos cheios dos guinchos de milhares de ratos.

Deu um último arranco, tropeçou em corpos peludos e caiu de joelhos. Começou a rir, um som agudo, gritante.

Quinta-feira, cinco horas da manhã.

— Acho melhor alguém descer — disse Brochu, hesitante.

— Eu não — sussurrou Wisconsky. — Eu não.

— Não, você não, seu covardão — replicou Ippeston desdenhosamente.

— Bem, vamos — disse Brogan, trazendo outra mangueira. — Eu, Ippeston, Dangerfield, Nedeau. Stevenson, vá ao escritório buscar mais lanternas.

Ippeston olhou para o buraco escuro, pensativo.

— Talvez tenham parado para fumar um cigarro — disse ele. — Alguns ratos... que diabo.

Stevenson voltou, trazendo as lanternas; pouco depois, eles começaram a descer.

* * *